J. W. Hawes;
from Brazilian dept
Philadelphia Exhib.
Recd. March, 1877.

NQT

LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO E JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO

II

PADRE MANOEL BERNARDES

II

PADRE
MANOEL BERNARDES

EXCERPTOS

SEGUIDOS DE UMA NOTICIA SOBRE SUA VIDA E OBRAS
UM JUIZO CRITICO
APRECIAÇÕES DE BELLEZAS E DEFEITOS
E ESTUDOS DE LINGUA

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR
69, RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS. — AUG. DURAND, EDITOR, RUA DES GRÈS, 7

1865

INDICE

NOVA FLORESTA.

LUZ E CALOR.

LUZ.

CALOR.

EXERCICIOS ESPIRITUAES.

ULTIMOS FINS DO HOMEM

PARAISO DOS CONTEMPLATIVOS.

SERMÕES.

LUZ E CALOR.

LUZ.

CALOR.

EXERCICIOS ESPIRITUAES.

ULTIMOS FINS DO HOMEM

PARAISO DOS CONTEMPLATIVOS.

SERMÕES.

MEDITAÇÕES SOBRE OS PRINCIPAES MYSTERIOS DA VIRGEM.

DIRECÇÃO PARA TER OS NOVE DIAS DE EXERCICIOS ESPIRITUAES.

PÃO PARTIDO EM PEQUENINOS.

MEDITAÇÕES SOBRE OS QUATRO NOVISSIMOS DO HOMEM.

PÃO MYSTICO.

ARMAS DA CASTIDADE.

ESTIMULO PRATICO.

FIM DO INDICE.

NOVA FLORESTA

PUNDONOR

(IV. 164.)

Quando o glorioso S. Francisco de Borja, IV duque de Gandia, III proposito geral da companhia de Jesus, veio a Lisboa, tempo em que já tinha renunciado o seculo pela religião, um fidalgo da casa real, indo visital-o, lhe disse, entre outros comprimentos :

— Virá vossa senhoria muito cansado do caminho?

Respondeu o santo :

— Cansado venho; porém mais o estou d'essa senhoria.

Cansava com a senhoria; porque toda a honra para o coração humilde é peso; e mais se póde chamar *Onus* do que *Honor*.

Na hora da morte (em que é necessario estar bem leve das cousas da terra) ainda carrega mais.

O famoso idolo Daybú, no Japão, é de bronze dourado; tem tão disforme grandeza, que, estando assentado, é de quarenta braças de altura; e o seu dedo pollegar não o póde abraçar um homem.

Todos geralmente o adorão com varios ritos e ceremonias. Tal me parece o idolo que entre nós tem o nome de pundonor; e consta de pontos de honra mui pesados, mui assentados, mui altivos e mui decorosos.

Todos geralmente o adoramos porque todos nos queremos adorados, com taes differenças de ritos e ceremonias, que é necessario um particular ritual para não commetter erro; porque o commettêl-o é caso arriscado a muitas desgraças; e senão, diga-o Mardochêo, que, por faltar com uma genuflexão ao pundonor de Aman, ia deitando a perder toda uma nação inteira, se lhe não acode Deos com particular providencia.

O titulo de senhor, que antigamente era recusado dos imperadores romanos, por demasiadamente honorifico, hoje anda pelos infimos plebêos; e o de senhoria, que se dava aos reis de França, e o de Portugal D. Manoel se contentava com elle, recusando nos primeiros annos o de alteza, hoje corre baratissimo! Faltai vós com elle na occasião, vereis como o barato vos sahe caro!

Todos emfim, uns mais, outros menos, temos o nosso Daybú no coração; e para que ninguem o deslustre, nem o mude, nem o amolgue, é dourado, e de bronze, e está assentado.

Mas os santos, uma vez que se determinárão a dar honra só a Deos, esse idolo do pundonor é a primeira

cousa que desprezão; e quanto mais a desprezão, mais conhecem a sua vaidade.

Quando o imperador Theodosio mandou derrubar os idolos, ninguem em Alexandria ousava chegar ao de Serapis. Porque havia tradição famosa de que em lhe tocando havia de cahir o céo, alterar-se os elementos, e revolver-se o mundo; até que um christão mais valoroso (ou para melhor dizer mais christão), arremetteu a elle com um machado; cahio Serapis, e não cahio o céo.

Animárão-se outros, e o arrastárão pelas ruas, descansando só para rir mais á vontade.

Oh! que grandes respeitos guardamos ao idolo pundonor! Não digo eu cahir, senão que nem queremos que torça, ou decline um pouco; porque como o nosso céo é a nossa honra, cahindo a honra para nós, cahe o mesmo céo. Oh! se lhe perderamos o medo! víramos que não é mais que uma apparencia vã e inutil, que nos opprime com intoleraveis pesos.

DIGNIDADES

(IV. 166.)

Havendo o bispo de Coimbra, Tavora, de chegar a certa terra, e hospedar-se em casa de um fidalgo a quem alli commummente davão senhoria, enviou este a dizer-lhe anticipadamente que se servisse de lhe dar o mesmo tratamento; porquanto no seu exemplo contrario padeceria elle detrimento.

Respondeu o bispo ao mensageiro :

— Que assim como negar senhoria a quem a tinha de juro era injuria; assim o dal-a a quem a não tinha era injuriar a outros.

Tornou segundo recado :

— Que se lhe não désse senhoria, tambem elle lh'a não daria.

Respondeu :

— Diga que eu irei, e que havendo algum de nós fazer a parvoice, melhor será que a faça elle do que eu.

O negar aquelle fidalgo a senhoria áquelle dignissimo prelado, verdadeiramente era necedade, ainda por ameaço, quanto mais por execução; porque deixando á parte a illustrissima e antiquissima prosapia dos Tavoras, que começou n'este reino antes da fundação do mesmo reino, e se continúa atégora na casa dos condes de S. João, marquezes de Tavora (dizem que por benção do glorioso S. Bernardo) em direita varonia, seguida ha 700 annos, e deixando outrosim serem os bispos de Coimbra condes de Arganil, desde o bispo D. João Galvão, a quem deu este titulo el-rei D. Affonso V para elle e para seus successores, e considerando só a dignidade episcopal, que cousa é um bispo, senão um principe da Igreja, que na sua póde respectivamente o que o summo pontifice na universal? Tem de juro uso de throno, docel e sitial; e até os reis venerão aos bispos como pais : e o que mais é, os demonios respeitárão a

um bispo concubinario, e simoniaco notorio; senão pela pessoa, ao menos pela dignidade, que a todas luzes é venerarel e excelsa.

A consideração d'esta verdade foi a que estimulou ao v. d. frei Bartholomèo dos Martyres, arcebispo primaz, a pugnar felizmente em Roma pelo decoro d'esta dignidade. E foi o caso que, achando-se este santo prelado na curia romana, onde fôra desde Trento, por causa de se absolver do vinculo da sua igreja, que tanta carga lhe fazia, e por outras honestas causas, emquanto as sessões do sagrado concilio estavão paradas, vio em uma junta que o papa fez de cardeaes e bispos, que aquelles estavão assentados e cobertos, e estes em pé e com o barrete na mão detrás dos cardeaes.

Pareceu-lhe mal a differença, e communicou seu pensamento ao cardeal de Lorena, seu amigo, tio d'el-rei de França; porém este, supposto que entendia para si o mesmo, se escusou de fallar na materia. Buscou pois outra porta, e disse-o ao cardeal Alexandrino, que depois foi Pio V, e hoje o adoramos nos altares; porém elle lhe difficultou o conseguir-se cousa alguma. E replicando o primaz que se resolvia a fallar elle, respondeu com estas formaes palavras:

— Direis, mas não obrareis.

Não obstante este máo annuncio, o santo arcebispo, na primeira junta para que teve recado, anticipou-se de manhã, e fallou no ponto ao papa, sem offensa nem da modestia, nem da liberdade. Entre outras razões que lhe propôz, forão estas:

— Que os bispos, emquanto bispos, erão seus irmãos;

e mais que os cardeaes, emquanto cardeaes; porquanto esta dignidade era moderna, e instituida por homens; e aquella era antiquissima, e instituida pelo mesmo Christo; e que parecia mal estarem tantos bispos e arcebispos anciãos, em pé e descobertos, o tempo que durasse uma junta, que erão tres ou quatro horas; e á sua vista os cardeaes, talvez moços, mui assentados e cobertos. E que se sua santidade assistíra no concilio, era sem duvida que os bispos havião ter assento diante d'elle, e de toda a Igreja, que alli representa; logo com muito maior razão o devião ter em juntas particulares.

O papa ouvindo a proposta, e constando-lhe de certo que o arcebispo a não fazia por presumptuoso empenho da sua pessoa, senão por maior decoro do cargo e dignidade pastoral (pois afim de não ser conhecido pelos caminhos, e nos conventos da ordem onde se agazalhára, sempre fizera o papel de um pobre frade particular), penetrou-se das suas razões, e á tarde, estando os prelados em palacio, fez um breve arrazoado, em que dava desculpa do abuso, por ser antiquissimo, e praticado por muitos pontifices, insignes em lettras e virtudes; e logo disse as razões de o mudar, confessando que lh'as suggeríra o arcebispo bracharense, que presente estava; e finalmente mandou assentar os bispos, e fez signal que se cobrissem; de que ficárão tão contentes, que o esperárão á sahida na ante-sala, e lhe derão as graças; e o cardeal Alexandrino lhe disse:

— Quanto agora, monsenhor bracharense, quem poderá com vossa senhoria, que está victorioso?

Contei este successo, para que de caminho se veja

quanta é a dignidade episcopal, com quem aquelle fidalgo raso queria pôr em equilibrio a sua pretendida senhoria!

A MISERICORDIA DE LISBOA

(IV. 176.)

A santa casa da Misericordia de Lisboa é uma das mais notaveis grandezas que illustrão e acreditão esta real cidade, com maior razão do que o Colosso a Rhodes, as Pyramides a Memphis, o Labyrintho a Creta, e os Amphitheatros a Roma, quanto vai do exercicio perpetuo e contínuo de solidas virtudes, a todas estas ostentosas e inuteis vaidades. O grande rei D. Manoel lhe edificou templo magnifico, e a dotou com um conto de réis de renda, e se assentou por confrade, elle, e a rainha sua mulher, e seus filhos, a quem então imitou, e hoje vai imitando quasi toda a nobreza; e d'aqui tiverão origem todas as mais casas de Misericordia que ha em toda a christandade.

Pedro Davity, autor francez, diz por façanha que as rendas d'esta casa chegão a quarenta mil cruzados. Porém assim como se enganou dizendo que as parochias de Lisboa são 25, sendo 36, assim tambem errou nest'outra conta; pois chegão a dispensar-se por anno noventa e quatro mil cruzados; e no anno de 1700 entrárão na casa para estas despezas noventa e seis mil e

novecentos e cincoenta cruzados, e no de 1701 entrárão cento e dous mil duzentos e trinta cruzados. O que tudo se emprega em todo o genero de obras pias, com tanta grandeza, prudencia e fidelidade, que me persuado ser esta santa casa uma das principaes columnas que sustentão o peso da ira de Deos, para que nos não opprima irritada de nossos peccados.

Se houvessemos de recensear as outras fundações e obras pias que fez o mesmo rei, não seria facil achar-lhe o numero. Ainda dentro a Roma, e a Jerusalem, e a Compostella, alcançárão! Aqui visitou no anno de 1502 o corpo do sagrado apostolo S. Thiago, levando pouca companhia; onde fez copiosas esmolas e mercês; e depois lhe mandou uma lampada de grande valia e rica obra, em fórma de um castello, assignando certa renda de juro para que ardesse diante do sepulcro do apostolo.

GENEROSIDADE DO DUQUE DE BRAGANÇA

(IV. 178.)

Com a arte de cortez e liberal ganhou o coração de todos D. Jaime (ou Gemes), IV duque de Bragança. Quanto suas affabilidades o comedião com todos, tanto seus beneficios o singularisavão sobre todos. Como sua casa era real, tinha honra de casa a montes; e assim não receiava que se gastassse.

De sua liberalidade pia contarei os seguintes dous casos breves, que achei em uns antigos manuscriptos que apontava um curioso d'aquelle tempo.

Estando fóra de Villa-Viçosa, côrte sua, escreveu ao seu esmoler : Que sendo já passados dous mezes de ausente, e havendo-lhe deixado só seiscentos mil réis para esmolas, se admirava de lhe não ter mandado pedir mais.

Outra vez recolhendo-se, já perto da noite, do campo de Veiros, onde tinha andado á caça, ouvio gemer um homem ao pé de uma arvore; e mandando que lh'o trouxessem á sua presença, lhe perguntou quem era, e porque gemia.

— Sou, disse elle, um homem pobre, que vivo n'estes campos, e vinha esperar o duque, porque me disserão que era facil em soccorrer os necessitados.

— Aparai o chapéo, disse logo o duque.

E tirou uma bolsa grande, que trazia pendente na cinta para semelhantes occasiões; e lançando-lhe dentro uma mancheia de dinheiro, perguntou :

— Quereis mais?

Calou o pobre, e o duque lançou segunda mancheia de dinheiro, tornando a perguntar :

— Quereis?

Tornou o pobre a calar-se, e vazou o duque a bolsa, mas não o coração da vontade de dar.

E repetio a pergunta :

— Quereis mais?

E ouvindo a mesma resposta, que era não responder, chamou um criado, que lhe costumava trazer estes soc-

corros, e foi lançando até que ia enchendo a cópa do chapéo; e então o pobre, mais por vergonha que por vontade (ao que se deixa entender), disse :

— Basta, não quero mais.

E o duque sorrindo-se, disse :

— Graças sejão dadas a Deos, que vos fartei de dinheiro!

E mandou a outro criado de cavallo, que o levasse seguro a Veiros, por ser já de noite. Este foi o cogulo da medida, que o pobre não advertia ser-lhe necessario, porque lhe não succedesse perder de uma vez em algumas mãos roubadoras o que adquirira por tantas de outras mãos liberaes.

NEGLIGENCIA NO SERVIÇO

(IV. 194.)

Muitos não temem entrar em lugares altos, sem os talentos precisos para o seu manejo. E' que fazem conta, não de igualar com as suas diligencias as obrigações do officio, senão de fazer á boamente o que souberem e o que quizerem; e onde não alcançarem com o prestimo, não tomar por isso molestia. D'este modo bem póde um muchacho, ou qualquer moço de servir, tanger o orgão, levantando-lhe sómente os folles, e sôe como soar.

Da mandragora se diz ser dotada de tão poderosa virtude para causar somno, que ainda só dependurada

no aposento faz dormir aos que têm cuidados. Que será que algumas pessoas, que devião desvelar-se nas obrigações de seus officios, assim descansão e dormem, como se lhe não tocassem. E' sem duvida que a sua negligencia e pouco temor de Deos lhes serve de mandragora.

Quando vemos alguns ministros de lugares que têm grandes occupações, desoccupados, e entretenidos, e buscando em que passar as horas, muita fé é necessaria para crer que cumprem sua obrigação. E' verdade que até Deos, não cansando com o trabalho, descansou um dia; mas tambem é verdade que, não necessitando de obrar com successão, se occupou seis dias; se a nossa semana tem um só dia de fazer, e seis sabbados para descansar, isso é andar ao avesso de Deos.

CALICES

(IV. 197.)

Na Igreja primitiva os calices erão de madeira, como consta do Concilio Triburiense, celebrado em tempo do papa Formoso, anno 895; e d'estes usárão os sagrados apostolos, como diz Honorio Augustudunense, citado por Bernardo Bisso na sua Hierurgia. E esta é a razão d'aquelle tão decantado apophthegma de S. Bonifacio martyr, bispo de Moguncia, que perguntado se era licito consagrar em calix de páo, respondeu :

— Antigamente os calices erão de páo, e os sacerdo-

tes de ouro; agora os calices são de ouro, e os sacerdotes de páo.

Commummente se diz que S. Zepherino papa ordenou que fossem de vidro; porém o erudito André Saussayo, na Panoplia sacerdotal, examinando as autoridades antigas, o não dá por provavel; supposto que não nega que em algumas partes houve este uso, como se mostra do que S. Jeronymo escreve do calix de S. Exuperio, e Cypriano do calix de S. Cesario, bispo arelatense. Depois Urbano I mandou que os calices fossem de prata, como consta do dito Concilio Triburiense; e no Rhemense se ordenou o mesmo, porque nos de cobre, ou outros metaes, havia o perigo do vomito causado do enjôo; nos de vidro o perigo de quebrarem; nos de madeira, ou pedra, o inconveniente de poderem embeber o sanguis. Mas com isto está, que já muito de antes se usavão, em muitas partes, preciosos calices de prata e ouro, como se colhe de S. Ambrosio, S. Agostinho, Prudencio, e o nota Baronio. De pedra preciosa, diz o padre Tamburino (citando a outros), que tambem póde ser, se não houver o tal inconveniente; e de caminho accrescenta que na metropolitana de Valença, em Hespanha, se guarda com summa veneração um calix de esmeralda inteira, com tradição de que é o mesmo em que o sacerdote eterno, conforme a ordem de Melchisedec, consagrou seu sangue preciosissimo antes de o derramar em redempção nossa. Assim o escreveu o doutissimo João de Carthagena, e diz ser de pedra, que chamamos agatha, de côr punicea e azul.

Mal se concorda com o que testemunha o veneravel

Beda (e traz o cardeal Baronio), que diz que em seu tempo se mostrava e adorava em Jerusalem o proprio calix em que o Senhor se consagrou; e que era uma como taça grande de prata com duas azas; e que se dava a beijar aos fieis, destapando o buraquinho de um reliquiario, ou escriptorinho por onde apparece. Salvo dissermos com Saussayo, que como o Senhor celebrou com seus discipulos tres pàscoas, será o calix de Valença, ou este de Jerusalem, algum dos outros, e não o da cêa eucharistica.

O espirito da avareza, no que toca ao culto dos altares e templos, aparenta-se com o de Judas Iscariotes, que chamava esperdiço, e reputava mal empregado, em obsequio de Christo nosso amabilissimo redemptor, o unguento aromatico, que avaliava em trezentos dinheiros; e não deixou de dizimar o preço pelo modo que ainda pôde, vendendo ao mesmo Senhor por trinta.

Nenhuma magnificencia e decoro é superfluo no que toca tão proximamente seu corpo e sangue sacramentados, e representa mysticamente seu sepulcro, como diz S. Thomaz, fallando do calix; e a patena a campa d'elle, como diz o padre Soares.

S. Gregorio papa fez um calix ornado de preciosa pedraria, o qual pesava trinta libras de ouro, e uma patena do mesmo, que pesava vinte oito e meia. O referido Saussayo traz a estampa de um calix, que vio no mosteiro de certas religiosas em Paris, e lhe mostrárão entre outras peças ricas da igreja. É todo de ouro purissimo, e pela parte exterior da copa, ladrilhado (digamol-o assim) de pedras preciosas dispostas em xadrez,

e a intervallos refendido de alto abaixo com debruns de fios de perolas; e junto ao labio do calix vai outra fórma de lavor, com engastes de pedras maiores; e o pé se ostenta enredado em varios cintilhos da mesma pedraria. Foi este calix de S. Eligio, bispo noviomense, e o deu ao dito mosteiro a rainha S. Bathilde, sua fundadora, cujo conselheiro e padre espiritual foi o mesmo S. Eligio.

O padre Theophilo faz menção de outro calix de ouro massiço, tão grande que um homem o não podia levantar; não sei que uso pudesse ter, salvo para urna do Santissimo em quinta-feira maior!

Luthero, impio desprezador de semelhantes calices preciosos (no que procedia coherente com os outros seus erros, de que na eucharistia ainda depois da consagração fica verdadeiro pão e vinho, e de que a missa não foi instituida por Christo Senhor nosso, nem é sacrificio, nem ainda obra boa), por outra parte o seu copo, o qual era mais que arrazoado, e estava cingido com tres corôas, umas mais acima das outras, como thiara papal: á primeira, e superior, chamava o padre nosso; á segunda o credo; á infima os mandamentos; e a todo o copo o seu catechismo; e se algum convidado não chegava a beber mais que até a primeira corôa, dizia que não sabia mais que o padre nosso; mas se esgotava todo, dizia que sabia o catechismo inteiro. Lá está já onde o seu calix será eternamente aquelle que disse David, tambem de tres repartimentos; fogo, enxofre e demonios!

CADA QUAL NO SEU OFFICIO

(IV. 203.)

Fazer cada um o seu officio é maxima importantissima, assim ao bem publico, como ao particular; porque conserva a ordem, dirime as competencias, e confedera os titulos de justiça com os da caridade. Quando, em uma galé vogando, cada remeiro não desampara o seu remo, então navega mais veloz e mais serena. Quando no instrumento musico cada corda faz o seu officio, então está perfeitamente temperado; e no corpo humano, se cada membro exercita sua funcção propria, então logra perfeita saude; porque os céos, astros e elementos acodem fielmente aos officios que o supremo Senhor lhes distribuio no principio de sua creação, persevera em sua conta a republica da natureza e a machina do universo.

Bem disse S. Elredo, que metter-se o sacerdote nos negocios seculares, e o rei nos espirituaes, seria o mesmo que o sol e a lua trocarem os officios, presidindo o sol á noite, e a lua ao dia.

HISTORIA ADMIRAVEL DA MILAGROSA IMAGEM DO SANTO CRUCIFIXO DE BERYTO

(IV. 218.)

Ha nos confins de Tyro e Sidonia, uma cidade suffraganea a Antiochia, chamada Beryto, onde vivião numerosas familias de judêos; e junto da sua synagoga, que era mui grande, alugou um christão uma casinha, onde habitava, o qual pôz na parede contraria, fronteira á sua cama, um bom painel de Christo crucificado, de estatura de um homem.

Porém necessitando de mais capaz vivenda, buscou outra na cidade, para onde se mudou, levando seus moveis e trebelhos, e esquecendo-se unicamente de levar a imagem do Senhor, ou porque o differio para outro dia, e depois lhe passou da memoria, ou porque a sua pouca devoção mereceu por ventura que Deos permittisse este descuido; e o mais certo é, que porque a divina providencia queria por este meio renovar nos fieis a memoria da paixão do Senhor, e fazer inescusavel a perfidia de seus inimigos.

Mudado pois o christão para outra casa, alugou um judêo est'outra pequena, que elle deixára; e alli entrava e sahia sem advertir no painel, quanto mais na pintura d'elle!

Um dia convidou a jantar a outro judêo da sua tribu;

e estando ambos á mesa, o judêo convidado foi levantar os olhos, e vendo a sagrada imagem, disse com estranheza para o seu camarada:

— Se tu és judêo, como tens em casa tal imagem?

E começou a soltar pela boca contra o Salvador do mundo palavras tão injuriosas e nefandas, que não permitte a decencia declaral-as; e não contente com isto, vai logo delatar aos seus summos sacerdotes, e presidentes da synagoga, que aquelle judêo tinha em sua casa a imagem do Nazareno crucificado.

— Pódes tu, disserão elles, mostrar que fallas verdade?

Respondeu o denunciante:

— Não ha n'isso mais difficuldade que vir e ver.

Aquella tarde pois se communicárão uns com os outros; e logo na manhã seguinte ajuntárão-se os sacerdotes, e os mais velhos da synagoga, com outra turbamulta da mesma canalha; e levando por guia ao mesmo delator, vão á casa do outro judêo. Entrão furiosos, vêm a sagrada imagem, enchem-se de maior raiva, reprehendem colericos ao culpado, em crime, ao seu parecer, mais detestavel que muitos sacrilegios; excommungão-o por esta causa, e ameação terrivelmente. E que mais? Saltão ao painel, e o despendurão, dizendo:

— Façamos-lhe como nossos pais fizerão n'aquelle tempo.

Começárão pois a renovar a paixão do Salvador n'aquella sua imagem, com sanha e irrisão diabolica, e dizião:

— Nós ouvimos que lhe cuspírão no rosto, façamos

assim tambem; e á porfia uns de uma parte, outros da outra, lhe arremeçavão asquerosas salivas. Nós ouvimos que o esbofeteárão e escarnecêrão, façamos agora o mesmo; e logo davão na imagem muitas bofetadas, e lhe fazião incriveis ludibrios. Nós ouvimos que lhe pregárão mãos e pés, façamos assim tambem; e no mesmo tempo buscárão pregos, e os cravárão na imagem.

Tomárão tambem uma esponja com fel e vinagre, e disserão:

— Esquecia-nos este tormento, que lhe fizerão nossos pais; e puzerão a esponja na boca do Senhor; nem lhes escapou dar-lhe com a canna na cabeça.

Até que finalmente representárão a lançada no lado do Senhor já defunto; fizerão pois vir uma lança grande, e disserão a um dos seus que lh'a mettesse pelo costado. Mas, oh! maravilha grande da divina piedade! Assim como aquelle perfido deu a lançada, manou da ferida sangue e agua verdadeiros; não querendo o Senhor faltar, da parte que lhe tocava, á perfeição do mysterio que seus inimigos renovavão!

Porém forão imitando a seus pais na dureza de coração e cegueira de entendimento; assim como no mais os imitavão, não lhes causou milagre tão notavel e manifesto, movimento algum de piedade; antes como fatuos e insensatos, ou para melhor dizer, como encarniçados na sua malicia, continuárão a mesma scena tragica, e disserão:

— Os que adorão ao Nazareno dizem que obrou muitos milagres, dando saude aos enfermos e vista aos cegos; experimentemos se faz o mesmo este sangue e esta

agua, que agora vimos sahir; porque sem duvida tudo é patranha e fabulas que nos vendem.

E logo veio um com uma vasilha, e aparando á ferida, a encheu; e a levárão para a synagoga, e convocárão enfermos de varios males, para os ungirem, e voltarem em materia de escarneo o successo, que não esperavão fosse milagroso.

O primeiro em que fizerão a experiencia foi um paralytico, que conhecião por tal desde seu nascimento.

Vêde almas, e admirai a contenda ou desafio em que se dignou entrar a divina vontade com a malicia humana, para mais gloriosamente triumphar d'ella.

O mesmo foi ungirem aquelle paralytico, que sentir-se de repente com inteira saude, de sorte que se levantou firme em suas plantas, como se d'antes nenhum mal padecêra.

Do mesmo modo succedeu aos cegos; do mesmo aos endemoninhados.

Começou pois o confuso murmurinho de vozes a crescer; e a fama, voando sobre muitas linguas, divulgou que na synagoga rebentára uma fonte de milagres.

Abalárão-se grandes tropas de judêos, levando cada qual o enfermo que tinha em casa. Encheu-se a synagoga, com ser casa capacissima, de paralyticos, aleijados, tolhidos, leprosos, e toda especie de enfermos e vexados, e de povo que concorria a ver com seus olhos, o que nem na opinião parece que lhes cabia.

Tal era a presteza com que as maravilhas se obravão, que as mãos dos sacerdotes judêos erão as que tardavão e cansavão de ungir; e não erão ellas mais que um

instrumento quasi inanimado da invisivel mão do Omnipotente; porque, sem saber o que obravão, não cessavão de obrar.

Entretanto não se ouvia na casa, e fóra d'ella, mais que vozes, acclamações, lagrimas, e louvores divinos. Porém, oh! grande Deos! Oh! potencia inenarravel do Crucificado! Ainda as correntes d'esta fonte não se espraiárão com a franqueza a que seu amor as impellia! Parece que tomou Deos o caso de aposta, e que disse entre si:

— Vós vindes entender comigo, e a pôr-me outra vez presente o sacrificio com que resgatei e salvei o mundo? Não sabeis que ha em meu peito caridade para padecer morte de cruz tantas vezes quantas são as almas, se assim fosse necessario? Não sabeis que eu sou o que ensinei a dar beneficios por aggravos e favores por injurias? ou cuidastes que poderieis dar fundo ao abysmo do meu amor?

Rompeu pois a fonte em borbulhões maiores; passou a alagar as almas, depois que alagára os corpos. Trocão-se os corações d'aquelles sacerdotes e anciãos, e do mais povo judaico, que presente estava, até mulheres e meninos; e começa a subir ao céo uma voz de muitas vozes, clamando todas:

— Gloria a ti, Jesus-Christo, filho de Deos, a quem nossos pais crucificárão, e que por nós foste em tua imagem de novo crucificado. Gloria a ti, filho de Deos, obrador de tantas maravilhas. Em ti cremos; a ti vimos já buscar; recebe-nos propicio!

Isto clamavão com animo verdadeiramente contrito

e devoto; e continuando as unccões, continuavão as maravilhas.

Sarados pois todos, e vivificados com os favores do céo, correu a multidão dos judêos á casa do bispo, que já estava noticioso do caso; e clamárão novamente os sacerdotes e mais povo: Um só Deos padre; Um só filho seu unigenito Jesus-Christo, que nossos pais crucificárão; Nós o confessamos por Deos!

Eis-aqui a sua sagrada imagem, que escarnecêmos e maltratámos; eis-aqui a ferida do costado; e eis-aqui o sangue e agua que d'ella vimos sahir, e com que elle foi servido obrar tantos milagres! Pelo que pedimos o sagrado baptismo, para ser contados entre os fieis da sua Igreja.

Alegrou-se o bispo, vendo os exuberantes fructos da divina graça; elle com o seu clero catechisárão e baptisárão por muitas semanas a copiosa multidão que vinha como sequioso cervo buscar as fontes de agua viva, para n'ella regenerar-se.

Foi tambem, por petição dos mesmos novos christãos, consagrada em igreja aquella grande synagoga; e outras, que na cidade havia, se dedicárão aos martyres; e foi grande e geral a alegria que houve, porque nem havia corpo enfermo, nem alma que não buscasse a graça de Deos, e louvasse suas magnificas obras.

Accrescenta Sigiberto que este bispo se chamava Adeodato, e que repartio em varias ampulhetas este sangue por todas as igrejas, ordenando que aos 9 de Novembro, que foi o dia da dita crucifixão do Senhor, se celebrasse commemoração d'elle.

No mesmo dia a manda fazer o martyrologio romano, e diz que o thesouro d'aquelle sangue alcançou a todas as igrejas do oriente e occidente.

O nosso cardeal Baronio conjectura de leccionarios antigos, onde esta narração estava lançada, que succedeu no tempo da imperatriz Irene, mãi de Constantino, com quem, por ser de menor idade, reinava. E diz que sendo esta narração lida aos padres do segundo Concilio Niceno, tão longe esteve de lhe pôr duvida algum d'elles, que antes todos, banhados em devotas lagrimas, a ouvião como se ouvissem a paixão por algum dos sagrados evangelistas. Mas avisa que a relação, que anda em Surio, tem misturadas muitas cousas apocryphas, que é necessario rescindil-as.

Fica pois por este só unico caso convencido irrefragavelmente o erro e heresia dos iconoclastas, que hoje teimão em defender os sectarios.

OFFICIOSIDADE

(IV. 226.)

Estava um imperador turco a uma varanda; cahio-lhe em baixo um papel da mão. Quantos se achavão presentes desfechárão ás carreiras pelas escadas abaixo a ir buscal-o; porém um, parecendo-lhe vagarosa esta diligencia, tomou o salto da varanda abaixo, e trouxe o papel, significando que lhe pesava não ter azas para

subir pelo mesmo caminho que descêra. Verdade é que não só teve as azas, como desejava, senão que quebrou uma perna, como não desejava; mas que importa uma perna mais ou menos, uma vez que a lisonja corria assim mais direita? E aqui quadra o que disse o padre Famiano Strada, que quando muitos ouvem o que deseja o principe, todos fazem por levar a dianteira aos mais, para que não pareça que não querião, querendo em ultimo lugar.

MENTIRAS LICITAS

(IV. 227.)

O erudito padre Nicoláo Abram, da companhia de Jesus, na obra que escreveu, traz alguns casos notaveis, que manifestamente parecem mentiras; mas elle os procura escusar ao menos de peccado, e d'aqui se póde inferir resposta para o presente ponto.

O primeiro, de uma santa donzella de Nicomedia, a qual sendo acommettida por um soldado lascivo, inventou de repente um sagacissimo modo de levar a laureola de martyr, sem perder sua virgindade.

Disse-lhe que, se lhe perdoava, ella lhe ensinaria logo um admiravel unguento, com o qual, ungindo-se, ficaria impenetravel contra todo o genero de armas offensivas.

— Tu mentes, disse o soldado, e queres enganar-me.

— Não bastará, respondeu a santa, que faças tu mesmo a prova em mim, com esta espada?

Creu o soldado; porque os que seguem as armas appetecem grandemente este remedio, para não ser feridos; e os gentios entendião que os christãos podião por arte magica fazer estas maravilhas.

Fez pois aquella virgem um unguento, como lhe pareceu mais facil; e ungindo com elle a sua garganta, disse ao soldado :

— Leva d'essa espada, e mette com quanta força puderes, e verás como fico sem lesão.

Elle assim o fez e ficou a virgem atravessada e morta; porém sem a lesão de sua virgindade, com a laureola do martyrio, se dissermos que foi movida por especial impulso do Espirito Santo, como foi S. Apollonia para se metter na fogueira; porém no tocante a salval-a da mentira, diz o dito padre Nicoláo Abram que a santa poderia entender para si que o amor de Deos perfeito era uncção espiritual da alma, com a qual fica impenetravel a todas as tentações e peccados; e que, dado que mentisse, podia ser sem peccado, por consciencia, com erro invencivel.

O segundo caso é de S. Ignacio de Loyola, que em Paris (quando alli seguio as lettras) vio passar pela rua publica um homem de semblante melancolico, queimado ao que parecia de fome, e de trajo que bem cheirava a summa pobreza, o qual ia pensativo, e carregado com uma grande pedra ás costas. Aqui recebeu o santo illustração superior do que era; e chamando á pressa um seu companheiro, lhe disse :

— Vista-se logo pobremente como aquelle homem, e tome tambem ás costas sua pedra, e vá seguindo-o, e tudo o que elle fizer, finja tambem que o faz, que eu lhes sahirei ao encontro, e farei tambem o meu papel.

Obedeceu o discipulo do santo. Sahio da cidade aquelle homem até um lugar solitario, e elle o foi seguindo, e perguntou-lhe que queria fazer. Respondeu :

— Que hei de querer com tão triste vida, senão acabal-a de uma vez? Venho enforcar-me com esta pedra ao pescoço, que fará bem o officio de algoz; porque já não posso com tantas perseguições, miserias e trabalhos.

Disse então o discipulo do santo :

— Olhai para cá, amigo; vêdes est'outra pedra? pois eu venho fazer o mesmo pela mesma causa; teremos um no outro companhia.

N'este ponto chegou Ignacio, fazendo-se encontradiço, e disse para o discipulo, como para pessoa desconhecida :

— Quem és tu? d'onde vens, e para onde vais com essa pedra ás costas? e porque andas assim immundo e esfarrapado?

Aqui o discipulo representou que titubeava na resposta; e que a represa de penalidades, que guardava em seu coração, forcejava por romper fóra; e emfim disse de golpe :

— Que ha de fazer um miseravel, senão buscar o remedio em um laço?

Acudio o santo ao consolar com palavras de brandura, e a reduzil-o do seu errado intento com razões efficazes; e o discipulo mostrou que se abalava, e que

começava a conhecer o engano diabolico; e voltando-se para aquelle homem, por cuja causa se fazia toda esta farça, lhe disse :

— Quanto eu, dou-me por vencido dos conselhos d'este bom varão; porque se as miserias se acabárão morrendo, estava bem; mas não é assim, porque antes se ficão continuando maiores por toda a eternidade.

— O mesmo me parece a mim, respondeu o homem; graças a Deos, que achando companheiro da minha miseria, o achei tambem do meu remedio.

E d'este modo se desfez um engano máo do inimigo, com outro engano bom, e dictado pela caridade. E quanto ás muitas mentiras, que parece vão envolvidas no caso, respondeu o dito padre Abram que isto é o mesmo que representação de uma comedia, para a qual se ensaião os collocutores, concordando entre si como cada um ha de entrar e sahir, fazendo o papel que lhe toca; e na representação das comedias não ha mentira; e o permittir que o proximo aqui se enganasse, havendo justa causa para isso, tambem era não só licito, mas honesto e louvavel.

CURIOSIDADE

(IV. 241.)

Estava S. Efrem em uma pousada, cozinhando suas pobres viandas; e logo uma mulher, que morava na vizinhança, metteu os olhos pela janellinha que lhe fi-

cava fronteira, e pouco distante, e lhe perguntou por graça se lhe faltava alguma cousa?

— Sim, falta, respondeu o santo, tres ladrilhos e um pouco de lodo, para entaipar essa janella.

OBRAS DE ADMIRAVEL PEQUENHEZ

(IV. 248)

Adrião Junio vio em Malinas um caroço de cereja, lavrado em fórma de bocetinha, que lhe cabião dentro, por miudeza da arte, e boa vista e grande fleima do artifice, quinze pares de dados, todos com todos os seus pontinhos muito bem signalados.

Mais é ainda o que refere o padre Gaspar Escoto, da companhia de Jesus, na dedicatoria do seu livro intitulado *Technica curiosa*, ao principe João Philippe, arcebispo de Moguncia, onde diz que Allemanha e Italia admirárão este prodigio da arte; a saber: vinte e cinco peçaszinhas de artilharia, feitas de páo, com suas carretas, e trinta balas; que tudo junto cabia em um grão de pimenta cavado, e de mediano tamanho. Isto (na supposição de que é verdade) cousa era subtilissima; e só serviria de dar trabalho a quem o fez, e a quem o via, em espremer os olhos e conter o folego, para que o trem de artilharia não voasse pelos ares. Porém peior se empregaria o tempo no páteo das comedias, ou na casa do jogo, ou em murmurações e detracções do proximo, ou

em compôr versos e escrever cartas de assumptos amatorios, ou em curtir paixões de melancolia e de escrupulos.

NOVIDADES

(IV. 251.)

Um barbeiro, ouvindo dizer a um seu escravo de uma batalha, que os Athenienses tinhão perdido em Sicilia com geral mortandade sua, sahio logo pela porta fóra, a dar a triste nova em publico. Com que, amotinado todo o povo, porque apenas havia quem não tivesse no exercito filho, ou pai, ou marido, ou irmão, quizerão averiguar a origem e fundamento de tão funesta fama. E não apparecendo senão o dito barbeiro, que não podia descarregar-se com testemunhas abonadas, investírão a elle, e depois de cheio de pancadas e opprobrios, o amarrárão a um páo, para ser balisa dos escarneos publicos, pois fôra alvorotador falso da paz publica. Mas sobrevindo alguns que escapárão da batalha, verificárão a desgraça, e cada um se recolheu a carpir-se em sua casa, e a ninguem lembrou soltar o miseravel barbeiro. Até que, já tarde, chegou um beleguim a desatal-o; e estava elle já tão emendado do seu vicio de saber novidades, que perguntou ao mesmo beleguim se sabião já tambem de que modo morrêra Nicias, general do exercito.

Peior lhe succedeu a um cavalheiro florentino, que mandou a um criado que nunca viesse para casa sem lhe trazer novas de um seu inimigo. O criado, achando occasião, matou ao tal inimigo, e foi mui contente referir estas novas a seu amo. Foi este preso, e sentenciado como réo de homicidio; porquan toa sua ordem equivalia a mandato nas circumstancias do caso.

PEDRA PHILOSOPHAL

(IV. 254.)

Os nomes, ou elogios, que os chimicos dão á pedra chrysopeya, ou philosophal (que é o mais abstruso mysterio de sua arte, em cujo alcance suão todos elles ha muitos seculos), verdadeiramente são magnificos, e excitadores de grandes esperanças. Chamão-lhe céo, mysterio, chrysosperma, ou semente de ouro, terra bemdita, agua de vida, agua secca, arvore da vida, sello de Salomão, fogo da natureza, leite de virgem, mercurio dos philosophos, dragão aguia, medicamento de todas as enfermidades, copo de Pandora, terra da promissão, sagrada obra da terra, e outros semelhantes.

IMPERADOR E LADRÃO

(IV. 266.)

Offerecêrão ao imperador Probo um cavallo captivado na guerra alanica, que caminhava no dia cento e dez milhas, que pelo menos são quasi vente oito leguas das maiores; e continuava n'este passo dez (outros dizem que dezoito) dias a fio. Engeitou o dom, dizendo:

— Mais serve para um soldado ou ladrão que foge, do que para um imperador que governa.

Sabellio escreve que todavia veio a aceitar a dadiva, não como dadiva, mas como sorte; porque mandando aos soldados que o sorteassem, sempre em muitos lances sahio o seu nome.

Na resposta de Probo:

— Este cavallo, mais prestimo tem para um ladrão que foge, que para um imperador que governa, vejo inclusas duas supposições: em uma d'ellas não convenho, em outra sim.

Suppõe primeiramente què não póde haver imperadores governando, que venhão tambem a ser ladrões fugindo; não é isto acerto universalmente.

Imperador era Alexandre Magno, e se foi ladrão, tambem magno; diga-o aquelle pirata, que, reprehendido pôr elle de que infestava e roubava o mar com uma galé, respondeu (animado da verdade):

— Eu roubo o mar com uma galeota, e sou por isso affrontado; tu roubas o mundo com tuas armadas, e és applaudido!

Se fugio, diga-o o seu bucephalo, em que montado, e transmontado, se salvou dos perigos da guerra indica; sendo-lhe tão fiel, que as mesmas lanças que o crivárão, teve por acicates para correr melhor até o pôr em seguro; e então acabou a carreira juntamente com a da vida, cahindo morto. E Alexandre, por deixar viva a fama do seu agradecimento, lhe deu honorifica sepultura, e por mausolèo uma nova cidade, edificada com o nome de Bucephalon.

Imperador era Selim (ou pelo menos o foi depois), filho de Bajazeto; e se foi ladrão, diga-o o mesmo Bajazeto, cuja morte elle machinou para arrogar-se o imperio; se fugio, diga-o o seu Caroboulic, que assim chamavão os Turcos ao seu cavallo, por ser todo murzelo, cuja ligeireza lhe deu escape das iras de seu pai, que o derrotára em campanha. Tambem levou seu premio melhor logrado; porque o mandou jubilar, com privilegio de que ninguem montasse n'elle, e sempre andasse livre com coberta de tela de ouro; e depois lhe deu tambem honrada sepultura. E assim era razão (pondera Jovio maliciosamente), visto que este Selim deixou a seus proprios irmãos por enterrar; foi proceder coherente, tratar aos irmãos como cavallos, quem tratára os cavallos como irmãos.

Eis-aqui pois como não implica imperadores governando com ladrões fugindo; porque emfim (como disse S. Agostinho) uma vez posta de parte a justiça no go-

verno, que são os reinos senão uns latrocinios grandes? E por conseguinte, que são os reis senão uns ladrões grandes? Ao jogo de xadrez chamão os latinos *latrunculorum ludus* : jogo dos ladrõeszinhos.

Este mundo é o taboleiro onde jogão os reis; e como é taboleiro grande, e não são reis só de páo, ou de osso, senão de osso, carne e sangue, para nutrir essa carne e sangue alguns d'elles não são só ladrõeszinhos, senão ladroassos : ladrões, senão omnipotentes, como uma vez ideava um grande prégador, ao menos muito poderosos; ladrões, ou aves de rapina tão grandes, que não arrebatão a um homem pelos ares, como fez uma ave á vista do abbade Geroncio, e de outros que com elle estavão, nem a um elephante, como faz a ave Ruch, propria da ilha Madagascar, segundo nos refere (crêa quem puder) Marco Polo, em muitas outras maravilhas fidedigno, senão que arrebatão cidades e reinos, e nas unhas lhe ficão; ladrões finalmente, que nas suas unhas não têm pintados em figuras todos os passos e tormentos da paixão de Christo, como por sua devoção e curiosidade pintou Capocio Sennense, senão pintados os tormentos e vexações da paixão dos povos, e pintados com o sangue dos mesmos povos, que nas unhas lhes fica, ou embebido, ou escorrendo. Estes pois bem podem vir a ser ladrões fugindo, sem embargo de ser monarchas imperando.

CAVALLOS

(IV. 266.)

Da ligeireza do cavallo mais é ainda em certo modo o que se refere dos Sarmatas (que são agora os habitadores da Tartaria menor), que, sem dar penso ou ração aos cavallos, nem apear-se d'elles, andão de uma jornada cento e cincoenta mil passos, que são trinta e sete leguas das maiores. E Ludovico Barthena escreve que as eguas da Arabia continuão em carreira desapoderada um dia e noite inteira. São celebradas em velocidade as da nossa Lusitania no monte Tagro, que Damião de Góes diz ser a serra de Cintra, e André de Rezende Monte Junto, e Scaligero o mais moço emenda Monte Sacro (por ventura enganado com o Promontorio Sacro, que é o cabo de S. Vicente). Dizem pois Varrão, Columella e Plinio, com o seu arremedador Solino, que a ligeireza d'estas eguas portuguezas lhes provém de conceberem do vento Zephyro no tempo do cio, se bem que não vivem os potros mais que até tres annos. Não temos por cá tal noticia. E Justino o reputa por fabula, occasionada da grande e facil fecundidade d'estes animaes por aquelle tempo n'esta terra [1].

[1] Sul Tago il destrier nacque ove talora
L'avida madre del guerriero armento,
Quando l'alma stagion che n'innamora
Nel cor le instiga il natural talento

Ajuntemos pois esta fabula com a que fingio Homero, dos cavallos Ballio e Xantho, filhos tambem do vento e da egua Podarge; e com a que cantou Silio Italico do cavallo Pelloro, filho do mesmo Zephyro e da egua Harpe; e com a que fantasiou mais atrevido Ariosto do ginete Rabicano, gerado só do fogo e do vento, e pastando ar como camaleão.

Caminhando S. Aidano, ou Medoco, bispo de Fernez em Hibernia, para a cidade de Casselia, parárão de repente immoveis os cavallos do seu coche. Ignorando o santo a causa, se admirava do effeito; porém logo, apparecendo-lhe o anjo do Senhor, lhe disse:

— É vontade de Deos que a tua jornada se dirija a outra região; porque em tal terra, e em tal mosteiro, está gravemente enfermo el-rei Guario, a quem se digna de dar vida e saude por teu ministerio.

— Faça-se o que o Senhor ordena! respondeu o santo.

E o anjo lhe tornou:

— Ainda que quizesses, não poderias caminhar para outra parte.

Então Aidano disse para o cocheiro:

— Larga de mão as redeas, e deixa ir os cavallos para onde quizerem.

Assim o fez; e logo os cavallos tomárão para a parte do norte, até chegar ao lago Dorgdore, pelo qual, sem

Volta l'aperta bocca incontro l'ora,
Raccoglie i semi del fecondo vento
E de' tepidi fiati (oh meraviglia!)
Cupidamente ella concepe e figlia.
(Tas. G. L., cant VII, 76. V. Virgil., Georg. III, v. 372.)

estranharem a differença do elemento liquido e instavel ao solido e firme, forão levando à carroça, a planta enxuta, com celeridade incrivel. E chegando brevissimamente o santo ao termo destinado, visitou e sarou ao dito rei, prognosticando-lhe vida prolongada por mais de trinta annos, em premio de suas esmolas.

Ajunto outro caso, sobre maravilhoso, engraçado. A S. Hilarião abbade veio um christão, por nome Italico, queixar-se de que, sendo o seu officio criar cavallos para correrem nos jogos circenses, um seu emulo, com maleficio de certas imprecações demoniacas, fazia tropeçar e retardar as suas carroças, e as d'elle pelo contrario parece que voavão; e que portanto lhe pedia desmanchasse com suas orações este feitiço, não que por elle desejasse offender a seu proximo, senão sómente defender-se a si. Duvidou a principio o santo aceitar esta commissão; porém persuadido dos seus, condescendeu, e mandou logo encher de agua um pucaro de barro por onde bebia; e disse a Italico que borrifasse com ella os seus cavallos, manjedouras e carroças. Divulgou-se logo o remedio, porque o mesmo adversario o publicára por irrisão; mas todos os fautores de Italico exultavão, promettendo-se victoria certa, pela grande opinião que tinhão do santo. Era grande a expectação das turbas que acudirão ao novo espectaculo.

E tanto que a corneta deu o signal, partem as carroças de Italico, como se forão settas sacudidas do poderoso arco, com as pontas encurvadas em violenta lua; e pelo contrario as do seu emulo ficárão atrás, divisando apenas as pôpas das outras, e só ouvindo os apupos e risadas

do povo. D'este modo recebêrão Italico o premio da sua fé, e seu competidor o castigo do seu peccado. Das cousas pouco custosas de fazer costumamos dizer que se fizerão com uma bochecha de agua; e com bochechas de agua mandou o santo fazer esta maravilha.

DADIVAS

(IV. 276.)

É dictame sabido de todos que se deve aceitar e agradecer até um alfinete, porque o amor com que se dá sempre é cousa nobre e preciosa.

Nos reinos do grão Cam (segundo escreve Paulo Veneto) a moeda que corre não é de ouro, nem de prata, mas de páo de moreira cortado em varias fórmas, e acunhada com [illegible] al sello, e ha pena de morte irremissivel a q[illegible] aceitar. Este cunho lhe dá o valor que l[illegible] materia.

Po[illegible]nima que seja a cousa que o amigo nos offerece, já traz o sello do amor; e assim é razão que corra e valha na nossa estimação, sob pena de incorrermos na nota de ingratos; vicio tão feio e odioso, que assim como os ladrões se marcão com um L nas costas, os ingratos se havião marcar com um I nos peitos. E quasi o fez Philippe, rei de Macedonia, mandando que um d'estes fosse estigmatisado com ferro em brasa.

N'esta nota não quiz incorrer Artaxerxes, rei da Persia,

aceitando e retribuindo magnificamente um vilissimo dom que lhe offerecêrão.

Estava um homem de fortuna infima, por nome Sineta, debaixo da sua choupaninha, e vendo passar ao rei, se foi correndo ao rio, e enchendo de agua as palmas das mãos concavas, lh'a offereceu de joelhos, dizendo:

— Vivas, ó rei, eternamente! Com este tributo te reconheço vassallagem, segundo minhas posses alcanção, impaciente de que me não igualo aos mais no donativo, mas gozoso de que nenhum me excede no animo.

— E eu, com animo agradecido, aceito o teu dom.

E logo mandou aos seus eunuchos que recolhessem aquella pouca agua em um vaso de ouro, o qual lhe mandou dar depois, com um bom vestido, e mil darios em cima.

Eis-aqui como este principe estimou o dom, não pelo material d'elle, senão pelo formal, que é o amor com que se dá.

O REI POBRE

(IV. 288.)

El-rei D. Henrique III de Castella, vindo uma tarde da caça com a fome que este exercicio costuma fazer, não achou cêa; e o comprador, perguntado pela causa d'esta falta, disse que já não havia quem fiasse d'elle mais quantidades, em razão dos empenhos atrasados.

O rei, já incredulo, já irado, e finalmente resoluto, despio o gavão, e o mandou empenhar por um pouco de carneiro, que, junto com umas aves que trouxera do monte, servio para se lhe pôr a mesa.

Emquanto comia, ouvio que alguns criados murmuravão entre si, dizendo :

— Que como se soffria tal caso em um rei, no mesmo tempo que os grandes se banqueteavão uns a outros todas as noites, como era publico na cidade, e que n'aquella noite cabia o turno ao arcebispo de Toledo!

Acabando pois el-rei de cear, sahio disfarçado, e entrou occultamente, misturado com a mais turba, em casa do arcebispo; onde vio os apparatos, grandeza e abundancia do convite, e que por postre d'elle se puzerão os convidados a conversar jactanciosamente sobre as rendas da corôa que cada um lograva.

Recolheu-se a palacio com maior enfado do que sahíra, e mandou logo alojar em uns páteos interiores um terço de seiscentos homens armados; e de manhã recado áquelles senhores, que importava conferir logo com elles materia de importancia, porquanto lhe sobreviera um accidente, e queria fazer testamento; e juntamente deu ordem que se juntassem em certa sala, excluidas todas as pessoas da sua comitiva.

Como estiverão juntos, e já enfadados de esperar (sem saber para que), abrio-se a porta, correu-se a cortina, e sahio o rei com aspecto terrivel, a espada nua na mão, e o outro braço arrodelado com o gavão, que desempenhára; sentou-se, e estando todos suspensos e temerosos sem saber onde se encaminhavão preparações tão

funestas e estrondosas, foi perguntando a cada um de per si: Quantos reis de Castella conhecêra?

Uns disserão que tres, outros que quatro, e os que mais, disserão que cinco.

— Como póde isso ser, replicou o rei, se, sendo eu mais moço que vós todos, conheço mais de vinte?

— Não entendemos o que vossa alteza quer dizer n'isso, disserão elles.

— Pois eu me explicarei, tornou elle. Vós outros sois os reis, e eu não; porque as rendas da corôa são vossas para banqueteardes cada noite, e eu ceei hontem o que se fiou sobre este gavão; mas eu saberei pôr-lhe remedio, e bem efficaz, e logo, logo. Aqui levantando a voz bradou: O' lá! ó lá gente da minha guarda!

Acudírão a ponto os soldados, tomando as portas; e na dianteira vinha um algoz com cepo, cutello e cordas, que deixou cahir no meio da sala, e começou a fazer acção de preparar-se para fazer seu officio.

Derão-se os réos por perdidos; porque o furor de um rei moço, e com armas, aggravado e resoluto, faz tremer os corações mais alentados.

Então o arcebispo se lhe lançou aos pés, pedindo, em nome de todos, perdão, e as vidas de mercê; e que no tocante ás fazendas, cortasse por onde lhe parecesse.

Aplacado o rei, disse que perdoava, com tal que antes de sahirem de palacio havião de dar conta de todas as suas rendas e estados, e dos titulos com que os possuião, desde que elle tomára posse da corôa.

Assim se fez, e estiverão reteúdos por dous mezes, em que as ditas contas se ajustárão; e forão entregues

a el-rei muitos castellos, que os tutores havião alheado em tempo de sua menoridade; e além d'isso cento e cincoenta contos de maravedis, que n'aquelle tempo era somma mui consideravel.

LIBERAL

(IV. 291.)

A palavra *Liberal*, entre os latinos, não só quer dizer homem amigo de dar, senão homem livre e ingenuo, em contraposição dos escravos e libertinos. D'aqui vem que chamavão *juizo liberal* á causa que corria entre pessoas ingenuas; *resposta liberal* á que era digna de semelhantes pessoas; e *formosura liberal* á que se costuma achar em pessoas bem criadas.

Logo, quanto o principe tem mais de livre e ingenuo, deve ter mais de liberal; e não o sendo, parecerá escravo da sua mesma avareza.

Principe e escasso tem a mesma incoherencia ou enormidade que tem velho e imprudente, pobre e soberbo, soldado e cobarde. Deos concedeu muito aos reis, não para terem mais, senão para darem mais.

Isto symbolisa aquella empreza de Saavedra: as nuvens chovendo sobre um monte, o qual reparte logo pelos inferiores campos as aguas que recebeu do céo, como diz a lettra.

Xenophonte diz que aos reis de Lacedemonia era estylo

pôr na mesa pratos dobrados, não para comer de ambos, mas para que pudesse honrar com o outro a quem quizesse.

O sabio Simonides aconselhava assim a Hierão, rei dos Syracusanos :

— Não duvides enriquecer aos teus; porque d'este modo a ti mesmo te enriqueces, sendo as suas riquezas os teus thesouros. Faze conta que o teu reino é a tua casa, e que os vassallos são os teus amigos, filhos e criados; o que a estes dás, favoreces e honras, em tua casa fica; d'este modo conseguirás uma cousa mui rara e importante, que é ser feliz, sem ser odioso ou invejado.

Com este mesmo dictame vai o famoso Lipsio dizendo aos principes : Que Deos e os homens puzerão no seu regaço a republica, mas para a fomentarem de modo que venhão a duvidar os subditos se saudão a seu senhor, se a seu pai, pelo equilibrio em que n'elles se achão a reverencia e confiança.

VIRGILIO

(IV. 295.)

Contrahio este grande amizade com o estribeiro-mór do imperador Augusto, porque sabia bem de alveitaria, e conhecia bem as raças dos animaes; tinha seu estipendio e ração, como os outros moços da cavalhariça imperial.

Succedeu mandarem de mimo ao imperador um potro mui formoso, de quem todos conjecturavão que havia de sahir cavallo de grandes brios e ligeireza.

Porém Virgilio disse que não prestaria; e assim o mostrou o tempo.

Soube isto o imperador, e lhe mandou dobrar as padas da ração.

Vierão-lhe depois uns cães de Hespanha; e Virgilio perguntado disse que seus filhos serião de grandes forças e velocidade; e tambem o successo mostrou que acertára; e Augusto lhe mandou tresdobrar as padas.

Finalmente o imperador, levado de umas suspeitas que o trazião inquieto, entrou em duvida se era filho legitimo do imperador Octavio, ou se haveria alli algum atrevimento, ou desmancho de sua mãi com outra pessoa. E tomando a Virgilio á parte, lhe perguntou que lhe parecia n'este ponto, julgando-o por alguns signaes?

Virgilio, captando primeiro venia, e resalvando-se de que havia muita differença em conhecer o nascimento dos brutos a conhecer o dos homens, finalmente, animado pelo mesmo imperador a declarar livremente o que entendesse, disse:

— Julgára eu que Vossa Magestade não era filho do imperador, senão de um padeiro.

— Porque? disse o imperador.

— Porque, respondeu Virgilio em som de graça, sendo Vossa Magestade um imperador tão magnifico, até agora me não premiou senão com padas.

Augusto celebrou o dito, e d'alli por diante o favoreceu como convinha.

A GEMMA DE OURO

(IV. 297.)

Sonhou um homem que via um ovo atado na ponta do seu cobertor. Consultou a um agoureiro, o qual lhe disse por interpretação : Que n'aquelle lugar onde dormia estava escondido dinheiro.

Cavou o homem, e achou ouro e prata. D'esta deu por premio ao adivinhador uma pouca parte; o qual aceitando-a meio alegre, meio triste, disse, alludindo ao ouro :

— E da gemma não ha nada?

DESAPEGO

(IV. 330.)

Ao padre Antonio de Pina deu outro religioso recados da parte de um seu irmão; disse, sorrindo-se :

— Ainda tenho um irmão? Tres annos faz agora que eu recebi uma carta sua, e ainda a não abri, e me serve de tampa do tinteiro.

Maior virtude parece que demanda esta omissão, do

que a acção do outro religioso, que lançou as cartas no fogo. Porque aquella victoria foi uma avançada, e pereceu alli o inimigo; est'outra foi continuada por tres annos, colaphisando-o cada dia com novos desprezos.

Se este padre não fosse tão amigo da pobreza, que nem tampa tinha o seu tinteiro, pudera ser que não fizesse da carta tampa do tinteiro senão occasião para escrever, pedindo alguns subsidios a seus parentes; porque os religiosos que se não contentão com as suas penurias, esses são os que se embaração com estas communicações.

DESPREZO DO MUNDO

(IV. 345.)

O cardeal Reginaldo foi aquella firmissima columna da fé que sustentou a verdade contra a heretica perfidia da Inglaterra. Sabendo que estava promettido premio de cincoenta mil cruzados a quem lhe tirasse a vida, disse com grande socego de animo :

— Já estou farto de vida; quem m'a tirar tanto mal me fará como quem me descalça quando me quero deitar a dormir.

Nos servos de Deos esta fortuna procede de fastio; o mundo os enfastia, por isso o viver os empenha. Mas que muito, se no mundo e na vida não se sustentão mais que de fel de miserias, absinthio de tribulações, e veneno de calumnias!

Por isso S. Paulo, para quem o mundo estava crucificado, e elle para o mundo, suspirava pela morte.

VALOR DO MUNDO

(IV. 315.)

De Wamba, rei antigo da Lusitania, se escreve que em signal de sua pobreza, e do desprezo que fazia do mundo, tomou por armas dous caracoes. O verdadeiro estimador das cousas eternas deve prezar-se espiritualmente de semelhante brasão, fazendo conta que é peregrino n'este mundo, com a casa portatil de seu corpo ás costas; e não reputando os bens e males do tempo mais que em dous caracoes.

MEDO ÁS HONRAS

(IV. 318.)

Estando os cardeaes para entrar em conclave e eleger summo pontifice, mandou um d'elles dizer a Baronio que esperasse como certo o sahir eleito.

Respondeu elle ao mensageiro :

— Muito me admiro que me mande esse senhor tal nova, porque se eu não sei reger a minha casa, como folgarei de ser eleito para reger a de Deos?

Replicou-lhe o mensageiro, apontando para a imagem de um crucifixo que alli estava :

— E se este Senhor tiver determinado desposar a vossa illustrissima com a sua Igreja?

Respondeu Baronio :

— N'esse caso me voltaria para o Senhor, e lhe diria livremente : Senhor, governai vós a vossa Igreja, que tendes forças para isso, e não ponhais tal carga sobre taes hombros.

Quem mandou este recado não devia estar inteirado da humildade de Baronio, e muito menos do peso de uma tiara. E todavia (segundo refere o mesmo Baronio) já houve quem se atreveu a tomal-o, sendo de dezoito annos, e outro de dez ou doze.

Padecêrão os eleitores violencia por atalhar maiores absurdos que se temião n'aquelles calamitosos tempos. Mas emfim onde a idade era tão de menino, não podia o conhecimento ser de ancião. Muito mais leve (supposto que em si gravissimo) é o peso de qualquer mitra ; e comtudo até gigantes na virtude gemem debaixo d'elle, como lá os outros antigamente debaixo do diluvio. E tal houve já, que na sua sagração, quando lhe chegárão a pôr sobre as costas os Evangelhos (conforme manda o ritual dos bispos), allumiado de repente com o conhecimento da immensa carga que sobre si tomava, obrigando-se á perfeição evangelica, furtou os hombros, dizendo apressadamente :

— Tire para lá, padre, que não quero ser bispo! e com effeito não continuou o acto da sagração.

Mais de longe lhe tinhão presentido o peso, e o recu-

sárão levantar sobre seus hombros um S. Efrem, que se fingio doudo até elegerem outro bispo em seu lugar; e um S. Goar presbytero, que, á força de oração, impetrou de Deos uma doença incuravel, que lhe servio de escusa com el-rei Sigiberto, que o nomeava no bispado famoso de Treviris; e um S. Ammonio eremita, que para semelhante escusa se cortou a orelha direita; e não cessando a instancia dos seus fautores, ameaçou que cortaria tambem a lingua; e porque se entendeu que mais facilmente o faria do que o tinha dito, o deixárão em sua liberdade. Assim que, onde havia este conhecimento, aquella nova não era lisonja, senão susto, nem para causar gosto, mas terror summo.

TRIBUTOS EXCESSIVOS

(IV. 370.)

O que se adquire por usuras não é dinheiro, mas sangue dos pobres. Na opinião de S. Ambrosio, o mesmo é este contracto, que crime de homicidio.

Do mesmo modo o levar imposições e tributos injustos é chupar o sangue dos povos, como Saturno se sustentava com o de seus filhos. Porque de semelhantes tyrannos fallou Deos, quando se queixou que comião o seu povo como se fôra pão.

Com muita razão os sabios do Egypto, quando pintavão ou esculpião a Marte, lhe ajuntavão um abutre;

e a Venus punhão outro abutre, e esta ave de rapina é amiga de cevar-se em sangue.

E vinha a dizer o hieroglyphico : — Guerra e luxo dos máos principes são as duas causas dos tributos, e são tambem a rapina sanguinolenta dos povos. E aqui tem seu lugar o que cantou o nosso Sá de Miranda :

> Elles bebem, homem sua;
> Dóe-lhes pouco a dôr alheia,
> Querem que nos dôa a sua!

Não se nega que aos principes são devidos alguns tributos. Porém tanto que o pedir passa a espremer, já o que se tira é mero sangue; e até um pucaro de agua pareceu a um bom rei sangue, porque custára suor e perigo dos que lh'a trouxerão.

Finalmente tudo o que se leva pelos illicitos meios da avareza é sangue dos que padecêrão a extorsão. Menos d'isso, improprio fôra o nome que a este vicio dá o Espirito Santo, chamando-lhe sanguesuga com duas filas (isto é, bocas, porque duas deu a natureza a este insecto, ou uma com dous bicos), as quaes sempre estão chupando, e dizendo : Dá cá mais, dá cá mais!

Assim fazem e assim dizem a ambição de honras e a cobiça de fazenda, filas e bocas da sanguesuga da avareza.

Mas porque os impios têm caliginosos os olhos da alma, quiz Deos mostrar-lhes esta verdade pelos da carne.

O veneravel padre frei Matheus de Baso, aquelle celebre e apostolico varão que deu principio á reforma

dos menores Observantes, sendo hospede de um famoso advogado na curia ducal de Veneza, para lhe mostrar como suas riquezas erão mal havidas com trapaça e dolo, estando com elle á mesa, pegou das toalhas, e as torceu e espremeu, e começárão a escorrer sangue humano em tal cópia, que o mesmo advogado o ia aparando e recolhendo em um prato.

Com tão evidente e horroroso signal lhe entrou o desengano; converteu-se, isto é, restituio; que em semelhantes pessoas se se determinão a restituir, está feita a conversão. Temos logo, que bem dizia o glorioso padre S. Antonio :

— Guarde-me Deos de aceitar eu por signal de amor o sangue espremido dos pobres.

FREI AMBROSIO MARIANO

(IV. 376.)

Quando o veneravel padre frei Ambrosio Mariano, carmelita descalço, veio a este reino para n'elle fundar a primeira casa dos carmelitas descalços (chamados por isso entre nós os Marianos), ia buscar lenha, e a trazia ás costas pela cidade. Perguntando-lhe porque tomava exercicio tão vil e trabalhoso? respondeu :

— Porque d'este modo me aquenta a lenha duas vezes.

IMPOSTORES DE SCIENCIA

(IV. 384.)

Lipsio diz que era costume na milicia romana, quando algum soldado blasonava da façanha que não obrára, castigal-o o tribuno com o venablo, e com nota de infamia; se houvera de andar semelhante correição pelos ostentadores de engenho muitos tribunos erão necessarios. Não lhes falta todavia o castigo no riso e desestimação dos que os conhecem. O padre Hieremias Drexelio, no seu Phaetonte, traz dous graciosos casos que comprovão o intento. O primeiro succedeu ao insigne Thomaz Moro; sendo enviado a Carlos V, que assistia então em Bruxellas, se encontrou na aula do Cesar com um d'estes ostentadores, o qual se atreveu a fixar um cartel em que promettia responder em certo dia e lugar a qualquer ponto ou questão de direito, ou de humanas lettras, que lhe fosse perguntada.

Thomaz Moro, para rebater a soberba thrasonica do homem, lhe propôz esta pergunta : Se os animaes caçados em Withermania são irreplegiveis?

Pasmou o miseravel, ouvindo a proposta, e como nem o sentido d'ella entendia, não pôde dizer palavra. E começárão logo os assobios e risadas do auditorio; com que de todo perdeu a confiança, lucrando na sua humiliação o seu desengano.

O outro caso succedeu ao padre Jorge Scherer, da companhia de Jesus, com o Dr. Paulo Florenio, apostata de certa religião. Gloriava-se este de mui versado nas linguas grega, hebraica, syriaca, chaldaica, e outras muitas. Viera á mão do padre Scherer uma nomina, das que as velhas costumão pendurar ao peito dos meninos por defensivo de febres ou casos desastrados; estava escripta em caracteres desconhecidos, e quiz averiguar o que continhão, para o que foi valer-se da pericia do Dr. Florenio, que a fama celebrava. Mostrou-lhe o papel, e elle, sem muita detença, affectando conhecimento antigo d'aquella especie de caracteres, disse :

— Estas são palavras dos sacerdotes egypcios, que usavão no rito dos seus sacrificios.

Voltou o padre para casa, e porque suspeitava já a mentira, fez segundo exame n'esta fórma. Escreveu em outro papel tres palavras da sua lingua materna (que era allemã) viradas as lettras da ultima para a primeira.

Ponhamos o exemplo traduzido em portuguez, para vermos melhor o extraviado da interpretação que lhe foi dada : — *andão os patos sem sapatos*. Inversa a ordem das lettras dizia : — *oãdna so sotap mes sotapas*.

E logo tomou por companheiro o padre Christiano, que lia theologia, e o fez participante do segredo. E forão buscar a interpretação do mesmo oraculo.

E elle, nada menos confiado, respondeu :

— Isto é o mesmo que tenho dito a V. P. do outro

papel: São formulas que usavão os Egypcios quando sacrificavão.

Ouvindo isto o padre Christiano, tomou depressa a porta, porque não podia reprimir o riso; mas o padre Scherer, representando sisudeza, lhe rendeu as graças pelo beneficio, e sahio com o desengano que desejava.

Eis-aqui os tribunos da malicia litteraria castigando os soldados que blasonão falsas valentias.

VELHACARIA SANTA

(IV. 423.)

Ao seraphico padre S. Francisco mandou o superior que não désse o habito, porquanto a cada passo o dava, e ficava necessitado de outro; que o espirito de Deos, como traz comsigo a calma do seu amor, folga de se despir, e não atura muita roupa.

Encontrou pois o santo com um pobre que estava quasi nú, e se pôz a olhar para elle de vagar; porque a pobreza era a sua amada esposa, em cuja formosura se espelhava e comprazia. Mas o pobre, desconfiando da acção, e não penetrando o espirito com que era feita, disse:

— Que olha, padre? Zomba da pobreza? melhor será cobrir-me com esse habito!

Respondeu o santo:

— Dal-o não posso, porque m'o probibe a obedien-

cia; porém se vós o tomardes, eu não estou obrigado a defendêl-o.

Palavras não erão ditas... levantou-se o pobre, e despio ao santo.

Os santos são tafues da caridade, não se podem conter que não joguem em se offerecendo occasião. E para isso usão tambem de seus saberetes e trapaças espirituaes; pegando-se, não á lettra que mata, mas ao espirito que vivifica. Em um e outro caso parallelos se verificou a sentença de S. Agostinho: que sempre tem modo de dar quem tem o coração cheio da caridade.

DINHEIRO

(IV. 434.)

Dinheiro, ou denario, se disse assim do numero dez; porque valia por 10 moedas de cobre de quatro réis, ou pouco mais. Não fallando aqui nos nossos dinheiros antigos, de que faz menção a ordenação velha, que era moeda de cobre, e doze d'ellas valião um soldo, senão nos dinheiros romanos, que erão moeda pequena de prata, cada uma valia quatro sestercios, e um sestercio valia dez réis (tomando este nome no genero masculino *sestertius;* que no neutro *sestertium* valia dez mil réis; e com numeros atrás, v. g. *centies sestertium*, valia um conto; e tantos contos quantos o dito numero indicasse).

LAMPRÊAS

(IV. 444.)

Principes e magnates (ordinariamente fallando) folgão que os seus manjares sejão exquisitos, e conduzidos de remotas partes, os quaes, servindo ao seu gosto, reconhecem e protestão d'este modo o seu poder. Em despezas não se repara; antes será por ventura descredito da sua mesa o que custa barato, ainda que na bondade seja o mesmo.

Dizia mui devéras certo fidalgo ao seu comprador : « Se me trazes aqui perdiz por menos de dous tostões te hei de quebrar a cabeça. » Particularmente as lamprêas chegárão a tal estimação entre os Romanos, que lhes edificavão viveiros em suas quintas e palacios, com trabalho e despezas incriveis.

Os de Marco Hircio, de que tirou seis mil lamprêas para as cêas triumphaes de Cesar dictador, se comprárão depois por cem mil cruzados.

Lucio Lucullo fez furar um monte para metter por dentro d'elle um rio que viesse servir aos seus viveiros; e concertou com o architecto, que, sem perdoar a gastos, lhe abrisse minas, que, desembocando no mar, que ficava bem distante, pudessem admittir cada dia as enchentes da maré, para refresco dos seus viveiros, porque darião assim criação mais saborosa.

Lucio Crasso, por lhe morrer uma lamprêa do seu lago, a quem queria bem, deitou dó, e a carpio muitos dias. E a um seu collega, que o motejou d'este vicio no senado, respondeu confiadamente não ser indigno do seu cargo de censor aquelle officio de piedade.

Da mesma demonstração usou Hortensio orador com outra lamprêa morta; e Antonio Drusi com outra, a quem costumava enfeitar com arrecadas e gargantilhas; e depois lhe celebrou funeral com lagrimas vivas.

Se a alguem lhe parecerem estas cousas incriveis, lembre-se do que passa (não entre gentios, mas christãos) com o amor a cachorrinhos de estrado, que se adoecem os deitão em cama regalada, e os mandão visitar por pessoa intelligente; e se morrem, os mandão enterrar envolvidos em preciosas toalhas de pontas, acompanhando-os com mui sentidas saudades.

Porque é justa pena nossa a permissão de Deos, que o amor que lhe negamos a elle e a nossos proximos, o ponhamos em cães e outros brutos animaes.

Mas tornando á estimação dos lamprêas : já houve uma que se comprou por trinta cruzados. E foi o caso que, residindo el-rei D. Affonso de Napoles em Tivoli, cidade distante quatro ou cinco leguas de Roma, veio aqui o seu comprador a encontrar-se com o do papa sobre a compra de uma lamprêa, cujo dono, como os vio empenhados em não ceder um ao outro, disse que a levaria quem mais désse. O do pontifice prometteu tres cruzados; o de el-rei dobrou a parada, promettendo seis. Tornou aquelle a offerecer dez, e este offereceu vinte.

Disse então o dono :

— Quem chegar a trinta leva o peixe.

Aqui titubeou o comprador do papa; mas o de el-rei, sem reparo algum, os contou logo : o qual lhe louvou a acção quando lhe referio o que passára.

Lendo-se este caso á mesa de Mathias, rei de Hungria, disse gravemente :

— Pois se el-rei D. Affonso louvou a acção, eu não acho que louvar n'ella; porque d'esse modo publicou a gula e fausto de seu senhor. Menos mal fizera se, depois de comprada a lamprêa, a largasse para o pontifice.

CELLAS DE FREIRAS LEVIANAS

(V. 31.)

Ver hoje uma cella de freiras é ver uma casa de êstrado de uma noiva. Laminas, oratorios, cortinas, sancfas, rodapés, tomados a trechos com rosas de maravalhas, banquinhas de damasco, franjadas de seda ou de ouro, pias de crystal, guarda-roupas de Hollanda, caçoulas, espelhos, craveiros, mangericões, ou naturaes ou contrafeitos, passarinhos, cachorrinhos de manga, que, se adoecem de puro mimo, se chama o mais perito na arte de os curar; jarras, ramalhetes, porçolanas, brinquinhos de sangria, figuras de alabastro ou de gesso, frutas escolhidas para coroar as molduras da alcova ou

dos contadores, perfumes, alambiques, todo o genero de arame para a fabrica dos doces, almarios para os recolher, criadas para o ministerio da casa, tecto da cella com taes paisagens, relevos e pinturas, que passão para as mãos dos officiaes as bolsas dos parentes e devotos mais ricos.

GRANDEZAS DE ROMA ANTIGA

(V. 91.)

Para que o leitor faça conceito do que largou Constantino largando Roma (ainda que esta, como as mais côrtes dos reinos, teve em varios tempos varia declinação ou augmento) ponho aqui uma lista das suas grandezas, que traz Ferrario, tomada de Sexto Ruffo e Publio Victor:

Templos, entre maiores, e pequenos	659
Amphitheatros	3
Aqueductos	14
Outras fontes	24
Arcos triumphaes	36
Praças e feiras	33
Banhos publicos	909
Outros mais particulares	82
Bibliothecas publicas	40
Campos ou rocios	17
Capitolios, novo e velho	2

Celleiros publicos. 327
Lagos ou tanques. 1352
Bosques. 31
Naumachias, que erão lagos maiores, aonde se representavão batalhas navaes. 6
Mausoléos de defuntos illustres, muitos; os principaes. 20
Bairros ou regiões. 14
Depois se accrescentárão. 5
Estatuas não tinhão numero.
Jardins ou hortas, muitas; as mais famosas. . 15
Theatros. 4
Circos. 8
Colossos de bronze. 37
Colossos de marmore.. 51
Columnas altas com torres, com caracol por dentro. 21
Curias ou tribunas.. 30
Palacios. 2117
Cavallos de bronze em suas bases. 84
De marfim.. 124
Obeliscos grandes. 6
Pequenos. 42
Pontes. 8
Atafonas publicas. 329
Portas da cidade. 37
Porticos ou alpendradas. 32
Thermas de aguas medicinaes.. 20
Academias ou escolas publicas. 5
Latrinas publicas. 144

Janos de quatro rostos. 36
Ilhas, ou vizinhanças todas cercadas de ruas. . 46602

GRANDIOSO PRESENTE

(V. 93.)

O nosso inclito rei D. Manoel, de feliz recordação, quando se vio dominador dos reinos do Oriente, de sorte que podiamos dizer que as azas do sol se medião com o seu imperio, e que aquelles povos inficis se não confederavão contra a potencia de suas armas mais que para ser d'ellas triumpho e ouvir os annuncios da palavra evangelica, então folgou de submetter toda esta grandeza aos pés do summo pontifice Leão X, por seus embaixadores particulares, tributando-lhe juntamente as primicias das riquezas do Oriente.

O principal d'elles era Tristão da Cunha, a quem fazião lados outros dous, a saber, Diogo Pacheco e João de Faria, desembargadores, e outros cincoenta cavalleiros. E era em todos tanta a riqueza e lustre, que até havia sellas, freios, peitoraes e estribos de ouro de martello, com pedraria fina e perolas a montes.

Todos os embaixadores dos principes christãos que se achavão em Roma, e o governador da mesma cidade, e muitos bispos e familias dos cardeaes, e outra innumeravel nobreza, derão nobres argumentos a esta pompa, e o mesmo papa quiz lograr o vistoso d'esta entrada, desde o castello de S. Angelo.

Levavão-lhe um presente com um grande e preciosissimo cofre, coberto com panno de ouro, e n'elle debuxadas as reaes quinas, posto sobre um elephante, o qual, tanto que avistou o summo pontifice, ajoelhou tres vezes, ensinado pelo nayra, que de cima o governava, e logo, mettendo a tromba em um grande vaso de agua que alli estava prevenido, borrifou os cardeaes e outras pessoas que estavão pelas janellas, e o mesmo signal de festa usou com o mais povo que estava apinhado pelas ruas.

Em outro dia foi recebida a embaixada, orando elegantemente o Pacheco em consistorio; e no fim da oração, o papa exaltou com excessivos louvores as prendas de el-rei D. Manoel, e o catholico zelo com que n'aquelle novo mundo solicitava propagar o imperio de Christo e gloria de sua santa Igreja. Os pontos principaes da embaixada erão tres: o primeiro, que Sua Santidade emprehendesse guerra contra o Turco; segundo, que se tratasse mui devéras da reforma da Igreja; terceiro, que a este fim se proseguisse e concluisse o sagrado ecumenico Concilio de Trento[1].

Em outro dia se abrio o cofre, tornando a ajoelhar o elephante diante de Sua Santidade.

Encerrava um ornamento pontifical inteiro, não só para a pessoa do papa, mas para todos os seus ministros;

[1] Manifesto anachronismo, porquanto el-rei D. Manoel, que falleceu em 1521, não podia mandar fallar ao papa ácerca do Concilio de Trento. O Concilio para condemnar os protestantes foi indicado primeiro em Mantua pelo papa Paulo III, em 1537, depois em Vicença, e só se reunio em Trento em 1542, vindo a encerrar-se (depois de algumas interrupções) em 1563 no pontificado de Pio IV.

era todo de chaparia e figuras de ouro e pedraria preciosa, e a trechos umas romãs de rubins escachadas; e sendo a materia tal, ainda dos primores da arte era vencida; ião juntamente outras riquissimas joias, e ducatões de quinhentos escudos de ouro, como para entulho. Avaliárão alguns o presente em um milhão, o qual veio a ser dos que saqueárão Roma.

Finalmente Alberto de Carpe, escrevendo ao imperador Maximiliano, como seu embaixador que então era, diz na sua carta este capitulo:

— Todo o povo universal de Roma concorreu por ver esta novidade; e não é maravilha, porque poucas vezes ou nunca succedeu enviarem principes christãos a Roma tão magnifico apparato.

PODER DA BELLEZA

(V. 117.)

A Archidemo, rei, multárão os seus povos, por se haver casado com mulher de pouca presença, sentindo que d'este consorcio lhes não nascerião reis, senão regulos.

Os povos da Gangarida, terra além do Ganges, elegião para rei o mais formoso, e tanto que algum nascia e chegava a dous mezes, o levavão a juizo, e se era mui feio o matavão, não se promettendo d'elle cousa boa.

Na opinião de Baldo, nascendo dous gemeos, e não se

podendo averiguar qual nasceu primeiro, leva o morgado o mais lindo; e nas leis de Draco, duvidando-se qual de muitos aggressores na briga foi o matador, presume-se contra o mais feio.

LABYRINTHO

(V. 219.)

O labyrintho egypciaco (que houve varios, em varias partes), edificado junto ao lago *Moeris*, do qual fazem menção Herodoto, Diodoro, Hecateo, Estrabão e Plinio, era uma fabrica estupenda, toda de marmores durissimos, situada em quadro respectivamente aos quatro ventos principaes, de vastidão como de uma cidade, repartida em muitos quartos, ou bairros, e toda ao redor cercada de umas agigantadas estatuas, ou colossos dos deoses d'aquella gentilidade, cada uma formada de um seixo, ou banco de pedreira inteiriço, e todas postas como columnas em intervallos iguaes.

Tinha dous andares, um d'elles subterraneo, outro em cima d'este, que gozava a luz do dia. Em ambos, diz Herodoto (o qual vio o de cima, e do outro lhe contárão) que havia tres mil e cincoenta salas, com tanta diversidade e implicação de corredores, entradas e sahidas, que, sem guia experimentada, era impossivel não se perder dentro uma pessoa.

AULICOS

(V, 221.)

O monte Gunlo é uma pedra celebre na provincia de Junnan, no imperio da China, formada por mãos da natureza em figura de nariz humano, com duas cavernas em lugar de ventas; de uma, mana uma fonte fria; de outra, outra quente.

Todo o aulico se ha de fazer por arte, como de pedra na paciencia e immobilidade affectada, como nariz na astucia e sagacidade para tomar os ventos. E conforme o principe está irado ou pacato, zeloso ou remisso, assim ha de fallar-lhe quente ou frio. E se não gosta, nem de uma, nem de outra cousa, então tempere os registros das duas fontes um com outro, como se faz nos banhos.

BIBLIOTHECAS

(V. 505.)

Muitos houve estudiosos em ajuntar e erigir bibliothecas insignes, com mais discreto gosto que outros em edificar palacios e plantar jardins, ou murar tapadas. *Ptolomeo Philadelpho* [1], filho de Ptolomeo Lago, rei do

[1] Quem fundou a celebre bibliotheca de Alexandria foi Ptolomeo *Soter*, filho de Lago; Ptolomeo Philadelpho sómente enriqueceu o *Muséo* e a *Bibliotheca* que seu pai *Soter* fundára.

Egypto, ajuntou em Alexandria uma livraria de cincoenta e quatro mil e oitocentos volumes, segundo o computo de Genebrardo; porém mais verosimil é o de outros, que o sobem a quatrocentos, e setecentos mil.

Josepho escreveu que, perguntando o rei ao prefeito que tinha constituido d'esta bibliotheca (que foi Demetrio Phalereo, varão insigne em lettras e proezas, fugitivo então de Athenas) quantos volumes tinha junto, respondeu que duzentos mil; porém que brevemente esperava que subissem a quinhentos; e é certo que depois d'isto sempre se foi augmentando, cousa na verdade prodigiosa, por não ser ainda inventada a estampa, artificioso Briareo, que trabalha mais que cem braços de amanuenses juntos. Este rei foi o que procurou e effeituou a traducção dos livros sagrados em lingua grega, que é a dos setenta interpretes.

Julio Africano, excellentissimo philosopho, theologo e historico, ajuntou outra em Cesarea, que depois augmentárão Eusebio Cesariense, bispo, e Pamphilo, presbytero de Laodicéa, e chegou a numero de trinta mil tomos selectos. Esta é que consultava S. Jeronymo nas cousas difficultosas, e pelos seus originaes authenticos emendava as cópias corruptas dos livros do Testamento velho, como elle mesmo insinua.

Da de Eumenes se escreve que tinha duzentos mil volumes. O grande Constantino, na nova Roma, e templo de S. Sophia, ajuntou outra de cento e vinte mil, da qual diz Niceforo que enriqueceu muito a sua historia. O papa Nicoláo V ajuntou a Vaticana, que é celebre, não só pela multidão de livros, senão pela cópia de

antiguidades manuscriptas; d'aqui, e da de Vallcella, que é da congregação do Oratorio de Roma, se ministrou abundante materia áquella prodigiosa obra do Acta Sanctorum, ou Anno Sagrado, a que deu principio o padre João Bolando, da companhia de Jesus, e não tendo chegado mais que ao fim de Maio, occupa já dezenove tomos grandes.

São tambem famosas as bibliothecas de Philippe II, rei de Hespanha, no Escurial; de Francisco I, rei de França, em S. Victor; de Mathias Corvino, rei de Hungria, em Buda; ás quaes se podem ajuntar a de S. Marcos em Veneza, a Florentina em Hetruria, a de Baviera em Beyeren, a Memmiana, a Seguriana, e as de S. Germão e S. Genoveva em Paris, e a Ambrosiana en Milão; que seria se se désse á estampa tudo o que em tantas partes, especialmente nas universidades e religiões, se está continuamente escrevendo? Valentino Gerardo affirma uma cousa digna de se notar, e diz que, vivendo em Paris, soube de pessoas fidedignas, e que o podião averiguar, que sobre o mestre das sentenças tinhão composto de commentarios n'aquella universidade um conto e cem mil autores. Certamente aqui se verifica o oraculo do Ecclesiastes : Não dar cabo a multidão dos livros que se vão fazendo.

Outros, pelo contrario, tiverão pouca estimação, e ainda odio declarado contra as livrarias.

O imperador Lyão Isaurico entregou ás chammas uma nobilissima de trinta e tres mil volumes, e n'elles as mui prezadas obras de Homero, a Ulysséa, e a Illiada, escripta em um livro de intestino de dragão, e (o que

mais declarou sua barbara impiedade) queimou juntamente doze varões sabios e virtuosos, que assistião por deputados ao culto, augmento e custodia da mesma livraria.

No anno de 1566, andando os hereges em Flandres destruindo os templos e sagradas imagens, alcançava seu furor ás bibliothecas, considerando-as como armazens bem providos da catholica soldadesca, para destruir as ficções e corruptelas do calvinismo e lutheranismo. E assim para mais facilmente arderem, as untavão primeiro com manteiga.

JUSTIÇA

(V. 467.)

Queixou-se um ministro de justiça de que, indo a fazer uma citação a certo fidalgo, este lhe dera uma punhada, e lhe arrancára alguns cabellos da barba. O rei, entregando a vara a um corregedor que estava presente, lhe disse com grande fogo de zelo:

— Acudi-me, corregedor, que me derão uma punhada, e me arrancárão as barbas.

Foi logo o corregedor, prendeu o delinquente, e foi degollado.

Carlos Matera, poeta satyrico, metteu nos seus versos a uma Isabel, mulher de um advogado, matrona honesta e virtuosa; e concluia dizendo:

In somma questa dama é gran pu...

Delatado este atrevimento a Sixto V, chamou ante si o poeta, e com severo rosto lhe perguntou :

— Porque infamastes com esta palavra a uma casada honesta?

Respondeu tremulo e confuso :

— Senhor, não o fiz por mal intencionado, senão por força do consoante Fontana.

Disse o papa :

— Pois vede se concordão bem estes consoantes :

> Merita ben questo signor Matera
> D'haver per stanza propria una galera!

E ratificando-se o juiz do crime se ordenava Sua Santidade que fosse para as galés, respondeu :

— Dê-se lugar á justiça; quando não, arriscamos a que por força do consoante diga que os romanos pontifices são de heresias artifices, ou que Calvino é homem divino.

FIM DA NOVA FLORESTA.

LUZ E CALOR[1]

LUZ

SENTENÇAS

(215.)

Dize-me, peccador de costume, acaso passarás mais seguramente o rio quando o engrossárão as cheias? Curarás mais facilmente a febre quando se apossar das entranhas e se fizer ethica? Vencerás melhor teus inimigos quando fôrem mais no numero e nas forças? Lançarás fóra do monte a serpente quando houver vivido n'elle por muito tempo, e souber as entradas e

[1] *Luz e Calor*, obra espiritual, para os que tratão do exercicio de virtudes e caminho de perfeição. I[a] parte, *Luz;* II[a] parte, *Calor*. Edição de Lisboa, de Miguel Deslandes, 1616, 1 vol. in-8°. Ao lado de cada titulo parcial se aponta a pagina do competente excerpto.

sahidas? Arrancarás ligeiramente a arvore quando tenha lançado altas raizes? Pois sabe que maior engano é cuidares que não querendo tu agora converter-te a Deos, e arrepender-te de teus peccados, quererás depois, e poderás facilmente.

Quatro mãis mui formosas parem quatro filhos mui feios. A verdade pare odio; a prosperidade orgulho; a familiaridade desprezo; e a segurança perigo.

Ao prodigo e ao avarento falta o mesmo que lhes não falta; porque todos os thesouros da terra e do mar são poucos para tornar, um a lançal-os no mar, outro a escondêl-os na terra.

Dá a tua vontade ao proximo, e dar-te-ha o seu entendimento. Quando se inteirar de que o amas, então lhe persuadirás o que quizeres. O anzol da razão ha de ir coberto com a isca da caridade. Caridade é lingua universal que entendem até os barbaros, e os mesmos brutos: falla n'esta lingua, e logo serás bem ouvido.

Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado, e mais domestico, do que é teu amor-proprio. Se queres errar frequentemente, sentenceia pelo seu voto.

Mui proporcionado modo de alcançar graças é render graças. Para alli correm as cousas estimaveis, para onde são estimadas. O agradecimento é aqueducto da libera-

lidade. Um ingrato, pedindo, apara uma mão á fonte, e com a outra a entupe.

Não ha modo de mandar ou ensinar mais forte e suave do que o exemplo; persuade sem rhetorica, impelle sem violencia, reduz sem porfia, convence sem debate, todas as duvidas desata, e corta caladamente todas as desculpas. Pelo contrario, fazer uma cousa e mandar ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torcida.

A nossa alma é como a espada; que, se não passa por fogo e agua, isto é, por trabalhos voluntarios e involuntarios, e por tentações de prosperidade e adversidade, nunca toma tempera, com que, sem quebrar, dobre, e logo torne a ficar direita.

Emquanto não sou capaz de vituperio, tambem o não sou de louvor. Porque impossivel é que o louvor me não esvaeça, se o vituperio me exaspera. E a grimpa que se move para uma parte com este vento, porque se não moverá para a contraria com o contrario?

Os grandes do mundo são escravos da sua grandeza. Não se podem arrojar sem levar comsigo tantos grilhões e bragas, quantos pontos de honra e razões de estado. Se descahissem do estado, ou o renunciassem, então ficarião forros.

Se quebras com teu proximo, tanto que achas ter

grande razão para isso, brevemente ficarás só comtigo; e comtigo houveras de quebrar primeiro, pois és quem mais te persegue e arrisca. E sobre a razão, que tu achas grande, ha muitas muito maiores, a que deves attender.

A palavra revestida de brandura tem muito mais força e lustre; e revestida de colera, uma e outra cousa perde. Nada menos se persuade ao proximo do que o que se lhe intenta persuadir com modo apaixonado ou imperioso.

Adverte que a frouxidão e ignavia é a mãi dos vicios; porque os bens que adquiriste, fará que os percas; e os que te faltão, fará que os não adquiras.

Na Igreja primitiva os calices erão de páo, mas os sacerdotes de ouro; agora os calices são de ouro, mas muitos sacerdotes são de páo.

Diversa feição e actualidade tem o espirito de quem vai montado em um formoso cavallo e o do que vai em um desprezivel jumento. Se o teu vestido fôr pobre e roto, repara que o espirito recebe d'aqui alguma disposição differente da que tem quando o vestido é novo e asseiado, e assim nas mais cousas.

CALOR

AMAR O AMOR

(303.)

Este era o fervorosissimo pregão que lançava aquella grande amante do Senhor, Santa Maria Magdalena de Pazzi. Picada do ardente estimulo da caridade, que, como lei real, ás vezes desconhece e rompe os limites de outras leis inferiores, discorria como louca por todas as partes do mosteiro; e ás religiosas que encontrava, dizia com impeto sagrado e voz clamorosa : *Amemos o amor!* Ia-se á horta com accelerados passos, e repetia o seu pregão : *Acordemos mortaes, vinde amar o amor!* Subia-se á torre dos sinos; tocava a fogo a toda a pressa; acudia gente sobresaltada com o rebate. Não era este para apagar, mas para acender fogo : e assim dizia e bradava : *Mortaes, amemos o amor!* Já quando decrescia esta amorosa sesão, recolhia-se aos estreitos limites de sua costumada modestia e humildade, e todo aquelle fuzilar de relampagos, toda aquella sonora trovoada, que no céo de sua alma armára o Espirito Santo, parava desfeita em grossos chuveiros de lagrimas.

UM CORAÇÃO PARTIDO

(307.)

Conta-se no Espelho de exemplos, que houve uma donzella de quatorze annos, devotissima da Virgem Senhora nossa, a quem affectuosamente pedio, por espaço de sete annos, se dignasse de mostrar-lhe o bemdito fructo de seu virginal ventre. Estando, pois, uma noite de Natal nos seus costumados exercicios, lhe appareceu a Virgem Santissima, com o seu precioso menino nas mãos, como digna salva de tal joia, disse :

— Eis-aqui o fructo de meu ventre : toma-o das minhas mãos nas tuas, e vê-o muito á vontade, e brinca com elle.

A venturosa creatura, vencendo os temores de humilde com as confianças de amante, aceitou a offerta. E como Deos, ainda quando brinca como menino, não atira a brincar, os seus brincos parárão no felicissimo desastre que diremos.

Perguntou-lhe se o amava.

Respondeu-lhe a donzella :

— Sim, Senhor, e muito.

Tornou o menino :

— Quanto ?

E ella.

— Mais que o meu coração.

Deu-lhe outro pique, dizendo:

— E quanto me amas mais que o teu coração?

Respondeu com excessivo affecto:

— Não o saberei dizer, diga-o o mesmo coração.

E n'este ponto o coração se lhe partio, e cahio morta ás frechadas do amor divino. E a Senhora, por despojo glorioso da victoria de seu filho, recebeu em seus braços aquella bemdita alma, e a levou onde de amar vive eternamente.

Derão alli os anjos suavissima musica, a cujos échos acudindo os de casa, vírão a donzella morta. E uns religiosos da ordem dos Prégadores lhe abrírão o peito, e vírão que n'elle estava escripta a causa da sua morte por estas palavras: Amo-te, Senhor, mais que a mim, porque me creaste, remiste e dotaste.

ZANCARRÃO

(345.)

Comparemos a piedade dos catholicos com a adoração do zancarrão de Mafoma, que os mahometanos fazem na casa de Meca.

Zancarrão de Mafoma é o osso de uma sua perna; porque dizem elles que subio ao céo em corpo e alma, porém que seus discipulos, levando mal sua ausencia, se lhe pendurárão de uma perna, a qual se lhe despegou, e com ella ficárão; e supposto que o que na casa

de Meca se guarda e venera com immensos dispendios não é senão um osso de camello, o diabo lhes faz crer que é a perna de Mafoma, que foi homem de estatura grande. E para adorar esta reliquia, partem cada anno duas caravanas, uma desde o Grão Cairo, ou Babylonia, na qual se ajuntão os peregrinos de toda Africa e Egypto, outra desde Damasco, onde se ajuntão os de Constantinopla, Caramania, Syria, Soria, Palestina, etc. E sendo que esta não é tão numerosa, comtudo ha anno em que partem duzentos mil peregrinos; o caminho é por areaes desertos e seccos, dura a jornada quarenta dias de ida, quarenta de estada, e quarenta de volta.

Em um camello regiamente ornado vai o cofre com o pavilhão bordado, que envia o grão senhor (que é o imperador turco), para se cobrir o dito zancarrão, e de lá traz o pavilhão que servio no anno antecedente, o qual se reparte todo em migalhinhas por reliquias; quem alcançou alguma se tem por certo da salvação.

Matão o camello para que não sirva mais em outro ministerio, e os pellos d'elle tambem são reliquias.

A esta romaria vão muitos por sua devoção, com os peitos ou braços atravessados com settas; outros com cutiladas nos rostos; outros nús, e com varias penitencias; muitos depois que vírão o zancarrão, vasão os olhos, dizendo que não é bem vejão outra cousa mais d'este mundo.

A esta jornada póde ir qualquer mulher, e se seu marido repugna, póde ella escolher outro para este effeito.

Qualquer dos que visitárão a casa de Meca prevalece

nas causas o seu dito simples, ao depoimento de cem testemunhas contestes, e quando de lá vem, todos lhe beijão os vestidos como a santo.

AS FLORES MILAGROSAS

(377.)

A veneravel madre Anna de Santo Agostinho, religiosa carmelita descalça, e contemporanea da seraphica madre Santa Theresa, estava, quando ainda menina, colhendo no jardim da casa de seus pais uns goivos e outras flôres, para adornar o seu altarinho. Eis que lhe apparece Christo nosso bem, em fórma de um lindissimo menino, d'aquella mesma idade e estatura que ella tinha, e com amorosa voz, e semblante risonho, lhe disse, como quem pede e pergunta juntamente:

— Dá-me umas flôres?

Ella, tão cortezã, como affeiçoada ao peregrino objecto que via, lhe respondeu, offerecendo todas:

— Tomai as que quizerdes!

Mas o Senhor, que as não estimava tanto por flôres, quanto por virem da mão d'aquella que ao Eterno tinha já destinado para sua esposa, tornou a dizer-lhe:

— Dá-me tu as que te parecer.

Deu-lhe Anna um ramozinho d'ellas, e o divino amante as aceitou com grande gosto. E a menina, olhando para o Senhor, lhe perguntou, fazendo-se vermelha, e com encolhimento virginal:

— Vós sois Deos?

Sorrio-se o Senhor, e respondeu:

— Sim.

Ella então foi a abaixar-se a colher outra flôr mais formosa para lhe dar; porém quando levantou os olhos, já o Senhor tinha desapparecido.

Aqui começárão a batalhar no coração enternecido de Anna varios affectos, o de gozo e amor, pelo bem que havia logrado; o de sentimento e pena, por havêl-o tão depressa perdido; o de desejo e saudade, cuidando como o tornaria a possuir. E com simplicidade pueril andava buscando por entre as mattas e arvores do jardim se se escondêra alli o seu dulcissimo menino, que já experimentava haver-lhe levado o coração comsigo.

D'alli a vinte annos, sendo já religiosa, e estando no convento de Villa Nova de Jara, rezando diante de um nicho em que tinha collocado o menino Jesus, elle lhe lançou sobre o breviario aquellas mesmas flôres que d'ella havia recebido.

Recebeu-as a serva de Deos, e agradecida do favor, não tendo outro lugar mais decente onde as pôr, as comeu para as chegar mais perto do seu coração, e lhe causárão tão raros effeitos de suavidade na alma e no corpo, que em todo aquelle dia não pôde comer outra cousa, e andava grandemente confortada e gozosa.

A MORTE DO FILHO UNICO

(390.)

Convidou certo fidalgo ao seraphico padre S. Francisco, rogando-lhe se dignasse honrar a sua casa com a sua hospedagem.

Aceitou o santo para depois do sermão, e toda a familia foi ouvil-o, ficando só uma criada para o cuidado de guardar um menino e prevenir a mesa. Porém ella, desejosa tambem de ouvir o santo, se foi ào sermão. Onde inquietando-a o sentido da casa e medo de seu amo, voltou logo, e achou o menino dentro em uma caldeira de agua fervendo, tão recozido já, que pegando-lhe de um bracinho, este lhe veio na mão desmembrado.

Pranteou e lastimou-se, como pedia desgraça tão irreparavel, a que seu descuido dera causa. Desabafou sua pena com outra criada, e ambas pobres de outro conselho, escondêrão em um cofre o pequeno cadaver despedaçado.

Assentados já á mesa, regalou o fidalgo ao santo com caritativo agasalho, e elle disse que desejava muito umas maçãs.

— Não as ha, nem é tempo d'ellas, disse o hospede, e por ellas dera eu um filho unico que tenho, só por vos fazer o gosto.

Disse o santo:

— Abrão aquelle cofre; que alli me cheirão maçãs.

Ouvindo esta palavra a criada, fez a chave perdida; e o amo, suspeitando dolo, se determinou em despregar a fechadura.

Já n'este lance era tempo d'ella referir o caso, para que chegasse primeiro aos ouvidos que aos olhos. Mais facil é de crer que de explicar a dôr dos pais, amigos e criados, com que foi ouvida relação tão impensada e lastimosa.

Vem emfim a chave que havia de fazer o triste officio de revelar espectaculo tão funesto; abre-se o cofre, para os olhos verem o mesmo que recusavão ver. Eis que (oh! entranhas da divina piedade, consoladora dos attribulados!) vèem estar dentro o menino assentado, vivo, alegre, com duas maçãs nas mãozinhas, as quaes com muita graça offereceu ao santo.

Aqui o assombro repentino embargou por um pouco as vozes e lagrimas; mas logo tornárão, por bem contrario motivo, até então de mágoa e pranto, já agora de gozo e alegria.

Estava o menino muito mais engraçado depois da desgraça; e como as suas vidas erão já duas, uma natural, outra milagrosa, não o considerava o pai, filho seu sómente, mas tambem do santo; e aquellas maçãs não forão da discordia, mas de um amor mais apertado com que todos ficárão amando a um varão celestial, a quem o mesmo Deos *ex ore infantium, et lactentium*, publicava amar tanto.

D'este prodigioso caso se pintárão varios quadros, para que se perpetuasse na memoria dos vindouros.

SYNONYMOS MORAES PARA CONHECIMENTO DAS COUSAS MAIS DESENGANADO

(515.)

Espirito meu: eu ando em uma região desconhecida, onde não sei bem os nomes das cousas, como José quando entrou no Egypto, ou como na confusão das linguas em Babylonia, ninguem entendia a voz de seu proximo. Dá-me, te rogo, alguma luz n'essa materia, apontando-me, de alguns principaes vocabulos, os synonymos, que gerem em meu entendimento noticia mais proveitosa.

Que cousa é o homem n'este mundo? Comediante no tablado, hospede na estalagem, uma candêa exposta ao vento, fabula de calamidade, padecente caminhando para o supplicio.

Que é o nosso corpo? Espada do diabo, porque com elle peleja de perto; e o mundo é a sua lança, porque com elle peleja de longe.

Que é este nosso corpo? Escravo fugitivo; esterquilinio coberto de neve; lepra, e pedaço de telha juntamente; porque a si se raspa; casa em perpetuas dissensões; antipoda da alma; pedintão soberbo.

Que é a lingua humana? Feira de maldades; féra indomavel; risco domestico e continuo.

Que cousa é a nossa alma? Faisca do lume increado;

sello da fórma divina; pupillas espirituaes para ver e admirar os espectaculos invisiveis e eternos.

Que é o mundo? Hospital de doudos; apparencia e jogo de titeres; casa cheia de fumo.

Que é o mundo? Inferno breve sobre a terra; ilha dos degradados; telheiro onde se lavrão as pedras do templo vivo de Deos.

Que são as honras e dignidades? Eça real; por fóra brasões e télas, e luzes, por dentro ripas de pinho e lixo.

Que é a nobreza? Riquezas já de mais longe.

Que é o ouro e prata? Attractivo das invejas; fadiga dos nescios; defunto nobre no tumulo dos cofres; sangue do corpo da republica, que anda em movimento circular; conselheiro de insolencias; peste do espirito evangelico.

Qual é o homem que não tem o mesmo que tem? O avarento. E qual o que lhe fica o mesmo que larga? O liberal.

Que é a formosura humana? Lettra boa no sobrescripto; estimulo da soberba conjugal; irrisão dos annos; peccado em flôr, que as mais das vezes vinga.

Que são as galas e enfeites? Armação para as festas de Venus; funeral do siso e modestia; desnudez e fealdade da alma.

Que são os convites magnificos? Vesperas solemnes da doença; aposentador da luxuria; sacrificios ao Deos ventre.

Que é a prosperidade? Esquecimento de Deos.

Que é a tentação? Crivo para separar o grão da terra;

salmoura para se não corromperem no homem os dons de Deos; janella para entrar a luz do conhecimento proprio.

Qual é a cousa que o homem mais trata e menos conhece? Elle proprio. E qual a que sempre nos mente, e sempre a cremos? O nosso amor-proprio.

Que é o peccado? Morte da alma; verdadeiro mal; semente de desgraças; incendio invisivel; consolação dos demonios.

Que atalho é mais breve para a ruina? A occasião.

Qual é a maior segurança para não cahir? Não assegurar-se.

Como se faz o homem bom? Sujeitando-se a Deos. E porque não se lhe sujeita? Porque o não ama e teme.

Porque ha na terra tão pouco amor de Deos? Porque ha pouca fé. E porque a fé é tão pouca? Porque milita contra ella o sentido, que se abraça com as cousas presentes e sensiveis, que apagão a memoria das insensiveis e futuras.

Que é a morte? Filha do peccado; terror dos impios; suspiro dos santos; sumidouro de homens. Que é a morte? Herança do primeiro pai; somno para os cansados; transacção de pleitos.

Que é o inferno? Reino da morte viva; perpetuidade da culpa; braço esquerdo da balança do juiz supremo. Que é o inferno? Gemido sem pausa; dòr inconsolavel; sepultura dos abortivos; confusão dos ingratos.

Como se escapa do inferno? Seguindo a Christo. Como se segue a Christo? Abraçando a cruz. Como se abraça a cruz? Aborrecendo-se a si proprio.

Que é a cruz? Sceptro do rei da gloria; mastro real na naveta da Igreja: estandarte da espiritual milicia.

Que cousa é Deos? Não tem definição. Que cousa é Deos? Quem mais o amar, mais saberá o que é.

Oh! Deos e senhor meu! por vossa infinita bondade vos rogo humildemente me concedais que vos ame de todo o coração. Ame-vos eu, Senhor, para que despreze o mundo, mortifique o meu corpo, e abomine o peccado. Ame-vos eu, Senhor, de todo coração, para que me sujeite á vossa vontade, abrace a vossa cruz, e purifique a minha alma. Ame-vos eu, Senhor, com todas as forças da minha alma, para que não tema a morte, nem o inferno; e conserve sempre viva a luz da fé e de vossa graça, e ultimamente chegue a lograr a de vossa gloria. Amen.

CONTEMPLAÇÃO DAS PERFEIÇÕES DE DEOS NO ESPELHO DAS CREATURAS

Já que o meu amado me fugio, e lhe não posso alcançar os passos, pegarei ao menos das suas pegadas; já que me negou sua voz e vista, consolarei minha saudade com ler pelos seus escriptos. Que são todas as creaturas d'este visivel mundo, senão uns vestigios, onde se descobre delineada alguma (supposto que escura) semelhança de seu autor? que são, senão uns caracteres grandes, que me significão sua bondade, sabedoria e omnipotencia?

Olha, alma minha, para essas altas serranias e talhados penhascos, que assoberbão os valles e a campanha. Servem de agigantados ossos da vasta corpulencia da terra, de mãis de agua para a escondida origem dos rios e fontes; de seios onde o calor do sol e complexão dos elementos forjão lentamente os metaes e endurecem as pedreiras; servem de paredes que repartem os aposentos das nações; servem de torres e atalaias, em que os espiritos solitarios achão refugio da turbulencia do seculo, e vista livre para se enamorarem das vizinhanças do céo. Oh! Creador amabilissimo! Como tudo isto me está com mudas vozes significando o acertado de vossas disposições, o robusto de vosso braço, e o immovel de vosso throno!

Volta os olhos para esses amenos prados e varges fertilissimas. Que alegre estava o espirito do Creador, quando os fez rir em tanta variedade de flôres! Que liberal, quando os coroou de tanta abundancia de fructos! Entre todas as naturezas insensiveis, as flôres parece que com mais expressos acenos estão forcejando por remedar a formosura do seu autor. A rosa, desatando do nó verde sua rubicunda pompa, amanhece, dizendo-me: Oh! como nosso Deos é suave e engraçado! A açucena responde da outra parte: Oh! como é candido e puro! E os lirios, com o seu azul finissimo, parece estão gritando: Oh! céo! oh! alturas! A variedade d'ellas é tanta, que não sei onde havia thesouro de tão differentes idéas que as desenhasse; e quando cuidamos, pelas que de uma região conhecemos, que poucas mais haverá nas outras, apparecem novos exercitos da florida

primavera, segundo são novos os climas e terrenos que se descobrem! Em umas o feitio é tão exquisito que parece que seu artifice estava então curioso e applicado; em outras dirieis que se valeu do pincel, segundo as salpicou de varios matizes; outras vão lavrando pela terra tão emboscadas, que primeiro que a sua côr, as descobre a sua fragrancia. Em todas estão depositadas particulares virtudes para varios effeitos, os quaes conhece quem sabe ler o lettreiro da sua signatura, que o Creador escreveu em cada especie, por modo occulto, mas verdadeiro. Em nenhuma podem os maiores sabios do mundo emendar cousa alguma, ou achar que lhe sobra ou falta parte necessaria para a sua especie.

Em qualquer palmo de terra que consideres attentamente, verás muitas e differentes naturezas, cada qual dotada de sua bondade, e todas entre si já discordes, já amigas, por varios respeitos de opposição ou sympathia. Alli está a hervazinha humilde, de cuja propriedade necessita a vida do rei para livrar-se. Junto d'ella nasce outra, que a ovelha conhece por salutifera para o seu pasto; e logo a par outra, de que se desvia, como nociva. Na hastea d'ella está pegado o caracolzinho, que, recluso na sua casa portatil, espera a quentura do sol para dirigir lentamente os seus caminhos. Entretanto, por baixo, a formiga anda negociando que conduza para enceleirar na sua dispensa; e por cima a solicita abelha vai sucrestar o succo da flòr que conhece prestar para a obra dos seus dourados favos. D'onde sahio tanta variedade, senão de vós, Senhor, cujo ser encerra com eminencia infinitos seres? D'onde tantos prestimos e

utilidades, senão de vós, que não obrais cousa debalde, e vazia de virtude? Oh! bemdita seja eternamente vossa bondade! Se tantas lindezas e perfeições fizestes de passagem, e como quem brinca, para haver creaturas que acompanhassem ao homem n'este desterro, que será na patria? Que será ás margens d'aquelle rio crystallino que sahe do throno do Cordeiro? Que será n'aquelles campos mais que elysios, onde habita estavel a primavera, que se não regula pelos tempos, e onde reina o dia que não conhece occaso?

Por minima e desprezivel que pareça qualquer creatura, se applicamos o ouvido interior da alma, está dando não sei que vozes, que pregoão e magnificão vossa grandeza; e se a sondamos com o cordel do discurso e investigação philosophica, logo este se some todo, e achamos que alli ha mais fundo do que parecia. Que muito, Senhor, que vos não comprehendamos, se nem comprehendemos um mosquito? Que muito que nos afoguemos em vossa immensidade, se até o apice de uma aresta está por averiguar se é cousa finita ou infinita?

Quem dirá, que em um bichinho tamanino, que quasi escapa da vista mais perspicaz e attenta, qual é o chamado acari, e que se cria na cera corrupta, ha lugar para a organisação de tantos membros, de que é força confessar a razão que elle se compõe? Porque elle tem movimento progressivo, o qual depende de pés, e n'elles, de umas partes que movão, outras que sejão movidas, e outras que atem aquellas com estas; elle come e cresce; e assim necessita de instrumentos que

sirvão essas funcções, cada um dos quaes pede outras muitas partes, por poucas que lhe concedamos. Elle vê, e conhece o que lhe póde fazer mal á sua conservação, porque se desvia do dedo que o pisa, ou lhe impede o seu caminho; e assim ha de ter os seus orgãozinhos, que sirvão ao sentido exterior da vista, e ao interior da fantasia; e cellazinhas, ou ventriculos, onde estes instrumentos estejão alojados. Pois, Senhor, quem, se não fôr o vosso espirito, póde fabricar tantas subtilezas? E quem se não admirará de que o vosso verbo, que é a arte de todas as cousas creadas, ideasse este bichinho, e lhe ensinasse o que lhe convinha, e de que vossa providencia tenha cuidado de o conservar, e vosso poder concorra para os seus movimentos?

Que direi tambem da arte com que formastes as cousas materiaes e visiveis, para symbolos das invisiveis e espirituaes? Em uma romã coroada debuxastes uma republica com o seu principe. Em um enxame de abelhas com a sua mestra, figurastes uma communidade religiosa com o seu prelado. No reviver das plantas, quando, afugentados já os desabrigos do inverno, se tornão com a vizinhança do sol frondosas, floridas e fecundas, representastes aquella immutação gloriosa, que em nossos corpos, reduzidos antes a ossos murchos e breves cinzas, esperamos quando apparecer Christo, sol de justiça. Que nos lembra essa grande creatura do oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, livido pela inveja, fervido pela ira, vario pela inconstancia, e tragador de naufragos pelos desastres da perdição eterna? Que nos significa o feio, horrido e venenoso das serpentes, féras e insectos,

senão os peccados, e varias fórmas de espiritos desconformes da verdade, que se crião nas brenhas do coração humano? Por este modo, Senhor, fizestes as cousas invisiveis patentes aos olhos do homem; para que do sentido se elevasse ao espirito, e do espirito a vós, que até nas creaturas feias sois formoso, e nas nocivas saudavel, nas minimas maximo, e nas diversas semelhante.

Pois esses celestes orbes, fundidos de agua pela soberana mão do artifice supremo, oh! como é verdade que são pregoeiros de sua gloria. Com que igual desigualdade visita o sol a terra, e assigna os tempos, dobando juntamente os dias com um movimento de levante a poente, e os annos com outro de sul a norte? Nasce e alegra-se todo o hemispherio; dão-lhe as boas vindas os passarinhos e boninas; elles explicando as azas, ellas as folhas. Sahem a buscar seu conveniente pasto os rebanhos do monte para o campo, e os fatos do campo para o monte. O homem começa, renovadas suas forças, a sua tarefa quotidiana. Sepulta o sol seus resplandores no occidente: e todas as cousas perdem a côr; os animaes cansados se recolhem a seus abrigos. Então o corpo da terra estende uma vasta pyramide de sombras até o firmamento, onde apparecem em marcha esses scintillantes exercitos de estrellas, que estão mudamente indicando as inopinaveis grandezas que se encerrão d'aquella magestosa cortina para dentro. Sahe tambem a luminaria menor a substituir com certas incertezas as vezes da maior. Ella nos montes está com seus influxos incorpando as mattas; ella nos campos ministra ás plantas o refrigerio com que se temperem dos

ardores do sol de hoje, e resistão aos de amanhã; ella nos mares está prateando as conchas, congelando as escamas dos peixes; ella já encolhendo, já dimittindo o ovado cumulo das ondas, forma as marés, que successivamente cobrem e descobrem as praias. Quão magnificas e bem ordenadas são, Senhor, todas vossas obras! Bemdita, e adorada, e glorificada seja eternamente vossa bondade, sabedoria e omnipotencia, que são os tres mysticos dedos de que conservais pendente a universidade de todas as cousas.

Oh! meu amado Senhor, não me falleis já pelas vossas creaturas; que pouco, ou quasi nada me podem dizer de vós, sendo vós infinito, e ellas limitadas; vós luz, e ellas sombras; vós eterno, e ellas defectiveis. Fallai-me por vós mesmo; ouça eu a vossa doce voz, que traz comsigo a intelligencia do que diz, e attrahe as attenções de quem ouve. Oh! vinde, vinde! Appareça-me a vossa presença dentro da vossa paz; e faça-se em mim a vossa paz por vossa virtude. Nascei no centro de minha alma, para esclarecer toda a sua esphera. Dizei-me da vossa boca, que vós sois a minha vida e salvação; dizei-me que tudo o que se inclue no céo e terra, comparado comvosco, é como se não fosse. Dizei-me que só a vós ame, só a vós sirva, só a vós suspire; porque só em vós acharei bondade pura, perfeição absoluta, formosura admiravel, felicidade eterna.

RENDE-TE, CORAÇÃO

(555.)

Rende-te, coração meu; que te pedem? Que ames? Não ha lei mais suave. Quem t'o roga? Um menino? Negar-lh'o é crueldade. Para que o pede? Para honra sua e teu descanso? Não póde haver fim mais deleitavel, mais util, mais honesto.

Rende-te, coração. Para onde has de fugir? Para a morte? Hoje nasce a vida. Para o peccado? Hoje nasce a graça. Para o mundo? Hoje triumpha d'elle o Autor do mesmo mundo.

Rende-te; com que has de resistir? Com a ambição? Hoje é throno de Deos uma manjedoura de brutos. Com a ira? As suas armas são lagrimas e gemidos. Com a avareza? Deos se dá a si mesmo. Com o appetite de deleites? Deos chora, Deos padece, Deos está em pobres faxas sobre as palhinhas.

Basta; que estou rendido. Basta; que me fere e mata o amor d'este menino.

Menino de minha alma, meu eterno nascido de ainda agora, meu gracioso mólhinho de amores perfeitos, minhas bellezas encantadoras do coração humano; faze-me serafim, para que te ame muito; dá-me limpeza grande em meus labios, para calçar teus pézinhos de mil osculos santos; deixa cahir das conchinhas de teus olhos uma

lagrima sobre meu peito, para que se abrande e acenda em caridade divina. Oh! viva e reine em mim, e em todos, o teu amor eternamente.

FIM DE LUZ E CALOR.

EXERCICIOS ESPIRITUAES[1]

CONVERTER OS FAVORES EM PERSEGUIÇÕES

(I. 102.)

Considera como não só foste ingrato, peccando contra Deos, teu bemfeitor, senão usando mal do mesmo beneficio, para mais livremente commetter o peccado. O conhecimento d'esta verdade pódes ajudar com algumas comparações.

Primeira: de um pai, que cingindo a espada a seu filho para mandar á guerra, este, arrancando logo a mesma espada, o ferisse e maltratasse. Tal é o peccador, que dando-lhe seu Creador a liberdade para resistir aos vícios, e vencer as tentações, da mesma liberdade usa para os abraçar, em offensa grave de seu Creador.

[1] *Exercicios espirituaes*, e meditações da via purgativa, sobre a malicia do peccado, vaidade do mundo, miserias da vida humana, e quatro Novissimos do Homen, 2 vol.; o 1° da officina de Manoel e José Lopes Ferreira, 1706; o 2° da de Bernardo da Costa, 1731. Ao lado de cada titulo parcial, se aponta o tomo e a pagina do competente excerpto.

Segunda : se um amigo emprestasse a outro quantia de dinheiro para remediar sua necessidade, e este se aproveitasse do mesmo dinheiro para perseguil-o e affrontal-o, que disseras de tal ingratidão? Pois assim faz o homem que, dando-lhe Deos riquezas para se remediar a si e aos pobres, que são irmãos seus, se aproveita d'ellas para perseguir e affrontar ao mesmo Deos em si e nos seus pobres.

Terceira : se um mestre ensinasse as lettras a um seu discipulo de graça, e com grande trabalho, e este usasse d'ellas para lhe armar uma calumnia e patrocinar a seus injustos accusadores, que infame acção te parecia? Pois este é o peccador, que, dando-lhe Deos engenho e capacidade para o servir, o emprega em inventar novas maldades, e só serve de tropeço para os ignorantes, e de máo exemplo para todos. Por este modo posso ir discorrendo pelos mais beneficios que Deos me fez, como o da nobreza de sangue, que converto em vaidade; o das forças, saude e gentileza, com que fomento a ira e a luxuria; o da inteireza e perfeição dos sentidos, de que uso para a vã curiosidade; e finalmente tudo o que temos é dom de Deos, como autor, ou da natureza, ou da graça; e de tudo usamos mal, em aggravo manifesto do mesmo Senhor. De sorte que o peccador, para qualquer parte que olhe, assim como está rodeado de beneficios, assim está cheio de ingratidões.

HORROR AO CRIME

(I. 127.)

Considera em segundo lugar o grande medo que os santos tiverão até ás mais remotas sombras do perigo de peccar. Por evitar o perigo de consentimento no deleite deshonesto, uns cortárão com os dentes sua propria lingua; outros chegárão brasas a seu corpo; outros queimárão na candêa os dedos da mão, um por um, para apagar com um fogo outro fogo. Outros se revolvião nos espinhos e nos tanques de neve, para vencer as tentações. Tal houve que, por extinguir um movimento sensual, acendeu uma fogueira, e inspirado de Deos se pôz no meio d'ella, e depois fugindo para uma ilha deserta, e arribando n'ella uma mulher que escapára do naufragio, sem mais detença se lançou ao mar, trocando com ella o perigo, por lhe não succeder em terra mais lastimoso naufragio.

Santo Anselmo affirma que se de uma parte víra o inferno aberto, e de outra qualquer peccado, sem duvida se arremessára antes no fogo eterno, do que admittíra uma só offensa de Deos. E (o que em certo modo parece mais) gentio houve que só pela luz da razão natural affirmou que, ainda que soubera que Deos lhe havia de perdoar, e os homens o não havião de saber, não peccaria, só pela aversão que tinha á fealdade do peccado.

Finalmente, para uma alma que devéras teme a Deos, e chegou a ter conhecimento d'esta verdade, não ha castigo mais cruel, não ha monstro mais horrendo, não ha desgraça mais extrema, do que o mesmo peccado. E assim um dos trabalhos maiores com que Deos prova e exercita a seus servos, é permittir que duvidem se peccárão, e se Deos se dá por offendido de suas obras. Tal é o odio que têm cobrado á culpa, que só de ouvir-lhe o nome mudão a côr e se estremecem.

O PECCADO

(I. 198.)

Oh! que profundos peccados cavou a malicia profunda dos homens! Um peccado de que se seguem terriveis consequencias, um peccado que traz comsigo muitos escandalos, e eu fui o inventor e mestre d'elle! Um peccado... que empenha a fazer outros muitos! Um odio reconcentrado no coração, e herdado muitas vezes dos pais e avós; um silencio profundo, atando a lingua do penitente com muitos annos de confissões nullas e communhões sacrilegas; uma palavra funda, que abrasa honras, fazendas e vidas; uma obrigação da restituição do alheio, convertido já em substancia de antepassados, que o devorárão; um conselho diabolico e retrahido em materias do bem publico; que cousas são senão peccados profundos? E então como não ha de ser profunda para

Christo a sua cruz; e profundo para nós o inferno, se d'esta nos não valermos?

Se tu, alma, cahiste em semelhantes miserias, levanta-te, antes que te craves e sumas de todo no atoleiro de teus vicios, e não tenhas depois forças, nem para pegar da mão de quem t'a der. Acode com agua de lagrimas, antes que a faisca passe a incendio.

Não escandalises a teu proximo, antes te compadece d'elle, e procura com a paciencia, caridade e bom exemplo alliviar, como outro Cyrenêo, a cruz de Christo.

Livrai-me, Senhor, a mim, e a todos, das profundezas do peccado, mais que das do inferno; e fortalecei-nos com vossa graça, de modo que nem a altura, nem o profundo das tentações de Satanaz possão apartar-nos de vossa caridade, que está em Christo Jesus; para que, fundados e arreigados n'ella, possamos comprehender com todos os santos a largura, comprimento, sublimidade e profundeza de vossa gloria, merecida com a da vossa cruz. Amen.

CULPAS LEVES

(216.)

S. Cyrillo conta que, orando elle pela alma de um seu sobrinho, mancebo de honestos costumes, sentio um cheiro intoleravel; e logo o vio apparecer diante de si, cingido todo de cadêas de ferro em brasa viva, e

lançando pela boca e narizes fumo e fogo; e perguntando pela causa d'aquellas penas, respondeu ser esta o entretenimento do jogo, de que não fizera caso para confessar-se.

S. Udalrico foi obrigado a passar pelo purgatorio, só por esta unica causa, de que nomeou para succeder-lhe no bispado a um seu parente, supposto que por morrer este primeiro, não teve effeito o seu desejo.

Moderno é e fidedigno o exemplo de certo religioso, de cuja virtude se tinha grande opinião, e que appareceu pedindo anciosamente refrigerio de orações, porque penava gravemente por descuidos no officio divino, e por haver sido parte para que professasse um noviço que não estava muito bem á religião.

E porque não pareça que estas culpas podião topar em materia grave, em razão de suas consequencias, ajuntemos outro exemplo, em que a materia foi levissima, e comtudo se guardava para vir a juizo.

Escreve S. Bonifacio, martyr e arcebispo de Moguncia, que elle ouvíra da boca de um homem resuscitado contar como, entre muitas cousas que lhe forão mostradas no outro mundo, víra uma moça que cobiçou uma róca, por ser nova e bem feita, e que no mesmo ponto que commetteu o furto cá na terra, começárão lá os demonios a publicar o caso uns aos outros, fazendo muita festa, e prevenindo-se com grande orgulho, para accusal-a diante de Deos.

MUNDANA PEQUENHEZ

(I. 246.)

Oh! que enganados andão logo os homens comsigo e com o mundo, pois lhes parece que têm grande ser só porque não vírão outro maior! Andão diante de seus olhos, e não dos de Deos, e por isso a sua substancia, sendo nada, lhes avulta mais que tudo! Que satisfeito fica de si um mundano quando adquirio mais uma herdade, ou edificou uma casa, ou lhe derão um louvor? Sendo que essa herdade, ainda que occupára o mundo, não era mais que um ponto; essa casa, ainda que fôra de ouro enlaçando pedraria, era um cantinho escuro; esse louvor, ainda que fôra dado por todos os homens nascidos, era um rumor vão. Ridiculos são os homens emquanto não levantão o pensamento d'estas cousas caducas ás eternas, e parecem-se com meninos brigando sobre a metade de uma maçã, e d'ahi a pouco amigos por um alfinete.

AS OBRAS DE DEOS

(I. 248.)

Creou Deos o sol, lua e estrellas para distinguir os tempos e influirem na terra, e o homem por estes astros

quer adivinhar os futuros contingentes. Creou o setimo dia para que o homem sanctificasse n'elle a Deos, dandose ás obras de piedade e religião, e o homem n'esse dia ou trabalha por ambição, ou não faz nada, e está ocioso.

Creou o tempo para que o homem merecesse n'elle a eternidade, e a terra para que entretanto habitasse n'ella, como em uma estalagem, e o homem faz conta que o tempo da sua vida é para regalar-se, e a terra imagina ser um paraiso de deleites, onde, se o deixárão ficar para sempre, de boa vontade se ficára.

Quando Deos vestio a nossos primeiros pais, quem não sabe que o vestido foi um remedio da vergonhosa desnudez, effeito do peccado! E o homem d'este, como sambenito, faz a sua gala, e se traja tão curiosamente, que para um seu vestido muitas vezes é necessario atravessar mares, cavar minas, pescar perolas, despojar dos seus pennachos as aves, formar padrões para o debuxo dos lavores, e outras innumeraveis vaidades. Assim tambem os fructos da terra, as aves, peixes; e quiz o Autor da natureza que servissem, entre outros fins, para o sustento moderado e necessario do nosso corpo; e o homem tudo converteu em sobejidões, glotonerias, luxurias, e infinito genero de doenças. Finalmente, porque não cansemos o discurso, todas as creaturas forão feitas para que o homem, como racional, pela sua multidão, variedade, utilidade, formosura e virtudes, subisse a contemplar as perfeições do Creador, e lhe désse gloria por tudo. E o homem, d'estes degráos para subir a Deos, fez assento para descansar n'elles. Ahi pára: não usa das creaturas como de meios, mas goza d'ellas como de fim!

O MUNDO

(I. 262.)

Se alguem visse, desde um posto eminente, todas as mudanças que no mundo succedem em espaço de meia hora, que admirado ficára de ver a furia com que esta roda se revolve! Veria aqui prantos, acolá festas; aqui banquetes, acolá brigas; agora desposorios, e logo enterros; por uma parte exercitos batalhando, por outra navegando armadas; estes edificão, aquell'outros destroem: estes sobem pelos degráos da honra, aquell'outros descem; eis-alli pede esmola quem ha pouco tempo foi rei, acolá tirão a outro da mão o cajado, para lhe metterem o sceptro. Veria (reparando no mesmo homem) como nunca permanece no mesmo estado, succedendo-se, como revoluções da roda, a saude e a enfermidade, o trabalho e o descanso, a honra e o desprezo, o tormento e o deleite, o temor e a esperança. E então admirado diria comsigo: Isto é mundo, ou é mar? São homens, ou são ondas? É vida humana, ou é roda? Tudo é, irmão, porque sua perpetua instabilidade tornou o mundo em mar, e os homens em ondas, e em roda a vida humana.

Que querieis vós ver na roda, senão voltas, ou no mundo, senão mundo, isto é, inconstancia e vaidade? O que se deve estranhar é que, sendo mar, sendo roda

este mundo e esta vida, fundemos tão grandes torres sobre a nossa vida, façamos tanto fincapé no mundo.

O JUSTO E O PECCADOR

(I. 333.)

O justo é filho de Deos e membro vivo de Christo; o peccador é escravo e membro do diabo.

O justo tem fé viva, e merece obrando, e satisfaz por seus peccados até dando um pucaro de agua; o peccador se tem fé, é morta; ainda que obre bem, não merece, nem satisfaz por suas culpas, ainda que padeça o mesmo inferno.

O justo communica com os santos que ha na terra, e participa das suas obras; o peccador está excluido, ainda que não de todo, em grande parte, d'esta proveitosa communicação.

O justo é dirigido e amparado com especial providencia do Altissimo; o peccador só é deixado á commum providencia.

O justo ainda na terra logra do céo, e até sepultado no inferno seria ditoso; o peccador já sobre a terra tem o seu inferno, e até collocado no céo seria miseravel.

O justo é rei e senhor, e ainda que idiota, é verdadeiramente sabio; o peccador é subdito e escravo, e ainda que seja douto, prova ser ignorante.

O justo é templo vivo da Santissima Trindade; o peccador casa immunda, ou cova escura dos demonios.

O justo enthesoura no céo ouro, prata e pedras preciosas de virtudes; o peccador ajunta debaixo da terra feno, palha e immundicia de peccados, que é o mesmo que enthesourar no inferno ira de Deos.

Ao justo dá Deos uma graça por outra graça; ao peccador por um peccado deixa cahir em outro peccado.

Ao justo promette Deos muito, e dá muito mais; ao peccador promette o diabo vaidade, e dá-lhe inferno; mostra-lhe gostos falsos, e guarda-lhe tormentos verdadeiros.

Com o justo folgão de communicar os anjos, e fogem d'elle os demonios; ao peccador chegão-se os demonios, e afastão-se d'elle os anjos.

O justo tem despacho em suas orações; o peccador, se é que sabe orar, não sabe se terá despacho.

As obras do justo, se cahio em peccado, quando torna á graça, tornão a viver e ter merecimento; as obras do peccador, ainda que primeiro fosse justo, e depois torne á graça, sempre ficão amortecidas.

A morte do justo é preciosa, e vivendo bem, sempre vive muito; a do peccador é pessima, nem póde ter vida larga, emquanto tem vida perversa.

O justo é juiz e accusador dos peccadores; o peccador é testemunha e abonador dos justos, e só accusador de si mesmo.

O justo, com o bom exemplo, de peccadores faz justos; o peccador, com o escandalo, até dos justos faz peccadores.

O justo, segundo o presente estado, é herdeiro do céo, e sua memoria dura eternamente; o peccador está des-

herdado do céo, e brevemente perecerá sua memoria.

O justo vive em paz com a sua consciencia; o peccador em contínua guerra.

O justo é trigo limpo para o celleiro de Deos; o peccador zizania para a fogueira.

O justo faz guerra ao inferno, o peccador a Deos.

O justo estima a Deos sobre todas as cousas; o peccador estima-se a si, e cousas vilissimas, mais que a Deos.

Finalmente, para escusarmos processo infinito, o justo é Deos por participação, o peccador por imitação é um diabo; e se cada um morrer n'esse estado, o justo, que é Deos por participação, verá a Deos por essencia, como Deos se vê a si; e o diabo por imitação, que é o peccador, não verá a Deos, como o diabo por natureza tambem não verá a Deos eternamente.

A' BARRA DA ETERNIDADE

(I. 436.)

Carlos V passou com armadas nove vezes a Allemanha, sete a Italia, quatro a França, dez a Flandres, duas a Inglaterra: onze vezes passou e medio os mais arriscados mares, sempre animoso, sempre invencivel.

Eis que chega ao estreito da morte, á partida para o novo mundo, á barra da eternidade; perde o animo, começa a tremer, e protesta que tomára haver governado sómente as chaves de uma portaria.

Aqui devia de ver com a consideração uma só columna immovel por balisa do tempo e da eternidade, e escripto n'ella por uma parte o *non plus ultra*, por outra o *plus ultra*, porque a morte é o fim de todas as cousas que tiverão principio, e o principio de tudo o que não ha de ter fim; e este terrivel *non plus ultra* para o tempo, e *plus ultra* para a eternidade, a quem não fará temer?

Mais admiraveis são os exemplos de um Eugenio IV, summo pontifice, varão piissimo, o qual n'aquella hora dizia suspirando:

— Gabriel (este fôra o seu nome antes de ser assumpto ao pontificado) não te fôra melhor estar no cantinho da tua cella?

De um abbade Agathon, o qual esteve tres dias immovel e pasmado, e perguntando-lhe os monges se temia, respondeu:

— Trabalhei em guardar os preceitos de Deos com o tesão que pude; mas não sei se minhas obras lhe agradárão; porque uma cousa são os juizos dos homens, outra os de Deos.

De um S. Arsenio, que havendo trocado o palacio, onde era mestre do imperador, pelo deserto, onde chorou cincoenta e cinco annos com tal continuação, que sempre trazia nas mãos um panno para enxugar as lagrimas, comtudo, quando chegou a hora da sua morte, não obstante que esta lhe foi revelada, temeu tanto, que os circumstantes ficárão assombrados.

O CADAVER

(I. 471.)

Estando assim o cadaver destituido de calor e movimento, e crescendo por momentos na sua figura as sombras da terra, porque se pôz o sol da vida, tratão os que lhe assistem de o apparelhar e compôr para a sepultura. E primeiramente, se é de algum principe, ou personagem illustre, o costumão embalsamar.

Representa na imaginação como para este effeito lhe serrão o casco, e vasão fóra os miolos, lhe abrem o estomago, e tirão todas as entranhas, e as recolhem em alguma bacia para enterral-as á parte. E eis-aqui onde vierão a parar as presumpções altivas fabricadas n'aquelle mesmo cerebro, os regalos e luxo ordenados para alegrar e dilatar aquellas mesmas entranhas. De sorte que aquelle mesmo corpo, que não ha muitas horas ninguem ousava molestar, e lhe beijavão a mão, e era favor de poucos estar em pé ao seu lado... agora o cortão e abrem, e fazem d'elle o que querem. Cousa certamente que declara bem a vaidade e miseria da vida humana!

Pelo contrario, se o cadaver é de pessoa humilde e pobre, o cosem em um ramo de lençol velho; e quando muito o vestem em um pobre habito, lisongeando-se os olhos, e consolando-se a memoria ao menos com aquella semelhança exterior, que parece traz comsigo emprestada a virtude e boa morte dos que o vestem por insti-

tuto e profissão. E d'este modo cerrados os olhos, apertado o queixo, cruzadas as mãos sobre o peito, os pés juntos e estendidos, o poem no meio da casa sobre algum panno. E alli se está pedindo mudamente as esmolas espirituaes dos fieis, que se lembrão da alma que alli morou n'aquella casa já arruinada.

Quem pegára então de um homem delicioso e glotão, de um mancebo louco e presumido, de uma mulher errada, e um ambicioso de honras e riquezas, e os levára pela mão a ver muito devagar este espectaculo, este painel de mortecôr, onde juntamente estão pintados os effeitos do peccado, as vaidades do mundo, as miserias da vida, a esperança certa de resurreição d'este corpo, e a incerteza de se ha de ser para luzir sobre as estrellas, ou para arder entre demonios! Quem lhes dissera : Vêdes o que algum dia haveis de ser, e vêdes o que por ventura hoje podeis ser? Pois para que amais a vaidade de proposito, para que buscais a mentira e perdição com gosto? Ou não tendes fé, ou não tendes juizo.

Mas toma tu, alma minha, a parte d'este desengano que te toca. Aprende dos mortos a viver. Pegue-te algum calor ao espirito aquelle cadaver frio; que se lá era invenção d'aquelle tyranno atar um vivo com um morto, para que a corrupção d'este matasse aquelle, outra philosophia mui contraria corre no nosso caso; que se os vivos se atarem com a consideração aos mortos, póde ser que os mortos livrem aos vivos da corrupção de seus costumes depravados. E por isso diz o Espirito Santo, que melhor é ir á casa onde alguem morreu, do que a casa onde muitos se banquetêão.

Apparelhado já o cadaver, considera a piedade com que a Igreja santa o acompanha e depõe-na sepultura. Manda dobrar os sinos, acender cirios, preceder o estandarte da cruz, cantar os seus ministros, ordenar-se uma procissão! ultimamente entrega aquelle corpo á terra como um deposito precioso, mostrando, nas muitas e mysteriosas ceremonias de que usa, o caso que faz d'elle. E por que razão é tratado com tanta decencia, e conduzido com tanta autoridade um cadaver, a parte vilissima do homem, o manjar que ha de ser de bichos?

Nasce isto de uma cousa que os homens têm por fé certa; e de outra, que têm por presumpção pia.

De fé cremos o artigo da resurreição dos mortos, segundo o qual é certo que aquelle mesmo corpo ha de reunir-se com a sua alma, para não desatar-se jámais eternamente. E em signal d'esta fé, a Igreja não o trata como cousa que de todo pereceu; senão como deposito, que a seu tempo se ha de tornar a pedir á terra. Por isso os que negão a resurreição, desprezão as ceremonias da sepultura; e supposto o seu primeiro erro, não é erro formal o segundo; porque se na vida se tratão como brutos, que muito que como brutos se tratem na morte?

Não assim os catholicos, que por tão certa têm a resurreição como a morte, e por isso com as palavras de Job chamão ao morrer dormir, á cova jazigo, e aos bichos cobertores; e até ao adro chamamos cemiterio, palavra grega, que val o mesmo que dormitorio. Significando n'isto que emfim os mortos hão de acordar, hão de descobrir-se e levantar-se. Isto é o que cremos de certo.

E o que presumimos piamente, é que aquelle corpo foi templo do Espirito Santo ao menos pela graça final, sacrario do corpo de Jesus-Christo pela communhão digna, obreiro fiel nos preceitos de sua lei; o qual assim como entrou á parte do trabalho com a alma, assim tambem ha de entrar á parte do premio.

D'onde vem que aquellas pessoas de que nos consta que acabárão em peccado mortal, especialmente se incorrêrão excommunhão, são privadas de sepultura ecclesiastica.

Mas de todos os mais, emquanto ha lugar, presume a Igreja benignamente que morrêrão bem, e por conseguinte que resuscitarão bem. Por isso entrega aquelle cadaver á terra como o lavrador a semente, que, ainda que apodreça, espera que a seu tempo renasça com maior vantagem e formosura.

JUIZO FINAL

(II. 8.)

Podemos dizer á alma posta em juizo, o que S. João disse de Babylonia quando tambem chegou a hora de ser julgada : acabárão-se as mercadorias e riquezas de ouro, e prata, e pedras preciosas, e perolas; as hollandas, as purpuras, as télas, e sedas; acabárão-se as madeiras preciosas, os vasos, e copas de marfim, de metal, e de pedras de estimação; acabárão-se os cheiros deliciosos, os ambares, as aguas exquisitas, os unguentos,

os perfumes; acabou-se a opulencia e abundancia das herdades, cavallos, carroças, escravos, e criados. Que é feito das pretenções, dos officios, dignidades, habitos, mitras, corôas, e tiaras? Aonde está a linha da descendencia e successão do morgado, que tanto cuidado lhe davão! Como desappareceu o fumo da honra, da lisonja e do applauso, que tanto lhe esvaecião a cabeça? Pereceu tudo em um momento, porque chegou a hora do seu juizo.

A TREMENDA SENTENÇA

(II. 12.)

Historias ha fidedignas, das quaes se mostra como o Senhor exercitou este juizo algumas horas antes da morte, ou alguns dias depois d'ella. Como aquella que refere S. João Climaco, do monge que, no artigo da morte, como se tivera já entrado em contas, se ouvia altercar com os accusadores, e umas vezes responder :

— É falso, não fiz tal!

Outras :

— Assim é, porém fiz penitencia.

Outras :

— Dizeis verdade, e a esse cargo não tenho que responder.

E aquell'outra que se lê na vida de S. Bruno, do doutor parisiense reputado por virtuoso, que, nos officios de corpo presente, levantando a cabeça do esquife, disse :

— Por justo juizo de Deos sou accusado.
E no seguinte dia, fazendo o mesmo, disse:
— Por justo juizo de Deos sou julgado.
E no terceiro finalmente:
— Por justo juizo de Deos sou condemnado!

A CALUMNIA

(II. 36.)

A virtude no mundo (como fóra da sua patria) andou muito perseguida e desprezada; a todos se humilhava, e cedia o primeiro lugar; e todavia nada bastou para se livrar da calumnia; antes aos maiores santos impuzerão os mais enormes testemunhos.

De um S. Jeronymo disserão que tinha commercio pouco honesto com S. Paula; de um S. Bernardo correu fama que apostatára da religião catholica; a um S. Ignacio de Loyola, e a um apostolo da Andaluzia, o veneravel padre João de Avila, impuzerão taes crimes, que foi necessario prender este, e examinar aquelle pelo tribunal do santo officio. A meu padre S. Philippe Neri, na cara o deshonrárão de hypocrita e ambicioso. E finalmente quem tiver lição das vidas dos santos, não será facil achar algum que se não sustentasse d'este pão de tribulação e desprezo. Pelo contrario o vicio e vaidade andou muito valído no mundo, teve sequito, levou applausos, ninguem se lhe atreveu, pôz aos peccados no-

mes cortezãos, e que não causassem horror, senão lisonja, e levou acerbissimamente até com o exemplo dos bons ser reprehendido. Era logo necessario que estas boias algum dia se destrocassem, e a honra ou ignominia se désse a quem tocava; era necessario que apparecesse o sol de justiça, para dividir a luz das trevas, e fazer que á luz se chame dia, e ás trevas noite; era necessario que a arca da humanidade de Christo passasse por meio das aguas do Jordão (que se interpreta rio de Juizo) para que umas desção precipitadas até o mar morto, e outras subão levantadas até o céo.

A ESTATUA DE NABUCHO

(II. 55.)

Todos os imperios e reinados, uma vez que são do mundo, emfim acabão e perecem; e só o de Deos permanece por seculos de seculos. O mundo é aquella grande estatua que Nabuchodonosor vio em sonhos, composta de ouro, prata, bronze e ferro; porque n'estes quatro metaes se representavão os quatro imperios de que constou. Mas como todos elles se fundavão em barro, porque erão imperios da terra, ultimamente se desfizerão em pó. Pelo contrario, o reino de Deos é aquella pedra despedida sem mãos, da qual se formou um grande monte, que occupou toda a redondeza da terra, e nunca se destruio. Porque o imperio de Christo, que

começou no mesmo Christo, pedra mystica, nunca jámais se ha de destruir. Dize-me pois, alma minha: Aonde está a cabeça de ouro d'aquella grande estatua, que erão as riquezas e delicias do imperio dos Assyrios? Já passárão. Aonde o resplandor e pompa do imperio dos Persas, que erão os peitos e braços de prata? Já se destruírão. Aonde a fama e celebridade do imperio dos Gregos, que era o bronze das côxas? Já perecêrão. O mesmo succedeu, e vai succedendo á fortaleza e triumphos do imperio romano, que são os pés de ferro; porque tudo emfim se reduzirá a pó e se desfará como em arestas que arrebata o vento.

TROMBETA FINAL

(II. 101.)

Tres dias e meio diz o Apocalypse que estarão aquelles sagrados cadaveres no meio da praça, expostos ás affrontas das nações e povos, que se ajuntaráõ a apascentar os olhos n'aquelle espectaculo. Mas de repente entrará n'elles o espirito de vida, e á vista de todos se levantaráõ em pé, e vivos, e sãos, cahindo ao mesmo tempo muitos com a força do assombro. Logo soará do alto uma voz grande, que todos ouvriáõ, a qual dirá aos prophetas: Subi cá acima. Com cujo efficaz imperio começaráõ de improviso a levantar-se no ar, onde baixando uma nuvem refulgente, os receberá como carroça trium-

phal, e logo subiráõ ao céo á vista de seus inimigos. Na mesma hora a terra, como indignando-se de sustentar em seus hombros cidade e moradores tão impios, se abalará com tão grandes movimentos, que a decima parte d'ella padecerá ruina, em que pereceráõ sete mil pessoas; e os mais, deixando-se penetrar do temor de Deos, lhe darão gloria, e confessaráõ seu admiravel nome.

SUBI!

(II. 103.)

Subí, ó patriarchas antiquissimos, honra das leis da natureza escripta, e da graça, a gozar dos annos eternos de outra antiguidade sempre nova.

Subí n'essa nuvem, ó precursores gloriosissimos d'aquelle Senhor, que brevemente ha de baixar em outra a julgar o mundo.

Subí, ó apostolos sagrados, companheiros e coadjutores das missões, que na terra exercitárão o verbo eterno e o Espirito Santo, remindo e sanctificando aos homens.

Subí, ó martyres valorosos, em cujas veias por annos a milhares se guardou o sangue, para subscreverdes com elle o testemunho de Christo.

Subí!... e quando n'essa segunda e mais admiravel trasladação fordes collocados em outro segundo e melhor paraiso, lembrai-vos, ó religiosissimo Henoch, de

deixar aos filhos da Igreja, n'aquelle tempo attribulados, o vosso exercicio da presença de Deos, e contínuo estudo de agradar-lhe; lembrai-vos, ó formoso Elias, de lhes deixar o vosso espirito dobrado, e zelo da honra de Deos; para que, sustentando valorosamente os combates do inferno e seus alliados, mereção á sua imitação resuscitar da terra tambem gloriosos, subir ao paraiso tambem triumphantes.

O VALLE DE JOSAPHAT

(II. 117.)

O mar empolado com o furor dos ventos se levantará em ondas tão alcantiladas, que mais pareção serranias do que aguas; e havida já licença para traspassar os diques com que a mão do Todo-Poderoso demarcou sua jurisdicção e enfreou sua ferocidade, invadirá as terras com tão crescidos roncos e bramidos, que só ouvil-os será oppressão das gentes e aperto dos corações. Quem já experimentou a braveza d'este elemento, quando a força da tormenta não deixa distinguir as nuvens das ondas, os dias das noites, e a vida da morte, sabe quão viva representação é esta do poder e indignação de Deos. Que será então, quando o mesmo espirito de Deos fôr levado sobre as aguas, não para fabricar o mundo, mas para destruil-o?

Significa este signal duas cousas, ambas terriveis, e ambas muito proximas.

Primeira, a confusão de todos os povos, gentes e nações, quando, como correntes de muitas aguas brotando dos adros e sepulcros, como de fontes, concorrerem com grande pressa e murmurinho ao valle de Josaphat. Oh! que tormenta desfeita se ouvirá alli de suspiros, lagrimas, vozes e alaridos.

Segunda, a profundeza e horror do juizo de Deos, inquirindo e castigando nossos peccados com maior severidade do que ninguem imaginava.

OS CONDEMNADOS

(II. 144.)

E os condemnados? A estes se lhes dará um corpo feio, asqueroso, pesado, escuro e denegrido, qual convem para lenha do fogo infernal, para enxovia da alma reproba, e para sujeito das illusões e escarneo dos demonios. A alma recusará entrar n'elle, parecendo-lhe mais cadaver do que corpo, e um inferno mais apertado. Mas, assim como na morte, repugnando a sahir, sahio por força, assim na resurreição, repugnando entrar, por força entrará; e no mesmo ponto começará a sentir as chammas que até então só no espirito exercitavão seu furor; e a amaldiçoar a hora em que nasceu, morreu e resurgio. Membros infames (dirá, desejando destruir uns com outros), malditos sejais eternamente; que, como impeto de vossos appetites, me arrastastes a seguir a vossa lei contra a de Deos!

E' possivel que sou obrigada a dar outra vez vida a quem me dá a morte! a esta lingua murmuradora, a estes olhos lascivos, a estes ouvidos curiosos, a este ventre glotão, a estas mãos sanguinolentas, a este coração malvado, que forão occasião de minhas culpas, e são instrumento de minhas penas! Comigo hei de trazer a lenha do meu incendio, o sambenito da minha sentença, os grilhões do meu captiveiro; e isto eternamente?

Oh! abysmo do não ser! quem tornára a sumir-se em ti, ou de ti nunca houvera sahido!

Maldita sejas, alma, responderá o corpo, e maldita a hora em que me informaste na geração, e maldita a tua nova vinda para dar-me a sentir tormentos eternos. Se tu eras espirito do céo e eu pó da terra, tu nobre e eu vil, para que me serviste, obedeceste e regalaste; para que me deixaste correr desenfreado pelos barrancos da perdição eterna? Buscaste em mim, como em adultera, só o deleite; e não, como em esposa, o amor e companhia; agora acharás em mim a companhia, mas não o amor, nem deleite, senão o odio e tormento. Eu te aborreço mais que ao mesmo diabo, pois o diabo não está unido comigo atormentando-me, e tu sim; eu te farei sentir o fogo, a prisão, as trevas e a morte por toda a eternidade. Sabes que cousa é eternidade? Anda, e sabêl-o-has por experiencia; anda, e caminhemos para o juizo, onde seremos ambos accusados, e ambos convencidos; e logo caminharemos para o inferno, onde seremos ambos atormentados, e ambos atormentadores.

INFERNO

(II. 219.)

Lancemos a vista por aquelle cahos horribilissimo, aquelle carcere subterraneo e profundissimo, aquella fornalha toda acesa, e ondeando em labaredas terriveis; imaginemos estar vendo uma grande cidade toda coberta de escuridade e assombro, e juntamente alagada em fogo; cheia da infeliz multidão de innumeravel povo, clamando todos, e fazendo lastimosos prantos pela vehemencia da dôr e ardor, e como cães raivosos mordendo-se uns aos outros.

O SOL APAGADO

(II. 236.)

Imaginemos que Deos Nosso Senhor mandava ao sol que se apagasse, ou mudasse para outra esphera, deixando este mundo ás escuras totalmente.

Cuidarião os homens ao principio, uns que era algum eclipse extraordinario, outros que era chegado o dia do juizo; mas desenganados com a tardança, andarião attonitos e suspensos, sem saberem determinar-se se estavão sonhando, se acordados, se vivião n'este mundo,

se no inferno. Cresceria a sua confusão com a ruina de todas as cousas que compoem este universo : a lua e as estrellas não darião luz, porque esta depende do sol; o mar se corromperia, porque os seus movimentos dependem da lua; os rios e fontes seccarião, porque a sua origem procede do mar. Não haveria animaes terrestres e volateis, porque não haveria plantas para o seu sustento; nem haveria plantas, porque a sua vida depende do sol e da agua; não haveria chuvas, nem ventos, porque aquellas se fazem dos vapores que fez subir o sol, e estes são exhalações, ou espiritos, que fez descer o influxo das estrellas. Finalmente pereceria o mundo, que este foi o acertado juizo que formou S. Dionysio areopagita, quando vio o eclipse succedido na morte de Christo nosso salvador : Ou o Autor da natureza padece, inferio elle, ou a machina do mundo se desata.

E se, no meio d'esta horrorosa escuridade e assolação de todas as creaturas, restassem alguns homens, quanta seria a sua pena emquanto puxavão pelos ultimos fios da vida? Como se reputarião uns aos outros por sombras, ou fantasmas do outro mundo, e de furor e fome se despedaçarião!

Eis-aqui pois um tosco debuxo da desgraça de uma alma perdendo a Deos.

EMBLEMAS DA ETERNIDADE

(II. 336.)

A condição da eternidade é ser incomprehensivel :

náo póde o homem n'esta vida mortal fazer conceito proprio de que cousa é eternidade. Pintemos quantos hieroglyphicos seus, e emblemas quizermos; representemos que a eternidade é um mar sem praias, um poço sem fundo, uma cadèa sem extremos, um labyrintho sem sahida, uma roda que sempre gyra e nunca descansa, uma serpente mordendo a sua cauda, uma cifra, que val mais que todos òs numeros; uma hydra, que em lhe cortando uma cabeça lhe nasce outra; finalmente, revolvamos os livros, consultemos os varões illustrados por Deos, e ajuntemos os dias com as noites em meditar; nunca havemos de formar conhecimento proprio de que cousa seja em si a eternidade; porque do infinito não temos especie, que nôl-o represente claramente. E assim com razão disse S. Gregorio que o mesmo é fallar o homem da eternidade do que o cego da luz.

E outro autor pio diz que da eternidade ha muitos sonhadores, mas poucos interpretes.

FIM DOS EXERCICIOS ESPIRITUAES.

ULTIMOS FINS DO HOMEM[1]

UM POSSESSO

(54.)

Contemos o caso de uma pessoa que, estando livre, quiz ser morada do demonio, para remedio de sua alma.

Era um padre do Ermo (tão abstinente, que o seu sustento quotidiano não era mais que sete figos passados, e nem agua, nem outro algum licor bebia jámais), tão poderoso contra os infernaes espiritos, que não só com a sua presença ou palavra, mas ainda com a ponta do seu cilicio, ou com as suas cartas que enviava, sahião tão depressa do corpo, como féras dos covis onde se acendeu alguma fogueira.

Concorrião por esta causa á cella do servo de Deos

[1] *Ultimos fins do homem*, salvação e condemnação eterna, 1 vol. Lisboa, na officina de José Antonio da Silva, 1728. Ao lado de cada titulo parcial se aponta a pagina do competente excerpto.

muita nobreza, e numeroso povo; porém assim como da virtude se seguio a honra, assim da honra lhe foi nascendo vangloria.

Bem via o servo de Deos como este secreto cancer lavrava dentro em seu peito, ameaçando maiores ruinas. Porém não podia, nem encobrir-se do povo, nem evitar o seu concurso, nem frustrar o effeito da graça de Deos; até que, ensinado com luz superior, atinou com o remedio congruente. Prostra-se em oração, e com fervente espirito pede ao Senhor que permitta ao demonio que entre tambem n'elle, e o faça padecer aquelles mesmos signaes exteriores que os energumenos padecem.

Agradou ao Senhor a oração, despachou-a; e de repente o que curava endemoninhados, foi visto de todos ser um d'elles.

Divulgado o caso, abateu-se o alto conceito que do monge se tinha; e ao passo que este foi perdendo a fama, foi adquirindo a saude espiritual que desejava.

No cabo de cinco mezes sahio o demonio levando comsigo, como esponja, embebidas todas as fezes d'aquelle vicio, que no coração do monge tinha derramado.

ANTITHESES

(65.)

O imperador Nero foi tão delicioso e prodigo no luxo do seu corpo, que nunca vestio o mesmo vestido duas vezes.

Pelo contrario Santo Hilarião, abbade, nunca despio, nem lavou o sacco que uma vez vestio, dizendo que era cousa superflua buscar asseios no cilicio.

Herodes Ascalonita foi tão ambicioso de reinar, que invadio e occupou o reino de Judéa, e matou a Hyrcano, rei legitimo, e summo sacerdote, e ancião de mais de oitenta annos; e por leves suspeitas, que a cada passo se lhe antojavão, matou a Alexandre seu sogro, e a Mariamne sua mulher, a mais prudente, casta e formosa princeza do seu seculo; matou a tres filhos, dous legitimos da mesma Mariamne, e outro bastardo; matou a Aristobulo seu cunhado, e tambem summo sacerdote; matou a quarenta mancebos, a flôr de toda a nobreza, e os mandou queimar vivos; matou a alguns quatorze mil meninos, só por esperar colheria entre elles o Christo, de quem se temia o despojaria do reino. E finalmente, quando se vio ás portas da morte, entendendo que muitos se alegrarião com o seu fim, fez tomar juramento a uma irmã e cunhado, seus confidentes, de que, tanto que elle fechasse os olhos, passarem á espada toda a nobreza, que para este damnado intento tinha mandado ajuntar em Jericó, onde se achava doente; e elles assim o jurárão, supposto que o não cumprírão.

Pelo contrario S. Eduardo, rei de Inglaterra, foi de condição tão mansa, e alheia de todo o appetite de dominar, que depois de perseguido e desterrado, e buscado para o matarem, quando finalmente foi chamado para o sceptro, dizia que se houvesse de custar o derramar-se o sangue de um só vassallo seu, antes o não queria.

Pelos annos de 633 começou a reinar em Escossia Fe-

qhardo, eleito para o throno por digno d'elle. Porém desenfreou-se logo em tão abominaveis vicios, que chegou a requestar duas filhas suas donzellas; e não dando o seu recato e honestidade lugar a outro meio, tomou ultimamente o da violencia. E porque a rainha-mãi o reprehendeu de tão horrendo incesto, a atravessou com um punhal.

Pelo contrario S. Henrique, imperador (com exemplo tão admiravel, como raro) soube ajuntar a virgindade com o matrimonio; e estando proximo á morte, entregou a S. Cunegundes, sua mulher, a seus parentes, protestando-lhes, para gloria de Deos, que a deixava tão intacta como a recebêra.

De uma duqueza de Veneza se escreve que era tão deliciosa, e de tal melindre no comer, que o não tocava com suas mãos; senão que os eunuchos, seus trinchantes, lh'o partião primeiro em pequeninos, e ella com garfos de ouro os chegava á boca. E para banhar seu corpo, se não contentava com aguas odoriferas exquisitas; senão que os seus criados com impertinencia cansadissima recolhião das flôres quantidade de orvalho da madrugada, e com este suor da aurora se lavava.

Pelo contrario a serva de Deos Clara Agolancia, religiosa de S. Clara na cidade de Arimino, para castigar em si um levissimo appetite em materia de gula, vendo em um buraco do muro da cerca um disforme sapo, o tomou com suas mãos, e o escondeu no seio; e logo o assou, espostejou, e comeu; e o banho em que lavava seu corpo era seu proprio sangue, alugando com boa

paga homens robustos que a açoutassem, vestida primeiro uma alva de disciplinante.

No livro intitulado *De furoribus Gallicis*, onde se referem as monstruosas crueldades e horrendos sacrilegios que obrárão os hereges em França, destruindo mais de dez mil igrejas, e mais de seiscentos mosteiros, se refere que chegou a tanto o execravel de sua impiedade, que lançárão aos cavallos e aos animaes immundos as fórmas consagradas que achavão nos sacrarios, e as pisárão debaixo dos pés, e lhes fizerão outras abominações que se calão por não offender aos ouvidos piedosos.

Pelo contrario, do imperador Rodolfo I se escreve que sendo ainda só conde de Aspurg, e Hassia, e andando á caça, vio que um parocho levava o Santissimo Viatico a um enfermo que estava em um casal d'aquelles campos. Era o dia chuvoso, e os caminhos mui lodosos, e o sacerdote caminhava a pé; e como, ao passar por onde estava o conde, este reconhecesse o que era, logo se lhe enternecêrão as entranhas e humedecêrão os olhos, e desmontando-se do cavallo, adorou o Santissimo Sacramento com ambos os geolhos em terra; e logo disse ao sacerdote :

– Indigna cousa é por certo que eu ande a cavallo e vós vades a pé, levando a meu Senhor e Redemptor Jesus-Christo.

Fez logo montar o sacerdote, pegando-lhe elle no estribo com grande humildade, e tendo a cabeça descoberta; e d'este modo lhe foi servindo de lacaio até a casa do enfermo, e de volta fez o mesmo até á igreja.

O parocho tornando-lhe o seu cavallo, elle o não quiz

aceitar, dizendo que o tomasse para si, porquanto era cousa indigna que usasse mais d'aquelle animal, depois de haver servido para ministerio tão sagrado.

Então o sacerdote, cheio de espirito prophetico, lhe prometteu, da parte do rei dos reis, e senhor de senhores, que havia de ser imperador, e sua casa engrandecida e sublimada com grandes reinos. E assim se cumprio, sendo depois imperador, e principio da augustissima casa de Austria.

LENDA DO PAPA MONSTRO

(145.)

Caminhando um homem a cavallo, ao passar junto de um moinho, vio de repente ao pé de si um horrendo monstro, o qual tinha orelhas e cauda de jumento... o mais corpo era de urso.

O cavalleiro, estremecendo-se todo, e arripiando-se-lhe os cabellos com tão estranha visagem, quiz fugir. Porém o monstro lhe fallou com voz humana, e lhe disse:

— Não fujas, homem, nem tenhas medo; bem pódes crer que fui homem, como tu agora és; mas porque vivi bestialmente, justo é que agora tenha figura de besta.

Perguntou o homem quem era. E respondeu o monstro:

— Eu sou aquelle Benedicto só no nome, que pouco ha possui o throno da sé apostolica indignamente.

Perguntado outra vez, que lugar tinha no outro mundo, respondeu :

— Por agora, emquanto não chega o dia do juizo, sou arrebatado e arrastrado por lugares cheios de espinhos, de immundicia, de enxofre, e de incendios voracissimos, que exhalão podridão e asco terrivel. Depois d'aquelle juizo extremo, me engolirá em corpo e alma o ventre mais profundo das infernaes cavernas, para ser punido com tormentos eternos, de sorte que me não reste esperança alguma de remedio; e dizendo isto, desappareceu.

A GRÃ VIAGEM

(156.)

Importa-lhe a um homem passar ás Indias : estão no porto sobre ferro varias náos, todas a ponto para esta mesma viagem. Se pergunta qual d'ellas é certo chegar a salvamento, responder-lhe-hão que nenhuma. Se pergunta qual é mais forte, ou veleira, ou melhor esquipada, responderáõ, que esta ou aquella; e se é prudente, n'ella freta lugar, e se embarca.

Este mundo é mar, e esta vida viagem : no céo temos as nossas Indias; chegar alli é salvar-se; que naveguemos todos é preciso; porém não é preciso que seja n'esta ou n'aquella embarcação; uns se accommodão n'este, outros n'aquelle estado, officio, ou ministerio.

Qual é o que leva em prisão as tormentas, longe os cachopos e piratas, e segura a derrota? Ou qual é o que não espera bom successo?

Todos confião, e todos perigão; porém uns menos que outros, conforme o estado que elegêrão. E não é escusada a eleição e preferencia, porque em pontos de salvação, um só grão mais ou menos de segurança é muito para se fazer caso d'elle; e tanto mais, que, no caso do nosso simil, quanto vai da vida temporal á eterna!

O MOSTEIRO E O SECULO

(177.)

No mosteiro ha vida contemplativa, no seculo vida laboriosa; no mosteiro vida santa, no seculo vida criminosa; no mosteiro vida espiritual, no seculo vida carnal; no mosteiro vida celestial, no seculo vida terrena; no mosteiro vida quieta, no seculo vida turbulenta; no mosteiro vida pacifica, no seculo vida litigiosa; no mosteiro vida de socegos, no seculo vida de contendas; no mosteiro vida casta, no seculo vida luxuriosa; no mosteiro vida perfeita, no seculo vida viciosa; no mosteiro vida cheia de merecimentos, no seculo vida cheia de peccados; no mosteiro vida da virtude, no seculo vida da maldade.

Veneravel irmã minha, ouvistes os bens que ha no mosteiro, e ouvistes os males que ha no seculo; ouvistes

o caminho da salvação e o da perdição, e da vida e o da morte.

Portanto aqui tendes diante de vossos olhos o bem e o mal, a agua e o fogo, a vida e a morte... estendei a mão, e escolhei o que mais quizerdes, e eis-aqui o caminho do paraiso, e eis-aqui o do inferno. Podeis andar por qualquer d'elles que quizerdes; mas isso só vos rogo que, pois a melhoria é tão patente, esta seja o objecto da vossa escolha.

OS MÁOS REIS

(261.)

Ouçamos as vozes com que um abysmo chama por outro abysmo, da boca de S. Brigida, que, em uma sua revelação maravilhosa, entre outras cousas, todas mui dignas de se ler, diz assim:

— Então ouvi uma voz de infinitos milhares de pessoas, que clamavão desde a terra, e dizião: O' Senhor Deos e Juiz! Julgai sobre os nossos reis e principes; attendei á effusão de nosso sangue, ás dôres e lagrimas de nossas mulheres e filhos. Ponde os olhos no nosso opprobrio e fome, nas nossas feridas e captiveiros, e nos incendios das nossas casas, nas violencias que padece a honra das mulheres e donzellas. Attendei á injuria das igrejas e de todo o clero. Vede as promessas falsas dos nossos reis e principes, os enganos e extor-

sões que fazem com furor e violencia, porque não cuidão de que matão tantos milhares, comtanto que elles possão amplificar a sua soberba. Depois clamavão desde o inferno outros milhares infinitos, dizendo : O' Juiz, nós sabemos que és Creador de todos; portanto faze justiça sobre os senhores a quem servimos na terra; porque elles nos submergírão mais profundamente no inferno. E supposto que te aborrecemos, e desejamos todo o mal, comtudo a justiça nos obriga a queixar, e a dizer a verdade. A verdade é que estes nossos senhores terrenos, o amor que nos tiverão não era amor, pois não cuidavão mais das nossas almas do que se foramos cães. E querendo ser de nós amados e servidos, nada se lhes deu que te amassemos ou não, a ti, Deos e Creador de todos. Portanto são indignos do céo, porque nenhum cuidado têm de ti; e se os não soccorrer a tua graça, são dignos do inferno, porque nos mettêrão n'elle; e nós queremos padecer mais graves tormentos do que padecemos, comtanto que a sua pena seja eterna.

O RECADO DO DIABO

(284.)

Conta o Cantipratense que, havendo um prégador de fazer um sermão em um synodo, por ordem do bispo, estava mui afflicto e cuidadoso, por não saber de que argumento trataria com satisfação, por serem todos os ouvintes priores e reitores, e outras pessoas doutas, que

alli se havião ajuntado de toda a diocese. Pedia na oração ao Senhor que o alumiasse; e estando assim, lhe appareceu o demonio, e disse :

— De que te angustías? Eu te direi o que has de prégar, e o que Deos me manda que te diga, e é a carta ou recado que ouvirás agora. « Os principes das trevas, aos principes, e mais reitores das igrejas, saude! Todos nós vos rendemos muitas graças, porque pelo descuido dos prelados, vêm a nós os subditos para o inferno, e atrás d'elles tambem os mesmos prelados; e pelo mesmo descuido d'elles, cahe no inferno quasi todo o mundo. »

Ouvindo estas tremendas palavras o prégador, respòndeu :

— Não me hão de crer, antes por ventura zombarão de mim e da carta.

Então o demonio lhe tocou no rosto, onde lhe deixou impresso um signal negro e extraordinario, que désse bem a conhecer a mão que o imprimíra, e lhe disse :

— Com este signal te crerão; e depois que houveres prégado, o poderás apagar, lavando-te com agua benta.

Subio o prégador ao pulpito, e só com ver o signal ficárão todos attonitos; mas muito mais quando ouvírão a embaixada, ou recado, que lhes enviárão os demonios. Todos sahírão cheios de pavor, e o caso assim o requeria. Porque, que prelado, que parocho, que regente, ou provincial, ou abbadessa, não ha de tremer, se bem considerar este desengano? Oh! que desculpa poderão allegar, diante do tribunal divino, da sua negligencia, avisados tantas vezes, por tantas vias, por Deos, pelos homens, pelos anjos, e pelos mesmos demonios?

A VISITA INFERNAL

(286.)

No anno de 1628, certo parocho, embaraçado com uma torpe amizade de portas a dentro, cahindo em uma perigosa doença, chegou ás da morte.

Chamou-se um tabellião, para lhe fazer testamento, porém a todas as perguntas que este fazia, o enfermo, como attonito, ou dementado, não respondia mais que esta palavra :

— Ah! estas meretrizes (marafonas)!

Não havendo modo de lhe tirar outra resposta.

Foi-se o tabellião, sem fazer ao que viera.

D'alli a pouco tempo chamou este máo sacerdote a dita concubina, e lhe mandou que puzesse tres cadeiras á ilharga do leito em que jazia. Ella o fez assim, e se apartou um pouco; e logo, supposto que não vio cousa alguma, sentio como que entravão algumas pessoas de visita, e se assentavão, e que o enfermo fallava com ellas. Depois d'isto, tornou a chamar para junto de si a concubina, e lhe disse :

— Havemos de ir?

Não entendeu ella o que n'esta palavra queria significar; e pelo consolar, lhe respondeu :

— Sim, senhor, havemos de ir para a quinta convalescer.

Respondeu o sacerdote :

— Havemos de ir, não para a quinta a convalescer, senão para o inferno a arder. Saberás que aqui estiverão agora comigo tres demonios, que assim m'o notificárão da parte de Deos, com sentença final.

Ouvindo isto a triste mulher, arripiados os cabellos, e pulando-lhe de medo o coração, fugio para outra casa; mas ouvio logo que o desventurado dera um espantoso berro; e acudindo a ver o que de novo succedêra, o achou já morto, e toda a casa cheia de um vapor de enxofre tão fetido, que a fez cahir desmaiada, e depois que tornou em si, toda cheia de assombro, e estremecendo-lhe os membros, foi logo ao outro dia contar ao dito tabellião toda a serie do caso.

CONSELHOS PARA EDUCAÇÃO

(417.)

Dirão por ventura alguns pais : E como podemos nós saber se nossos filhos têm más companhias, não podendo estar sempre debaixo de nossos olhos, e não havendo olhos que penetrem os intimos do coração, senão os de Deos? Respondo que de muitos modos se póde averiguar esta verdade, e atalhar ou remediar este damno.

Primeiro, informem-se por terceira via de quaes são as pessoas com que seus filhos acompanhão; e procurem saber que paragens frequentão, e em que materias fallão; observem se tardão muito em recolher-se para casa; e se

se applicão ás tarefas quotidianas, e distribuição das horas costumadas.

Se são pessoas de maior supposição, dêm-lhe aio fiel que os acompanhe, e syndique, e reprehenda. Mandem-os frequentemente a visitar e fallar com algum varão pio e prudente; e para se conhecer que lhe importa esta boa conversação, repare-se, como reparou Seneca, que até as féras mais crueis, costumando-se á companhia do homem, se amansão, e tomão alguns vestigios de racionabilidade.

Nomêem-lhe determinadamente um ou dous amigos da sua idade e parelha, com quem andem; e sejão sujeitos que já conheção por de bons costumes, e com estes fação por armar occasiões de que resulte travar-se mais a amizade.

Da mãi de Catão se escreve que para que seu filho sahisse bem morigerado, criou juntamente a seus peitos outro menino, filho de bons pais; e como os dous erão collaços, forão-se criando em amizade e semelhança de costumes, com que escusou um ao outro de más companhias e corrupção de costumes.

Recommendem aos mestres que tenhão especial vigilancia sobre elles, e lhes fação a saber o que fôr digno de correcção.

Em casa dêm-lhe alguns allivios e jogos honestos em que se entretenhão, para que a natureza não vá buscar consolação na amizade e trato com os estranhos.

Retirem-os de ter familiaridade com os servos e servas de casa; porque d'estes se lhe pegão palavras pouco compostas, e noticias da maldade de que estavão inno-

centes; e lhes servem de meios para que se atrevão a sahir com os seus appetites dentro ou fóra de casa, e a querer outra cousa do que seus pais querem. Se todavia não obedecem a estas ordens, haja castigo; e tal, que lhe chegue mais á alma do que ao corpo; especialmente se o menino é de indole nobre, e que appetece ardentemente os louvores e estimação; n'esta parte ha de cahir a vara, porque n'esta lhe dóe. E ainda em cima convem metter-lhe em ponto de honra o confessar elle mesmo o crime, e pedir o castigo, e dar-lh'o a titulo de grande mercê; porém mais moderado, porque o pede ou aceita de boa vontade.

Ainda que de muitos companheiros um sómente seja ruim, este basta para causar corrupção nos mais, como o fermento em toda a massa.

Item: tambem os irmãos e irmãs se podem fazer muito ruim companhia; se a corrupção de algum se teme, ou presume serem materias pouco para nomear, logo logo se ha de fazer separação, quanto permittir a possibilidade da casa, repartição de aposentos, ou conveniencia de outras casas de parentes e amigos; ainda que para este effeito se fação consideraveis despezas, e se atravesse por muitos inconvenientes. Porque como é incendio, o melhor remedio para salvar é apartar.

FIM DOS ULTIMOS FINS DO HOMEM.

PARAISO

DOS CONTEMPLATIVOS[1]

TORMENTOS

(73.)

Sendo tantos os tyrannos e os verdugos, e em tão diversas nações, e desde que a religião christã começou até que se acabe o mundo, e usando para este fim de quantas creaturas a crueldade diabolica e a malicia humana se pôz a inventar, bem certo é que o numero de mil antes ficará curto que excessivo. Porque aqui entrão as cruzes, os suspendios, as aspas, crurifragios, torradores, grelhas, vivicomburios, precipicios, condemnação aos metaes, a exposição das virgens nos prostibulos, a degradação para terras inhabitaveis, o despojo não só dos officios e fazenda, mas até da pelle; aqui se ajuntão os escorpiões, que erão varas cheias de espinhos, com

[1] Traducção e commentario do italiano, de fr. Bartholomeu de Salucio. Lisboa occidental. Na congregação do Oratorio, 1 vol., 1739. Ao lado de cada titulo parcial se aponta a pagina do competente excerpto.

que erão os martyres açoutados; os equuleos, ou potros onde erão trateados; os culeos (tormento formidavel, que antigamente se inventou para os parricidas), que era coser a pessoa dentro em um sacco forte de couro, mettendo-lhe juntamente dentro uma cobra, um cão, um bugio, e um gallo, e lançar este sacco no mar; o tormento do cyphonismo, que era amarrar e arvorar o martyr nú, e untado com mel, em um madeiro alto, onde multidão de vespas e moscardões o picassem, e d'este modo foi martyrisado S. Mauricio, e seus companheiros; o tormento da carfia, usado agora entre os Turcos, que é pendurar a pessoa nua por ganchos mettidos pela mão, ou pé furado, deixando-a ficar assim até morrer de fome; o tormento da tunica molesta (de que fazem menção Seneca e Tertulliano), que era uma camisa justa e basta, banhada em materiaes mui combustiveis, a que pegado o fogo, consumia-se o padecente queimado vivo, e d'este modo padecêrão os santos Amphiano e Ursicio; o tormento do empalamento, que era assentar a pessoa sobre um páo rijo, alto, e agudo na ponta, e puxar-lhe pelos pés até passar do secesso ao casco da cabeça; o tormento do lagar (e n'este foi martyrisado S. Jonas, como trazem Surio e Lipomano), que era fazer do corpo humano o que fazem os lagareiros dos cachos de uvas, opprimidos debaixo da viga, correndo lá sangue, como aqui vinho; o tormento do esburga-pernas (e este usárão os hereges de Inglaterra contra os catholicos), que era calçar ao martyr umas botas justas de couro crú e saltos grandes, e logo aceso lume por baixo, se encolhia o couro, e assavão as

pernas do padecente; então puxando os verdugos pelos saltos com força, trazião as botas dentro pegada toda a carne, ficando elle só com os ossos.

Quem não dirá que estas forão invenções dos demonios, que estavão mettidos nos corações dos tyrannos?

E sem embargo de que sejão tão horrorosas para os ouvidos pios, accrescentarei mais alguns exemplos bem exquisitos.

O padre frei Agostinho da Magdalena, saboyano religioso dominico, vigario de Nossa Senhora do Rosario, nas ilhas de Soler na India oriental, foi escolhido pelos mouros renegados, no anno de 1618, e levado ao lugar de lamaqueira; onde, depois de infinitos escarneos e injurias, cuidando que genero de morte lhe darião, igual ao odio que lhe tinhão, inventárão esta inaudita crueldade. Tinhão para lançar ao mar um grande navio; fizerão estirar ao servo de Deos de costas no estaleiro da praia, que é de piçarra negra; e logo soltárão dos cabrestantes e pontões o navio; o qual descendo, colheu debaixo da quilha o corpo do martyr, e o deixou moído, e feito em leite, e partido em dous pedaços palpitando.

Por carta do padre frei João de S. Jacintho, escripta em Gôa no convento de S. Thomaz a 25 de Fevereiro de 1630, se soube como Nosso Senhor conservára tres annos aquelles membros na mesma praia incorruptos, e que sobre elles apparecião de noite luzes do céo; e que nem os peixes, nem as marés, nem as féras e animaes, lhes fizerão damno; e sendo a piçarra da praia negra, ao redor do santo corpo se fez um circulo d'ella todo branco.

S. Tiemo, ou Diemo, monge benedictino, depois arcebispo de Salburg, indo a Jerusalem, pelo tempo em que muitos se movêrão a esta jornada, quando Godofredo de Bulhões conquistou a Terra Santa, cahio em poder de certo rei gentio; que, sabendo como o santo era bom esculptor, lhe mandou concertar e aperfeiçoar um seu idolo. Mas elle, pegando do martello, o acabou de destruir. Indignado o barbaro, o mandou atormentar lentamente, primeiro com certo unguento feito de varias serpentes, que lhe comeu toda a carne, deixando os ossos esburgados. Depois lhe forão partindo os ossos, artelho por artelho, até lhe deixarem sómente o corpo truncado, e a cabeça; depois lhe derão uma cutilada no ventre, e lhe forão dobando os intestinos em novelo, pouco e pouco, até que o santo martyr expirou, confessando sempre a fé.

Na igreja onde os christãos depositárão suas reliquias, nenhum idolo podia estar, porque logo se quebrava.

O padre Antonio Gallonio, da congregação do Oratorio de Roma, que ex-professo escreveu dos tormentos dos martyres, citando a um livrinho intitulado : *Theatro da crueldade dos hereges de Inglaterra*, diz que a muitos catholicos os estendião de costas, e lhes emborcavão sobre o ventre uma bacia de metal cheia de ratos esfaimados, sobre o fundo da qual acendião fogo; e os ratos, obrigados da fome e da quentura, buscavão a toda a pressa pasto, e sahida, roendo vivas as entranhas dos martyres.

A PAIXÃO

(306.)

Com vossa vontade me conformo, anjo meu! Porém emquanto o corpo repousa, eu sempre cuidarei no meu Jesus, e no que se dignou padecer por mim, tão vil e miseravel; como se humilhou a lavar os pés de seus discipulos na cêa; como no horto suou, e verteu fóra seu precioso sangue; depois foi entregue aleivosamente por Judas, e preso por seus inimigos, e lhe fizerão tantos vituperios e affrontas que não se podem imaginar, quanto mais referir; foi levado á casa de Anaz, e ahi ferido na face com uma bofetada; e na de Caifaz toda a noite escarnecido e injuriado com pancadas e empuxões, e outros muitos generos de affrontas, seu bellissimo rosto e magestosos olhos forão cobertos de asquerosas salivas; não ficou parte n'aquelle divino espelho que não afeasse e ferisse a sua particular injuria e pena.

O' Jesus meu amabilissimo, até o cobrirem com um véo cheio de immundos escarros d'aquelles malditos e atrevidos judêos! Ai de mim! que tão cruelmente tratárão o meu precioso Jesus, que pela manhã, quando o desatárão para o levarem diante de Caifaz, e dos escribas e pharisêos, e principes dos sacerdotes, o Senhor, por falta de forças, cahio em terra, ficando envolvido n'aquelle lago de sangue que tinha derramado á força dos

golpes que tinhão descarregado sobre seus innocentissimos membros.

O meu Jesus foi de novo amarrado como um traidor, e levado á presença de Pilatos, para que o sentenciasse. Ai de mim! Quem vos poderá referir, anjo santo, quantos forão os vituperios que lhe fizerão n'este caminho, de casa de Caifaz á de Pilatos, e na de Pilatos para Herodes; e o desprezo e deshonra com que o tratou este impio e barbaro rei, mandando-lhe pôr uma vestidura branca, em divisa de mentecapto, e remettendo-o novamente a Pilatos!

Ai de mim! Quem póde imaginar, e sem enlouquecer, quanto aqui foi maltratado e escarnecido o meu Jesus por aquelles damnados cães, dentro e fóra do palacio, e pelas ruas publicas em tantos caminhos!

O' dulcissimo Jesus, gloria e esperança minha! E quem póde considerar, sem morrer, nos desapiedados golpes que chovêrão sobre vosso santissimo e delicadissimo corpo? Quem póde, sem enlouquecer, considerar n'aquella grande dôr que sentistes, esposo meu bellissimo, quando fostes coroado de espinhos!

Ai! que perco os sentidos quando recordo aquelle passo lastimoso em que, sendo vós mostrado ao povo com corôa de espinhos, purpura rôta, canna verde na mão, todo em carne viva escorrendo sangue, gritavão aquelles malditos cães contra vossa innocência: crucifica-o, crucifica-o!

O' Jesus meu, eu sou a que mereço ser crucificada por meus delictos, e não vós, meu doce bem!

Ai de mim! E quando vos vejo sentenciado a som

de trombetas com tão rigorosa e injusta sentença; quando vos vejo tomar a cruz tremenda, e levantal-a sobre vossas espedaçadas costas, e corda ao pescoço, pés descalços, deixando sobre as pedras o rastro de sangue, empuxado com pancadas e couces, subir ao monte Calvario para ser crucificado!

Coração meu, rebenta e estala, ao considerar como o meu doce Jesus dava com os joelhos e rosto em terra; ao considerar o passo em que se encontrou com sua afflicta e desconsolada mãi; e as sombras da lua eclipsada dobrárão as do sol ensanguentado.

Ai de mim, miseravel! E quem poderá, sem desatar os laços da vida, repassar pela memoria o funesto e temerosissimo espectaculo que se mostrou no monte Calvario!

O' anjo santo, bem sei que vós o sabeis; bem sei que o vistes, e chorastes em companhia dos outros espiritos vossos irmãos com aquellas lagrimas de que sois capazes, e de que diz a Escriptura : *Angeli pacis amarè flebunt.* E outrosim, sabeis como foi mettido em uma cisterna secca, e logo tirado fóra pelas cadêas com que estava amarrado, e alli de novo foi despido.

Oh! que viva dôr sentiria n'este passo o meu Jesus quando, sem tento nem compaixão, lhe tirárão de relanço as vestiduras, fazendo abrir-se as veias, e brotar novo sangue, deixando todo aquelle sacrosanto e innocentissimo corpo deshumanamente esfolado, e transformado em um espectaculo de lastimas e de horrores.

Ai! Jesus meu, só de o considerar desfalleço. E depois, anjo meu, quando o mandárão deitar na cruz, oh!

com que promptidão, com que rendimento se entregou voluntariamente, e per si mesmo se estendeu n'esta durissima e affrontosissima cama, para dormir o somno da morte, e dar a entender áquella malvada gente que o seu amor, e não a necessidade, o obrigava a tal excesso! E com que sentidos, com que alentos poderei eu recordar o passo lastimoso da sua crucifixão, estendendo-lhe aquellas divinas mãos que fabricárão o céo e a terra, comprimindo-as fortemente com o madeiro da cruz... poem-lhe sobre as palmas duros e esquinados cravos, já descarregão as martelladas juntamente nas mãos do filho e no coração da mãi: puxão-lhe com toda a violencia pelos pés para chegarem ao lugar do furo; alli os traspassa outro cravo mais grosso e comprido; levantão a cruz em alto, apparece a todos aquelle real estandarte da salvação do genero humano, correm d'aquelle melhor paraiso quatro rios de sangue, para lavar os peccados do mundo. É reputado entre ladrões malfeitores o unigenito de Deos; sobem ao céo desde o altar da cruz os vapores fragrantissimos d'este virginal incenso, que nas vivas brasas do seu amor e da sua pena a toda a pressa se derretia. Entretanto que o mansissimo Jesus aplacava tanto á sua custa a ira de seu eterno padre contra nós, que sorte ou condição de pessoas houve n'aquelle monte que o não escarnecesse e blasphemasse! Os principes, os sacerdotes, os soldados, o povo, todos lhe atiravão injurias, todos o julgavão por reprobo e amaldiçoado de Deos, contrario á lei santa, indigno da vida.

Ai Jesus! ai meu Jesus! que até os ladrões que ao lado estavão tiverão atrevimento para dizer ao rei da gloria :

— Se tu és Christo, salva-te a ti, e a nós.

Ai Jesus! que até um cego teve animo para encruecer-se contra um corpo morto, e teve tino para atravessar-lhe o peito e coração com uma cruelissima lançada, d'onde manou sangue e agua juntamente. O' benigno coração! como te abres para tudo o que é penar, e fazer-nos bem; para tudo o que é sorver ingratidões, derramar beneficios. Dize ao teu amor que se acabe de fartar de penas tuas, e de amores meus.

Ai anjo irmão, e companheiro meu, que estalo ao recordar a morte de meu Jesus, tão cruel, tão infame e vergonhosa! Morreu emfim como sabeis o nosso dulcissimo Jesus; e antes que expirasse, atormentado de sêde, clamou : Tenho sêde... e não houve alguem que se dignasse de refrigerar-lhe seus sequiosos labios e garganta, nem sequer com uma pinga de agua; antes um dos soldados, mais cruel e desapiedado entre todos, offereceu, e chegou áquella santa e divina boca, donde manárão tão mellifluas consolações, e palavras de vida eterna, offereceu-lhe, digo, uma esponja empapada em fel e vinagre. O' meu dilectissimo Jesus! se eu me achasse alli então presente, com que amor vos traria uma pouca de agua clara e fria, e desejaria que vossa desconsolada e affligidissima mãi vol-a ministrasse mais dignamente. Mas era vossa sêde, não tanto natural, como mysteriosa; era sêde de maiores tormentos, porque era sêde de salvação das almas, e gloria de vosso eterno padre; e a virgem ainda que isto ignorava, comvosco estava, por seu disforme e compassivo amor, crucificada.

Outro fel, sem comparação mais amargoso, tinha esta

desconsoladissima mãi, não chegado á boca, mas entranhado no coração, não na quantidade de uma esponja, mas em um mar sem limites.

O' Maria, mar de amarguras, Maria crucificada no crucifixo, quem poderá ser capaz de formar vivo conceito da agudeza dos punhaes que então passárão teu coração innocentissimo? Viste, e viste mui de perto com teus olhos proprios fechar a morte, e morte tão cruel e vergonhosa, os de um filho, e filho que juntamente o era do eterno pai; viste aquelles sacratissimos membros que em tuas entranhas organisou o Espirito Santo, pendentes do lenho de uma cruz, sem alcançar tua extrema pobreza o poder-lhes dar sepultura na terra, já que lhe havias dado fórma em teu virginal ventre.

Viste como d'esta dôr acerba foi allivio outra maior, quando José e Nicodemos depuzerão dos braços da cruz nos teus este mesmo sagrado corpo, em que só a inteireza dos ossos permanecia, mas tudo o mais erão estragos da impiedade humana, e demonstrações da valentia do amor divino e da fealdade dos nossos peccados.

As mãos e pés estavão esburacados, as junturas deslocadas, os nervos rigidos e estendidos, o corpo todo riscado de sangue, e em altobaixos dos vergões dos açoutes, e pisaduras das pancadas, o ventre sumido e exhausto, o peito levantado, e as grades d'elle mui sahidas, os labios rôxos, as faces denegridas, a garganta esfolada das cordas; e o casco crivado das feridas dos espinhos, e ainda tirada a corôa, as pontas de muitas quebradas e entranhadas n'elle; o lado boquiaberto com a grossura e força da partasana que o arrombára.

Ai Jesus! ai Jesus meu! Digo que só um amor divino e uma crueldade diabolica podião formar tal espectaculo.

Ai desconsolada mãi! O não cahires desmaiada, digo que se deve ao conforto sobrenatural que te dá quem queria que bebesses o calix inteiro, sem perder gotta, para te conformar perfeitamente com a imagem do teu santissimo filho Jesus-Christo.

Basta, basta, que as ondas da dôr têm crescido, e topão com os montes da eternidade. O' José, ó Nicodemos, varões piedosos! O' Magdalena santa, tirai todos depressa dos braços e dos olhos da virgem-mãi esse penhor tão caro; e ainda que do coração ninguem lh'o poderá jámais tirar, envolvei-o em um lençol com a reverencia que vossa devoção vos dicta e sua dignidade pede; e levai-o a depositar em sepulcro tambem virgem, para se cumprir bem a figura.

FIM DO PARAISO DOS CONTEMPLATIVOS.

SERMÕES[1]

PRUDENCIA NO FALLAR

(I. 49.)

E cuidamos por ventura que o desprezar a regua da prudencia no fallar tem sido causa de poucos damnos? Quantas vezes uma só palavra que se disse, e não se havia de dizer, tem feito grandes destruições no mundo? Uma palavra que as filhas de Israel disserão em louvor de David preferindo-o a Saul, foi causa de grandes revoluções n'aquella monarchia, e de que David andasse fugitivo e perseguido muitos annos.

Uma palavra que Thamar disse a Absalão foi causa de que matasse a seu irmão Amon, e andasse desterrado da côrte, e depois se rebellasse contra seu pai, e ultimamente morresse alanceado.

[1] *Sermões e Praticas*, 2 tomos, ambos em Lisboa occidental, na officina da congregação do Oratorio, 1733. Ao lado de cada titulo parcial se aponta o volume e a pagina d'onde o respectivo excerpto é tirado

Uma palavra que Eva respondeu á serpente quando não devia responder-lhe, foi causa da ruina de todo o mundo. Ajuntemos algum exemplo das historias profanas.

Uma palavra que escapou a Henrique II, rei de Inglaterra, foi causa de que seus vassallos, entendendo que levava gosto em matarem a S. Thomaz, arcebispo de Cantuaria, o matassem impiamente dentro da sua mesma igreja; e de que o rei fosse excommungado e açoutado publicamente no mesmo lugar.

Por uma palavra corteză se acende um pensamento deshonesto, por um pensamento deshonesto se intenta um delicto enorme, e por um delicto enorme se segue a perdição de muitas almas.

Por uma palavra inconsiderada se descobre um segredo; por um segredo descoberto se póde perder um reino. Quantas familias inteiras não puderão nunca lavar uma nodoa que lhe pôz uma só palavra de um ouvi dizer? Emfim não fôra ella sentença do Espirito Santo, se não fôra verdadeira sentença a que diz: Que a morte e a vida estão na mão da lingua. Resta logo para remedio e cautela de tantos perigos, que nunca nossas palavras se afastem da regua da prudencia, porque só então sahirão rectas.

IMPOR CRIME FALSO

(I. 54.)

O primeiro modo de murmuração é quando impomos

a nosso proximo crime falso. Grande maldade! calumniar eu a meu irmão de um peccado que elle na verdade não commetteu! Homem que isto faz não parece homem, senão diabo. Em prova d'isto, ouvi um notavel caso, que se refere no terceiro livro dos reis.

Cobiçou el-rei Acab uma vinha de Naboth, que partia com o seu palacio. Disse-lhe que lh'a vendesse; e Naboth, sem advertir que os ouvidos dos reis não são feitos para o não, respondeu tal não faria.

Entristeceu-se Acab, e arremessou-se sobre a cama, com o rosto para a parede, sem querer comer.

Entra a rainha Jesabel, e sabendo a causa diz-lhe com sorriso:

— Não ha duvida que grande autoridade é a tua; mui bem governas o reino. Levanta-te d'ahi, e come, que eu te darei a vinha de Naboth.

E logo, sem lhe communicar o seu intento, escreveu aos ministros em nome d'el-rei d'este modo:

— Buscai dous filhos do diabo, que testemunhem como Naboth blasphemou de Deos, e morra apedrejado.

Vai o texto por diante, e diz que os ministros fizerão como lhes era ordenado, e trouxerão a juizo dous filhos do diabo.

E logo immediatamente accrescenta que estes dous, como homens do diabo, derão o dito testemunho.

O em que isto parou foi, que Naboth com effeito o apedrejárão, e Jesabel, declarando-se então com el-rei, lhe disse:

— Ahi tens a vinha, vai tomar posse.

Mas o em que eu reparo agora é em chamar o texto

a estes dous homens filhos do diabo, e isso tres vezes. Não lhes chamára impios, ou falsarios, ou sacrilegos, ou homicidas, que todos erão nomes proprios d'aquelle delicto; senão filhos do diabo, e n'isto se ratifica tantas vezes sem variar de nome? Sim; porque todos os filhos são da mesma natureza com seu pai : e para que vissemos que o homem, que impõe testemunho falso a seu proximo, não parece ter tanto a natureza de homem como a do diabo, chama-lhes filhos do diabo.

Mas se todo o peccado é obra do diabo, por que razão mais especial se chama este peccado de impôr crime falso obra do diabo? Dous nomes se dão n'este texto a nosso commum inimigo, e de cada nome tirarémos sua razão.

O primeiro nome é : *Diabolus;* o segundo : *Belial.* Diabo, conforme interpretou Tertulliano, e outros, quer dizer calumniador, e com o nome concorda o officio, porque o diabo a todos calumnia. Calumniou a Deos com os anjos que se arruinárão; calumniou a Deos com os homens; calumniou aos homens com Deos; e calumniou aos homens com os homens.

Calumniou a Deos com os anjos que se arruinárão, porque lhes persuadio que erão injuriados em lhes ser preferido Christo Senhor nosso, e por isso o não quizerão reconhecer e adorar. Esta é a intelligencia d'aquelle lugar do Apocalypse, onde se diz que o dragão arrastrou com a sua cauda a terceira parte das estrellas do céo.

O dragão era Lucifer, as estrellas do céo são os anjos, á differença dos homens justos, que são as estrellas da

terra; a cauda com que as arrastrou foi a calumnia bestial e enorme, de que Deos era injusto com elles.

Calumniou a Deos com os homens no paraiso, dando por desarrazoado o preceito de não comerem de todas as arvores; e fazendo a Deos como invejoso de que elles soubessem como deoses; e dando-lhes a entender que a pena da morte era ameaça fingida.

Calumniou aos homens com Deos: isto se mostra claro na historia de Job, cuja virtude approvando-a Deos por singular, elle quiz provar que era fingida. E finalmente calumnía aos homens com os homens: isto ainda mal, que não necessita de mais prova que a nossa experiencia. Logo se o diabo no nome e no officio é um perpetuo calumniador, segue-se que todo aquelle que calumniasse o seu proximo falsamente é outro diabo.

O segundo nome que lhe dá o texto referido é Belial, que, conforme outro texto do livro dos juizes, quer dizer: sem jugo, sem respeito, sem temor; e assim o diabo, como os calumniadores, não tem jugo de temor e respeito.

Parece-vos que é necessario pouco desaforo para calumniar ao proximo, em materia grave, do que elle na verdade não fez? Isto demanda ter perdido o juizo: porque quatro jugos nos podião impedir esta maldade: a saber, o jugo da lei de Deos, que o prohibe expressamente; o jugo da razão natural, que dicta que não queiramos para nosso proximo o que não queremos para nós; o jugo do pejo dos homens, porque a mentira tarde ou cedo ha de apparecer, e tem muito ruim cara para isso; e o jugo da propria consciencia, que, ainda que ninguem

saiba da maldade, me está escalavrando. E nenhum d'estes jugos têm os calumniadores, nem lei, nem razão, nem vergonha, nem consciencia, e por isso são como Belial, porque perdêrão o temor e respeito a Deos e aos homens. A sua maldade não é receiosa, senão atrevida; mas que seja dos santos, hão de dizer mal : e eis-aqui porque eu dizia ao principio, que todos eramos murmuradores, porque se Christo foi, quem o não será?

Leião o Exodo, e acharáõ este preceito de Deos ao povo : Não calumniarás os deoses.

Deoses n'este texto, quer dizer, anjos, ou santos. Parece escusado este preceito, e bem! até dos anjos, e dos santos se murmura? Sim; que os murmuradores são filhos de Belial; a sua maldade é atrevida.

OS DOUS PINTORES

(I. 93.)

Refere Plinio (e já o ouviriamos contar), que Apelles, famoso pintor, veio á ilha de Rhodes, a ver-se com Protogenes, por ser celebrado na mesma arte. Não o achando então em casa, e perguntando quem dirião que o buscára, pegou de uma taboa uma linha tão direita e delgada, que bem publicava cuja era a mão que a lançára.

Veio Protogenes, contárão-lhe o succedido, vio a linha, e disse logo :

— Este é Apelles! — Mas não se dando por vencido

lançou outra mais subtil, e de diversa côr, pelo meio da primeira.

Tornou Apelles; e envergonhado de que na sua linha houvesse lugar para refender-lh'a, tornou a partir a segunda com outra terceira de differente côr, tão subtil que fugia á vista, e não foi possivel lançar outra pelo meio d'ella.

Esta taboa com ser tosca, e não ter outro algum adorno, se guardou depois, por maravilha da arte, para assombro dos seus professores.

TUDO PASSA

(I. 202.)

Oh! quanta verdade é que a figura d'este mundo sempre está passando, e nós com ella. Dos sabios e justos, diz Isaías que vêm a terra de longe. Ora vem cá, alma minha, faze por ser sabia, toma as azas da contemplação, e suspende-te n'ellas, e olha de longe para esta bola da terra, e verás como a sua figura sempre está passando. Que é o que vês? Mares, rios, arvores, montes, valles, campinas, desertos, povoados... e tudo passando. Os mares em continuas crescentes e minguantes; os rios sempre correndo; as arvores sempre remudando-se, ora seccas, ora floridas, ora murchas; os montes já forão valles, e os valles já forão montes, ou campinas; os desertos já forão povoados, e os povoados agora, já forão desertos.

Mas olha em especial para os povoados, porque o mundo são os homens. Tudo está fervendo em movimentos que acabão e começão: uns a sahir dos ventres das mãis, outros a entrar no ventre das sepulturas; aquelles cantão, d'alli a pouco chorão; est'outros chorão, d'alli a pouco cantão; aqui se está enfeitando um vivo, parede meia estão amortalhando um defunto; aqui contractão, acolá distractão; aqui conversão, acolá brigão; aqui estão á mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito gemendo o que rírão, e sangrando-se do que comêrão. D'aquella porta para dentro ouvem a palavra de Deos; d'ella para fóra apupão os que passão, e dão-lhe vaia. Lá vai um no seu coche com os pés sobre téla e velludo; atrás das rodas vai um pobre nú e descalço. E que turba-multa é aquella que vai cobrindo os campos de armas e carruagens? É um exercito, que vai a uma de duas cousas, ou a morrer, ou a matar. E sobre que? Sobre que dous palmos de terra são de cá, e não são de lá. E que arvores são aquellas que vão voando pelas ondas com azas de panno? São navios, que vão buscar muito longe cousas que piquem a lingua para comer mais, cousas que afaguem a pelle, cousas que alegrem os olhos, isto é, especies, sedas, ouro, etc.

Olhai o trafego! Tudo ferve, tudo se muda por instantes. Se divertirdes os olhos, d'alli a nada tudo achareis virado. O rico já é pobre, o mecanico já é fidalgo, o moço já é velho, o são já é enfermo, e o homem já é cinzas. Já são outras cidades, outras ruas, outra linguagem, outros trajos, outras leis, outros homens... tudo passa!

LENDA DO INFIEL

(I. 204.)

Prégando o arcebispo S. Vulfrano em Frisia (que é uma provincia dos Estados de Flandres, que confina com Hollanda) resistia-lhe Radhbodo, duque d'aquella terra, homem impio, amigo só da sua honra e regalo, e totalmente mundano; e assim a palavra de Deos cahia-lhe entre espinhos, e os cuidados da riqueza, governo e regalo a afogárão.

Era tal a sua impiedade, que por sortes mandava em certos dias sacrificar homens aos idolos, matando-os com diversos generos de supplicios, uns enforcando-os, outros queimando-os, outros afogando-os no mar. E cahindo a sorte sobre dous filhinhos de uma viuva, os mandou pôr desamparados no meio de uma ilhota, para que, crescendo a maré, os afogasse.

Vierão acommettendo as ondas; e o menino maior, que era de sete annos, levantava nos bracinhos a seu irmão mais pequeno, que era de cinco, para que a agua lhe não chegasse tão depressa. E desde as praias estava o tyranno vendo isto com grande festa, e a pobre mãi com muitas lagrimas.

A este ponto, rompe o santo bispo por meio do povo; prostra-se em oração, e começárão as ondas a deixar o sitio, e retirando-se á roda se forão alcantilando em um muro.

Entra logo por meio do mar, chega á ilha, pega com uma mão de um menino, com outra de outro, e vem-se com elles nos braços passeando pelo mar como por terra firme, sem molhar mais que as plantas. (Ah! Senhor, que admiravel sois em vossos santos!) Começa o povo a clamar, e louvar o nome de Deos; convertem-se, e baptisão-se innumeraveis, e entre elles os dous meninos, ao maior dos quaes pôz o santo seu nome.

Abalado o duque com isto, começou a catechisar-se, porém cahio a palavra de Deos em pedra, e vindo a tentação seccou-se. Porque tendo já um pé mettido na pia para receber o baptismo, o demonio o tentou com a honra; e conjurou ao santo que lhe dissesse onde estava a maior parte das pessoas nobres, e de seus antepassados?

Respondeu-lhe o santo:

— Não queiras errar nesciamente; só Deos sabe o numero dos seus escolhidos; os teus antepassados, se não crêrão em Christo, é certo que todos se condemnárão, e de ti será o mesmo se não crêres.

Tirou o miseravel o pé da pia, dizendo que não queria trocar a companhia de tão illustres pessoas por um pequeno numero de pobres no céo.

Cahio logo o miseravel em uma grave doença, na qual o santo tornou a prégar-lhe; mas cahio a palavra de Deos no caminho, e veio o diabo, e tirou-lh'a do coração, porque se não salvasse. Porque estando com uma madorra, lhe appareceu o diabo em figura de um mancebo formosissimo, com corôa de ouro e diamantes, com roupagens de téla e pedraria, e lhe disse assim:

— Dize-me, varão esforçadissimo, quem te enganou de sorte que te determinasses a prevaricar da religião antiga dos deoses verdadeiros? Oh! não faças tal loucura! Está firme, que muito cedo irás aos palacios e deleites que te tenho apparelhados. E para que te certifiques da minha verdade, chama logo esse Vulfrano, doutor dos pobres christãos, e dize-lhe que te mostre esse reino celestial que te promette. E como elle o não puder mostrar, mandem-se mensageiros da tua e sua parte, que eu serei o guia do caminho, e lhes mostrarei a casa de prazer que te tenho apparelhada, se fôres fiel em me servir.

Acordou Radhbodo, e tudo contou ao santo bispo; o qual uma e muitas vezes lhe protestou que erão tramoias do diabo.

Respondeu o incredulo que elle se baptisaria se aquelle mancebo lhe não mostrasse a casa que dizia; mas que mostrando-lh'a, era signal que não mentia.

O santo então, por amor dos gentios não fingirem alguma cousa em descredito da fé, mandou um seu diacono, e o duque um seu criado; os quaes, sahindo ambos da cidade, lhes veio ao encontro o guia, e os levou por longas e desconhecidas veredas, até que derão em uma entrada formosissima, toda lageada e adornada de excellentes e varios marmores lavrados, e ao longe divisárão um soberbissimo palacio de ouro.

Chegárão á praça que estava na entrada, a qual era toda de ouro e pedras preciosas. Entrárão em um salão de incrivel formosura, riqueza, artificio e resplandor; n'elle virão um throno de grandeza, preço e arte incom-

paravel; os dous homens olhavão pasmados um para o outro. E então lhes disse o guia :

— Esta é a habitação que para o principe Radhbodo lhe tem apparelhado o seu Deos.

O diacono, benzendo-se, respondeu :

— Se estas cousas são feitas por Deos, permaneção; se pelo diabo, desappareção logo!

No mesmo ponto o diabo fugio; e toda aquella machina se tornou em lodo. E os dous se achárão no meio de umas lagôas e espinhaes, d'onde com grande perigo e trabalho puderão sahir em espaço de tres dias. E entrando na cidade souberão como o duque no mesmo tempo morrêra sem reduzir-se.

Tudo contárão ao santo, e o dito criado do duque se converteu, e seguio o santo na perfeição de vida.

CADÊAS DE FERRO E BRONZE

(I. 327.)

O jugo e as cadêas de ferro e de bronze têm estas quatro cousas : que carregão, ferem, soão, e durão. E as mesmas quatro têm o jugo e cadêas da infamia.

Oh! como carregão! Por direita que andasse d'antes a pessoa, logo abaixa a cabeça e os olhos, e lhe parece traz ás costas um monte. Oh! como ferem! Chegão a escalavrar o coração e alma, e ensanguentão familias inteiras. Oh! como soão! Está o pobre que padece a in-

famia aqui em um canto, lá soão no cabo do reino, ou em ultramar. Por onde quer que apparece, detrás lhe ficão rugindo as cadêas, como a alma condemnada que apparece.

Vêm vocês aquelle que alli vai? Pois seu pai é este, e aquelle. — Bem sei, responde o outro, e mais se disse, que isto, e aquillo, etc.

Oh! pobre homem! digamos-lhe que tenha paciencia? que este trabalho brevemente acabará? Não, que as cadêas são de ferro e bronze. Oh! quanto durão! Ainda depois de sepultado, cá ficão rugindo.

De S. Babylas martyr, se escreve que morrendo preso, por amor de Christo, não quiz que lhe tirassem as cadêas, mandou que o seu corpo fosse sepultado assim preso com ellas.

Oh! já eu me contentára com que os presos da infamia levassem comsigo á cova as suas cadêas. Mas não é assim. O homem morreu, e está enterrado, e as cadêas ficão vivas cá fóra tinindo e fallando.

É possivel que uma cousa tão pequena, tão branda, tão leve e tão mudavel como a lingua, tenha poder para vos pôr ás costas um jugo tão pesado, tão duro e tão durador? Já agora tambem eu digo que ditoso do que escapou da má lingua, e do seu jugo de ferro.

O RUSTICO

(I. 331.)

Em Baviera, em uma villa por nome Biburgo, junto do Danubio, houve nos tempos passados um rustico que vivia da sua fazenda, com sua mulher e filhos, todos tão bons christãos, que a casa parecia um pequeno mosteiro recoleto.

Não lhe escapava todos os dias santos sermão e sacramentos. Logo pela manhã ouvia missa, e depois todos os de sua familia, revezando as horas. Aos sabbados era certo na ladainha, não obstante que a freguezia lhe ficava longe do campo onde morava.

Todos se fiavão d'elle, porque fallava verdade; todos lhe compravão, porque vendia mui accommodado; todos folgavão de o conversar, porque era humilde e sabio, e assim lhe chamavão o rustico santo.

Não podião deixar de agradar a Deos tantas virtudes; pois elle as dera. E porque lhe agradavão, que vos parece que fez? Encheu de felicidades, augmentou a sua casa com riquezas e honras? Nada menos. Mandou-lhe muitas e graves tribulações.

A primeira foi levar-lhe a mulher, que, para um bem casado, e sendo o governo da casa, é grande cruz. Supportou-a, dando graças a Deos.

Depois levou-lhe, um por um, todos os filhos; depois

tirou-lhe os bens que chamamos da fortuna; e foi-lhe necessario viver só comsigo, mendigando na igreja aos dias santos, o que havia de comer pela semana na cozinha. Que fazeis, meu Deos; assim se tratão os amigos? Deixai, nescios: a regra bem torcida vai; mas vereis a linha que por ella se lança, como sahe direita.

Succedeu faltar um dia o bom velho na igreja. Que terá? dizia o povo; deve estar doente; elle, que não veio, tem causa justa.

No seguinte domingo faltou tambem. Oh! vamos vêl-o, e levar-lhe alguma cousa, que estará em necessidade.

Forão, e achárão a porta bem fechada. Entendêrão que iria cumprir alguma romaria, ou cobrar alguma divida em outra terra. Mas já erão tres domingos, e o velho não apparecia.

Tornão lá; a porta estava fechada. Que será isto? Não morresse elle aqui á mingua. Entrão; e vêm (caso estupendo!) vêm o pobre velho enforcado de uma trave, já tão corrupto, e manando bichos, que não havia quem o supportasse.

Aqui foi o olharem uns para os outros pasmados. Aqui o lançar varios juizos. Correu diante a fama; uns dizião: Eis-aqui onde parão os hypocritas. Outros: aposto que tem enterradas panellas de dinheiro. Outros: devia de desesperar com os muitos trabalhos. Outros: devia ser feiticeiro, e quiz Deos que morresse como Judas, para se descobrir a verdade. Outros, mais ao moral e sentencioso, dizião: como póde faltar o que diz o Evangelho, que nada ha occulto que se não revele? A justiça mandou despendurar o corpo, e que não fosse

enterrado em sagrado, senão ao pé do pelourinho, onde justiçavão os delinquentes. E andando o tempo, já todos estes juizos dos homens erão fama constante e corrente.

Fazia-se n'aquella terra uma feira grande. Acudião em busca de gente, a pedir esmolas, muitos cegos e aleijados. Succedeu que um cego, assim como pôz o pé sobre a terra onde os ossos do rustico estavão sepultados, de repente cobrou vista.

Acudia a ver a maravilha muita gente, e entre ella um aleijado, que tinha os pés virados e pegados nas costas, e andava em pés de páo; e assim como alli chegou, sarou, e andava e saltava livremente. Entra logo um leproso, e fica limpo da lepra.

Cresceu o motim da gente : que será isto? Como erão muitos a julgar, quiz Deos que alguns atinassem. E' o rustico santo, que está alli enterrado!

Chegou a fama á cadêa, onde estavão dous ladrões sentenciados á morte. Toca-os o espirito de Deos; dizem : nós temos que fallar á justiça. Chegou o ministro.

— Senhor, dizem elles, assim como assim, havemos de morrer, queremos dizer a verdade. Andavamos roubando por estes campos; cuidámos que o rustico santo teria muita esmola junta. Entrámos uma noite, e ameaçámol-o de morte se nos não entregava tudo. Filhos, disse elle (e estava em oração de joelhos com as mãos levantadas ao céo), filhos, eu não tenho cousa alguma : crêde-me. Agora! mente. Apertámos-lhe um cordel na garganta : nunca disse nada, senão tudo era fazer actos de amor a Deos; emfim afogámol-o. Depois revolvêmos

toda a casa; e como não achassemos o que buscavamos, pezou-nos de o haver morto. Pois agora, que remedio, para se não presumir que foi morte violenta? Penduremol-o, como que elle se enforcou. Assim o fizemos; e logo, trancando por dentro a porta, subimos ao telhado, e tornando a concertar as telhas, safámos. Isto é o que na verdade passa: por descargo de nossas consciencias, e para que Deos nos aceite em desconto esta confissão publica, o dizemos.

De tudo o sobredito se fez aviso ao arcebispo, que era o de Ratisbona; e precedendo informação juridica, veio com a cleresia ao dito lugar, e levou em triumpho solemne aquelles ossos, e os collocou em lugar decente, onde Deos abrio uma fonte de milagres, para todos os que a li recorrião a buscar o remedio a suas necessidades.

O COFRE ROUBADO

(II. 18.)

Refere o cardeal Toledo, na exposição sobre S. Lucas, que no anno de 1527, sendo Roma saqueada, um homem ordinario foi tão atrevido que, entrando no templo lateranense, com mão sacrilega roubou e levou comsigo certo cofrezinho de reliquias. Sahindo fóra da cidade foi preso por uns camponezes, em lugar de carcere, n'um celeiro de pão, no qual por escapar-se, enterrou

o thesouro que trazia, sem o conhecer. Livrando-se o tal homem voltou a Roma, adoeceu gravemente, e vendo-se desconfiado, descobrio o furto e o lugar onde estava.

Deu-se conta ao papa Clemente VII, que logo mandou a João Baptista, senhor do lugar chamado Calçada, onde o furto foi escondido, que buscasse aquella mina de reliquias, mas não surtio effeito a diligencia, senão no mez de Outubro de 1557, no qual forão descobertas pelo cura da igreja dos SS. martyres Cornelio e Cypriano, o qual as levou logo ao dito João Baptista; e não estando elle em casa, sua mulher Magdalena Strozi, em presença do mesmo sacerdote, e de outras pessoas, e entre ellas de uma donzella por nome Clarice, de sete para oito annos, quiz abrir o cofrezinho; era este de aço, meio palmo de comprido, quatro dedos de alto, e o tampão arqueado; dentro se achárão varias reliquias de grande estima, envoltas em seda com os seus lettreiros já gastados do tempo.

A piedosa e nobre matrona Magdalena as foi tirando, para lhe dar novos engastes.

Ião desenrolando os envoltorios, até que chegando a um, que era do tamanho de uma bolota, vírão que o lettreiro dizia Jesus; e querendo ella desatar o fio, sentio que os dedos se lhe tolhião; com lagrimas e humildade pede licença a Deos propondo-lhe o animo com que o fazia; mas tres vezes o commetteu, fiada em sua boa tenção, e tres vezes os dedos, ministros d'aquella piedade, se lhe tornárão duros e frios como se forão de bronze; acudio outra das senhoras que estava presente,

dizendo : Se estará aqui a carne da circumcisão de Christo, que sua santidade mandou buscassem com diligencia?

Escassamente tinha com duvida acertado, quando de repente se espalhou pelas salas tão divino cheiro, que convocou de fóra outras pessoas. Correm apressadas a perguntar a causa; achão o sacerdote falto de sentidos de temor e admiração; o desejo de descobrir o thesouro crescia; as mãos dos que se atrevião tolhião-se, o remedio faltava; n'esta perplexidade lhe inspirou Deos que entregassem á menina Clarice aquelle envoltorio sagrado. Chega a menina, pega d'elle, e com toda a confiança e facilidade desata o fio, que tantas mãos tinha atado, fazendo Deos á vista de todos este singular favor á virgindade, pois era aquella carne virgem, e gerada nas entranhas de virgem.

OCCASIÃO

(II. 116)

Nós muitas vezes somos os que tentamos o diabo. Porque? pouque nós somos os que buscamos a occasião; os que chamamos por ella; e buscar a occasião em vez d'ella nos buscar a nós, é em vez de o diabo nos tentar a nós, tentarmos nós ao diabo.

E senão, digão-me : Como póde ser que aquelle ou aquella esteja todo o dia com uma mão sobre a outra,

e não caia em máos pensamentos? Como póde ser que estejão fallando nos corrilhos, ou nos estrados, horas e horas, e não murmurem de vidas alheias? Como póde ser que frequentem a casa do jogo, e páteo das comedias, e não jurem, e não se apaixonem, e não aprendão malicia e liberdade de carne? Isto não é tentar ao diabo?

Promette o outro de não cahir mais no sexto mandamento. Irmão! se a occasião está de portas a dentro, ou tanto monta, e vós fostes o que a buscastes e chamastes, nem quereis largar a capa como José, como haveis de ser casto como José? Se vós não largais as más companhias, como haveis de ser devoto, e ter boa oração e consciencia limpa? Se vós trajais bem, como não haveis de cahir em vaidade? Se comeis melhor, como ha de estar o vosso corpo obediente ao espirito? Se todo o dia andastes distrahido, como vos haveis de recolher na oração? Não é isto tentar ao diabo?

Ora, acabo este discurso com um exemplo maravilhoso de um servo de Deos que, ainda que elle não foi buscar a occasião, senão a occasião a elle, comtudo, porque não fugio, cahio miseravelmente.

Um conde de Barcellona teve uma filha, da qual se apossou o demonio, entrando n'ella; e fazendo-lhe os exorcismos respondeu que se não sahiria d'aquelle corpo senão por orações de Guarino, e estando na sua cova por nove dias; era este varão n'aquelles tempos celèbre em santidade, confirmada com muitos milagres e dons divinos, especialmente o de expellir demonios; e com

effeito, levada a donzella á sua presença, e orando elle logo ficou livre, e quando soube que havia de ficar alli cumprindo a sua novena, repugnou quanto pôde; mas emfim, vencido dos rogos e autoridade do pai, a deixou ficar. Ah! estatua! que se vos tocar a pedra, haveis de arruinar-vos; não vos fieis do ouro da caridade, nem da prata da innocencia, nem do bronze da fortaleza, nem do ferro da aspereza penitente, uma vez que os pés são de barro da natureza humana. Ficou a donzella na mesma choça do ermitão; e o pai se foi esperar em um casal, que ficava algum tanto desviado, no lado de um monte.

Já o tentador tinha levado esta alma até o pinaculo; isto é, ao lugar arriscado a cahir; agora começa a dizer-lhe que se precipite. Começou a suggerir-lhe que peccasse. Mandou o monge dizer ao conde pelas pessoas que trazião de comer a sua filha, que lh'a mandasse buscar; porém este, receioso que o demonio tornaria a entrar n'ella, deixou-a estar; cresceu o perigo, e Guarino determinou aconselhar-se com outro ermitão!

Mas vejão a astucia do tentador: este tal, que havia de dar o conselho era o mesmo demonio, disfarçado já para esse intento, e habitava em uma cova, que ainda hoje se chama a cova de Satanaz; e assim, quando Guarino veio pedir conselho, lh'o deu tal, qual o lobo o daria á ovelha, se lh'o pedisse; respondeu-lhe que não desamparasse a choça, que estivesse forte por credito da virtude, e não dar que suspeitar, visto que a detença era já tão breve. Enganado Guarino do demonio (oh! que altos são os juizos de Deos!) tornou para a sua cova,

e descuidando-se de sopear a sua carne com as penitencias costumadas, e acommettido logo de uma vehementissima tentação, fez violencia á donzella.

Lá vão cincoenta annos de merecimentos e de penitencia em um instante; cahio a estatua, e todos os metaes das virtudes se desfizerão em pó. Mas esperai, que como a quéda foi de alto, ainda vai rodando mais; imitou a David nas victorias, agora ha de imital-o nos peccados; porque depois do peccado da carne, commetteu outro de homicidio.

Vendo pois um caso tão fatal, duvidoso do que faria, tornou ao seu conselheiro; o qual disse:

— Já agora, que remedio? matal-a, e enterral-a, e isso logo.

Assim o fez; quando o conde veio lhe mentio, dizendo que sua filha se sahíra a deshora, sem elle saber para onde. Até aqui nos serve o exemplo: dobremos aqui a folha, e fechemos o discurso.

Almas! para não cahir na tentação é necessario fugir da occasião d'ella; isto que em toda a materia é certo, n'esta do sexto é ainda muito mais; se a quem vem a occasião buscar periga tanto, que será quem vai buscar a occasião. Vigilancia, que o inimigo é invisivel, e das creaturas visiveis se ajuda para nos tentar. Para tentar de avareza ajuda-se da abundancia de riquezas; para tentar de soberba ajuda-se da estimação da honra; para tentar de ira ou zelo ajuda-se das faltas dos proximos.

Ao murmurador offerece a conversação dos amigos; aos distrahidos os concursos, festas, procissões, etc. Ao presumido de lettras põe-lhe diante o applauso e aura

popular; á mulher leviana as galas e enfeites; e até para tentar de gula se val das pedras.

O HOMEM DE 300 ANNOS

(II. 241)

Estando os religiosos de certo mosteiro rezando as horas canonicas, um d'elles, que mais attentamente acompanhava a oração vocal com a meditação interior, reparando no verso do psalmo oitenta e nove, onde se diz que mil annos, diante de Deos, são como o dia de hontem, que passou, desejou penetrar o espirito d'esta admiravel sentença, e acabado o coro, entrou para a cerca solitario, e pensativo sobre o ponto; quando de entre a espessura do arvoredo ouvio cantar um passarinho, cuja modulação era tão varia, tão seguida, tão suave, tão saudosa, que o religioso, esquecido de tudo o mais, se assentou mui de proposito a ouvil-a.

Depois de um espaço, a seu parecer mui curto, explicando o passarinho os breves remos de suas ligeiras penninhas, foi cortando esse golpho dos ares, e desappareceu, deixando ao seu ouvinte assaz magoado; porque nada do que se possue com gosto se perde sem desconsolação; voltou pois os passos para a clausura, com animo de continuar a seguinte hora, que para elle era a de terça.

Porém (oh! maravilha nunca assaz admirada!) o con-

vento era outro, outras as portas, outro o coro, outros os monges e o abbade! Tudo desconhecia, como se fôra peregrino, chegado então de remotos climas. Umas vezes suspeitava se estaria sonhando, outras se padeceria alguma illusão do commum inimigo; e assim mesmo pedia experiencias, que o desenganassem; nem era menos a admiração nos outros monges, que negavão conhecêl-o pelo rosto e pelo nome; finalmente foi preciso recorrer á fé das chronicas e memorias antigas do mosteiro, nas quaes se achou declarado que no tempo de tal abbade (que era o mesmo que elle nomeava) desapparecêra o monge fulano, e nunca d'elle houvera mais noticia; e feito o computo dos tempos se achou serem passados trezentos annos. N'este passo se lembrou o monge do pensamento com que sahíra do coro; pedio logo a communhão sagrada, e compondo-se honestamente sobre o leito, fechou os olhos, e expirou, que foi o mesmo que abrir os da alma para lograr aquelle bem, que mil annos da sua vista são como o dia de hontem que passou; e sendo o santissimo sacramento musica, ou canção nova, como lhe chamou Eusebio, duas canções logrou este venturoso monge, ambas por vesperas da gloria; uma, que lhe entrou pelo ouvido, e o fez viver trezentos annos; outra, que lhe entrou pela boca, e o fará viver eternamente.

SUBLIME THEATRO

(II. 458.)

Virá o Senhor a parar sobre o monte Olivete em direitura das pégadas que alli deixou impressas, e hoje permanecem, quando subio ao céo e prometteu tornar. Alli se formará de nuvens um como theatro, onde estarão por sua ordem os thronos e cadeiras dos santos; o mais eminente e proximo a Christo occupará Maria Santissima, Mãi sua, e Senhora de todas as creaturas. Vêde se ha formosura que nem de longe se compare com sua formosura? Esta é a que não achou um cantinho nas estalagens de Belem. Esta a que assistio ao pé da cruz com o coração mais escuro de tristeza, mais partido de dôr, do que o sol se escureceu, do que as pedras se partírão; e alli os que passavão, lhe dizião abanando a cabeça:

— Desgraçada mulher! Que má conta déste de teu filho! Oh! bemdita entre as mulheres, oh! cheia de graça! fazei vós agora que demos nós então boa conta de vosso filho, a vosso mesmo filho!

Mas que santo é aquelle que tem a sua cadeira entre as dos serafins, e tem o lado, mãos e pés sellados com as armas reaes de Christo? É o serafico padre S. Francisco, cujo corpo esteve, desde a sua morte, em pé e desarrimado, com os olhos abertos e postos no céo, esperando a sua resurreição e vinda do filho de Deos a

julgar; e como foi por extremo humilde, está agora summamente exaltado. Que matrona é aquella, que vejo tão junto dos apostolos e dos pés de Christo? É S. Maria Magdalena, apostola dos mesmos apostolos, amante leal do Senhor, e já está segura de que lh'o furtem. Abaixai os olhos, peccadoras impenitentes, que tendes n'esta peccadora arrependida terrivel parte contra vós! Parece-me que vejo um grande rosal de rosas mui miudas e brancas; são os meninos innocentes que entrárão na pia do baptismo, e de um mergulho vierão a sahir nas formosas praias da vida eterna! No côro dos sacerdotes reparo em um, de notavel alegria, e tem insignias de virgem e de mestre.

Salve, meu glorioso padre S. Philippe Neri! Louvores ao Altissimo que vos coroou de tanta gloria! Padres meus, e filhos de S. Philippe Neri, façamos por voar a este lugar e companhia; e as azas com que havemos de voar são, como vossas reverencias me ensinárão, oração e mortificação. Quem quizer ver muito, ore e tire os olhos; quem quizer fallar bem, ore e corte a lingua; quem quizer entender muito, ore e seja louco; quem quizer salvar-se, perca-se.

Seguia-se correr tambem um pouco os olhos pela outra parte d'este theatro, que é a da mão esquerda. Mas quem se ha de atrever? Oh! que lago de leões! Oh! que trevas do Egypto! Oh! que brasido de tições fumegando! Quanta zizania em feixes! Quanto horror de peccados! Só tomára perguntar: Vai alguma differença de bons a máos? De seguir a cruz a seguir o deleite? Infinita. E sendo infinita, não a vemos agora. Então a veremos.

LENDA DO PALACIO ENCANTADO

(II. 467.)

Nos Estados de Flandres, não longe da cidade de Bruxellas, havia um castello onde ninguem podia habitar, por ser fama que n'elle andavão cousas más, e se ouvirem de noite grandes estrondos e gemidos. O fidalgo dono do castello, depois de fazer sem proveito os remedios de exorcismos e benções, foi-se desconsolado para Bruxellas, e alli communicando sua pena com um religioso de virtude e valor, este se lhe offereceu para o remedio. Tomou companheiro, foi-se ao castello, e fechou-se em um aposento que ficava junto de uma sala grande, onde os estrondos se ouvião. Acendêrão luzes, e puzerão-se em oração. Quando lá, alta noite, ouvem um grande ruido, como de quem corria pela sala com cadêas, e vierão a parar na porta do dito aposento, dando tres rijas pancadas; de dentro não respondêrão; e logo vírão as portas dentro; e appareceu um disforme vulto com os olhos chammejando, e rosto denegrido e macillento; e assentou-se em uma cadeira que alli estava. O religioso que estava armado de Deos, e por ventura era costumado a ter batalhas com os demonios, sem pavor algum lhe disse:

— Quem és, e que buscas aqui?

Respondeu elle:

— Logo virá quem te responda.

Não passou muito tempo, que se não ouvisse semelhante ruido ao primeiro, e entrou semelhante monstro; tomou a seguinte cadeira, e á pergunta do padre respondeu do mesmo modo :

— Logo virá quem te responda.

Não tardou muito o terceiro com o mesmo estrondo e aspecto horrendo; tomou a seguinte cadeira, e respondeu do mesmo modo. Entrou emfim o quarto, mas mui differente em tudo dos mais; porque o aspecto era alegre, as vestiduras alvas, o andar pausado, e as mãos juntas como quem orava. Este, perguntado pelo religioso, respondeu :

— Sou a alma do pai d'aquelle fidalgo que possue este castello, e fallou comtigo. Este que entrou em primeiro lugar é meu bisavô; o segundo meu avô; o terceiro meu pai. Em uma guerra civil, que houve n'esta terra, meu bisavô tomou injustamente este castello; morreu sem o restituir, e condemnou-se. Meu avô, que ficou com elle, bem sabia que era alheio; não restituio, e tambem se condemnou. Meu pai, por algumas noticias que teve, entrou em duvida se possuia com direito; não quiz averiguar a verdade por se não arriscar a desapossar-se; morreu e condemnou-se.

Ao dizer isto aquella alma, as outras tres levantárão-se, e correndo furiosamente desapparecêrão. E a alma foi continuando :

— Eu sempre estive em boa fé que possuia o meu; por isso não me alcançou a mesma desgraça; mas peno no purgatorio! Agora te aviso que em serviço de meu

filho, está um criado por nome João, o qual é nobre, e por pobreza se accommodou a servir; e a este pertence de direito o castello; componhão-se as cousas, que será Deos n'isso bem servido.

E dito isto desappareceu.

Na manhã seguinte soube o fidalgo do que passára: chamou logo o dito criado; fez com elle uma transacção honrosa, com que ficou accommodado; e nunca mais n'aquelle lugar se ouvirão inquietações.

FIM DOS SERMÕES.

MEDITAÇÕES[1]

A NOIVA DO DIABO

(I. 79.)

O seguinte caso (que é memoravel), conta o padre Adriano Lyreo, no seu livro intitulado : *Trisagium Marianum*, e d'elle o padre Christovão da Vega, na *Theologia mariana*, ambos da companhia de Jesus.

Em um lugar perto da cidade de Neomago (ha muitos Neomagos na Europa ; e não acho particularisado qual seja este : parece, pela semelhança do nome, que é Numagen na Gallia Belgica) vivia no campo um sacerdote pio e timorato, por nome Gilberto, em companhia de uma sua sobrinha chamada Maria, a quem doutrinava, e que o servia em alguns ministerios domesticos.

[1] *Meditações sobre os principaes mysterios da Virgem Santissima.* Vêm no I° tomo dos *Varios Tratados*. Lisboa, officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1762. Ao lado de cada titulo parcial se aponta a pagina do competente excerpto.

A esta ordenou um dia o tio que fosse á dita cidade comprar algumas cousas necessarias para a provisão da casa; declarando-lhe porém expressamente, que no caso que não pudesse negociar a tempo, fosse transnoitar á casa d'outra parenta, que alli morava, por se não arriscar aos perigos da noite e do campo, vindo solitaria.

A donzella, não podendo com effeito concluir o que levava encommendado senão já muito sobre a tarde, buscou a casa da parenta para hospedar-se, e voltar no seguinte dia para o seu lugar.

Mas succedeu que havendo-se a dita parenta apaixonado com uma vizinha sua, estava com a condição tão desabrida, que batendo-lhe a sobrinha á porta inesperadamente, não só a não quiz admittir, senão trocando a colera contra a innocente, a despedio com termos injuriosos.

Devia não ser muita a affeição que tinha, e remoto o parentesco, ou o natural mesquinho! Fosse emfim pela causa que fosse, a donzella lhe foi preciso sahir da cidade, e tomar o caminho para o seu lugar, indo assaz triste, temerosa e indignada.

Cerrando-se a noite, se lhe cerrou mais a melancolia; bella disposição para o demonio fazer os seus lances! Assentando-se ao pé de um vallado, e volvendo na memoria o discurso de sua vida trabalhosa, entrou em taes impaciencias, que em vez de invocar a Deos e á Virgem (cuja devota era) que a soccorresse, invocou ao demonio, e desejou que lhe tirasse a vida, precipitando-a, ou afogando-a com um laço.

Acudio o inimigo, prompto sempre para a perdição

das almas; e o certo é que já d'antes alli estava invisivel, suggerindo-lhe aquelles pensamentos desesperados. Tomou figura de medico, que se vinha recolhendo de fóra para a cidade. Perguntou-lhe, com fingida caridade, pelas causas da sua tristeza e solidão : aggravou mais a sem-razão da tia, e a carga do trabalho que supportava; mas offereceu remedio facil para todas suas necessidades, e boa fortuna para tudo o que quizesse, se tomasse seu conselho.

Perguntando pelo seu nome, disse que se chamava Momo; e ella disse que se chamava Maria.

Aqui mostrou logo o demonio como este nome lhe era odioso; e tão adiante tinha já mettido a illusão, que sem temor de que poderia dar-se a conhecer, lhe disse que tirasse aquelle nome, e lhe poria outro mais galhardo e campanudo, e se casaria com ella, visto ser moça pobre e honrada; porém a donzella, pela instrucção do tio, estava tão affeiçoada ao nome de Maria, que não quiz consentir n'este partido; porque dizia que ao pronuncial-o sentia grande gosto.

Pedio-lhe o tentador que não fizesse o signal da cruz, porque elle sabia era invenção ridicula; e n'esta infame condição veio; mas tornada a instar que deixasse tambem o nome Maria, persistio em o não largar; e isto erão sem duvida auxilios que a graça de Deos lhe dava occultamente, para vir por este caminho a remediar sua miseria.

Vendo pois o tentador como se pegava fortemente ao nome de Maria, levou-a pelo ardil de que usa com os peccadores para induzir a alguma maldade mais exe-

cranda; que é partil-a em pequeninos, para depois vir a introduzil-a toda inteira.

Disse-lhe que d'aquelle nome lhe bastava só a primeira lettra M para sua consolação; e que d'alli por diante se chamasse *Emme*.

Admittio a nescia este engano, ficando-lhe só como pendurada, por um fio d'aquella lettra, a devoção da virgem; a qual é tão poderosa, que ainda assim lhe bastou para a tirar da garganta do inferno, como se verá da historia.

Emme emfim foi em companhia de Momo, enganada de suas largas promessas, para a cidade de Antuerpia, onde vivêrão como casados seis annos, em que o demonio lhe ensinou suas más artes; e tal pressa se deu a entulhar aquella pobre alma de todo o genero de maldades e peccados horrendos, que a mesma Emme se enfastiava já de tanto peccar, e não podia com o peso de tão criminosa consciencia.

Pedio pois a seu supposto marido Momo, que a deixasse ir a Neomago; e negou-lh'o, entendendo que era para buscar escape á sua escravidão.

Mas tantas e tão vivas forão as instancias que Emme fez sobre esta demanda (não tanto pela condição geral d'este sexo, que é appetecer mais o que mais se lhe nega, quanto porque a Virgem Senhora Nossa por este caminho dispunha o seu remedio), que ao demonio lhe pareceu bastava ir com ella para assegural-a na sua posse; e assim assentárão que fossem ambos.

Chegou pois a Neomago; ouvio Emme que na praça se estava dizendo um devoto dialogo, ácerca do valor

da intercessão da Virgem com Deos pelos peccadores. Era o assumpto que mais promptamente convinha á sua conversão e necessidade : e afastando-se, com o sopro d'aquellas palavras, a cinza do esquecimento da devoção da Senhora, começárão a reluzir algumas faiscas d'ella, que estavão encobertas. Movêrão-se em seu coração affectos de arrependimento de tantas e tão enormes offensas de Deos; derão as lagrimas signal da mudança e alvoroço que passava no interior.

N'este ponto o demonio, sentindo que a presa se lhe queria sahir das unhas, depôz a mascara de Momo, e appareceu á vista de todos os circumstantes em horrivel figura, e arrebatou a Emme ao alto, e tirou com ella á terra, para quebrar-lhe a cabeça; mas não chegando a licença de Deos onde chegava a raiva do demonio, não logrou este seu malvado intento. E vio-se manifesta a especial providencia com que a salvação d'esta alma ia dirigida; porque succedeu que um dos ouvintes, que assistião ao dialogo, era o sacerdote Gilberto; o qual, conhecendo a sua sobrinha, a quem tinha buscado baldadamente, a recebeu a si, igualmente admirado e compassivo : e sabida a sua miseria e necessidade, lhe applicou todas as industrias convenientes para a defender dos assaltos diabolicos.

Levou-a a outro sacerdote, que, informado da penitente, temeu entrar na cura de tão grave mal, e recorreu ao bispo, e este a remetteu ao papa, conforme o estylo d'aquelles tempos, em casos maiores, e que pedião ser taxados com especial penitencia canonica.

Gilberto, como bom tio, acompanhou a sobrinha n'esta

romaria; levando comsigo em um decente reliquario o Santissimo Sacramento, como armas contra os perigos d'aquella longa jornada, tão odiosa ao inimigo.

D'onde se póde colligir que este caso é muito antigo, e respeita os seculos da Igreja primitiva, em que aos viandantes e navegantes se lhes permittia esta licença, e receber o Senhor por viatico occorrendo-lhes perigo de morte; e ainda os fieis levavão da igreja para suas casas muitas particulas, e as guardavão decentemente, para d'ellas ir sustentando a vida da alma; visto que, por causa da perseguição dos infieis, não podião ajuntar-se na igreja cada vez que o desejavão.

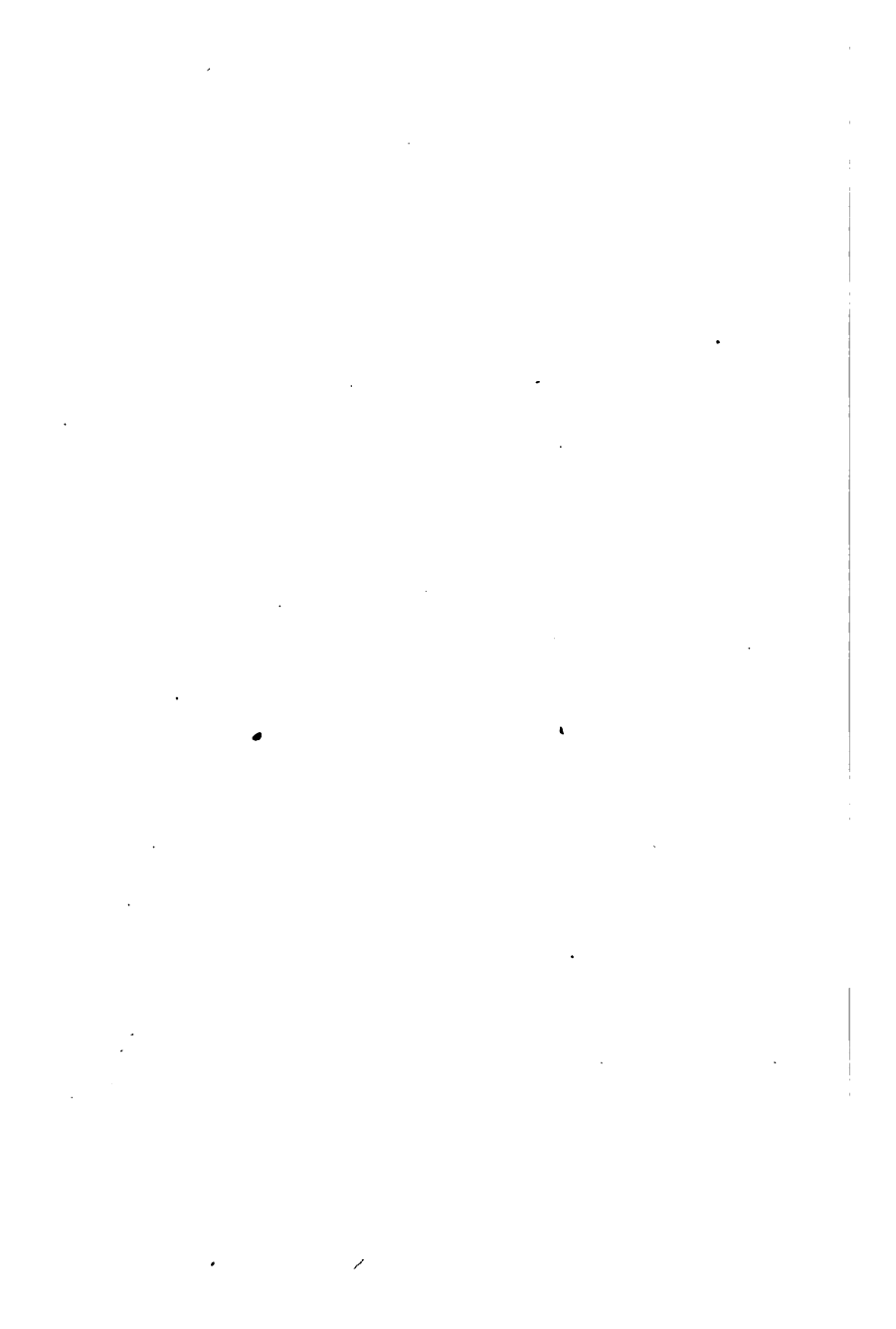
D'isto ha exemplos no Prado Espiritual, e S. Ambrosio o conta de S. Satyro seu irmão; e S. Gregorio, de Maximiano, bispo de Cesaraugusta; e durou este costume na igreja occidental ao menos até os tempos do papa Hormisdas, e na oriental ainda mais.

Armados pois os nossos romeiros com tão boa defesa, chegárão felizmente á presença do summo pontifice, a quem Maria confessou toda a sua vida; o qual, entre outras penitencias medicinaes e punitivas, lhe impôz que para dolorosa memoria da escravidão de Satanaz, a quem servíra seis annos, trouxesse continuamente tres circulos, ou argolas de ferro, uma no pescoço, e duas nos braços, até que o uso as gastasse, ou Deos, se assim fosse servido, lh'as abrisse.

N'aquelle tempo, em que o amor de Deos e a abominação e temor das penas do outro mundo estavão na christandade mais vivos, costumavão-se impôr semelhantes penitencias rigorosas, ou extraordinarias.

Tal foi a do ermitão João Guarino, deflorador, e logo homicida de Richilda, filha de um conde que lh'a levára á sua presença, para que expulsasse d'ella (como com effeito expulsou) um maligno espirito que a vexava; e lhe impôz o papa, como se escreve, que andasse uns tantos annos de pés e mãos pela terra, como bruto; pois brutal fôra o seu peccado.

Continuando pois a historia, Maria aceitou a sua penitencia com humildade e devoção, e começou a servir a Deos, e purgar seus peccados, pondo toda a sua esperança na misericordia divina e intercessão da Virgem. Fez grande instancia por entrar (e o conseguio com effeito) no recolhimento das convertidas, dedicado a Santa Maria Magdalena, onde fez grandes progressos na vida espiritual, e a cabo de quatorze annos acordando uma noite, achou as tres argolas quebradas; de que ficou entendendo, com grande consolação de sua alma, que Deos lhe tinha perdoado. Sobreviveu mais outros dous annos, e no terceiro soltou-se tambem a prisão do corpo mortal, e voou ao céo a lograr as moradas eternas.

FIM DAS MEDITAÇÕES.

DIRECÇÃO[1]

DA CARIDADE

(I. 6[illegible]1.)

Quanto aos actos em que a virtude se exercita, podem ser entre nós os seguintes:

Primeiro, soffrer as faltas e imperfeições uns dos outros, não nos escandalisando facilmente.

Segundo, dar correcção com espirito de brandura e reconhecimento interior de semelhantes ou maiores miserias proprias; e com intenção recta do bem espiritual de meu proximo e segundo as regras da prudencia.

Terceiro, prestar aos proximos em tudo o que eu puder, e de mim necessitarem, sem me fazer arduo e

[1] *Direcção para ter os nove dias de exercicios espirituaes.* Vem no I° tomo dos *Varios Tratados*. Lisboa, officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1762. Ao lado de cada titulo parcial se aponta a pagina do competente excerpto.

difficil n'este particular, antes prevenindo a sua necessidade com o meu soccorro, e anticipando os seus desejos com a minha condescendencia.

Quarto, não porfiar com alguem, nem contradizêl-o direitamente, ou com empenho; excepto os casos em que assim importa em razão da mesma caridade.

Quinto, não lançar a alguem em rosto, nem ainda por via de gracejo, as suas imperfeições e defeitos, nem moraes, nem naturaes, e inculpaveis; nem sobre esta materia murmurar com outros.

Sexto, mostrar no gesto modo grato e affavel para com todos, sem tristeza, porém sem pucrilidade ou chocarrice.

Setimo, não lisongear a alguem; porque não é officio de verdadeira amizade; antes causa damno espiritual em mim, e costuma causal-o nos outros.

Oitavo, ceder sempre do commodo proprio pelo dar aos outros, ainda em cousas minimas; mas, se elles se molestão de que sempre n'esta materia os vença, darei lugar a ser tambem d'elles vencido; porque assim, ou assim, sempre a caridade, como oleo, sobe acima.

Nono, se succeder molestar-me o proximo com alguma palavra ou acção menos attenta, ou ainda grave, tornar bem por mal, como manda o Evangelho; e não conservar rancor no peito, nem ainda tristeza no rosto, ou desvio no trato.

Decimo, lançar sempre á boa parte as acções e palavras alheias, quanto puder ser; pois, ainda que erre, não faz mal a simplicidade, antes me grangêa grandes bens espirituaes.

Estes, e outros semelhantes actos hei de ter como decorados, de sorte que da repetição dos desejos e propositos me nasça a memoria de aproveitar os lances que se offerecerem, e a affeição e brandura de coração para exercital-os. E examinando o que em cada um d'estes artigos pecco, procurarei emendal-o, pedindo para isso especial graça, levando o ao exame particular quotidiano, e começando por aquellas faltas de caridade que mais escandalisão.

FIM DA DIRECÇÃO.

PÃO PARTIDO EM PEQUENINOS[1]

O FRADE DE 300 ANNOS

(II. 3.)

Os bens e gostos do mundo, uns mais, outros menos, todos finalmente enfastião e cansão, porque em si são limitados, e o homem não é feito para elles; porém a formosura de Deos é infinita; suas perfeições, excellencias e grandezas não têm limite; e assim, ainda que houvera infinitos anjos, e almas bemaventuradas, nunca por toda a eternidade acabarião de comprehender tão grande bem, nem cansarião de o amar e louvar, especialmente sendo os anjos e os homens creados para o logro d'este bem. E senão, dizei-me vós: A pedra por

[1] *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deos*, breve tratado espiritual, em que se instrue um fiel nos pontos principaes da fé e bons costumes. Vem no II° tomo de *Varios Tratados*. Lisboa, officina de Miguel Manescal da Costa, 1762. Ao lado de cada titulo parcial se aponta a pagina do competente excerpto.

ventura causa de estar quieta e assentada sobre o seu centro? Não por certo, porque esse é o seu lugar proprio, e ahi se acha bem. Sendo pois a vista de Deos o centro das nossas almas, e o seu lugar proprio, onde se achão summamente ditosas, que muito que não cansem de ver a Deos, e por conseguinte de o amar e louvar eternamente? Para que esta verdade se vos faça mais crivel, vos contarei um exemplo, que trazem graves autores.

Estando um monge em matinas com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegárão áquillo do psalmo onde se diz que: Mil annos á vista de Deos são como o dia de hontem, que já passou, admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquillo podia ser. Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pedio affectuosamente a nosso Senhor se servisse de lhe dar intelligencia d'aquelle verso. Appareceu-lhe alli no côro um passarinho, que, cantando suavissimamente, andava diante d'elle dando voltas de uma para a outra parte, e d'este modo o foi levando pouco a pouco até um bosque que estava junto do mosteiro, e alli fez seu assento sobre uma arvore, e o servo de Deos se pôz debaixo d'ella a ouvir. D'alli a um breve intervallo (conforme o monge julgava) tomou o vôo, e desappareceu com grande mágoa do servo de Deos, o qual dizia mui sentido:

— O' passarinho da minha alma, para onde te foste tão depressa?

Esperou; como vio que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que aquella mesma madrugada depois de matinas tinha sahido d'elle. Chegando

ao convento, achou tapada a porta, que de antes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a quem buscava? Respondeu-lhe:

— Eu sou o sacristão, que poucas horas ha sahi de casa, e agora torno, e tudo acho mudado!

Perguntando tambem pelos nomes do abbade, e do prior, e procurador, elle lh'os nomeou, admirando-se muito de que o não deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar d'aquelles nomes. Disse-lhe que o levasse ao abbade; e posto em sua presença, não se conhecêrão um a outro, nem o bom monge sabia que dissesse, ou fizesse mais, que estar confuso e maravilhado de tão grande novidade. O abbade, então alumiado por Deos, mandou vir os annaes e historias da ordem, onde buscando, e achando os nomes que o monge apontava, se veio a averiguar com toda a clareza que erão passados mais de trezentos annos desde que o monge sahíra do mosteiro até que tornára para elle. Então este contou o que lhe havia succedido, e os religiosos o aceitárão como a irmão seu do mesmo habito. E elle, considerando na grandeza dos bens eternos, e louvando a Deos por tão grande maravilha, pedio os sacramentos, e brevemente passou d'esta vida com grande paz em o Senhor.

CURIOSIDADE PUNIDA

(II. 17.)

Uma grande serva de Deos vio no purgatorio penando uma alma sobre um lago de fogo; estava pendurada, e atravessada pelas fontes com uma vara de ferro; e do alto de uma serra de neve, vinha um pé de vento frigidissimo, que a fazia voltar sobre aquella vara a modo de sino quando se vira, ficando depois embalançando-se com alguns vaivens, até que vinha outro pé de vento, e lhe dava outra volta. E disse um anjo áquella serva de Deos que aquelle genero de pena era pelo atrevimento com que aquella alma esquadrinhára o mysterio da Santissima Trindade, dando-lhe no entendimento muitas voltas, em razão de ser frio na fé e amor de Deos, com o que viera a cahir em alguns erros, supposto que depois conhecendo-os, se arrependêra e confessára.

A MORTE REPENTINA

(II. 46.)

Um religioso de S. Francisco, estando á hora da morte no convento de S. Diogo de Alcalá de Henares, no

anno de 1586, convocou alguns padres graves do mesmo convento, e lhes fallou assim :

— Agora, padres, que estou de partida para o outro mundo, lhes quero fazer a saber um caso que me succedeu em uma casa da nossa ordem, porque o saber-se póde ser de proveito a muitos. E foi que, sahindo um dia a dizer missa, me disserão puzesse algumas particulas para as pessoas que querião commungar. Eu as puz, e a seu tempo dando a sagrada communhão, uma mulher das que estavão para commungar me disse lhe ouvisse uma palavra que lhe havia lembrado. Eu lhe respondi que não era tempo, e que commungasse. Ella commungou; e tanto que se levantou da mesa, cahio morta diante de todo aquelle povo, que a teve por ditosa, por morrer n'aquelle tempo e ponto; mas eu fiquei tristissimo pela não haver confessado. Foi enterrada em uma capella do mesmo convento; e aquella noite, estando tudo em silencio, fui á mesma capella a chorar minhas culpas, e rogar a Deos pela defunta. E querendo tomar uma disciplina em satisfação dos seus peccados, e dos meus, se me pôz diante um grande raio de luz, que me impedia a porta. Turbei-me com a visão; mas da luz sahio uma voz, que me disse :

— Não te afflijas, porque esta mulher não queria confessar cousa de importancia, nem ores por ella, porque está condemnada para sempre, não pelo que queria confessar, mas por outros peccados, que calou muitos annos nas confissões, e morreu sem tenção de os confessar; e por se haver atrevido a commungar n'esse estado, Deos lhe tirou a vida repentinamente, e não per-

mittio que o Santissimo Sacramento lhe passasse da boca, e a tem condemnado a que pene em corpo e alma no inferno; e só dilata a execução d'esta pena, quanto ao corpo, o ter ainda na boca a sagrada particula, a qual manda Deos que lhe tires, e assim abre logo a sepultura! A este tempo me puzerão (sem eu ver quem) uma enxada na mão, com a qual abri a sepultura, e descobri o triste cadaver, cujo rosto estava muito resplandecente, por causa da sagrada particula que tinha na boca; mas em lh'a tirando, ficou tão feio, que mettia horror. Mandou-me aquella mesma luz que levasse o Santissimo Sacramento ao sacrario, onde o puz na custodia; e voltando logo os olhos para o desventurado corpo, vi que dous ferozes e grandes cães o levárão pelos ares, e desapparecêrão.

Isto, padres, é o que passou por mim, e o declaro n'esta hora para escarmento de outros.

Acabando o religioso de referir este successo, pedio aos circumstantes o encommendassem a Deos; e logo, invocando o santissimo nome de Jesus, expirou.

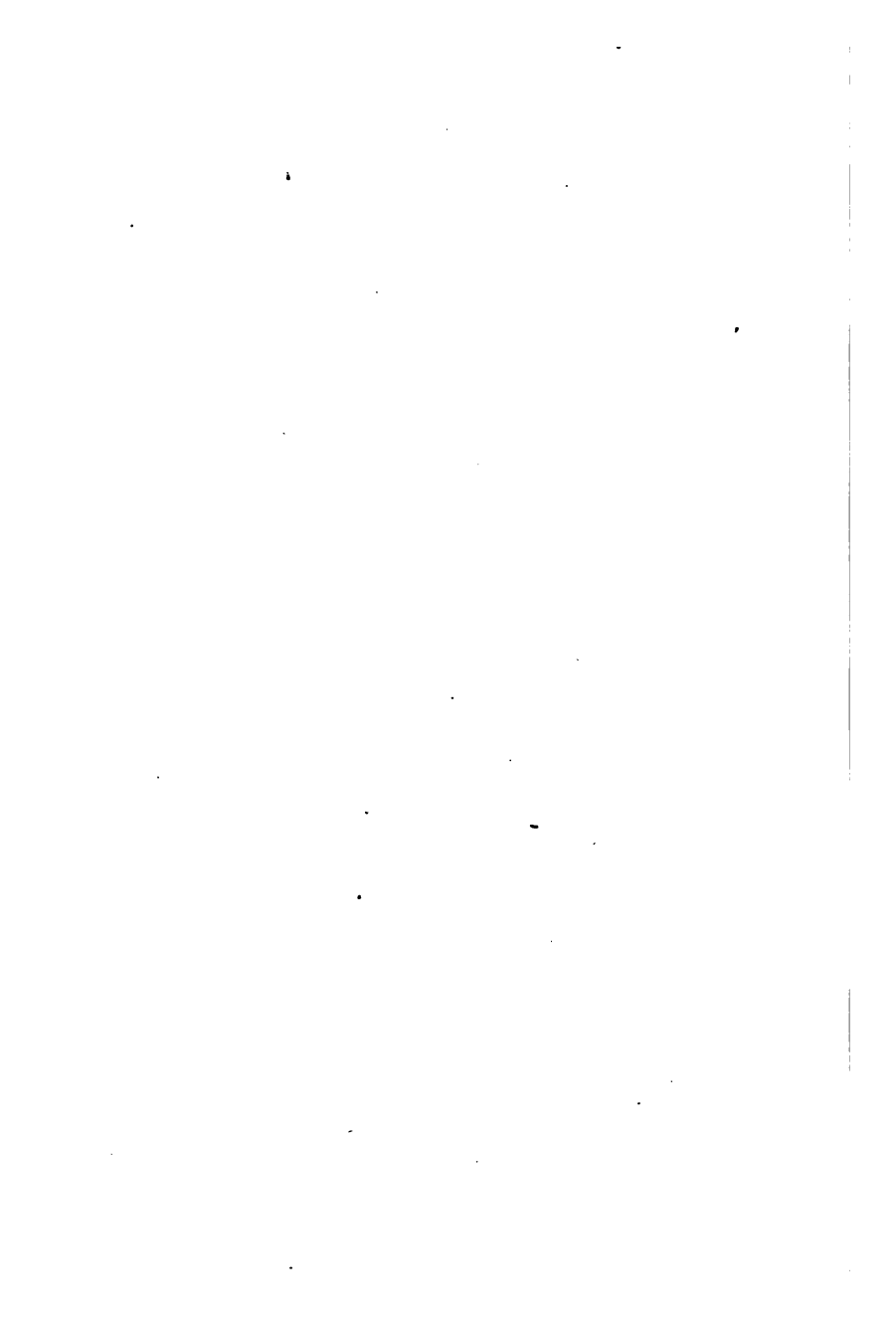
A ESCADA INFERNAL

(II. 61.)

Era um senhor de terras, que occupou injustamente uma que era da Igreja, e sem se fazer caso da restituição, foi passando de herdeiro em herdeiro. E a um santo

religioso foi mostrada em visão uma escada, que estava no inferno, entre incendios voracissimos e lavaredas, que fazião um ruido, como levada de muitas aguas; e nos degráos d'esta escada estavão por sua ordem todos os injustos possuidores d'aquella fazenda; e quando morria algum, e entrava de novo no inferno, os outros seus descendentes se levantavão, e lhe davão o degráo mais baixo, e elles subião mais para cima.

Vêde agora se quereis vós tambem estar em uma escada como esta, para agasalhardes lá os vossos filhos e netos. Desengano, filho meu! Largai o alheio, antes que largueis a alma nas mãos dos demonios!

FIM DO PÃO PARTIDO EM PEQUENINOS.

MEDITAÇÕES[1]

EU DEFUNTO

(II. 95.)

Considera-te como já moribundo : suppõe que emfim é chegado o teu fim; já te estão embarcando para aquella irrevocavel e fatal viagem da eternidade; tens posto o pé na raia que divide este mundo do outro; a casa terreira de teu miseravel corpo se está vindo abaixo fendida por mil partes; já as cannas dos pulsos se abrem, as extremidades se esfrião, o peito se levanta, a respiração se difficulta. Já os medicos desconfiárão, e teus filhos, amigos e parentes se despedem de ti até mais ver na casa da eternidade. Vem o sacerdote ungir-te; mettem-te uma vela na mão, e te ajudão a pegar d'ella; dizem-te o officio da agonia; respondem os circum-

[1] *Meditações sobre os quatro novissimos do homem, morte, juizo, inferno, e paraiso.* Vem no volume retro citado do *Pão partido.*

stantes: *Ora pro eo, ora pro eo;* as dôres e paroxysmos vão-se augmentando; e no modo de respirar cansado, na vista dos olhos que se vai retirando e escurecendo, se conhece que as raizes da alma se abalão para dar o ultimo arranco.

N'este passo tão cheio de horror e perigo, te ha de vir á memoria quão gravemente tens offendido a Deos no vivo da sua honra, e que dentro em brevissimo intervallo has de ser presentado em seu tribunal, e dar conta de todos os instantes de uma vida, talvez de sessenta, ou oitenta, ou mais annos, e que a sentença ha de ter execução promptissima e duração eterna. Oh! que ancias! Oh! que apertos! Oh! que temores!

(II. 97.)

Considera-te já como morto, e como se tu mesmo fôras outra differente pessoa viva; põe-te a olhar para o teu corpo defunto. Adverte como fica feio, pallido e desfigurado. Alguem de casa lhe cerra os olhos, aperta o queixo, estende os pés, compõe os braços, e, amortalhado em um pobre lençol (que é o despojo que leva de todas as cousas d'este mundo) o põe na casa sobre um panno negro, com luzes a uma e outra parte.

Vêm os ministros da Igreja, rezão o responso, tomão em peso o cadaver, que está mui inteiriçado, frio e pesado, e com principios de corrupção, e descem para o metter na tumba, e despedindo-se d'elle os domesticos com algumas lagrimas, que brevemente se enxugão, e

para o defunto são totalmente inuteis, caminhão para a igreja, onde está prevenida uma cova, e amontoados a um e outro lado d'ella muitos ossos mirrados, e muita terra, que lança de si o fartum dos mortos, de que costuma ser cama.

Este é o espaçoso e ameno palacio onde ha de morar o novo hospede, até que a trombeta de um archanjo o acorde, e o mande levantar, para que dê conta, e leve o premio ou pena do que servio ou offendeu a seu Creador.

Alli deixão cahir o cadaver; ossos e terra por colchões; terra e ossos por cobertores. Começão a calcal-o a golpes da enxada; poem-lhe uma lagem em cima; vão-se os circumstantes uns a comer e beber, outros a rir ou contar novas, outros a tratar do seu negocio. E d'ahi a poucos dias desappareceu até a memoria do tal defunto, e ainda a mulher e filhos o nomêão poucas vezes, e talvez para o praguejarem, se deixou pouco remedio.

(II. 105.)

Considera ultimamente a sentença que o Senhor juiz pronuncía. E visto que o numero dos que sahem reprovados é muito maior que o dos escolhidos, accommoda-te, alma minha, a considerar, ou suppôr (o que Deos não permitta) que tu és do numero dos mais, para que, temendo por esta via a Deos, ordene elle que sejas do numero dos menos. Supponhamos pois que aquelle Senhor de infinita magestade, de cujo aceno tremem os céos, a terra e o inferno, depois de examinada a tua

causa, olha para ti com olhos indignados, e te diz: Aparta-te de mim, maldito; vai-te de minha presença, ingrato; vai-te para o fogo eterno, em companhia dos demonios, a quem serviste.

Que farás, ó triste creatura, n'este ponto? Pedirás mais tempo de vida para te emendares? Já te foi concedido muitas vezes; que se assim não fôra, muito tempo ha já que estarias ardendo no inferno; e se mais vivêras, mais peccáras. Appellarás para a misericordia divina, e merecimentos do sangue do mesmo Christo? Esta misericordia é a que tu não quizeste, offerecendo-t'a o Senhor tantas vezes; esse sangue é o que desprezaste, e por isso clama contra ti justiça. Invocarás á virgem Maria, que é toda piedade e clemencia? Já por ti intercedeu muitas vezes, e por isso Deos te soffria e esperava, e não póde ser que esta Senhora queira o que é contra a gloria de Deos e vontade determinada de seu filho. Quanto mais que uma vez que tu acabaste fóra da amizade de Deos, já não poderá a tua vontade mover-se a nenhum d'esses actos pios, como são, pedir misericordia e invocar o amparo da Senhora. Pois que remedio? Fugirás do tribunal da justiça divina, escondendo-te? E quem póde fugir do Senhor, que é immenso, ou esconder-se da luz, que tudo enche e penetra, ou resistir ao Omnipotente? Tirar-te-has o ser a ti mesmo, aniquilando-te, com que tornes ao nada, que eras antes que Deos te désse o ser? Bem o desejarás, mas assim como só Deos nos póde dar o ser, assim tambem só elle nol-o póde tirar.

Pois que has de fazer, miseravel alma, desgraçada creatura? Tu estás cercada: de cima o juiz severo; de

baixo o inferno aberto; por dentro a consciencia damnada; de fóra os demonios rodeando-te já com as garras abertas para fazer presa. Oh! que angustia! Oh! que agonias! Oh! que desgraça das desgraças! E' possivel que tão caro custa o deleite do peccado? N'isso vem a parar as vaidades, e sonhos, e ridicularias, e branduras, e mentiras do mundo, e da carne, e do demonio? Oh! traidora carne! Oh! mundo embusteiro! Oh! serpente infernal, como me enganaste! Enganei-te? (responderá o demonio mui ufano, e escarnecendo de ti) enganei-te? Isto é que me consola, porque aborreço a Deos, cuja imagem está em ti, e quero fazer injuria ao teu Christo, que te estimou tanto que deu por ti a vida; e eu tive poder para fazer que ainda assim o não amasses, nem servisses a elle, senão a mim, que não procurava senão a tua perdição, como tu bem sabias. Pois já que seguiste sempre o que te aconselhei, eu te recebo por minha: anda, e arderemos juntos por toda a eternidade. N'este ponto já o tribunal do Senhor desapparece, e o teu anjo te desampara, e os demonios te arrebatão como lobos famintos, e sepultão nas profundezas, d'onde nunca mais has de sahir eternamente.

(II. 111.)

Considera em segundo lugar a pena que se chama do sentido, em particular a que nasce do tormento do fogo. Finge na tua imaginação (oh! não permitta Deos que assim venha a ser na realidade!) que os demonios, a

quem o braço da justiça divina relaxou tua desgraçada alma, a arrebatão de improviso, como aves de rapina, ou leões esfaimados, e a lanção n'aquelle poço ou lago de incendios voracissimos, onde com o peso de teus peccados (oh! peccados, que doces ereis, ou parecieis ser antigamente ao commetter-vos, e agora como amargareis eternamente!) onde, digo, com o peso de teus peccados se some de sorte que ficão acima d'ella duzentas braças de fogo, e de baixo, e aos lados outras tantas.

Vê como todo te convertes em fogo; fogo os olhos, fogo a lingua, fogo a garganta, fogo as costas e o peito, fogo o coração, fogo as entranhas todas, fogo as mãos e os pés, e fogo não como este, que na terra vemos, senão escuro, grosso, e fetido, e abrasador, mais que se fôra de metal derretido; fogo que com as suas linguas ata e prende os membros, como uma serpente com as suas roscas; fogo que sôa como levada de muitas aguas, ou tempestade de furiosos ventos; fogo feito de proposito pela mão do Omnipotente para tormento d'aquelles soberbissimos gigantes os demonios, que tiverão atrevimento de fazer guerra, e competir com o Altissimo.

(II. 144.)

Considera ultimamente na duração infinita, e permanencia invariavel d'aquelles tormentos. Finge, com apprehensão viva, que desde as profundezas escurissimas d'aquella subterranea masmorra estás ouvindo bradar a

um d'aquelles desgraçados : Oh! eternidade! eternidade! eternidade! Quando se acabaráõ minhas penas? Nunca. Quando terão ao menos alguma diminuição ou allivio? Nunca. Quando sahirei d'este abysmo? Nunca. Quem me livrará d'este miserabilissimo estado? Ninguem. Quem poderá consolar-me? Ninguem. Quem ao menos se compadecerá de mim? Ninguem. Assim hei de estar emquanto Deos fôr Deos? Assim. Não ha rasto de esperança, nem d'aqui a mil milhões de milhões de seculos! Nem por todos os seculos da eternidade. Pois que farei? Penar, arder e agonisar sempre, sempre, sempre. Aquelle que me deu o ser, creando-me, não m'o tirará, aniquilando-me, ou não consentirá que eu pereça? Está irado para sempre, fechou-se a porta, cortou-se o fio da sua misericordia. Oh! trevas perpetuas, bem merecidas de minha cegueira! Oh! carcere eterno, justa pena de minhas liberdades! Oh! fogo infinito, devido tormento á minha sensualidade! Oh! eternidade! eternidade!

Isto que ouves, alma minha, a um d'aquelles condemnados, é o mesmo que dizem todos. Attende bem aos espaços profundissimos d'aquellas cavernas temerosas; alli está innumeravel multidão de todos os estados, sexos e idades; muitos reis, e senhores soberanos antigamente servidos, e quasi adorados dos povos; muitos lettrados, sacerdotes, e religiosos, e bispos, que em outro tempo consagrárão o corpo de Christo, e absolvêrão de peccados, e governárão almas, e ensinárão a outros a salvar-se; muitos moços, e anciãos, enganados uns da luxuria, outros da avareza; muitas mulheres desgraçadas, que vendião a alma e corpo ao demonio, por

ter pão, ou por um momento de deleite brutal e torpissimo; e não só condemnárão a si, senão que com suas mãos arremessárão no inferno as creaturas que afogárão, por afogar a sua triste deshonra; muitos usureiros, em cuja falsissima balança pesou mais um sacco de dinheiro do que o reino dos céos e a honra de Deos; muitos, inimistados com odios antigos, que antes se determinárão a quebrar com Jesus-Christo do que a soldar com o proximo; muitas religiosas, que na casa de seus pais tinhão medo de não ser muito honestas, e na de Deos não o tiverão de ser adulteras infames.

Olha bem como todos, feitos uns tições negros, umas sombras horriveis, um espectaculo de miseria eterna, e confusa desordem, e vozeria, entre ondas de fogo, desde o seio d'aquelle medonho abysmo, clamão uns: Oh! eternidade! eternidade! E respondem outros: Oh! eternidade! eternidade!

FIM DAS MEDITAÇÕES.

PÃO MYSTICO[1]

SAUDAVEIS CONSELHOS

(II. 170.)

Não mintais, ainda em cousas leves e caseiras. Não murmureis, ainda em cousas já sabidas; porque se n'isso não offendeis a virtude da justiça, tratais mal a da caridade. Não percais a attenção ás partes todas da missa, tratando-a como prato velho, qne aqui lhe quebrais um pedacinho, acolá outro. Não cerceeis da inteireza do jejum sem necessidade clara. Não furteis, nem retenhais quantidade pequena. Não falleis palavras ociosas, que no Evangelho está escripto, que de qualquer d'ellas havemos de dar conta. Não entristeçais, nem desconsoleis o pobre com palavras asperas. Não jureis sem necessidade, ainda que seja com verdade. Não retardeis sem causa fazer o bem que promettestes ao proximo; porque

[1] *Pão partido em pequeninos, ou pão mystico e sobre-substancial, repartido aos pequeninos da casa de Deos.* Vem na miscellanea de *Varios Tratados*, tomo II°.

ainda que não estejais remisso e negligente em resistir logo, ou expellir os pensamentos contra a castidade, deveis fugir não só da queima, mas tambem do chamusco. Não motejeis o proximo, nem façais zombaria ou galhofa de suas acções, ou gestos, ou vestidos, ou figura; porque ainda que seja em materia leve, como supponho, comtudo elle fica pesado. Se tendes officio, ou quasi officio de despacho, vêde não esperdiceis o tempo; porque a vossa omissão, ainda que leve, póde ser prejudicial. Não comais sobre posse, ainda que vos não faça por então mal. Fugi de palavras vangloriosas, e de raivas, teimas, revendictas, mofas, chocalhices, e mexeriquinhos, ainda que tudo seja em materia leve, como aqui supponho. Nenhum mal, ainda que de pouco damno, façais a vosso proximo, nem proponhais fazer, nem aconselheis a outrem que o faça, nem approveis ou gaveis que o tenha feito. Não estejais nos lugares sagrados com pouca decencia. Não mettais ao proximo pouca estimação das cousas sagradas com apodos ridiculos. Não dissimuleis por frouxidão com o ensino de vossos filhos e servos. Não gasteis com demasia no jogo, nas merendas, nas galas.

O ERMITÃO AMADOR

(II. 229.)

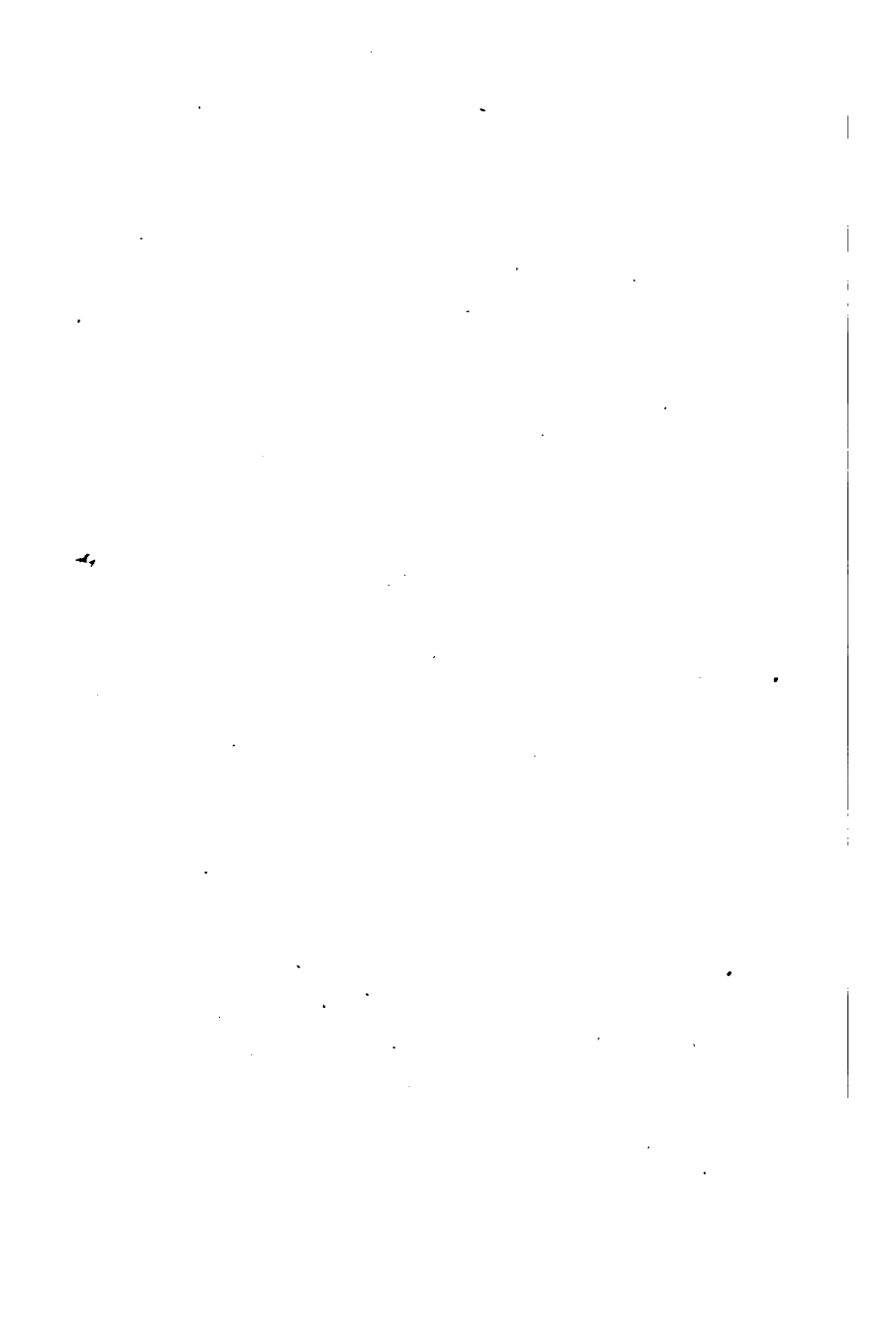
Em Monsanto, nos confins do bispado da Guarda, houve nos tempos antigos um ermitão santo, por nome

Amador, o qual vivia na ermida de S. Pedro de Viraorça. Este, sahindo uma tarde dos exercicios da oração, e olhando para o céo, vio o alvoroço e festa com que os demonios levavão pelos ares uma criança (e quiçá seus pais indignados, como ás vezes costumão, a darião aos demonios). E pondo-se em oração, pedio a Deos não consentisse que aquelles seus inimigos fizessem escarneo da creatura feita á sua imagem.

Logo lh'a largárão aos seus pés, e Amador a offereceu a Deos no altar de S. Pedro, e Deos prevenio que viesse uma corça a dar-lhe leite todos os dias.

D'este modo se criou, até que, andando o tempo, veio a ser sacerdote, e o dito Amador o ajudava á missa, e nas suas mãos morreu, dando-lhe o santissimo viatico, e o sacerdote depois se mandou enterrar com elle; e hoje em dia descansão os seus ossos no dito lugar com muita veneração, e servem os pós da sua sepultura contra maleitas, e para destruir a lagarta, e o pulgão, de que as terras são infestadas.

Por conselho d'este santo ermitão, disse o sacerdote certo numero de missas pela alma do pai do mesmo sacerdote, que o ermitão vio penar no purgatorio.

FIM DO PÃO MYSTICO.

ARMAS DA CASTIDADE[1]

THEOPHILA

(II. 284.)

Theophila, levada pelos verdugos ao prostibulo (que era a casa publica das mulheres expostas), orou a Deos com grande confiança, dizendo :

— Meu Jesus, amor meu, luz minha, e meu espirito, vêde esta pobrezinha, que está comvosco desposada! Não a entregueis ás bestas féras; não despedacem os famintos lobos a vossa ovelhinha; guardai esposo à esposa; defendei a pureza, vós que sois o autor da pureza.

Isto dito, se póz a ler em um livro dos Evangelhos, que trazia no seio.

[1] *Armas da Castidade*, tratado espiritual, em que, por modo pratico, se ensinão os meios e diligencias convenientes para adquirir, conservar e defender esta angelica virtude. Vem na miscellanea de *Varios Tratados*, tomo II°.

Entrava um moço lascivo, enchia-se de pavor, cahia morto aos pés da santa.

Outro vendo a detença, determinava-se a entrar, e succedia-lhe o mesmo.

D'este modo forão entrando, já não por lascivia, senão por curiosidade, e vírão um anjo de admiravel magestade, que a defendia; uns fugírão, outros morrêrão, outros se convertêrão.

TEIMA NO CRIME

(II. 303.)

Um mercador de Sevilha passava ás Indias para augmentar cabedaes, e se embarcou juntamente com uma sua amiga.

Passados alguns dias de viagem bonançosa, sobreveio uma tempestade, que os pôz em grande risco. Clamavão todos ao céo, pedindo misericordia, e muito mais os dous amancebados, propondo emenda; porém aplacada a tormenta, e aportando a Manilha, continuárão como d'antes o seu peccado.

Offereceu-se segunda occasião de embarcar-se, e levou tambem comsigo a mesma companhia. Levantou-se outra maior tempestade, com que a náo, violentamente encalhada em uns penhascos, se fez pedaços, perecendo quasi todos os passageiros. Fluctuando o mercador entre as ondas, offereceu-lhe Deos uma taboa, de que se pegou,

e a mulher veio tambem a encontral-a, e se pegou da outra parte d'ella. Alli, conhecendo-se, amaldiçoavão a sua vida gastada em offensa de Deos, renegavão de gostos tão arriscados; alli erão os clamores, os propositos e resoluções de nunca mais peccar.

Passou-se a noite, amanheceu o dia sereno, e o mar quieto, e elles junto á terra; sahírão, derão graças a Deos, renovárão propositos, e partírão por terra para Manilha.

Quem não dissera que este homem se havia de metter cartuxo, e que a mulher se havia de retirar a chorar seus peccados em uma cova? Nada d'isso fizerão, senão que tornárão ao peccado, como se tal não succedêra!

Deos nosso Senhor, que não quer a morte do peccador, senão que se converta e viva, tornou a avisar o mercador com uma doença, de que em breve o desconfiárão os medicos; começou a desesperar, dando-se por condemnado; chamárão os de casa um confessor, este o animou, dizendo que, se lançasse fóra a mulher, elle tomava por sua conta a sua salvação.

— Se n'isto consiste, disse o enfermo, vá fóra; prouvera a Deos que nunca a houvesse conhecido!

Feita esta diligencia, confessou-se, e a melhoria da alma se communicou ao corpo, de sorte que sahio de perigo; e logo lhe pareceu demasiada a pressa que lhe derão, e disse: O' lá, chamem a fulana, que chegue aqui. Veio, dando queixas do seu desprezo. Elle se desculpou com a impaciencia do confessor: e para consolar a queixosa, lhe pegou de uma mão, e a chegou á boca, e no mesmo ponto expirou, e entregou sua alma a Sa-

tanaz, para arder no inferno emquanto Deos fôr Deos.

D'este, e de outros muitos exemplos que ha na mesma materia, se mostra quanta é a fragilidade humana, posta na occasião; e que nem avisos, nem castigos, nem sacramentos, nem exhortações bastão para fazer que a polvora se não acenda se se não afasta do fogo.

EMPREGO DO TEMPO

(II. 314.)

Os cavalleiros que se portão á lei da nobreza, e nem professão lettras, nem de presente seguem as armas, nem assistem na aula do principe, podem (cada qual respectivamente) occupar as horas nos seguintes exercicios:

Leião livros honestos, como chronicas e varões illustres, ou vidas de santos, e a sagrada biblia.

De el-rei D. Affonso o sabio, escreve Panormitano que a passou toda em seus commentarios quatorze vezes, e assim quasi quasi a tinha toda de memoria.

Aprendão alguma lingua das mais geraes na Europa, como são, italiana e franceza, ou aperfeiçoem-se na latina, ou toquem tambem na grega e hebraica; oução sermões e praticas espirituaes, onde se fazem em ordem ao bem das almas.

Tenhão hora determinada em que provejão as cousas concernentes á sua casa e familia, e boa educação d'ella.

Hajão seus dias, ou horas, para a caça, que exercita

as forças, e diverte os cuidados; e para o exercicio da cavallaria em ambas as sellas, que muitos fidalgos ignorão vergonhosamente, porque se costumárão á commodidade das seges, calejas e liteiras; e na occasião, que se offerece inescusavel, então querem adestrar-se de repente. Sejão estudiosos da arte da pintura, que occupa muito os sentidos, abstrahindo-os de cuidados menos honestos, e juntamente recreia; porque o pintor tem uns longes de creador, emquanto pela sua mão e idéa dá aquelle ser exterior, e umbratil ás cousas que pinta.

Outra boa parte do tempo póde levar a curiosidade das flôres no jardim, buscando, plantando e cultivando as varias e exquisitas especies d'ellas, que o Creador fez para que da sua variedade, utilidade e formosura formassemos degráos por onde subir a conhecêl-o e amal-o.

A poesia, que tambem é um genero de pintura e cultivo de outras flôres, leva mais innocentemente as horas do que o jogo, e passeio, e páteo das comedias; comtanto que seja de assumptos, quando não divinos e sagrados, ao menos decentes e modestos, e não ridicularias e lascivias, e lances amatorios, e momos satyricos, que commummente se usão.

DIABO EM FIGURA DE CÃO

(II. 380.)

Na vida da veneravel virgem Anna de S. Agostinho, religiosa carmelita descalça, se conta como uma mulher,

que estava em casa de um seu tio, se correspondia occultamente com certo mancebo, a titulo de futuro casamento. De lance em lance chegárão ao ultimo empenho, e continuárão a amizade (ou para melhor dizer, o odio de suas proprias almas), sem temor nem de Deos, nem da infamia, nem do perigo.

Por intervenção de uma criada, entrava o amante de noite, dando á miseravel os avisos e pontos necessarios, até que Deos se cansou de soffrer, e lhe enviou o castigo, se bem temperadó com misericordia.

Uma noite que ella se levantou a recebêl-o, sem mais compostura que a que tinha na cama, os acommetteu de repente um sabujo mui grande, feio e bravo; e se arremessou á garganta do moço. Elle, ainda que turbado, arrancou da espada; mas o cão pegando-lhe d'ella com os dentes, lhe tirou fóra a folha, deixando-lhe no punho a guarnição.

Como se vio desarmado, fugio para salvar a vida; deixando nos dentes do inimigo a espada, e a mulher junto a elle, o qual duas vezes a investio para a despedaçar; mas não tendo licença para mais, só lhe rasgou a camisa.

Cahio a pobre desmaiada, e tornando em si, depois de muito tempo, vio que ainda o cão estava como de guarda junto a ella, com a boca aberta, e ringindo com grande colera.

Amanhecia já, e o tio se levantou cedo, porque havia de fazer jornada, e chamou a sobrinha, pedindo de almoçar. Aqui foi a nova pena e a angustia, vendo que não podia nem esconder-se, nem responder. Comtudo

esforçava a voz o que podia; e o tio, encaminhando para aquella parte os passos, a vio mettida em um canto, e o sabujo encarado n'ella, arripiado o pello, e aberta a disforme boca. E n'este tempo arremetteu terceira vez á moça, e, pegando-lhe com os dentes pela camisa, a arrastou pela casa, e desappareceu.

Outra vez desmaiada a levou o tio para a cama, onde feitos alguns remedios para tornar em seu accordo, lhe perguntou pelo caso, sem atinar com o que fosse; e ella lhe armou de repente uma patranha, com que ficou ainda mais satisfeito da sua virtude, vendo que o demonio a perseguia.

Consolou-a; e ella disse queria fallar com a serva de Deos, Anna de Santo Agostinho, que era afamada em batalhas com os demonios.

O tio a acompanhou ao mosteiro com outras tres mulheres. Veio a serva de Deos, e pedírão-lhe suas orações para certa necessidade grande, que uma d'ellas padecia.

A serva de Deos respondeu com a mesma generalidade que lhe fallavão, não obstante que já tinha revelação do caso; mas ao despedirem-se chamou a moça á parte, e lhe disse secretamente :

— Já sei o que esta noite lhe succedeu com o cão; saiba que era o demonio, e que se Deos lhe dera licença, os matára a ambos, e os levára aonde merece o seu peccado. E aqui lhe foi dando as razões espirituaes que convinhão á sua emenda; e mostrou-se que aproveitárão, porque cessou aquella communicação illicita.

ANTES ESTUPIDO

(II. 385.)

Na cidade de Magdeburgo, que é metropolitana, no ducado de Saxonia, cursava as escolas um estudante por nome Udo, de tão curta capacidade para as lettras, a que supposto applicava da sua parte o trabalho e diligencia, não tirava d'aqui mais fructo que mofa e zombaria dos condiscipulos, enfado dos mestres, e afflicção do proprio espirito.

Um dia, que esta o apertou mais, entrou na sé d'aquella cidade, que é dedicada a Deos em honra do inclito capitão S. Mauricio martyr, e de toda a sua legião thebêa, e alli prostrado em oração fervente, rogou á Virgem Senhora nossa, e ao mesmo S. Mauricio, lhe alcançassem de Deos luz no entendimento para os estudos.

Adormeceu, e alli em sonhos lhe appareceu a mesma Senhora, e lhe disse :

— Ouvi tua oração, e não só te concede meu bemdito filho o talento das lettras, senão que por ellas subirás a ser bispo d'esta igreja por morte do que governa. Se acudires fielmente ás obrigações d'este officio, será grande o teu premio; porém se fôres negligente, será grande o teu castigo.

Desappareceu a visão. Acordou Udo, e desde aquella hora não achou difficuldade em cousa alguma que estu-

dasse. Foi o seguinte dia ás escolas, e começou a dar tão boa conta de si, que seus condiscipulos admirados dizião :

— Não é este Udo, de quem ha pouco nos riamos? Como tão brevemente se fez tão excellente philosopho?

Na mesma admiração estava o mestre, ponderando a capacidade rara com que comprehendia as materias, e agudeza com que penetrava as difficuldades, e destreza e facilidade com que as soltava, e a retentiva com que tudo o que lia e ouvia lhe ficava como gravado na memoria.

Finalmente ganhou nome tão famoso em poucos annos, que vagando aquelle arcebispado, foi eleito n'elle por commum applauso do povo.

Collocado pois na cadeira arcebispal, procedeu louvavelmente aos principios; porém como os officios grandes costumão mudar os procedimentos da pessoa que não está fundada em solidas virtudes, foi pouco e pouco esquecendo-se de suas obrigações, e entregando-se a vicios de tal sorte, que mais parecia lobo que entrava no aprisco a degollar o rebanho de Christo, do que pastor para o apascentar e defender.

Deu-se particularmente ao vicio da sensualidade, tão sem freio do temor de Deos, e de escandalo do povo, que não havia mulher casada, nem donzella, segura da sua insaciavel torpeza; e como era rico e poderoso, e com muitos dependentes da sua mão, ninguem se atrevia a impedil-o, nem a reprehendêl-o.

Fez com isto mais profundo o seu peccado, e desmandou-se a solicitar religiosas, e tirou de um mosteiro a

abbadessa, com a qual publicamente vivia amancebado.

Quem esperára tal desatino de um homem lettrado, tal desenvoltura de um prelado ecclesiastico, tal ingratidão de um sujeito tão obrigado á Virgem? Porém o vicio da carne cega muito a luz do espirito. Tambem Salomão era sabio; tambem como rei devia dar bom exemplo; tambem como devedor do beneficio da sabedoria devia honrar e servir a Deos, que lh'a concedêra.

Quiz o Senhor piedosissimo justificar mais a sua causa, primeiro que descarregasse o golpe, e assim lhe fez tres como admoestações canonicas.

Estando Udo uma noite, com aquella concubina á ilharga, ouvio uma voz que dizia :

— Cessa já de jogar, Udo, porque tens jogado muito.

Fez o miseravel pouco caso d'isto, e ficou jazendo no seu peccado. Na seguinte noite teve na mesma fórma o mesmo aviso, e tambem o desprezou; porque o demonio, que estava mui acastellado na sua alma com posse pacifica, logo lhe divertio o pensamento, e com fazer-lhe repetir o peccado, se ião embastecendo mais as suas trevas interiores. Na terceira noite ouvio a mesma voz muito mais terrivel e espantosa. Começou a temer e anciar-se; porém brevemente se tornou a aquietar na falsa paz de sua cauterisada consciencia. Converteu pois Deos a sua justiça em juizo, e dirigio este na fórma seguinte.

Um conego d'aquella sé, varão de muita oração e virtudes (que sem aquella mal poderia ter estas), ficou na igreja uma noite, depois de matinas, encommendando a Deos nosso Senhor este negocio, e lhe pedio com vivas

lagrimas e gemidos que ou Sua Magestade abrandasse o empedernido coração de Udo, ou quando elle não se quizesse converter, lhe tirasse a vida e o castigasse, para cessarem os escandalos, que cada dia erão maiores. N'este tempo entrou na igreja um grande pé de vento, que apagou todas as alampadas. Temeu o conego, e se lhe arripiárão os cabellos; mas voltando-se para Deos, e pedindo-lhe animo, se recobrou, e vio este admiravel espectaculo.

Entrárão na igreja emparelhados dous mancebos de extremada galhardia, com tochas acesas nas mãos, de claridade superior á que costuma haver na terra; e fazendo profunda reverencia ao altar-mór, se puzerão em pé um a um lado, e outro a outro. Entrárão logo outros quatro, dous d'elles com alcatifas preciosissimas, que estendêrão no pavimento da capella, e dous com cadeiras de ouro, que collocárão em cima, uma a par da outra. Vierão depois doze veneraveis personagens, de tão respeitoso aspecto, que cada qual parecia imperador do mundo; porém no meio d'elles vinha outro senhor incomparavelmente mais magestoso, com corôa de ouro na cabeça, e sceptro na mão; era Christo salvador nosso, e aquelles seus sagrados apostolos, os quaes, dividindo-se a uma e outra parte, lhe fizerão summa reverencia; e o Senhor se assentou em uma das cadeiras.

Entrou logo a rainha do céo Maria Santissima, Senhora nossa, com numerosa comitiva de virgens e martyres; e feita reverencia ao Senhor, tomou a outra cadeira.

O conego, lá desde o seu cantinho, estava embebido em admirações, mas desperto, esperando que acção se representaria digna de tão apparatoso theatro. Quando vê que entra S. Mauricio, patrão d'aquelle templo, com toda a triumphante legião dos martyres seus companheiros (que dizem forão 6666), todos coroados de luz, e ornados de decoro e magestade; e feita adoração ao rei, e outra á rainha das alturas, se dispuzerão por todo aquelle ambito em bem ordenadas fileiras.

Eis que entra outro formosissimo mancebo de galharda estatura, armado de ponto em branco, com espada nua e reluzente na mão, como pintão a justiça, e depois de feita semelhante adoração com os joelhos em terra, se pôz no meio, e levantando a voz, lançou este pregão :

— Todos os santos, cujas reliquias aqui se conservão, levantai-vos, e vinde a este juizo.

Immediatamente appareceu alli uma grande multidão de santos, martyres e virgens, confessores e doutores, que, postos tambem por sua ordem, ennobrecêrão mais aquelle illustrissimo conclave.

Sahio então o capitão S. Mauricio, dando-se por autor n'aquella causa ; e proclamou, dizendo :

— Rectissimo juiz, tempo é de que vossa Soberana Magestade faça justiça.

Mandou então o Senhor que lhe trouxessem alli a Udo ; voárão logo uns anjos, e tirando-o da ilharga da concubina, com quem estava abraçado, o puzerão na presença de Christo, no meio de todo aquelle concurso, com tal confusão do miseravel, que não é possivel expli-

car-se. E S. Mauricio começou a pôr-lhe os cargos, dizendo :

— Este, soberano Senhor, é aquelle Udo a quem vossa Mãi Santissima, que presente está, fez tão particulares beneficios; a quem por sua intercessão déstes o talento da sabedoria; a quem encommendastes o cuidado d'esta igreja; e elle em vez de apascentar as vossas ovelhas, as tem apestado com o contagio de seus vicios, gastando n'elles o patrimonio da mesma igreja. Este é o que teve atrevimento de violar as vossas esposas consagradas, e de persistir na sua maldade contra o seu proprio voto, contra o seu officio, contra as suas leis humanas e divinas, contra os remorsos da sua consciencia, e contra um e outro aviso do céo, que lhe enviou vossa paciencia e piedade.

Ouvio o supremo juiz os graves artigos d'aquelle processo; e voltando o rosto para aquelles santos que lhe assistião, disse :

— Como vos parece que nos portemos com este homem?

Aqui levantando a voz o mancebo da espada nua, disse em nome de todos aquelles assessores :

— Digno é de morte.

E o Senhor pronunciou a sentença n'esta fórma :

— Execute-se; e pois não soube ser cabeça da igreja que lhe encommendárão, cortem-lhe a cabeça.

No mesmo ponto chegou o mancebo, e mandou a Udo que lhe inclinasse a cabeça para o degollar. Levanta a espada, vai para descarregar o golpe, quando um dos outros anjos acode, dizendo :

— Detem-te, que esse máo homem celebrou hontem, e commungou, em peccado mortal; e por vontade de Deos se conservão ainda em seu corpo as especies sacramentaes, e é necessario tirarmos com decencia a hostia consagrada.

N'este ponto levantou-se da cadeira a Virgem Santissima, Senhora nossa, e acompanhada de anjos e santos, chegou com um calix de ouro na mão, no qual outro anjo, dando nas costas de Udo uma pancada, lhe fez lançar a sagrada fórma; e a Senhora a purificou com sua mão, e collocou o calix sobre a pedra de ara, com toda a decencia, e acompanhamento de anjos e santos.

Isto feito, o valoroso mancebo descarregou o golpe, e destroncou aquelle miseravel corpo, saltando a cabeça para a outra parte, e ficando as lages d'aquelle lugar manchadas com seu torpe sangue.

Executada a sentença, desappareceu toda aquella nobre companhia, deixando o templo ás escuras, como antes estava.

Attonito aquelle virtuoso sacerdote com a representação de caso tão estupendo, não sabia que fizesse, nem em que se determinasse; e dizia entre si : Que é isto que vi? sonho meu, ou illusão do demonio, ou revelação de Deos? Sonho não o parece, que sempre estive desperto, e fiz d'isso mesmo actos reflexos; mas quero certificar-me se está aqui o corpo do desventurado arcebispo. Animou-se pois, e foi buscar luz (por ventura á sua casa, ou alguma capella mais retirada no claustro, onde houvesse lampada), acendeu as da igreja, chegou ao lugar

onde víra o supplicio, e com effeito vio o corpo destroncado, e a cabeça lançada a outra parte, e as pedras banhadas em sangue fresco; subio ao altar, e vio n'elle o calix de ouro com a fórma consagrada dentro.

Não foi logo sonho, disse então novamente admirado, mas demonstração publica da divina justiça, pois a offensa tambem era publica.

E cerradas as portas da igreja, foi antes que amanhecesse notificar aos capitulares, e outras pessoas principaes do povo, todo o succedido. Divulgou-se o caso; abrírão-se as portas da igreja, entrou innumeravel gente, e todos forão testemunhas d'aquelle tão raro como formidavel espectaculo, e louvárão os juizos de Deos, que sendo umas vezes occultos, e outras manifestos, sempre são rectos, e justificados por si mesmos.

Até aqui revelára Deos Nosso Senhor a condemnação de Udo, quanto á morte temporal; segue-se outro caso, em que revelou a outro sacerdote a sua condemnação quanto á morte eterna. Era este um capellão do mesmo arcebispo, e corretor nos tratos de sua torpeza, e elle o havia mandado fóra da cidade a negocios de importancia, e se vinha n'este mesmo tempo recolhendo, mandadas já diante as cargas. Vindo pois caminhando por um escampado, o carregou um somno tão pesado, que não podendo resistir-lhe, desmontou, e atando as redeas do cavallo ao braço, se lançou a dormir ao pé de uma arvore.

Apenas adormecido, vio em sonhos uma numerosa tropa de demonios, fazendo grande ruido, armados todos de diversas armas, com lanças, piques e alabardas nas

13.

mãos, e que fazião alto n'aquelle campo. Vinha entre elles um, que no agigantado da estatura, no disforme do aspecto, e no soberbo das acções, mostrava ser o principe das trevas. Levantárão-lhe logo alli um tribunal, em que tomou assento, e todos lhe fizerão reverencia.

Assomou n'este tempo, por outra parte, outra caterva de demonios, que vinhão dando descompostas risadas, e fazendo grande algazarra, como que trazião alguma rica presa, ou despojo, com que se mostravão contentes.

Era este a miseravel alma de Udo, em figura corporal, para que pudesse ser vista por semelhantes especies. Vinha amarrada com cadêas de fogo, e sobre todo encarecimento feia, triste e desconsolada; e quando já chegava perto do demonarcha, alguns d'aquelles infernaes ministros corrêrão diante, mais ligeiros que abutres, a dar-lhe a nova, e dizião: Praça, praça, que vem uma pessoa principal; fação lugar, que vem um sujeito mui benemerito do nosso reino.

Chegando o miseravel Udo, pôz n'elle Lucifer os afogueados olhos, e lhe disse mofando:

— Seja vossa senhoria mui bem vindo, que tem sido a sua vinda mui suspirada em meu palacio e côrte, e desejamos todos pagar-lhe tantos e tão signalados serviços com que tem augmentado a nossa corôa. Ó lá vassallos meus, é razão que regalemos o novo hospede: dai-lhe alguma cousa que coma.

Chegárão logo uns demonios com pratos negros e asquerosos, cheios de sapos e viboras, e serpentes vivas,

e abrindo-lhe a boca, o constrangêrão a comer. Entrárão outros com grandes vasos de fel, de dragões e enxofre derretido, e o obrigárão a beber, esgotando até ás fezes. Disse então Lucifer :

— Agora que sua senhoria comeu e bebeu, é bem que goze tambem da suavidade dos nossos banhos.

Dito e feito : afastou um demonio uma grande lage, que servia de tampa a um poço que estava alli perto, do qual rebentárão tantas e tão impetuosas e vorazes labaredas, que parecião querer escalar o céo, e desafogando-se por aquelle campo, tornárão em cinzas, não só as arvores, mas as mesmas pedras, e até uma fonte que por alli corria, a deixárão secca sem gotta. Agarrárão logo outros d'aquelle desventurado, e o embocárão pelo poço dentro, onde havendo estado largo espaço, o tirárão da côr de um ferro que esteve na fragua, feito brasa viva, e o tornárão á presença de Lucifer, o qual escarnecendo, lhe disse :

— Que lhe parece a vossa senhoria dos nossos banhos? Não são suaves e regalados? Pois isto não é mais que uma prova, ou ensaio da grande paga que temos prevenido para os signalados serviços e merecimentos de vossa senhoria.

A tudo isto tinha estado em silencio o desventurado Udo ; e vendo-se já condemnado a uma duração interminavel de tormentos, e que de seus olhos se ausentára, para nunca mais tornar, a esperança de remedio, levantou a temerosa voz, e com prolixos e altissimos gemidos, dizia :

— Ai de mim ! Ai de mim, desgraçado ! Oh ! que caros

me custárão meus deleites! Oh! que breves forão, e momentaneos, sendo a pena d'elles eterna! Maldito seja o dia em que fui gerado; maldita a hora em que nasci no mundo; malditos os pais que me derão o ser; malditos todos os que me ajudárão a peccar; maldito... aqui começou a blasphemar de Deos, e da Virgem, e de todos os santos; e os demonios, ouvindo-o, desfechárão em risadas, e dizião:

— Oh! que bem sabe já o nosso officio! Oh! que lindamente canta! Necessario é que fique em nossa casa, e cante no nosso côro.

— Pois levai-o logo, disse Lucifer, e dai-lhe um dos primeiros lugares.

Então remettêrão a elle como cães damnados, e pegando-lhe com unhas e dentes, se sumírão pela boca do poço com tão ruidoso estrondo, que parecia virem-se abaixo as bobedas do firmamento, e que os montes se arrancavão de seus assentos.

Ficou todavia o demonarcha com outros espiritos malignos, que lhe fazião côrte, o qual pondo os espantosos e terriveis olhos, que parecião carvões acesos, no clerigo que estava dormindo:

— Aquelle, disse, que alli está dormindo, não é o capellão de Udo, e seu alcoviteiro? Razão é que o acompanhe nas penas, pois lhe ministrou nas culpas; trazei-o aqui logo.

Corrêrão a elle os demonios para o agarrar. E n'este passo o clerigo com a força do susto acordou d'aquelle formidavel sonho. E como se levantou estrabuxando e espavorido, espantou-se o cavallo, que estava atado ao

seu braço, e correu furiosamente pelo campo, arrastando-o por largo espaço, até que lhe quebrou a canna d'elle. Porém como Deos queria dar-lhe lugar da penitencia, e que fosse testemunha do que víra, parou emfim o bruto, e se amansou de sorte que o clerigo pôde outra vez montar, ainda que com grande dôr e trabalho.

Chegando á cidade, vio que em nenhuma outra cousa se fallava mais que na infeliz e repentina morte de seu amo; e conferindo o que tinha passado no castigo do corpo com o que víra no da alma, ficou a verdade de uma e outra visão mais contestada.

Porém como as obras de Deos em qualquer genero são perfeitas, faltava ainda alguma demonstração da ira divina ácerca d'aquelle miseravel cadaver, que na igreja ficára degollado. Esta foi, que não quizerão os da cidade dar-lhe sepultura em sagrado. Lançárão-o em uma lagôa; porém logo sahírão dos bosques, e brenhas, e covas, diversas féras, que alli tinhão seus escondrijos, e entrando na lagôa, tirárão fóra o corpo, e o levárão arrastando pelos campos, sem nenhuma lhe dar dentada, como que abominavão cousa tão maldita. E os pastores e rusticos, que com isto padecião não pequeno assombro e damno, se vírão obrigados a queimar aquelle corpo. Lançárão as cinzas d'elle no rio Alba, e no mesmo ponto (cousa maravilhosa!) todos os peixes d'elle fugírão para o mar, e não appareceu alli pesca alguma pelos dez annos seguintes, até que os naturaes aplacárão a ira de Deos com procissões, penitencias e ladainhas, e então começárão os peixes a tornar para o rio.

Dura a memoria d'este espantoso caso n'aquella provincia até o presente dia; e ainda que os Saxonios o quizessem negar, as mesmas pedras o publicão; porque em uma da dita igreja se mostra claramente o sangue d'aquelle justiçado, cuja nodoa não póde apagar-se por estar incorporada com a mesma pedra, que parece embebeu em si. Está coberta com um tapete; e quando ha nova promoção de arcebispo, a descobrem, e lh'a mostrão, dizendo que veja bem como castiga Deos a quem não administra como deve aquella dignidade, que lhe encommenda.

FREIRAS LOUCAS

(II. 465.)

De má origem procede a altivez de espirito e loucura de fantasia, e a hypocrisia com que a tal religiosa todas suas cousas estima, todas as dos outros desdenha; enche-se de melindre, impertinencia e affectação na voz, nos passos, no riso, no comer, beber e vestir; finge accidentes e desmaios, para merecer compaixões e ostentar delicadezas; toma sangrias, não para inteirar a saude, senão para quebrar a côr, ou para dar occasião aos estremecimentos de quem a ama, e aos brincos e regalos de quem a presentêa; enjoa-lhe a pobreza e achaques das outras, despreza-se dos ministerios baixos, qualquer falta de asseio lhe revolve o estomago, ao

mesmo tempo que traz corrupta a alma, manando bichos de mil defeitos e peccados. Emfim vai-se convertendo em idolo de si propria, só propicio a quem concorrer com adorações, e o incensar com perennes lisonjas, que todas crê e admitte, por exorbitantes e ridiculas que sejão.

FIM DAS ARMAS DA CASTIDADE.

ESTIMULO PRATICO[1]

OS TRES CEGOS

(I.)

Forão dous amigos á casa de outro, afim de passarem as horas da sesta em conversação honesta e proveitosa. Sahindo uma criada lhes disse :

— Será necessario esperarem, porque dorme.

Tomárão elles o passeio para a alpendrada de um templo, que estava perto, determinando aguardar alli o tempo conveniente. A hora do meio-dia fizera o lugar solitario, e vírão n'elle sómente tres cegos assentados, conversando entre si amigavelmente. Disserão os dous :

— Escutemos o que fallão, e cheguemos de mansinho.

[1] ***Estimulo pratico para seguir o bem e fugir o mal;*** **exemplos selectos das virtudes e vicios, illustrados com reflexões, 1 vol. Lisboa occidental, officina de Antonio Pedroso Galrão, 1730. Ao lado de cada titulo parcial se aponta a pagina do competente excerpto.**

Um dos cegos disse para o outro :

— Como cegaste tu?

Respondeu este :

— Eu era marinheiro, e uma vez, levantando nós ferro para passar de Africa, não sei que ar me deu nos olhos, que m'os cobrio de uma nevoa tão grossa, que não vi mais, nem mar, nem terra. E tu, por que desgraça vieste a encontrar com o mesmo mal?

Respondeu o primeiro :

— Homem, fui official de fundir vidro, saltárão-me nos olhos umas chispas da fornalha, e ceguei.

Dissérão então ambos ao terceiro :

— Conta-nos tu tambem a causa da tua mazella.

— Eu, se hei de dizer a verdade, respondeu elle, sendo moço, aborrecia o trabalhar, e dei-me a folgazão; pouca idade, muita ociosidade, eis a luxuria comigo, e trás d'ella a ladroeira. Um dia (por signal que o não tinha eu gastado muito em serviço de Deos) vi passar um enterro : o defunto levava ricos vestidos. Aqui temos gancho (disse eu cá com a minha roupeta), e fui-me atrás do enterro, por detrás da igreja de S. João; esperei que acabassem o responso; dei fé d'onde puzerão o corpo, e marquei as entradas e sahidas. Cahindo a noite, entrei na abobada, e não lhe deixei ao defunto mais que o lençol da mortalha. Sahindo já com o fardel ás costas, diz-me a minha maldade, ou o diabo que me atiçava : toma tambem o lençol, que é bom. Voltei outra vez dentro, e querendo descosêl-o (ouvi uma cousa, que receio que a não crêais; mas prouvera a Deos que não fôra verdade!) eis que o defunto se assenta; e de im-

proviso me mette os seus dedos pelos meus olhos, e m'os vasa. Tão grande foi em mim o medo, a dôr e tribulação, que não sei como não fiquei morto e enterrado juntamente! Larguei tudo, e não me contentando antes de sahir sem a mortalha alheia, agora contentei-me de sahir com a vida propria. Eis-aqui o meu conto.

Ouvindo isto os dous curiosos, que estavão á escuta, acenou um ao outro que se fossem; e depois lhe disse :

— Hoje para que é estudar mais? bastante lição temos aprendido : assim nos aproveitemos d'ella!

MONGES INCLUSOS

(12.)

Monges inclusos erão os que se entaipavão em uma cova, ou cellinha, sepultando-se vivos, para poderem reinar mortos. Alguns se prendião vivos com cadêas, tendo só por seu tanto espaço de terra quanto estas lhes davão licença; para confusão dos Neros, que lhes parecião curtas as galerias e porticos de legua, e dos Alexandres, que abafavão com um só mundo.

Em um S. Estevão Auxenciano, que morreu martyr por defender a adoração das imagens sagradas, foi esta reclusão tão estreita e continuada, que não podia desdobrar-se para andar, porque o costume de estar encolhido lhe baldára o movimento dos joelhos para baixo, com

que os soldados que o prendêrão forão juntamente bestas de carga que o levárão.

A USURA E A LEPRA

(25.)

O peccado da usura, e a enfermidade da lepra, parecem-se em muitas cousas: não é logo de admirar que esta fosse a pena d'aquella culpa. A lepra chama-se cancro universal, porque todo o corpo se vai estendendo, e todo o vai consumindo. A usura tambem é cancro universal, porque consome a honra, a saude, a vida, as virtudes. Os leprosos têm a cara torva, carregada á semelhança de leão; e por isso uma especie d'ella se chama *Leontiasis;* e tal é a condição de um usureiro, porque não attende á caridade com o proximo, senão ao interesse proprio. Os leprosos cahe-lhes o cabello, porque o humor excrementoso lhe róe as raizes, e em lugar d'elle, lhe nasce outro mui raro, subtil, á maneira de lã podre.

Sabido é que nos cabellos são significados os pensamentos; e não póde um ambicioso ter pensamentos bons, porque a cópia dos affectos terrenos lhe tira a raiz d'elles, que é o temor e amor de Deos. O leproso tem o bafo corrupto, e por isso todos se afastão d'elle. O onzeneiro escandalisa com o seu procedimento, e ninguem o busca, senão por remir sua vexação.

A lepra é doença que não póde encobrir-se: a usura é vicio que logo se faz publico. A lepra pega-se aos vestidos e ás casas, e os consome e afêa: tambem a usura destróe as casas e familias, e as empobrece, despeja e affronta; porque *Male parta, male dilabuntur.*

JUSTO E PASTOR

(55.)

No tempo em que o cruelissimo Daciano semeava toda Hespanha de corpos de martyres, para recolher elle sua confusão eterna, a igreja mais fieis, e Deos maior gloria de seu nome, succedeu que passando pela cidade de Compluto, os moradores d'ella, pela opinião que de suas crueldades tinhão concebido, se enchêrão de notavel pavor e sobresalto; porém Deos Nosso Senhor, para reprehender sua covardia, e convertêl-a em fervor de religião e piedade, escolheu dous meninos irmãos, e da escola onde andavão aprendendo a escrever os fez voar ao campo do martyrio, onde fossem publicos professores da sciencia dos santos e virtude de Christo. Um se chamava Justo, outro Pastor; e ambos, aconselhados interiormente pelo Espirito-Santo, se exhortárão mutuamente a não perder tão boa occasião; e logo largando na escola as pautas e materias, forão correndo alegres ao lugar onde o tyranno estava; ao qual, chegada que foi esta noticia, teve vergonha, medo e raiva junta-

mente : vergonha que duas crianças o desafiassem; medo de que postos em questão, perante os outros presos, a sua confissão mettesse a estes maior esforço; raiva de que desprezassem seus edictos, e a comminação de tormentos tão atrozes. Prevalecendo em seu coração este affecto, mandou açoutal-os cruelmente, e leval-os ao carcere.

No caminho, era para louvar a Deos ver como os dous irmãozinhos um ao outro se mettião coração, e consolavão!

— Não tenhas medo, Pastor, dizia Justo, nós somos pequenos, porém Deos é muito grande; e tu verás como nos ajuda a padecer; e se por nossa dita succede que levemos a corôa do martyrio, que mais queremos nós crescer? Oh! Jesus crucificado! morro por morrer por vós, pois por nosso amor morrestes.

Respondia Pastor :

— Bellamente dizes, meu Justo : nós agora, entregando por amor de Christo Nosso Senhor os nossos corpozinhos e o sangue das nossas vêas, merecemos adorar no sacrario do céo o corpo e sangue do mesmo Christo. Não tenhamos saudades do pai, nem da mãi, que lá em cima temos outro pai do céo, que é Deos, e outra mãi, que é Santa Maria; não tenhamos dó aos nossos poucos annos; para que é ir tão devagar ao céo? Não é melhor ir correndo? Vamos, que eu me sinto leve como uma penna; e d'este modo perdôa-nos Deos nossos peccados, e lá pediremos que perdôe os de nossos pais.

Todas estas praticas ouvírão os algozes com notavel assombro, e forão contal-as a Daciano; o qual, entrado

de furor, disse que não erão dignos de se guardarem para apparecerem na sua presença, e que logo logo fossem levados a um lugar apartado da cidade, onde em hora conveniente, por escusar concurso e publicidade, os degollassem. Assim se executou, e partido que foi d'aquella terra o tyranno, os fieis sepultárão seus corpos, e no mesmo lugar do martyrio foi edificada a igreja e altar, onde suas veneraveis reliquias obrárão muitos milagres, sarando subitamente aos enfermos de qualquer mal, e livrando a outros da oppressão do demonio.

O CAVALLEIRO

(65.)

Era S. Pedro Gonçalves mancebo dado a passatempos, galas e leviandades; e no dia em que obteve um canonicato na sé, de que era bispo um tio seu, parecendo-lhe que era de triumpho, trajou-se, não como ecclesiastico, senão como um noivo, e sahio montado em um ginete bem enjaezado a desempedrar as ruas da cidade. Na praça, ao passar uma carreira, desbocou-se o cavallo, e metteu-se por um lodaçal, onde sacudio da sella ao bizarro cavalleiro, não já cavalleiro, nem bizarro, senão menos que peão, e tão asqueroso e enlameado, que a uns causava riso, a outros nojo, e algum compassivo pudera dizer com Jeremias : *Qui notrie-*

bantur in croceis amplexati sunt stercora. Porém Deos, que ao cego deu vista pondo-lhe o lodo nos olhos, o mesmo fez agora com Pedro, o qual, envergonhado do successo, fez comsigo esta conta : No dia de minha maior felicidade me trata o mundo d'esta sorte? Pois eu me vingarei do mundo, fazendo d'elle tanto caso como do lodo, e logo tratou de tomar o habito de S. Domingos, com o qual acabou santamente, e o illustrou Deos com virtudes e milagres.

Assim pois acontece aos soberbos, que quanto mais ufanos e satisfeitos de suas prendas andão a buscar o applauso do mundo, permitte Deos, para os humilhar, que o appetite carnal, como bruto desbocado, os faça cahir, e revolver na immundicia de seus peccados, para que tendo pejo de si mesmos, procurem lavar-se com as lagrimas da penitencia, e caminhar adiante com passos mais seguros e temerosos.

CORRIDAS DE TOUROS

(100.)

Os jogos de féras foi introducção do demonio, como todas as mais do gentilismo, para que o coração humano perdesse o horror á morte e derramamento de sangue humano, e aprendesse a fereza de costumes e o indomito das paixões.

Em Hespanha ainda sabe a gentilismo o jogo dos

touros; porque, por mais que o dêm por seguro e innocente, o certo é que quem gosta, ou de assistir, ou de se expôr a tal perigo, não lhe falta muito para barbaro, ou para impio.

Em uma festa de touros em Cuenca, refere Marianna que houve um tão feroz, que em uma tarde matou sete toureiros (a morte é perigosa no leito, em braços de sacerdotes; vejão que será no corro, debaixo das pontas de uma féra), e accrescenta que em vez de desterrarem semelhante folguedo, mandárão fazer um painel por um pintor celebre, onde se via o touro com os sete mortos a seus pés, e o puzerão para memoria do caso em lugar publico.

O que a mim, diz com muita razão o sobredito autor, me parece que foi levantarem os cidadãos um padrão e lettreiro da sua loucura!

Vejão se teve razão Cassiodoro, de chamar a este exercicio jogo cruel, deleite sanguinolento e fereza humana; e o que mais é, Pio V, pontifice summo, e mais varão santo, em quem concorreu o beatificar e o ser beatificado, na sua extravagante De salute 47, lhes chama espectaculos alheios da piedade e caridade chistã, torpes, sanguinolentos, e não de homens, mas de demonios.

Para que se conheça com quanta razão lhe chama espectaculos de demonios, e não de homens, ajuntarei aqui uma visão que teve a veneravel virgem Dona Marina de Escobar, conforme a refere de um seu papel o padre Miguel de Orenha, tomo II da sua vida, livro II, cap. VII.

« Aos 8 de Julho, que foi quarta-feira, ouvindo dizer (diz a santa) que aquelle dia se corrião touros n'esta cidade de Valhadolid, tive grande pena de que tratassem os homens de folgar, em tempo que tanta necessidade têm de fazer penitencia por seus peccados; estando n'este pensamento, vi Jesus-Christo Nosso Senhor, que me disse :

« — Tu tambem has de ver os touros.

« Disse Sua Magestade esta breve clausula com um semblante tão grave, e com um peso tão grande da voz, que descobria ser quem é, e que não fallava senão com muito mysterio. Com tudo isso estranhei as palavras, por não entender o que o Senhor queria. Porém Sua Magestade, para me descobrir o em que se servia de que eu os visse, mandou a estes meus senhores anjos que me levassem á praça; e pondo-me defronte do mosteiro de S. Francisco, vi sahir os touros e toureadores, e tudo me parecia um jogo de meninos; e que os toureadores erão como umas crianças pequenas, e que os touros nenhuma força tinhão, nem braveza. Vivissimamente m'o representava assim o Senhor. Vi logo muitos homens que estavão na praça, aos quaes sahião os demonios como touros furiosissimos, ainda que em figura humana, e de corpos de gigante altissimo e feroz. Estes arremettião aos miseraveis homens, e os despedaçavão, fazendo n'elles um espantoso estrago. Estava eu vendo este lastimoso espectaculo, e com uma pena tão grande, que se me partia o coração. »

Até aqui a serva de Deos, e supposto vai proseguindo a sua visão, o referido basta para entendermos que na

occasião dos nossos touros corre tambem o inferno os seus, com grande estrago das consciencias, e riso e festa dos demonios. Porque alli fazem em nós as suas sortes, da ira, da vingança, da gula, do fausto e vaidade, da luxuria, da distracção, da murmuração; da loquacidade, da immodestia e da prodigalidade. Aqui perguntará alguem: pois supposto que não podemos emendar o mundo, nem prohibir que os outros vão aos touros, em que poderá uma pessoa empregar aquella tarde, que em toda a cidade se guarda melhor que um dia santo? Respondo que faça o que fazia o santo Tobias, de quem refere o Sagrado Texto que quando todo o povo ia adorar aos bezerros, elle tomava o caminho para o templo, e alli mais á sua vontade adorava a Deos.

GLADIADORES

(103.)

Tambem os jogos dos gladiadores forão invenção do diabo, cujo estudo se não emprega em outra cousa que em desfigurar a natureza humana, e transformal-a em si, privando-a de todo o sentimento de piedade. A origem d'este uso (conforme adverte Tertulliano) foi que os antigos, por entenderem que as almas dos defuntos se propiciavão e consolavão com sangue humano, costumavão nas suas exequias sacrificar os servos proprios,

ou os de má condição comprados para este effeito. Depois, quizerão d'esta impiedade fazer jogo e entretenimento, e ordenárão que elles mesmos uns aos outros se matassem, pelejando entre si de dous em dous; e para este effeito se adestravão primeiro, aprendendo as idas e venidas, entradas e retiradas com outros antigos n'este officio, a que chamavão Lanistas. Publicava-se o dia do officio do defunto (que por isso este exercicio se chamou *Munus*, e os officiaes que com elle corrião *Munerarios*). Armava-se uma fogueira de lenha, posta com grande concerto, em cima se collocava o feretro ou esquife, com o cadaver para ser queimado.

Tudo á roda occupava o concurso do povo. Sahião os gladiadores de dous em dous a combater; e d'estes introduzio depois o luxo e a ociosidade varias especies; porque uns pelejavão só com espadas rombas; outros, com uma espada em uma mão e uma rede na outra, com esta fazião por embaraçar e trazer a si a cabeça do seu competidor, e com a outra logo o apunhalavão.

Outros, que por isso chamavão bimaqueros, trazião em ambas as mãos espadas; outros erão anãos, escolhidos de proposito para sazonar mais o jogo com a sua estatura ridicula; e porque o appetite nunca diz basta, e sempre folga de experimentar novidade no seu gosto, vierão tambem a introduzir gladiadores, mulheres bravas e forçosas, que arregaçados os braços esgremião entre si como homens, e se matavão como féras.

De todos estes miseraveis, poucos escapavão para outro jogo, se o povo não pedia que os manumittissem; e ficava o campo coberto de sangue, e semeado de ca-

daveres; e d'este modo se consolavão da morte de um com homicidios de muitos, vindo este exercicio a ter tanto maior applauso quanta maior crueldade.

Começou este exercicio por tres pares de gladiadores, na praça chamada Boaria, em Roma, no anno da sua fundação quatrocentos e noventa, exhibidos pelos filhos de Bruto, em honra e exequias da sua morte.

Depois nas exequias de Marco Emilio Lepido se exhibírão dezoito pares; logo nas de Marco Valerio Levino se exhibírão vinte e cinco pares. Depois nas de Publio Linicinio, cento e vinte pares, e nas de Crixio chegárão a cento e cincoenta pares, que todos morrêrão.

Cresceu o abuso, e já sem ser a titulo de exequias, por qualquer outra causa, como de alcançar alguma dignidade ou victoria, ou de festejar o dia do seu nascimento, fazião estes espectaculos.

Nero, que foi um demonio humano, fez sahir quatrocentos senadores, e seiscentos da ordem equestre: Herodes Agrippa deu de uma vez seiscentos pares de gladiadores.

Eis-aqui o que eramos as gentes antes da lei evangelica e graça de Christo ter domado nossos corações. Eis-aqui como o principe d'este mundo estava encastellado na sua casa, e ainda estivera, se outro braço mais forte o não desapossára. E não era isto entre Massagetas, ou Scythas barbaros, senão entre Gregos e Romanos, que erão as nações mais cultivadas. E comtudo (são palavras de Lactancio Firmiano) estava n'elles tão apagado o sentimento da piedade humana, que tinhão por folguedo o matar homens.

MÁOS LIVROS

(122.)

A poesia tambem é pintura, conforme o adagio antigo: *Poesis pictura loquens, Pictura poesis tacita.* A que hoje se usa pela maior parte merecia tambem o mesmo cadafalso.

Com razão louva S. Agostinho a Platão, de ordenar na sua republica que semelhantes poetas fossem desterrados, como corruptores publicos dos bons costumes, e constituia censores que examinassem as poesias. Oh! quanto haveria que examinar e desterrar no nosso seculo, e na nossa Hespanha! E o que maior erro é, cuidão seus autores que a materia que não é profana não é tão accommodada para esta arte campear, e que o espirito devoto secca as vêas da musa. Enchem-se as paginas de conceitos, e equivocos, e certames, e delirios, sobre descrever as feições de uma mulher, e os affectos de uma paixão desordenada; e se lhes propuzessem por materia alguma acção heroica de que as vidas dos santos estão cheias, algum de tantos successos raros e memoraveis de que os sagrados livros abundão, aqui se murchou o seu louvor, e se seccou a cabalina; aqui não sabem levantar conceitos, nem servir com o seu officio á religião e piedade; e a razão d'isto é porque não podem pintar fóra as idéas que não têm dentro, e

não costumárão a sua fantasia a conceber pensamentos santos.

Mas deixemos os autores de semelhantes livros: vamos aos leitores. De que serve a um catholico ler comedias e novellas, e versos profanos? De gastar tempo? E não se gasta com maior utilidade em ler vidas de santos e versos pios, e tantos outros livros excellentes, que deleitando ensinão, e não manchão a consciencia? Se souberamos que lançárão veneno em uma fonte, beberiamos d'ella, por mais sêde que tivessemos, tendo outras fontes sem suspeita onde beber? Não por certo. Pois se os livros são umas fontes publicas, onde a sêde de saber, que nasceu comnosco, vai a saciar-se, porque escolhemos antes o beber dos livros onde ha veneno, do que dos outros onde não ha senão aguas salutiferas? Porque havemos de ter tão estragado o gosto, que gostemos mais de Florinda do que de Philothea, mais de Orlando furioso do que do Pastor de noche buena, mais da Arte de amar de Ovidio do que da Arte de bem morrer de Bellarmino, mais da Floresta hespanhola do que do Prado espiritual, e mais dos livros cujo titulo é comedias do que d'aquelles cujo titulo começa: Meditações? Qual d'estas duas classes de livros folgaremos de haver lido quando chegarmos á hora da morte, e ao momento da conta, do qual pende toda a eternidade! Se um S. Jeronymo foi açoutado por mandado de Deos, em castigo de ler muito por Cicero, e o desmentírão na cara de que não era christão, senão ciceroniano, que esperamos nós por fructo de haver lido outros livros que na utilidade e na eloquencia são tão inferiores? Oh!

cesse por amor de Deos, e tambem por amor de nós mesmos, cesse esta hydropisia que temos de ler livros profanos, ou totalmente inuteis, ou em grande parte nocivos; e convertamos esta vontade em buscar as fontes das aguas vivas e salutiferas, que são as escripturas sagradas e as vidas dos santos, verdadeira interpretação d'ellas. Pratiquemos a admoestação de meu padre S. Philippe Nery, o qual aconselhava que lessemos por livros que começão por S, entendendo as obras ou vidas dos santos padres. E se em nosso poder se achão os outros que reprehendemos, será serviço de Deos queimal-os, com que evitamos a tentação de tornar a ler por elles quando a devoção se nos esfriar. Porque, como bem dizia um velho do Ermo, a questão, que por uma vez não decidimos, facilmente nos tornamos a implicar n'ella.

OS ALGARES

(152.)

D'estes boqueirões, ou grutas da terra profundissimas e perigosissimas, por estarem rasas com o demais chão, ha tres ou quatro na serra da Arrabida; não são mais largas, ao que se mostra de fóra, do que o que basta para cahir um corpo humano; e são fundas, que se lhe não acha pé. Chamão-se os Algares; e sei de um religioso que, caminhando de noite por aquella parte, se vio em tão proximo perigo, que se dá mais um passo se despenha dentro.

PERIGO DE BLASPHEMAR

(271.)

Em uma terra de França, na provincia chamada Celtica, vivia um moço nobre por sangue, vivissimo por costumes, cavalleiro de uma ordem das militares; porém de vida tão sem ordem, que só militava por parte de seus appetites. Um d'estes era a caça, na qual se empregava tão continuamente, que ajuntava as noites com os dias, e por aqui veio a ser caça de demonios; porque costumando recolher-se mui tarde, a mãi, que era viuva, depois de o reprehender muitas vezes d'este excesso, ultimamente o ameaçou, que se assim pervertesse as horas, não acharia cêa, nem quem lh'a ministrasse; porque não era bem que a familia toda andasse desgovernada por ir ao passo dos seus desconcertos.

Zombou elle da ameaça, como de paixão de mulher e fóscas de mãi; porém vindo outra vez da caça já alta noite, em companhia de um seu irmão e outro companheiro, todos bem cansados, e necessitados da mesa, com effeito não achárão cêa, nem quem lh'a ministrasse, nem apparecêrão chaves da despensa e cozinha; e todos os da familia se fazião surdos, e se recolhêrão em seus aposentos, conforme a ordem que a senhora lhes tinha dado. Então o moço exasperado soltou a lingua em palavras mui colericas e descompostas; e crescendo mais a ira cega, chamou por Satanaz, que o levasse já.

Procurou o irmão socegal-o, porém debalde; porque, como o relogio tinha já cahidos os pesos e desconcertadas as rodas, de cada vez desandavão com maior estrepito, até chegar a blasphemar de Deos impiamente.

Deu ordem o irmão que fossem ao lugar buscar qualquer cousa de comer com que passassem. Trouxerão alguns poucos ovos, que repartidos entre os tres ainda parecêrão mais poucos; e com isto se recolhêrão todos a uma cama, por não haver outro melhor commodo.

Não passou muito tempo, que estando todos tres acordados, vírão de repente em pé, junto a si, um feio ethiope, de estatura agigantada e feroz catadura, acompanhado de dous cães de fila de estranha grandeza.

Foi tal o pavor em todos, qual se deixa bem considerar n'este passo, especialmente no moço, que se lembrava das blasphemias que tinha dito e dos peccados de que o accusava a consciencia.

Estava elle no meio dos outros dous; mas o demonio, que sabia bem a quem vinha dirigido pela divina justiça, lançou mão d'elle, sem lhe valerem as fracas diligencias com que os companheiros procuravão defendêl-o e encobril-o. Tirou-o em peso da cama, e assim despido o estendeu em uma banca que alli estava, e logo com uma grande cutella o foi espostejando com gentil destreza e ferocidade horrenda, e as postas d'aquelle miseravel corpo as ia lançando aos cães de fila, que colhendo-as no ar as engolírão; e feita esta horrenda carniçaria, voltou os olhos scintillantes para os dous homens que estavão na cama quasi expirando de medo, e lhes disse que aquelle castigo mandára fazer o Omnipotente, e

que se não estendia a elles a mão, não era por falta de vontade, senão de licença.

Desappareceu o infernal monstro; passou-se o resto da noite em lagrimas, confusão e suspiros; tendo-se acostado tres pessoas, pela manhã não se levantárão mais que duas; estas não tinhão que buscar a outra, pois bem vírão a levára, e facil era entender para onde.

O irmão deixou-se penetrar do sentimento e consideração que pedia caso tão extraordinario e tragico. Para assegurar a mudança de vida que determinava, entrou em uma religião, na qual diz o padre Theophilo Raynando que ainda no seu tempo vivia com a reforma e com o exemplo que pedia o temor dos divinos juizos; e da certeza da historia não duvída por lh'a referirem pessoas dignas de todo o credito.

O AFOGADO

(291.)

Andando em visita certo bispo, varão espiritual e religioso, chegou á ribeira de um rio, e querendo repararse um pouco do cansaço, parou para recrear o espirito com a amenidade do sitio. Estando assim quieto com os olhos no successivo transito das correntes crystallinas, e o interior occupado em santos pensamentos, ouvio uma voz que sahia do fundo e madre do mesmo rio; e em tom de quem se queixa e mostra cuidado, dizia claramente:

— A hora é chegada, e o homem não é chegado.

Com estas palavras tão breves e tão encobertas, entrou em admiração e em cuidado, julgando que não podia deixar de haver alli mysterio, e consequencias envolvidas n'elle, e assim determinou aguardar alli o fim do successo. Explorava com summa vigilancia, e revolvia na imaginação já este, já aquelle pensamento, quando vê vir correndo a cavallo um clerigo, o qual apertava mais o bruto com as esporas, e vinha a passar o rio d'aquella mesma banda onde o bispo se achava.

O bispo, discorrendo com prudente presagio o que podia ser, avisou no mesmo ponto aos seus criados, que em nenhum caso o deixassem entrar na agua, os quaes assim o fizerão, pegando-lhe fortemente das redeas do cavallo; o clerigo impaciente, e reluctando quanto podia, clamava :

— Deixai-me, deixai-me, que a ordem d'el-rei tem pressa; apartai-vos, que não é negocio que soffra dilações para outro dia; é um segredo real de grave urgencia, é necessidade inevitavel.

Porém quanto mais elle fazia por se desembaraçar, tanto mais o bispo se confirmava na sua persuasão, e intimava aos seus que nem por bem nem por mal o largassem.

Finalmente, obrigou com violencia a que ficasse aquella noite hospedado em sua companhia; mas, oh! miseravel e lastimosa condição da natureza humana, que mais facilmente podemos acarretar os males, quando estão longe de nós, do que desvial-os quando estão impendentes!

Estando o bispo e os mais da sua familia dormindo, o dito hospede se levantou, e achando no aposento um vaso capaz cheio de agua, metteu dentro a cabeça, feito cruel verdugo de si mesmo, e se afogou miseravelmente, vendo-o assim pela manhã todos com grande admiração dos juizos de Deos occultos.

O JUIZ AVARENTO

(351.)

Havia em Portugal um juiz, no exterior mui religioso, e que se confessava e commungava cada oito dias, e fazia outras obras de virtude; porém tinha um vicio prejudicial a si e a todos, que era uma entranhavel cubiça tão apoderada de sua alma, que não deixava pedra por mover, afim de enriquecer, e accrescentar seus cabedaes, puxando inhumanamente quanto dinheiro podia aos que negociavão no seu tribunal. Recolhendo-se pois um dia á sua casa, lhe sahio ao encontro um homem desconhecido, e lhe deu uma carta sobrescripta para elle, e logo desappareceu; abrio e leu; e n'ella, a sentença de sua morte, com uma citação peremptoria para o tribunal e juizo de Deos.

Todo ficou cortado, e tão turbado e amortecido, que nem podia dar passo, nem articular palavra; levárão-o em braços á cama; e apparecêrão no aposento vinte e sete demonios, com igual temor d'aquelle miseravel

que assombro dos que assistião, que quasi todos lançarão a fugir; mas entretanto os demonios fazendo seu officio, os vinte lhe tomárão posse do corpo, collando-se pela boca dentro; e os sete ficárão de fóra, como de escolta e guarda aos que estavão dentro.

Os parentes e gente da familia do miseravel avarento trouxerão sacerdotes que conjurassem os demonios, os quaes se puzerão em defensa, maltratando de palavra aos circumstantes, e declarando a cada um seus peccados publicamente; os demonios que estavão dentro atormentavão ao juiz terrivelmente; os sacerdotes conjuravão a todos, pondo mais esforço contra os sete que estavão no aposento; e com effeito lançárão fóra seis d'elles; mas o setimo, que restava, disse aos vinte que estavão dentro:

— Que vos detendes com essa presa que tendes nas mãos? Alto com ella, pois é nossa, e sigamos a nossos camaradras, que vão diante.

N'este ponto, levantárão ao juiz no ar, e dando tristes gemidos, desappareceu arrebatado pelos demonios.

PENAS DO INFERNO

(359.)

Conservareõ os miseraveis a immortalidade entre os incendios, e a seus membros nús cingiráõ inconsumpti-

veis labaredas. O rico da ardente purpura se abrasará na ardente chamma; nem haverá quem aplaque com uma pinga de agua a crescida sesão de sua abrasada lingua. Saltaráõ os appetites libidinosos refervendo-se da sua propria immundicia; e dentro em certão do mesmo fogo, serão aquelles miseraveis corpos atormentados; e os trespassará o punhal da desesperação, tormento mais atroz que todos os tormentos! Já Deos não terá misericordia, nem ouvirá os arrependidos; foi esse arrependimento mui tardio; uma vez fechada a porta, debalde clamaráõ de fóra os que não tiverão suas alampadas providas. Nenhum remedio resta, nenhum refrigerio alli se espera. Aos infernos desceu Christo uma vez, não ha de descer outra. Nunca jámais verão o rosto a Deos, fechados debaixo do sinete de suas trevas. Será de sua condemnação a sentença irrevocavel, immutavel o juizo, e o decreto fixo e permanente.

MÁOS COSTUMES

(385)

Levanta-se o penitente absolvido dos pés do confessor, vái para casa; visita-o o amigo, este murmura gravemente contra o proximo, e elle pelo costume que tinha de fazer prazer aos amigos, ajudou a murmurar; e temol-o já cahido outra vez em peccados; mas se elle se houvera determinado em evitar amigos semelhantes, não murmurára.

Veio-lhe um pensamento lascivo, e consentio; se elle tivera pela manhã oração, o pensamento, ou não viria, ou o rebatêra com outro bom, nascido da mesma oração.

Entrou em seu serviço uma ama; da familiaridade domestica nasceu a tentação, d'esta o peccado, do peccado o costume; agora quer largar, e não póle; se elle se governára por director espiritual, dissera-lhe que a um solteiro ou sacerdote não convinha aquella pessoa de tão poucos annos em sua casa; e todo este mal se atalhava, ou caso que se não atalhára a principio, cortára-se agora, se seguíra o que o director lhe ordenasse ácerca de evitar occasiões proximas.

Encontrou com certo contendor seu, cuja vista lhe renovou desejos de vingança; se elle meditára na paixão, aprendêra a amar os inimigos por amor do mesmo Christo, e achára o coração quieto em lances semelhantes.

Não previo um laço occulto que o demonio lhe armou, e assim cahio n'elle miseravelmente; se elle cultivára a devoção da Virgem para merecer o seu especial patrocinio, desviára-lhe a Senhora esta tentação, ou lhe alcançára forças para sahir d'ella com maiores lucros.

Afrouxou nos santos exercicios, e se lhe fez tão agro o caminho da virtude, que veio a faltar na perseverança, de que se seguírão outros damnos maiores. Se elle commungára de oito em oito dias, assim como communga de mez em mez, sentíra sua alma grande esforço, e lhe serião dados mais auxilios para perseverar.

Se d'este modo quizermos continuar o discurso, acharemos que quanto um se poupa a servir a Deos, tanto

abre a porta ás tentações do demonio ; e assim, porque os fieis não anhelão a ser virtuosos, vêm a parar em ser condemnados ; porque facilitada a offensa de Deos pelo costume, se difficulta a emenda pelo arrependimento, e se endurece o coração, e d'ahi procede serem os propositos d'ella falsos e as confissões nullas ; e d'estas está o inferno povoado ; esse é o fim, originado d'aquelle principio, de não lançar fóra a concubina do amor-proprio.

Por onde dizia o humilde monge Thalassio :

— Queres de uma vez livrar-te de todos os males? Renuncia o amor-proprio, que é o pai de todos os vicios ; e por si mesmo o tinha já dito o Espirito-Santo : Se concederes á tua alma as cousas que appetece, entregar-te-hão em poder de teus inimigos com grande gozo seu.

ESTADO RELIGIOSO

(388.)

Impossivel é condemnar-se um religioso, sem que seja summamente ingrato e desprezador das misericordias divinas ; porque tudo quanto ha das portas da religião para dentro são misericordias d'este Senhor, e tudo está nadando em opportunidades de o servir, que é o mesmo que de nos salvarmos.

A cegueira dos prelados é misericordia de Deos ; a pobreza e abdicação dos faustos do seculo, é misericordia

de Deos; a clausura, o côro, o capitulo, o refeitorio, o habito, as ordens, a vizinhança de Christo Sacramentado, vivendo com elle de portas a dentro; os sermões, as penitencias, as enfermidades, as tentações, os desprezos que se padecem do proximo, a distribuição das horas, e o relogio, e as campas da communidade; e finalmente, tudo é uma perpetua serie de beneficios de Deos, com que, por uma cadêa de varios fuzis entre si ingrasados, vai a mão de Deos levando e puxando pelo religioso, até o metter comsigo no reino da gloria; e que toda esta cadêa rompa e quebre uma alma ingrata! Contra todos estes attractivos forceje e relucte! Todas estas opportunidades esperdice e derrame! Como póde o seu juizo deixar de ser mui superexaltado á força de misericordias, e por conseguinte o seu inferno mais profundo?

Tão profundo é, que, conforme foi mostrado á serva de Deos a veneravel madre Maria de la Antigua, estão os máos religiosos e sacerdotes em companhia e poder de Judas; porque pede a equidade do divino juizo que sejão semelhantes no lugar e pena os que o forão no estado e culpa; Judas foi sacerdote, porém máo sacerdote; professou o seguimento de Christo, porém não o seguio; viveu no collegio e sociedade dos mais apostolos, porém não os imitou; assentou-se com o Senhor á mesa, e metteu com elle a mão no prato, e commungou seu corpo, porém vendeu-o; recebeu d'elle osculo, porém fez do mesmo osculo signal da entrega; semelhantes favores, se bem se pondera, recebe o máo religioso; que muito logo que no inferno tenha lugar semelhante!

Conoci (são as palavras da dita serva de Deos) *que Judas era el que debajo de su mano tenia a todos los* (*malos*) *sacerdotes y religiosos; y conoci que la causa de su caida fue porque já mas tuvo verdadero amor a Dios*; *y de su condicion era cruel; e asi los maltratava mas que los demonios. Y entendi* (advirta-se bem n'este ponto) *que este mismo pecado hazian los religiosos e religiosas que no le davan a Dios su amor y aficion. Que tal quedé deste conocimiento, no lo sabré dizir. Pues este dia no sali dando mil vózes por la casa, y avisandolas a todas d'este grande peligro, grande fue mi prudencia.*

E que o máo uso da graça copiosa de Deos seja a causa da condemnação dos religiosos, mostrou o Senhor a outra sua serva, que foi a veneravel Maria Isabel de Jesus, religiosa agostinha descalça, a quem o Senhor levantou desde pastorinha de quatro ovelhas, a singularissimos dons de sua graça, e se dignou ser desde o principio seu mestre e director espiritual; ponho aqui as suas palavras, porque juntamente se veja como concordão com o nosso texto, que vamos annotando, no ponto de que se condemnão almas de todos os estados, e ainda que seja religião de instituto reformado. Diz assim :

— Outro dia, em parte da noite, estando em recolhimento, me forão mostradas tres freiras; estavão todas tres perto umas das outras, deitadas de costas, e amortalhadas com seus habitos e corrêas, propriamente como se amortalhão em casa; estando-as olhando, vi que se afundírão, e sahio muito fumo d'onde cahírão; logo vi

atrás d'isto muito azeite derramado, parecendo-me, segundo estava formoso, que o via como quando cahe sobre a agua, e está nadando e fazendo visões; davame a entender que se havião perdido aquellas pobres freiras por se não haverem aproveitado da misericordia de Deos. Conheci que erão do habito de minha ordem; mas não as conheci a ellas, nem soube de que convento erão. A mim me foi esta mercê mui proveitosa, porque, sendo eu secular, me parecia que me bastava o habito para salvar-me; porque nos conventos não havia occasião para ninguem se perder; quiz o Senhor desenganarme para que visse que me não bastava o habito e recolhimento, se não se obra conforme o que pede o estado; manifestou-se-me que de todos os estados se perdem almas. Até aqui esta serva de Deos.

Repare-se nas circumstancias d'esta visão; estavão estas religiosas perto umas das outras, e amortalhadas no seu habito, e o habito era de religião mui recoleta, e cahírão de costas, e sahio muito fumo d'onde cahírão; e vio-se muito azeite derramado; e conhecendo esta serva de Deos o habito, não conheceu as pessoas.

No estarem perto umas das outras, parece se denota que havião sido escandalo e ruina umas das outras, ou por via do máo exemplo (que nas communidades é mui contagioso), ou por via do peccado em que forão complices.

O estarem amortalhadas no habito da ordem, foi para que, assim como n'esta vida esse lhe servio de honra, assim no inferno lhe servisse de opprobrio; e já que estas do habito não fizerão mortalha para morrer com

tempo ao mundo, fizessem d'elle mortalha para morrer a Deos eternamente.

O cahirem de costas é proprio dos reprobos; assim como o cahir de rosto é proprio de peccadores arrependidos; porque estes cahem em si mesmos para diante do seu conhecimento, e os outros cahem sem verem adonde, como cegos.

Erão de religião recoleta, para que se veja como Deos não julga as religiões, senão as almas; e as almas é que havião de ser recoletas, pois vivião em tal religião; Deos é espirito e verdade, e assim pede quem o sirva em verdade e espirito, e não em hypocrisia e vaidade; e ser o habito estreito e a consciencia larga, claro está que é hypocrisia.

Sahio muito fumo d'onde cahírão, para signal que aonde cahírão havia muito fogo; e havia muito fogo onde cahírão, porque não havia fogo algum nas que cahírão; se ellas ardêrão aqui no fogo do amor de Deos, não arderião lá no fogo dos tormentos; é preciso que as almas ardão; cada qual escolha o fogo que quizer; tanto não arderá na pena de suas culpas, quanto primeiro arder na contrição d'ellas e chamma do amor divino.

Vio-se azeite derramado, porque, supposto que erão virgens, forão nescias, e as virgens nescias têm copioso azeite na religião, mas não o levão comsigo nas alampadas; e o azeite, que as havia de introduzir ao esposo, não é o provimento d'elle, que ha na religião, senão o que levassem nas suas alampadas comsigo; viver na religião, e não viver com religião, é tomar as alampadas e não provêl-as; e havendo na religião de que prover

as alampadas, não provêl-as é o mesmo que derramar o azeite resplandecente da graça de Deos. Por isso se condemnárão.

Conhecendo o habito, não conheceu as pessoas, porque Deos não queria infamar as pessoas, e queria avisar os estados; infamar as pessoas, não; porque lá está dia reservado para isso, que é o ultimo do mundo; mas avisar os estados sim, para que se não fiem em vão as pessoas.

Dêm-se pois por avisadas as pessoas, em qualquer estado, que se seus procedimentos se não conformão com o que elle pede, tanto será mais culpavel a sua condemnação quanto o azeite era n'aquelle estado mais copioso, e elles por sua negligencia o fizerão mais derramado, porque se derramado não alumia a uns por sua miseria, ainda póde alumiar a outros por seu escarmento.

Mas se o azeite derramado pelos religiosos que se condemnão póde alumiar a outros com o escarmento para que se não condemnem, temo tambem que o fumo, que da noticia d'estes casos sahe fóra, cegue mais a alguns que vivem no seculo já cegos. O estado religioso sempre padeceu por emulos e maldizentes, algumas pessoas do seculo. Rogo a estes que olhem antes para a luz que para o fumo, e não ajuizarão cegamente; e vejão onde ha mais fumo e onde mais luz, se na religião, casa da luz, se no mundo, casa do fumo; na religião a condemnação de algumas almas se conta por exemplo; e no mundo por exemplo se conta a salvação de algumas. No apostolado um se perdeu, e todos os mais se salvá-

rão; dos pharisêos em tempo dos apostolos, Paulo se converteu, todos os mais não sabemos que se convertessem; o seculo é como o pharisèo, que se ensoberbece e ufana de dar a Deos os dizimos; e a religião é como o apostolado, que o levar-lhe o demonio os dizimos, isso é o que chora; e se no apostolado se pagou dizimo ao demonio, que muito que o paguem as religiões mais recoletas? Se no apostolado se perdeu uma alma, que muito que nas religiões se percão algumas? O admiravel é se salvem tantas, e não sómente se salvem, senão que na terra e já no céo ajudem a salvar muitos do seculo; na terra trabalhando como fieis operarios, no céo intercedendo como santos.

As religiões no meio do seculo são como as ilhas no meio do mar, que ás vezes por invasões do mesmo mar se vão comendo e soçobrando, e padecem suas injurias da vizinhança d'este poderoso adversario. Mas se nas ilhas ha tempestades, que será no coração dos mares? Oh! alegrem-se as ilhas, e multipliquem-se! Que ainda com a communicação tão vizinha dos mares estão muito mais firmes e seguras que elles. Ainda que as religiões estão relaxadas (disse Christo á sua zelante esposa S. Theresa de Jesus) não cuides que sou n'ellas pouco servido; que seria do mundo se não fossem os religiosos? A palavra de Christo é luz; e a esta luz devem os seculares voltar os olhos quando os escandalisar aquelle fumo.

LENDA DO MONGE DESOBEDIENTE

(403.)

Um monge de Cister já moribundo vio ao demonio em figura de mono, sentado sobre uma vara onde estava pendurado o seu escapulario, no qual, por já velho e roto, havia lançado um remendo, porém sem licença do superior; e agora o inimigo, mui festejador e contente com aquelle defeito contra a pobreza, lambia e beijava o remendo, e lhe corria muitas vezes a mão por cima. O monge, reconhecendo a sua falta, se compungio d'ella no coração, e porque já tinha perdido a falla, significou por acenos lhe lançassem d'alli aquelle espirito máo, que o escarnecia. Os circumstantes, como nada vião, não entendião o que lhes queria dizer, e sómente se admiravão. Até que foi Deos servido dar-lhe falla, e disse:

— Não vêdes o demonio, os escarneos que está fazendo, e como se deleita com aquelle remendo que lancei no habito sem licença, como se fôra meu o habito ou o remendo? Descosei-me logo logo aquelle remendo, para que o inimigo me não accuse diante de Deos.

Elles, por lhe fazer a vontade, condescendêrão no que pedia, e logo fugio o demonio; e o monge se confessou e recebeu penitencia, e tornou a perder a falla, e expirou quietamente.

OSTENTAÇÕES DE RELIGIOSOS

(407.)

A' vista de que no juizo de Deos se pede conta de uns escriptorios de nogueira na cella de um prelado, como poderão alli passar bem os contadores de evano, os quadros e camisas ricas, os brincos, ramalhetes e relogios curiosos, as frutas e as conservas, e as moedas de ouro tambem em conserva? Como poderá passar o tecto de uma cella, em que me consta se despendêrão seiscentos mil réis; e as paredes d'ella, sobre que houve consulta se se farião de figura de gesso relevadas, se de azulejos de Hollanda em paizes, ou brutescos? Como poderão passar as guarda-roupas onde se ostentão em vistoso alarde as fileiras de varios brincos e peças de prata, crystal, vitorina, vidro, marfim, etc.! Aqui digo que tem o infernal bugio que lamber e beijar muitos dias; não só porque tudo são bugiarias, senão porque ainda possuidas com noticia, ou licença do prelado, ou prelada, sempre amortecem, destroem e afogão o espirito da religião; e se na hora da morte seis folhas de papel, tomadas sem licença, tanto atormentão e dão cuidado, como atormentaráõ tantas alfaias, que as seis folhas de papel não bastão para rol ou inventario d'ellas? E se o remendar sem licença um habito ou escapulario velho e roto, é caso para o inimigo fazer d'elle artigo de

accusação, e Deos Nosso Senhor, por sua piedade, restitue a falla a um moribundo para que se confesse e receba penitencia, e possa morrer quieto, como esperão morrer quietos os religiosos que por uma parte fazem grandissimo caso de que o habito não seja, nem velho, nem roto, nem remendado; e por outra nenhum caso fazem, nem de pedir licença, nem de confessar o peccado, nem de satisfazer com penitencia. Aquelle monge de Cister, remendando o habito, rompeu a pobreza; mas depois descosendo o remendo, e confessando a culpa, remendou a consciencia; est'outros, que não querem romper o que está remendado, nem remendar o que está roto, não querem romper o que estiver remendado, porque se desprezão de que o seu habito não seja são e lustroso ; nem querem remendar o que está roto, porque não fazem caso de emendar semelhantes faltas contra a pobreza religiosa.

VESTAES

(113.)

Quando antigamente, entre os Romanos, alguma virgem das vestaes era comprehendida no incesto, a pena d'este delicto era : que a levavão fechada em umas andas, com apparato de pompa funeral, ao campo que chamavão *Scelerato*, onde para este effeito estava uma bobeda subterranea, e alli posta em um leito ou esquife,

e a par d'elle uma mesa com luz e algum comer, a sepultavão viva. Não querião dar-lhe a morte com outro qualquer genero de occisão violenta, por não contaminar aquelle corpo dedicado aos deoses; mas fingião a representação de que ella per si mesma morrêra. Que leito, que luz, que sustento, que bobeda subterranea espera aquella miseravel alma, e corpo de uma mulher que sendo dedicada ao verdadeiro Deos, membro de Christo, e templo do Espirito-Santo, não duvidou manchar-se com torpezas? A bobeda será o inferno, o leito labaredas de enxofre, a luz trevas palpaveis; e o sustento será ser essa mesma alma e corpo indefectivel sustento de serpentes venenosas. Mas com ser esta bobeda e estas trevas tão cerradas, ordenou Deos que esta desgraçada religiosa fosse vista e conhecida cá da terra para maior confusão sua e escarmento de outras vestaes, que, se andarem nas mesmas andas ou andanças, viráõ a parar na mesma cova. Quando uma religiosa pecca, ainda que occultamente, já vai nas andas morta, ainda que fechada! Oh! digne-se por sua piedade Christo de lhe tocar no feretro para que resuscite com tempo, antes de chegar ao campo Scelerato, onde seja sepultada eternamente.

MÁOS RELIGIOSOS

(115.)

Quaes são as causas ou portas principaes por onde, na clausura sagrada das casas de Deos, entra a pestilen-

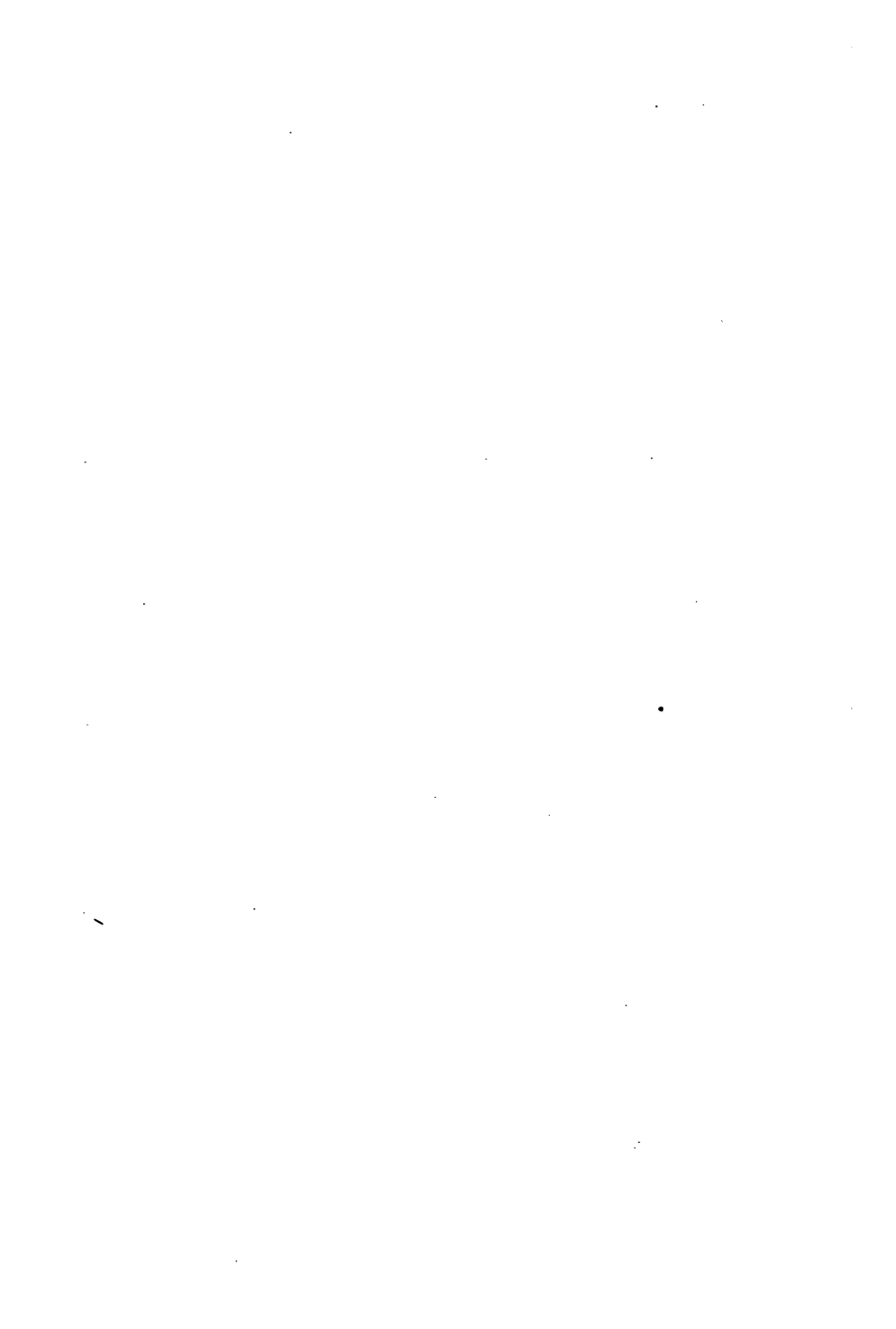
cia dos peccados da sensualidade? E responde-se que são quatro, cada uma por seu angulo; e estes quatro angulos são os que combate este furioso vento que vem do deserto, para arruinar a casa dos filhos de Job; isto é, dos professores da imitação de Christo paciente e humilhado, que são os religiosos. Primeira, falta de vocação ao estado religioso. Segunda, falta de oração. Terceira, falta de vigilancia. Toquemos brevemente cada uma.

Primeiramente, ha muitos que entrão na religião, e n'ella professão, só porque seus pais, tutores ou parentes, de fóra ou de dentro da mesma religião, para alli os impellírão; que se para outra parte os levassem, com a mesma facilidade irião; outros entrão só por causa de pobreza, porque n'aquelle estado esperão achar o sufficiente para comer e vestir, e passar com descanso; outros só para luzir nas lettras, e chegar aos pulpitos mais celebres, cadeiras e prelazias, e d'ahi ás mitras; outros finalmente (e estes são em maior numero), entrão sem cuidar em mais senão que a religião é um modo de passar a vida como outros varios que ha no mundo.

Raros são os que entrão por espirito, chamados de Deos, e com designio premeditado de o servir e procurar subir ao monte da perfeição em seguimento dos passos de Christo, por meio de seus conselhos evangelicos. Pois como seja tão sobre as forças de natureza e dependente das da graça o conservar-se em castidade um corpo terreno, formado da massa corrupta de Adão, segue-se que, não sendo chamados por Deos para tão alto estado,

não procedem n'elle como bons religiosos; e eis-aqui porque Christo Senhor nosso, quando os phariséos tiverão por dura a condição do matrimonio não admittir divorcio, allegando que melhor era não casar, respondeu que nem todos erão capazes de se fazerem eunuchos (isto é, viverem em castidade) por amor do reino dos céos; senão sómente aquelles a quem o Senhor o concedia.

Conforme á qual doutrina, admoesta S. Lourenço Justiniano que ninguem temerariamente se atreva a metter-se no estadio ou corro d'esta espiritual peleja, sem estar prevenido da graça divina, alimentado com a santa devoção, inspirado com os bons desejos, e fortalecido com o dom da constancia; porque lhe não succeda tornar ao vomito, e fazer-se réo d'aquella sentença de Christo: Que ninguem que mette a mão ao arado, e depois olha para trás, é apto para o reino do céo. Pelo que, o que não sente esta inspiração admire e venere de fóra os famosos degladiadores, que, mettidos n'este campo, pelejão contra si mesmos, como contra capitães inimigos; e elle trate só de guardar os mandamentos, que melhor é entrar manco no céo, do que tendo ambas as mãos entrar no inferno. Isto é, melhor é, vivendo como bom christão no seculo, salvar-se, do que vivendo como máo religioso fóra do seculo, perder-se.

FIM DO ESTIMULO PRATICO.

NOTICIA DA VIDA

E OBRAS

DO PADRE MANOEL BERNARDES

Na cidade de Lisboa, aos 20 de Agosto de 1644, Maria Bernardes, filha de João Bernardes, cavalleiro da ordem de Christo, avaliador do fisco real, e sobrinho de Antonio Leite Pereira, moço da camara de Philippe IV, cavalleiro fidalgo e familiar do santo officio, sendo casada com João Antunes, deu á luz um filho. Aos 27 do mesmo mez foi este baptisado na igreja de Nossa Senhora do Loreto da mesma cidade, recebendo o nome de Manoel.

Bem se póde dizer que nunca houve baptismo mais em cheio do que o d'este menino; sentidos mais abertos como santo *Hepfeta* para clara percepção de todas as cousas do mundo presente e do futuro; luz de fé, esperança e caridade mais acesa e bem posta na alma; renunciação mais desenganada ás obras e pompas dos

espiritos ruins; mãos mais suavemente ungidas, nem boca temperada de mais puro e saboroso sal.

O engenho, que n'elle madrugou como quem tinha jornada larga que fazer, começou desde a puericia a extremal-o singular entre todos os alumnos das primeiras escolas.

Pelos estudos da lingua latina correu com admiração dos mestres, parecendo mais recordar do que aprender; folgando com as difficuldades para as desatar; colhendo e enfeixando caladamente no animo, como hoje podemos conjecturar, as flôres que de tão formoso idioma devião vir enfeitar o nosso; formando o seu gosto no versar diurno e nocturno dos prosadores e poetas, a quem a lima surda do tempo não fizera senão accrescentar lustre; e apparelhando-se n'aquelle commercio com engenhos tão irmãos do seu, para algum dia exceder a muitos d'elles, e igualar-se com os melhores.

Do latim, que, sendo estudado como cumpre, é só per si um bom curso de logica, rhetorica e todas as humanidades, passou, já armado de ponto em branco, para as palestras da philosophia. Se a que no seu tempo se costumava é havida dos modernos, e com razão, por nebulosa, vã, enredadora e sophistica, nem por isso se ha de negar que adelgaçava singularmente os espiritos, acostumava a uma grande attenção, e não coroava com os seus laureis semi-fantasticos senão a talentos mui reaes.

Dos extremos que faria em tal sciencia o nosso Manoel Bernardes, podem-se ver os documentos em todas suas obras, se na integra as quizerem ler; n'este florilegio

não, que mui de industria o expurgámos de todos esses nojosos esperdicios de argucia, de todo esse brutesco arripiado de formulas escolasticas, de toda essa pobre riqueza que, segundo a moda de então, constituia metade de cada sciencia; a physica, a historia natural, a medicina, a jurisprudencia e a theologia punhão maior vulto do que tinhão de peso substancial; todas se arrebicavão ao mesmo espelho; todas prolixamente se affeitavão por um prototypo sabido, que se chamava *discreta subtileza*. A todas e a cada uma se podia bem perguntar, como áquella dama da aula de Luiz XIV, de calçado alto, de riçado alteroso, de mangas tufadas, de ancas e ilhargas postiças : « Tudo isso sois vós, ou é vós tudo isso, senhora minha?! »

Não queremos dizer que no que assim deixámos de fóra não haja ainda provas e amostras de relevante engenho. Pelo contrario; ninguem mais do que nós admira esse esvoaçar tão sustido e ligeiro no meio do vacuo tenebroso; mas outros tempos, outras idéas, outro gosto. O da nossa idade é mais veraz e positivo.

Por pouquissimo que houvessemos entremeiado nos quadros que demos uns desenfeites d'aquelle teor, já o publico nol-os houvera todos repugnado, punindo-nos do nosso desatino.

N'aquella philosophia pois sahio graduado mestre pela universidade de Coimbra, onde logo se passou ao estudo do direito pontificio, no qual grangeou duplicados creditos e o gráo de bacharel. Com estes preparos entrou ao curso de theologia; sahio n'ella qual attestão suas obras, e ordenou-se de presbytero.

Já então, com a fama da sua copiosa sciencia, corria desde Coimbra por todo o reino a de suas muitas virtudes; o que moveu ao bispo de Viseu, D. João de Mello, ao tomar por confessor e guia seu, no espinhoso caminho que elle tambem trilhava afervorado para a bemaventurança.

Não convinha o mundo aos gostos, nem aos costumes do nosso padre Manoel Bernardes. Carecia da solidão, que é a sombra a que melhor medrão estudos e santidade. Já se desatára, como presbytero, das ancoras que lhe tolherião o velejar a pannos largos pelo rumo da sua vocação, mas faltava-lhe ainha alijar o lastro bruto de negocios, cuidados e ociosidades proprias e alheias, que tanto pejão e empachão a todos o melhor da vida. Não era homem para resoluções immeditadas; podemos crer que sondaria, até ao fundo, todos os diversos institutos religiosos, comparando-os uns com outros, e cada um com as duas sêdes insaciaveis da sua alma, que a final não erão mais do que uma, a do saber e a da virtude. Preferio a todos a congregação, recemplantada para este reino por Bartholomeu do Quental. Aos trinta annos de idade era congregado do Oratorio.

Nenhuma corporação regular teve nunca, proporcionalmente, maior, nem sequer igual numero de sujeitos extremados pela justeza do viver, profundidade e variedade da doutrina; foi desde a origem n'este reino até aos ultimos dias uma tradição ininterrupta de justos, doutos e sabios.

Desde os rudimentos das humanidades até aos cumes

da eloquencia, da historia, da theologia, da physica e da mathematica, não ha ramo que se lá não cultivasse memoravelmente, e de que não ficassem padrões indeleveis e numerosos nas escolas, nas bibliothecas, nas academias. Era este um dos maiores bens d'aquellas casas de Deos — a regularidade serena do existir — o desapego das mundanidades — a aniquilação ou entibiamento dos appetites — a certeza do pão e do vestido — a immutabilidade e silencio da vivenda — os livros e mestres sempre á mão — e a confiança de encontrar, a qualquer hora, das mesmas portas a dentro, a quem consultar antes de compôr, a quem mostrar e a quem ouvir, ou censura para a emenda, ou louvor para animação, depois de ter composto; tudo concorria para que as predisposições naturaes de cada um se aproveitassem inteiras. N'esta só ponderação, toda terrestre e mundana, se despontão e quebrão os mais agudos e mais bem arremessados tiros dos utilitarios anti-espirituaes, contra toda e qualquer associação conventual.

D'entre os grandes nomes com que se dourárão os fostes, curtos mas plenos da congregação de S. Philippe Nery em Portugal, nenhum sobreleva ao do nosso autor. De 36 annos, que alli viveu, só dous, que forão os ultimos de sua cansada vida, se lhes não quizermos chamar já os primeiros da sua morte, dous unicamente deixárão de ser empregados em escrever e estudar; dizemos escrever e estudar, porque os exercicios religiosos a que se entregava o mais do tempo, a direcção das consciencias alheias, já no confessionario, já na cadeira, já no pulpito, erão tambem estudos, com que accres-

centava em si o calor e luz que ião depois expirar-se e resplandecer nas suas paginas.

Insondaveis segredos do Altissimo! Aquellas duas qualidades, que parecião n'elle inseparaveis, como o são no titulo de uma das melhores de suas obras, vierão ao cabo, uma a extinguir-se, a outra a inutilisar-se: — a luz de tão formoso entendimento, que tantas verdades e tantas vaidades fizera conhecer, apagou-a Deos para a terra á hora que lhe aprouve, deixando só o calor da vontade santa a ferver ás escuras no coração desconsolado; o sepulcro é menos triste do que o devia parecer a cellazinha do deslustrado velho aos companheiros, e aos que de fóra açudirião a contemplal-o. Livros fechados e inuteis, manuscriptos incompletos ao pé do tinteiro secco e da penna mirrada, uma phrase eloquente por ventura deixada em embrião; diante de tudo isto e sem o comprehender, e por espaço de dous annos! oito estações! vinte quatro mezes! perto de oitocentos dias e outras tantas noites! com o mesmo trajo! com o mesmo rosto! com ainda mais cãs....o homem a quem todos invejárão, de quem todos aprendêrão, fechado sobre si como um livro de sete sellos, como um enigma, como um desengano, como uma arvore secca do raio, mas ainda em pé, como a frontaria inteira de um templo abrasado, como um retrato vivente de si mesmo, como um jazigo da alma com um nome refulgente, e em vez de um *aqui jaz*, um aqui está, aqui vive, e aqui padece.

A ignorancia de si e do mundo é no menino uma cousa graciosa, no velho uma cousa tremenda; no me-

nino é a escuridão em que se esconde o germen da alvorada, no velho é a primeira treva da noite, que de minuto para minuto se engrossa, se esfria, se povôa de medos e fantasmas. Grande desengano para os vaidosos de seu entendimento! como se o entendimento fosse mais nosso ou mais privilegiado que a formosura, que a saude, que a força, que a riqueza, que a fama!

A ultima obra pois do padre Manoel Bernardes, e não a menos instructiva, foi aquelle mudo sermão de dous annos contra as vanglorias terrestres, em que tão irrefutavelmente provou que o espirito podia tambem ser Job assim como o corpo, e de peior condição Job, pois, do seu muladar, uma vez cahido n'elle, já nunca mais se alevantará.

Por passos contados procedeu esta sua longuissima agonia. Foi a principio só entibiamento das faculdades intellectuaes, sobrevivendo-lhes o fervor das praticas religiosas, como se vê pelo mar liso resvalar uma galé, obedecendo ainda á impulsão dos remos, já largados do punho. Depois anoiteceu-se ainda mais o siso; foi-lhe prohibido pelos superiores o celebrar o incruento sacrificio. Chorou, implorou, amesquinhou-se, rendeu-se..... e succumbio. Degradado do exercicio das ordens!... prohibido de tocar nas armas o soldado velho, que tantos annos defendêra invencivel o estandarte!... depois, assim como as idéas mais altas lhe tinhão ido desapparecendo, se lhe forão apagando até as mais communs, até as das impressões immediatas, até as do instincto; via e ouvia, mas não entendia, nem conhecia; o mundo era para elle o que elle era para o mundo, um mysterio, uma

canseira, talvez um enfado; depois a 17 de Agosto de 1710 acabou de expirar; que foi, como bem podemos presumir, voar do carcere, carregado com as palmas de confessor e martyr, para a patria onde os fructos se colhem do que na terra se cultivou.

Forão sepultados os seus restos mortaes na antiga casa do Espirito-Santo, arrasada d'ahi a quarenta e cinco annos pelo grande terremoto, substituida no mesmo lugar com a elegantissima igreja, riscada por Ludovice, filho, substituida hoje, depois de outro terremoto grande, com as casas de prosaica frontaria do Sr. barão de Barcelinhos.

Achão-se portanto aquellas reliquias veneraveis mais que perdidas, reperdidas com o proprio sitio onde pousavão.

Desengano sobre desengano!

Ficárão do padre Manoel Bernardes tres retratos: dous a oleo, na bibliotheca publica de Lisboa; um de meio corpo, outro só da cabeça; o terceiro, gravado em Roma pelo Rossi, e encorporado nas obras do nosso autor.

Eis os titulos das obras que d'elle existem e correm impressas, e algumas reimpressas por muitas vezes. Tomamos esta noticia do precioso *Diccionario Bibliographico* do Sr. Innocencio Francisco da Silva:

Luz e Calor, obra espiritual para os que tratão do exercicio das virtudes e caminho da perfeição. Dividida em duas partes. Lisboa, por Miguel Manescal, 1696. 4° de XVIII, 584 pag. — *Ibi*, por Francisco Xavier de Andrade, 1724, 4°. — Quarta impressão, *ibi*, por Francisco Luiz Ameno, 1758, 4° de XVI, 660 pag.

Nova Floresta, ou Sylva de varios apophthegmas e ditos sentenciosos, espirituaes e moraes, com reflexões em que o util da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim divina como humana. Tomo I°, Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1706, 4° de XVI, 496 pag. — Tomo II, *ibi*, pelo mesmo, 1708, 4° de IV, 412 pag. — Tomo III, *ibi*, na officina Deslandesiana, 1711, 4° de IV, 538 pag. (Este e os seguintes tomos forão publicados posthumos pelos padres da Congregação.) — Tomo IV, *ibi*, por José Antonio da Silva, 1726, 4° de XII, 550 pag. — Tomo V, *ibi*, pelo mesmo, 1728, 4° de VIII, 556 pag.

Exercicios espirituaes e meditações da via purgativa, sobre a malicia do peccado, vaidade do mundo, miserias da vida humana, e quatro novissimos do homem. Divididos em duas partes. Accrescentados n'esta segunda impressão com um indice de cousas notaveis. Lisboa, por Manoel Lopes Ferreira, 1706, 4°, 2 tomos. (A primeira edição é de Lisboa, por Miguel Deslandes, 1686, 4°, 2 tomos.) — Terceira impressão. Parte I[a], Lisboa, por Antonio Pedroso Galvão, 1731, 4° de XII, 519 pag. — Parte II, *ibi*, por Bernardo da Costa, 1731, 4° de VIII, 620 pag.

Sermões e praticas. Primeira parte, dada á estampa por um padre da mesma Congregação. Lisboa, na officina Deslandesiana, 1711, 4°. — *Ibi*, na officina da Congregação do Oratorio, 1733, 4° de XX, 483 pag. — Parte segunda, *ibi*, na mesma imprensa, 1733, 4°. — Os editores promettião terceiro, quarto e quinto tomos, que nunca chegárão a ver a luz.

Tratados varios. Tomo I°, Lisboa, na officina da Congregação do Oratorio, 1737, 4° de VIII, 615 pag. N'este volume se contêm as Meditações dos principaes mysterios da Virgem Nossa Senhora, direcção para ter os nove dias de exercicios espirituaes, etc., obras que andão tambem separadamente impressas no formato de 8°. — Tomo II, *ibi*, na mesma officina, 1737, 4° de VIII, 600 pag. Comprehende este volume *Pão partido em pequeninos*, cuja primeira edição em separado parece ser de 1694, e as *Armas da castidade*, tambem impressas em separado e pela primeira vez em 1699. Ambos estes tratados continuárão a reimprimir-se, por vezes, cada um de per si no formato de 8°.

Os ultimos fins do homem, salvação e condemnação eterna. Tratado espiritual, dividido em dous livros, etc. Lisboa, por José Antonio da Silva, 1728, 4°. — *Ibi*, na regia officina Silviana, 1761, 4° de VIII, 467 pag.

Estimulo pratico para seguir o bem e fugir o mal. Exemplos selectos das virtudes e vicios, illustrados com reflexões. Lisboa, por Antonio Pedroso Galvão, 1730, 4° de XII, 479 pag. — *Ibi*, na regia officina Silviana, 1762, 4° de VIII, 479 pag.

Paraiso dos contemplativos, opusculo devotissimo e utilissimo para as almas que aspirão á perfeição espiritual; composto em italiano pelo padre frei Bartholomeu de Salucio, e traduzido com annotações. Lisboa, na officina da Congregação do Oratorio, 1739, 4° de XVI, 550 pag. — *Ibi*, por Miguel Manescal da Costa, 1761, 4°.

Corpulenta collecção de dezenove tomos, difficultosa

hoje de reunir, difficultosissima de ler inteira, como pelos seus proprios titulos se adivinhará, e não muito facil de abranger n'um juizo rigoroso, claro e breve, como conviera!

Não nos deteremos, transcrevendo nem summariando o que, ácerca de cada um d'estes livros, puzerão nas licenças os censores d'elles; elogios taes tomar-nos-hião um volume, e significarião pouco — pouquissimo — cremos que nada. Era quasi tarifa que se fizessem; era moda que fossem encarecidos; erão mais alardos rhetoricos da erudição e discrição do julgador do que sincera contrasteação dos quilates do julgado; sobrecrescendo a tudo isto, que os nomes, com que taes processos vêm assignados, se em seu tempo gozárão de fama, hoje são mais que desautorisados, são incognitos, são nullos.

Quanto a autoridades, uma por todas poderá bastar: é a do padre Antonio Vieira.

Corre em tradição que achando-se este preclarissimo ornamento da sua patria, já em artigos de morte, na cidade da Bahia, no anno de 1697, e percebendo que entre alguns dos circumstantes se estava em baixa e sentida voz encarecendo o desamparo e viuvez em que se ficaria a lingua portugueza, esforçando os ultimos alentos mettêra inopinadamente a mão na pratica, dizendo:

« Emquanto vivo fôr o meu padre Manoel Bernardes, ninguem se amesquinhe por esta formosa lingua. »

Que testador, que herdeiro, e que herança!

Citar Francisco José Freire depois de Antonio Vieira, é em verdade como acender uma candêa ao meio-dia;

não obstante, como em cousas de linguagem ha quem o tenha por competente avaliador, e parte do seu conceito ácerca do padre Manoel Bernardes se nos figure carecer de rectificação, escutemol-o:

« O padre Manoel Bernardes, filho do instituto e do espirito do veneravel padre Quental, injustamente não hombrêa com os classicos do seculo passado, sendo um acerrimo imitador de Vieira; mas tempo virá em que critica mais recta lhe dê lugar merecido, quando este autor já não passar por moderno. Para esta distincção bastará observar bem qualquer das suas obras, exceptuando a das *Florestas*, na qual se não conhece tanto a lima da purissima locução, e (digamos assim) o verniz da elegancia, que só tem por legitima a linguagem portugueza. As suas *Meditações sobre os Novissimos do Homem* immortalisão a sua penna, ennobrecem a lingua, e honrão a congregação do Oratorio, da qual foi exemplarissimo filho. »

Vem esta sentença na pagina 14 da parte primeira da obra impressa em 1842, com o titulo de *Reflexões sobre a lingua portugueza, escriptas por Francisco José Freire.*

Importa advertir aqui de passagem, para cautela dos estudiosos principiantes, que este livro, posto sahisse admiravelmente máo da penna de seu autor, sahio da impressão notavelmente proveitoso pelas muitas e judiciosas correcções que em notas lhe ajuntou o nosso muito distincto philologo o Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

Candido Lusitano, de quem, além das obras já im-

pressas, existem ainda outras manuscriptas, era apenas um erudito; carecia de talento para escriptor, de gosto e sagacidade philosophica para critico; por elle se póde dizer, sem injuria, o que por outro tal mui lido e sabido dizia o nosso Bocage : « *Forte pena ter este homem aprendido latim! perdeu-se n'elle um grande parvo!* »

Freire ou Candido Lusitano só chegou até onde poderão sempre chegar os espiritos mais vulgares, nascidos com a furia de ler, com a pachorra de apontar *alto e malo*, e com o séstro e fadario de fazer livros. Este seu, que, para o tempo em que elle o fez, era já mesquinho e errado, tomado hoje para *vade-mecum*, seria ainda muito mais errado e muitissimo mais defectivo; entretanto, *felix culpa*, que a não ser elle não teriamos agora as solidas e magistraes reflexões do Sr. Rivara.

Mas deixemos o autor e a obra, e venhamos com a consideração áquelle só passo d'ella que transcrevemos, e que ao nosso Bernardes se refere. Ou da sua cabeça lhe sahisse, ou da opinião dos outros o tomasse, como parece mais natural, bem acertou em dizer que era injustiça o não se equiparar este classico *aos do seculo precedente*, e que tempo viria em que mais recta critica lhe reivindicasse o devido apreço.

Até aqui estamos perfeitamente conformes. Já hoje todos os homens de instrucção e gosto por tal arte o aprecião, que não só o igualão a esses classicos, senão que á maior parte d'elles o antepoem; discordamos porém quanto a havêl-o por *imitador acerrimo* de Vieira, e quanto á classificação dos seus escriptos.

É Vieira sem contradicção mestre guapissimo de nossa

lingua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém a si o propuzesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se póde com inducção plausivel suspeitar; erão ambos engenhosos no discorrer, puros e esmerados no exprimir; — eis-ahi a sua unica semelhança; — no demais, parecião-se como entre si se podem parecer duas arvores de especies diversissimas.

Lendo-os com attenção, sente-se que Vieira, ainda fallando do céo, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda fallando das creaturas, estava absorto no Creador. Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a côrte, para o mundo; Bernardes para a cella, para si, para o seu coração. Vieira estudava galas e louçainhas de estylo; achava-as, é verdade, tinha boa mão no afeiçoal-as e uma graça no vestil-as como poucos; Bernardes era como estas formosas de seu natural, que se não cansão com alindamentos, a quem tudo fica bem; que brilhão mais com uma flôr apanhada acaso, do que outras com pedrarias de grande custo. Vieira fazia a eloquencia; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o genio; em Bernardes o amor, que, em sendo verdadeiro, é tambem genio. Vieira sacrificava tudo á sua necessidade suprema, ao empenho de ser original e unico; sacrificava-lhe a verdade; sacrificava-lhe a verosimilhança; sacrificava-lhe até a possibilidade; não hesitava em propôr o principio mais absurdo, como fosse ou parecesse novo, e como para lá não achava caminho pela logica, fabricava-o com pontes sobre pontes, através de um oceano de sophismas, de argucias, de puerilidades, de indecencias, de quasi heresias; e con-

tente de lá chegar por entre os applausos, não se detinha a reflectir se não tinha sido aquillo um grandissimo abuso da grande alma que Deos lhe dera, uma duplice vaidade aos olhos da religião e da philosophia, um exemplo ruim, mais perigoso pelo agigantado de quem o dava; Bernardes não tomava these que da consciencia lhe não brotasse; e a desenvolvêl-a applicava todas as suas faculdades intellectuaes, que erão muito, e todas as suas faculdades moraes, que erão mais tresdobradamente. Vieira zomba frequentes vezes da nossa credulidade; podemos desconfiar da convicção de Vieira, ainda quando nos falla certo; Bernardes é um amigo candido e liso, que, ainda quando nos illude, não nos mente.

Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se.

Teve escola e imitadores acerrimos o jesuita; e que imitadores, grande Deos?! O que n'elle só parecia defeitos, olhado através d'estes vidros augmentativos, reconhece-se por monstruosidades; mas que entre os seus imitadores se matriculasse e fosse acerrimo o nosso congregado, eis o que, a nosso ver, é da mais flagrante falsidade. Fallemos porém aqui só do congregado.

Das varias partes que em desigual proporção entrão como elementos na composição dos homens que têm de se immortalisar com seus escriptos, uns excedem principalmente n'uma, outros em outra; e basta o ser em qualquer d'ellas eminente para já se poder contar com a celebridade.

Duas excellencias principalissimas caracterisão o

nosso autor : — sentir profundo, imaginar vivido e copioso. Menos affectuoso não era talvez frei Luiz de Souza, nem o autor do Palmeirim, por exemplo, menos fantasioso; mas onde está no Palmeirim a grande potencia do affecto? onde está na chronica dominicana, ou na vida do arcebispo, o pintor inventivo?

O estylo de Bernardes é geralmente mavioso, singelo, ás vezes até ha graciosidade infantil, e sempre accommodado á indole dos seus assumptos, por mais que estes se lhe multipliquem, se lhe transformem, e se lhe invertão nos contrarios; tem todas as côres com insensivel graduação como o arco Iris; immenso, esplendido como elle, engolfa-se pelos céos, desce pelos ares, pousa sobre a terra; e, mais do que elle, mergulha-se ainda, se convem, pelos horrores do abysmo. O seu prodigioso talento gyra como uma esphera immensa e espelhada, cujo eixo imbebe as extremidades no inferno e no Empyreo, e, reflectindo-os, reflecte ao mesmo tempo, e com igual propriedade, a natureza, a terra, os homens e a vida; tudo alli se debuxa sem confusão, com as suas côres proprias, com as suas grandezas relativas. O terror, a esperança, o jubilo, a serenidade se nos revezão no seu rodear. Tudo visto alli ganha uma certa diaphanidade; vê-se o interior das virtudes escuras, que é feito de riso e luz; os vicios por fóra ridentes e luminosos, que são por dentro cinzas e amargor.

N'isto é que não podemos deixar de insistir, por convencidissimos de que não ha escriptor portuguez tão para tudo por seu imaginar e sentir como este.

N'estes excerptos se encerra uma galeria de infindos

paineis, que, sendo todos de uma só mão, parecem de muitos mestres; e quando não, percorrei-os.

Folgais com as narrativas propendendo ora ao historico, ora ao dramatico? Ahi estão : Maravilhosas conversões de Philemon e Ariano (I. 11)[1]; Boa pobreza, má riqueza (I. 41); Glorioso successo da espada de um combatente (I. 79); Conversão admiravel de Pedro Publicano (I. 98); Gratidão em leões (I. 138); Os setenta camellos (I. 226); De bispo em escravo (I. 237); Conversão de S. Efrem (I. 245).

Quereis pinturas de costumes? Lá tendes : Galé dos mundanos (I. 55); Vaidades feminís (I. 57); Degeneração de Portugal (I. 172); Arrebiques de cortezãos (I. 277); Cellas de freiras levianas (II. 56); Grandioso presente (II. 59); Emprego do tempo (II. 214).

Recreião-vos as torrentes da erudição, em que se debuxão apinhadas e distinctas as cousas do mundo preterito? Olhai-me os Pharisêos (I. 2); Consolação (I. 9); O que se leva d'este mundo (I. 38); Banqueteadores (I. 119); Grandiosas edificações (I. 126); Grandeza e nada (I. 141); Memoria (I. 143); Contagios da peste (I. 199); Brevidade nos despachos (I. 205); Grandes homens pequenos (I. 224); Titulos pomposos (I. 258); Habeis frecheiros (I. 271); Manichêos (I. 282); Obras de admiravel pequenhez (II. 27); Cavallos (II. 33); Dinheiro (II. 53); Lamprêas (II. 54); Grandezas de Roma antiga (II. 57); Poder da belleza

[1] N'esta e nas seguintes citações, o algarismo romano indica o volume da nossa collecção, o algarismo arabico a pagina d'elle onde o excerpto principia.

(II. 61); Labyrintho (II. 62); Bibliothecas (II. 63); A calumnia (II. 111); Antitheses (II. 122); Tormentos (II. 137).

Ides para o politico? Tomai : Justiça, mas com equidade (I. 111); Symbolismos da lua (I. 130); Pobres (I. 204); Cada qual no seu (I. 217); Do imperador Frederico (I. 266); Officiosidade (II. 22); O rei pobre (II. 37); Liberal (II. 40); Tributos excessivos (II. 47); Aulicos (II. 65).

Diverte-vos o prazenteiro e engraçado? occorrem-vos : D. João de Palafoz (I. 4); O monge na taberna (I. 5); Amigos do meu (I. 54); O Grão Lama (I. 74); Heroicidade de alguns Portuguezes (I. 75); Furtar a ladrão (I. 85); Quem se humilha, exalta-se (I. 88); Castigo de rei (I. 140); Diffusão (I. 148); Más linguas (I. 166); Diffusão de luzes (I. 197); Sentenciar para si (I. 210); Feitiço contra o feiticeiro (I. 210); Singular penitencia (I. 243); Boas respostas (I. 274); Oculos moraes (I. 289); Dignidades (II. 3); Curiosidade (II. 26); Novidades (II. 28); Imperador e ladrão (II. 30); Frei Ambrosio Mariano (II. 49); Impostores de sciencia (II. 50); Velhacaria Santa (II. 52); Justiça (II. 66).

Delicía-vos o poetico descriptivo? Lá vol-o liberalisão : Sêde de riquezas (I. 152); Contemplação das perfeições de Deos (II. 84); O mundo (II. 101); A paixão (II. 141); Tudo passa (II. 155); Sublime theatro (II. 173).

Namora-vos uma singeleza amoravel, um fallar do coração para o coração, todo mimos e innocencia? Outra cousa não respirão : Castidade de S. Ermelinda (I. 1); Os dous amantes (I. 8); Quem quer vai, quem não

quer manda (I. 32); Morte das criancinhas, alegrai-vos (I. 67); Necessidade e appetite (I. 71); Lenda da mulher marinha (I. 94); Parabola da viuva (I. 132); Farinha de farelos (I. 133); Mil por um (I. 134); A caixinha maravilhosa (I. 234); Mentiras licitas (II. 23); Desapego (II. 43); Amar o amor (II. 73); Um coração partido (II. 74); As flôres milagrosas (II. 77); A morte do filho unico (II. 79); Rende-te, coração (II. 91); O rustico (II. 162); O homem de 300 annos (II. 171); Theophila (II. 211); Justo e Pastor (II. 237).

Arrebatão-vos pelo contrario as scenas terriveis, profundas, mysteriosas, em que a fé e a superstição misturão os seus reflexos n'um cambiante confuso; essas tradições, religião da idade média, mythologia sua aos nossos olhos e thesouro hoje procuradissimo para a poesia e para o romance? Ahi as tendes, quaes as poderião desejar os mais arremessados poetas da Allemanha, ahi as tendes : Testamento do inferno (I. 34); Alfandega do outro mundo (I. 49); Horribilissima vingança (I. 113); Lenda do flautista impio (I. 115); Lenda dos bailarins (I. 117); Concilio dos mortos (I. 122); Conto dos tres beijos (I. 158); O thesouro encantado (I. 161); Agouros (I. 164); O cadaver repulso (I. 170); Lenda das caveiras (I. 171); Lenda de S. Jacobo (I. 174); Bichos transformados em perolas (I. 189); O cavalleiro e a mosca (I. 241); O abraço do morto (I. 253); Jornada subterranea (I. 259); Tremendo companheiro (I. 264); Lenda do sacerdote nú (I. 290); Lenda do incendio milagroso (I. 292); Historia admiravel do santo crucifixo de Beryto (II. 16); O cadaver (II. 106);

A tremenda sentença (II. 110); Trombeta final (II. 113); O valle de Josaphat (II. 115); Os condemnados (II. 116); O sol apagado (II. 118); Lenda do papa-monstro (II. 126); O recado do diabo (II. 130); A visita infernal (II. 132); Lenda do infiel (II. 157); Occasião (II. 167); Lenda do palacio encantado (II. 175); A noiva do diabo (II. 179); Curiosidade punida (II. 194); A morte repentina (II. 194); Eu defunto (II. 199); Teima no crime (II. 212); Antes estupido (II. 218); Perigo de blasphemar (II. 249).

Cansados estamos e nem apontámos tudo em cada genero, nem sequer os generos todos nomeámos em que excēdeu e cujo complexo o tornou, quanto a nós, escriptor, para em nossa lingua, incomparavel.

Foi o seu talento um orgão perfeitissimo, com registros para todos os sons, clangor de trombetas, trinos e gorgeios de aves, cornamusa e tamburil de aldeãos, sentida voz humana, estrepito festivo, e no meio de tanta variedade, sempre orgão, animado de um só espirito, exhalando todas as suas melodias para as alturas, percebendo-se ao folgar que folga sobre sepulcros; ao gemer que geme debaixo de um céo que é todo esperanças e alegria.

A devida reputação do padre Bernardes tem, na verdade, crescido vagarosamente, e não é ainha chegada ao que será um dia. Muitos litteratos nossos pouco mais sabem d'elle que o nome, e mais de uma vez pessoas, aliás de bom e seguro juizo, nos estranhárão de que por elle encetassemos esta collecção. O porque explica-se por si mesmo. Ignorão-o : os titulos e corpu-

lencia dos seus tratados repellião geralmente os ledores mais intrepidos, e os raros que se arrostavão com elles esmoreciāo logo que ao primeiro esfolhear não descobrião senão uma espessura e mouta cerrada de argumentação escolastica, de theologia ascetica, toda ouriçada de latim e de nomes de santos padres. Como lhes faltava o animo para desbravar, não chegavão a perceber as muitas minas de ouro fino e preciosas gemmas que lá por dentro iāo.

Agora que esse trabalho está feito, esperamos confiadamente que os seus creditos vão subir a mais alto ponto ainda, do que talvez nunca presumíra est'outro filho da sua mesma congregação, o nosso já citado Francisco José Freire, o nosso pobre Candido Lusitano.

A arrumação jerarchica das obras de Bernardes quiz ser uma questão. Já vimos o como n'ella votou o mesmo Candido Freire: para o haverem por grande classico entendeu que bastariá *observarem bem qualquer de suas obras, exceptuando a das Florestas, na qual se não conhece tanto* (dil-o elle) *a lima da purissima locução, o verniz da elegancia que só tem por legitima a linguagem portugueza.*

Se entendemos este embrulhado dizer, pretende que aos demais livros do autor posponhamos as *Florestas;* e as *Florestas* são todavia a mais lida e a mais para ler de suas obras; assim pela variedade dos assumptos que se n'ella tratão, como pela viveza do estylo e copioso da dicção.

Todas compulsámos com igual diligencia, e só as

Florestas nos derão á sua parte muito mais para estes volumes do que todo o restante.

No catalogo de autores e obras com que se abonou o diccionario da nossa academia, se lê, fallando de Bernardes:

« Uma piedade solida, o zelo mais efficaz do aproveitamento espiritual do proximo, copiosa erudição profana e sagrada, um estylo luminoso, nobre e sempre constante, a belleza e vivacidade da expressão, constituem os escriptos todos d'este insigne mestre de espirito, merecedores de universal apreço, pelo serviço que prestão á religião, e pela dignidade, interesse e calor com que n'elles, com variedade e riqueza, se tratão as doutrinas asceticas. Entregue de contínuo á sua contemplação, de modo se eleva quando d'ellas falla, que, arrebatando comsigo o leitor, não só lhe communica luzes superiores, mas aquelle mesmo fogo de que sua devota e fervente alma se achava penetrada.

« Os *Exercicios espirituaes*, o tratado com o titulo de *Luz e Calor*, *Meditações sobre os principaes mysterios da Virgem Santissima Senhora Nossa*, são, com especialidade, producções em que a elegancia, a profundidade, a uncção e a força se achão de maneira entre si connexas, que não deixão lugar a distinguir-se qual é, entre tantas excellencias, a que mais sobresahe. Tudo é alli igualmente proprio a instruir e a inflammar. Dirige com prudencia, convence com efficacia, move com suavidade, e ás vezes em o sublime transporta os animos, que tanto afervora no amor da virtude, como illumina no exercicio da pura e bem entendida devoção. E ainda

que estas e as demais obras suas se dirijão simplesmente a tão importante fim, á conta d'isso mesmo são, como deverão ser todas em qualquer genero, trabalhadas com cuidado, delicadeza, correcção e energia; e o autor não só deve estimar-se, qual na verdade é, um dos maiores escriptores mysticos, mas tambem um exemplar polido e eloquente da boa linguagem e elegante phrase portugueza. No seu estylo, cheio de imaginação, nenhum termo, por vulgar que seja, é destituido de alma, decoro e vehemencia; e quando alguma expressão, que parece familiar, se ajunta á grandeza de suas idéas, ou serve de lhes accrescentar vigor ou de as tornar assim mais sensiveis e faceis á comprehensão universal. »

N'esta sisuda sentença, já se vê que não vêm exceptuadas as *Florestas;* mas invocando, em lugar de testemunhos alheios, o nosso senso intimo e razão propria, digamos chãmente que, postas de parte as considerações espirituaes de que n'esta collecção, para os nossos especiaes fins de linguagem e litteratura, não podiamos fazer muito cabedal, e que forão visivelmente as que induzírão o sabio nomenclador da academia para estas suas, ainda assim, muito encolhidas preferencias; postas de parte, repetimos, as considerações espirituaes, as obras de Bernardes nos parecem poder repartir-se em tres turmas : as publicadas por elle mesmo; as publicadas nos dous ultimos annos da sua vida; e as posthumas.

As ultimas são boas; as segundas melhores; as primeiras optimas.

N'esta classificação, como em todas as classificações

absolutas, alguns reparos e excepções se poderião fazer; mas serião já prolixidade, e excederião a paciencia dos leitores, a raros dos quaes importão hoje estas disputas da farinha e farelo dos escriptos velhos.

A distribuição, que deixamos proposta, parece-nos summamente natural.

Quando o autor cahio na segunda infancia, é certo que havia já composto quanto d'elle possuimos; logo mais valião em seu arbitrio; e com mais desvelo haverião sido acurados e correctos os escriptos que elle proprio quiz offerecer á noticia de todos; e dos outros, presumivel é que a congregação, em que nunca faltárão sabios e nobres juizes em pontos de humanidades, depois de os ter a todos examinado, começaria por mandar ao prélo os que reputasse mais conducentes a manter o bom nome do seu confrade, que, a final, se resolvia em credito e fama d'ella mesma.

Mui curiosa e ainda proveitosa cousa seria podermos hoje saber, quando menos rastrear, como é que o nosso Bernardes se avinha na composição de suas obras.

Estes segredos do trato intimo dos escriptores sempre elles os sonegão com resguardo summo, movendo-os talvez a isso, ou o pejo natural ou a vaidade tambem natural; e grande pena é; que outro tanto, como no que publicão, houvera que aprender n'isso que escondem.

A respeito d'elle, n'este particular, duas sós cousas constão vagamente. A primeira, que d'elle até nós se

veio transmittindo de ouvida, é que a sua memoria passava de fraca a fraquissima. Bem poderá ser assim, mas que o não pareça. As frequentes repetições que das mesmas narrativas faz em diversos livros seus, deixão lugar a suspeital-o; mas então, que trabalho, que ferrea paciencia, e que profusissimos e bem inventariados apontamentos de todo o sabivel lhe não havemos de suppôr! A segunda, tambem tradicional, é a que na *Bibliotheca Lusitana* lançou o nosso *Barbosa Machado*, por estes termos:

« Para que o não dominasse a vangloria, sendo naturalmente discreto e elegante, affectava explicar-se por termos humildes. Tão vil conceito formava do seu talento, que nunca compôz obra alguma, das muitas com que guiou as almas para a eternidade, senão obrigado do preceito dos superiores, e, depois de escripta, não a revia e emendava; e se acaso a ouvia ler, se affligia excessivamente. »

Da modestia de tão espiritual varão não duvidamos; duvidamos porém, e muito, de que escriptas só por obediencia, as suas obras não passassem uma e muitas vezes da lima á forja, da forja á bigorna, e da bigorna outra vez á lima. O tom mesmo de sincera naturalidade que respira por todas ellas, mais nos confirma n'este conceito. Que paginas mais naturaes que as do *Telemaco?* Dissereis que tal sahio, e não pudera deixar de sahir tal da primeira fundição. Entretanto sabemos que não menos de quatorze vezes foi emendado, transformado, e copiado inteiro da propria lettra do autor. A singeleza, tão desartificiosa apparentemente, do nosso frei Luiz de

Souza, póde-se ver o que lhe custava, correndo pelos olhos o autographo que se achou dos seus *Annaes;* o exemplar, que ainda existe da *Nova Heloisa* de Rousseau, é quasi illegivel de correcções e recorrecções; a primeira estancia do *Ariosto* não sahio assim senão depois de cheia uma folha de papel; de Virgilio se diz, e bem se póde crer, que de cincoenta versos que de manhã fizesse, não tinha distillado, ao cabo do dia, senão sete ou oito; as quintilhas do Tolentino, contão seus amigos quão prolixamente erão martelladas; outro tanto fazia *Antonio Ferreira;* e *Boileau* por si confessa que por quatro palavras que escrevia, riscava tres, como Horacio, e mais apertadamente ainda recommendava a todos os escriptores.

A cem poderião chegar os exemplos; e deitarião a mil se não fosse trabalho, como o das abelhas, o dos escriptores, que não se vê, mas só o favo perfeito e recheiado. Para que são porém exemplos, onde a razão per si diz tudo? Fundados n'ella, mais ainda do que n'elles, affirmamos, seguros de não sermos contrariados por quem escreva o que se chama escrever, que nenhuma das obras do padre Bernardes deixou de ser feita e castigada com rigorosa diligencia. O que depressa se edifica, depressa se desfaz, e ellas vivem ha seculo e meio, e têm de durar emquanto o nosso idioma se conserve. D'onde lhes vem esta vitalidade? Dos assumptos não; que os seus assumptos são mysticos, para o que sempre foi escassissimo o numero dos leitores; mysticos exaltadamente, mysticos prolixamente, e mysticos, o que peior é, escolasticamente.

Demais, se na sua moral nada ha reprehensivel, na sua crença ha muito (devemos confessal-o) de supersticioso e de ridiculo aos olhos de todo o crente franco e illustrado.

Declaração que aos indoutos fazemos, para que não vão tomar por verdades lendas e tradições, que são muito significativas para a historia do espirito humano, emquanto caracterisão o fanatismo de outras idades, que pesão muito como poesia, mas que se não hão de receber, nem aqui se offerecem n'esta collecção como valendo para nada mais. Se não é logo dos assumptos que tirão as forças com que resistem aos tempos, e vão crescendo em estimação estas obras, de que será? Irrefragavelmente da inexcedivel graça que têm por parte da linguagem; porque para esta fazer a um livro as vezes de oleo cedrino, que o torne incorruptivel, graciosissima ha de ser, não basta pura; bem pura é a que em semelhantes assumptos empregára, antes de Bernardes, o seu veneravel Bartholomeu do Quental; não obstante, as suas *Meditações das domingas do anno, e da infancia de Christo*, ninguem as lê hoje, nem darião, depois de bem espremidas, com que encher um só d'estes volumes, que, ainda cheio, não igualaria em valor a uma só pagina de Bernardes.

Sim; a linguagem (e n'ella comprehendemos o estylo) é muitas vezes mais para a fortuna de um escripto, que todas as restantes partes d'elle mais solidas e fundamentaes. Advertencia a que pedimos dêm toda a attenção os principiantes, para quem unicamente escrevemos estas noticias e observações. É uma das profundissimas

d'aquelle grande mestre da eloquencia, o abbade Mauri.

Tentemos perfilar (a obrigação que nos impuzemos de brevidade nos defende sombrear e colorir) um retrato d'esta linguagem, que nos enamorou, não escurecendo os senões, se por entre as lindezas os descobrirmos. Clareza, a primeira virtude para *Quintiliano*, é logo a primeira feição que nos vem aqui ferir nos olhos. Resulta-lhe esta: *primo*, do estudo, que, se vê, fazia o autor na materia em que havia de escrever, e do muito que a digeria e elaborava com a meditação;

> Verbaque provisam rem non invita sequentur
> . . . .
> . . . . . . cui lecta potenter erit res,
> Nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo :

secundo, do seguro gosto com que sabia dar de mão aos enfeites superfluos que a sua fantasia inexhaurivel lhe havia de estar, contínuo, ministrando, e rejeitar igualmente os laconismos exagerados, que deixão o discurso a cada passo roto e descosido; *tertio*, do constante emprego dos vocabulos em cada materia mais technicos ou mais dignos de o serem, isto é, de palavras em que o uso geral tinha engastado inabalavelmente as suas idéas; ou de outras que, por uma engenhosa mas perceptibilissima translação, fazem mais que significar a cousa, porque a pintão, ou a explicão, descobrindo algumas ou muitas de suas relações.

N'esta qualidade era admiravel, e poderia dar só elle de que se confiar um precioso diccionario; a linguagem, que elle deixou, pesa e val o dobro da que elle achou. E quereis agora saber d'onde tirou esta riqueza de ma-

teria prima para o seu feiticeiro estylo? dir-vol-o-hemos, e provar-vol-o-hiamos sem difficuldade. Foi, antes de tudo, do latim, estudados a fundo e com philosophica analyse os seus autores; depois, do castelhano puro; ultimamente, do italiano; que são, e não o francez, os vizinhos do pé da porta de que a nossa lingua se póde valer para uma pressa, sem se envergonhar; porque além de vizinhos são irmãos, e tão bons irmãos, que parte grande do seu patrimonio o traz ainda hoje em commum com o nosso. Tanto assim que para sahir escriptor asseiado, terso, elegante e bem recebido por nossas provincias todas, de doutos e indoutos, de lettrados e rusticos, mais seguro e efficaz seria ajuntar á leitura dos nossos classicos e dos latinos, a de Cervantes e S. Theresa de Jesus, a de Bocaccio e Ariosto, que a d'isso, quasi tudo, que por ahi sahe dos nossos prélos, verdadeiros lagares em que se móe a nacionalidade para a agua russa.

Bem entendido que este conselho não póde ser para todos, senão só para os que já estão imbuidos da vernaculidade. Os outros, tomando tudo a esmo, se precipitarião n'outro chaos de nova especie; estes pascerião com o instincto das abelhas, que em todas as flôres pousão e só d'aquellas sequestrão em que achão succos assimilaveis ao seu mel.

Á clareza, que já é de si parte e principio de elegancia, accede elegancia mais formal e positiva, nascida da racional e artistica distribuição e collocação dos vocabulos entre si. Não basta que os termos correspondão ás idéas, como para um baile ser gracioso não basta

vestir convenientemente os dansantes, senão que é indispensavel fazêl-os sahir ao tablado a seus tempos, e distribuil-os em relação uns a outros, e todos ao espectador, com bom calculo e sem nunca perder de vista o que a sua pantomima tem de significar. N'isto levava a nossa lingua, emquanto a estudavamos n'ella mesma, na latina, na castelhana, e na italiana, uma vantagem manifesta ao que hoje é, depois que a espartilhárão e tolhêrão á franceza; mettêrão-nos nas talas do agente, verbo e paciente, e ficárão muito contentes; cuidárão e cuidão terem mettido uma lança em Africa, dizendo á boca cheia : « melhor é esta ordem, que é mais clara. »

Não; esta apparente ordem nem isso de ser mais clara tem por si, porque em muitos casos, e em quasi todos, é um desarranjo, ou da filiação e concomitancia das idéas ou de imagens, que, por outro modo dispostas, poderião causar impressão mais funda e duradoura ; é um sacrificio de entidades logicas e rhetoricas, feito aos pés de um idolozinho com capa de carneira, chamado por cortezia a grammatica.

Bem ao contrario de invejarmos ao francez essa pobreza, sentida e deplorada por *Laharpe*, por *Voltaire*, por *Fénelon*, por *Lamothe*, por todos, e já de facto repugnada muitas vezes por *Victor Hugo*, *Sainte-Beuve* e alguns outros, deveramos invejar, como todos os Francezes de siso, a liberdade de hiperbaton em que os Italianos nos excedem, e em que os Latinos excedem aos Italianos, tanto como aos Francezes excedemos nós outros, boa gente do velho Portugal.

A lingua allemã, declarão todos os que a sabem, não

é só mais poetica do que a franceza, pelas palavras que possue, mas sobretudo pela facilidade que a sua syntaxe lhes dá, de as distribuirem segundo melhor lhes convem para o effeito pittorico, dramatico ou persuasivo do pensamento.

De maior explanação careceria este ponto; esperamos dar-lh'a, e convincentissima, por via de exemplos bem frisantes; não é porém aqui o lugar proprio.

Á clareza e elegancia, que são virtudes do estylo em relação ao pensamento, ajuntemos terceira virtude do nosso autor, devida á mesma causa que a segunda ; isto é, ao uso de inverter a ordem grammatical no enfiar os termos de cada periodo, mas virtude de diversa indole, pois só tem por fim a lisonja do ouvido. Quem tem a fortuna de fallar, como nós, uma lingua aberta e franca, de sons perceptiveis, distinctos e claros, de agudos, graves e esdruxulos nas convenientes proporções, sem demasia de vogaes que a enervem como o italiano, sem tropel de consoantes que a endureção e a arripiem como o inglez, tem licença, antes obrigação, de fazer d'ella um instrumento musico até na prosa. Ora, que a prosa póde ter ou deixar de ter numero e rhythmo como o verso, só o ignora quem ignora tudo.

Em que porém consistem? como se alcanção? quaes são as suas regras? Algumas geraes se podem dar, que não são para aqui; deu-as *Quintiliano* para o latim, deu-as até *Mauri* para a surda e entrevada lingua dos Francezes; uma orelha delicada sabe esses segredos da sua lingua por uma predisposição nativa, desenvolvida, augmentada e aperfeiçoada pelo estudo dos bons exemplares.

Este estudo, que para nós deve ser feito nos classicos romanos e portuguezes, confessamos, com pena, que não póde ser a todos igualmente aproveitavel. Assim como ha talentos que nunca acertárão a fazer um bom verso, assim os ha que dizendo tudo correcta e claramente em prosa, nunca jámais lográrão afinal-a, nem conhecer se desentôa. É um dom particular como o da solfa, uma especialisação da natureza, uma graça infusa; bem se podem, sem ella, fazer livros muito uteis; mas o que sem ella mal se conseguirá, é fazêl-os muito agradaveis. Para quem os manuseou e os entendeu tambem n'isto, os periodos do nosso Bernardes são bem feitos, são melodiosos e harmoniosos, em geral; e nos passos em que facilmente se conhece que esmerou mais, tem em eminentissimo gráo esta virtude. Familiarisar com elle será bom conselho a quem deseje conseguil-a; e a esse ajuntaremos ainda outro, qual em nossa puericia, quando começavamos a tratar lettras, nol-o deu tamanho mestre, como era o Sr. *Antonio Ribeiro dos Santos*, a quem, ao cabo de mais de trinta annos, julgamos ainda agora estar ouvindo; tanta era a persuasiva suavidade do venerando velho: « metrificação e poesia havião todos de cultival-as no seu primeiro tirocinio, porque não só servem para o que são e representão, mas por ellas, tomadas com discreta sobriedade, é que se forma e pule a prosa litteraria e rica, a prosa mestra, a prosa intransferivel a peregrinos idiomas, aquella prosa que não val menos que os poemas; poeta sem prosa poderá havêl-o; prosador bom sem poesia poderá tambem havêl-o; ainda o não vi. »

De envolta com tantos merecimentos ha defeitos em Bernardes: e quem se achará que os não tenha?

> . . . vitiis nemo sine nascitur, optimus ille est,
> Qui minimis urgetur, ...

disse-o mui prudentemente Horacio; e n'outra parte accrescentou, com a benevola indulgencia de experimentado,

> . . . . . ubi plura nitent, . . .
> . . . . non ego paucis
> Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
> Aut humana parum cavit natura. . . .

É tambem este o nosso mote no julgar os livros, e prezamo-nos sem orgulho de o termos sempre honradamente desempenhado.

As maculas de Bernardes, como exemplar de linguagem, são, quanto a nós, poucas e perdoaveis por não serem das mais arriscadas a contagio. Assignalamos comtudo aqui as suas especies para prevenção, e outro dia por ventura as individuaremos.

Cahe, ainda que não tão frequentes vezes como Vieira, antes rarissimamente, em trocadilhos e joguetes de palavras. O que em Vieira era um habito vicioso do engenho, era apenas em Bernardes uma velleidadezinha casual, muito passageira, sem insistencia, nem consequencias.

Nem sempre evita a concorrencia de palavras de cuja união se formão para a orelha outras menos convenientes, sons duros ou geminações e tautologias desagradaveis. Os descuidos d'esta especie são communissimos

em todos os nossos classicos, e achão-os os criticos nos melhores poetas, e no mesmissimo Virgilio. Mais se hão de por isso mesmo assignalar aos noveis para que se acautelem.

Na conjugação dos verbos erra, tomando sempre por segunda pessoa do plural do futuro condicional a segunda do seu singular, por exemplo, *vós amares* por *vós amardes*.

Emprega o relativo *lhe* no plural, em vez de *lhes*.

Algumas vezes, pouquissimas, lhe succede deixar por ellipse a phrase sem regencia : v. g. no tomo I, pag. 261 : « *o nosso clerigo confiou-se do demonio, e o levou, e pôz ás portas do inferno.* »

Devia de dizer, *e este o levou*, ou *que o levou*. A falta aqui do agente inverte o sentido no contrario.

Concorda uma ou outra vez o verbo ser com o predicado, em vez de o concordar com o sujeito. Tomo I, pag. 269 : « ... *as fabulas da gentilidade era a sua theologia;* » havia de dizer *erão a sua theologia.*

Equivoca-se pondo ás vezes de dous verbos, cujas acções se referem á mesma occasião, um em um tempo outro em tempo diverso. Tomo I, pag. 184: « ... *os quaes fazião o que ainda de longe podia valer-lhe, que foi ajudal-o com orações.* » Havia de ter posto *que era ajudal-o com orações.*

Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos Romanos, antepõe alguma vez o substantivo ao adjectivo, o que mais sôa a francez que a portuguez genuino, e se deve evitar com grande escrupulo. Tomo I, pag. 264 : « *Frei Domingos, vindo de*

Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinhão ido tomar ordens, se lhe ajuntou no caminho um moço mui confiado, etc. » Havia de dizer : *Vindo frei Domingos,* etc.

Taes são as imperfeições que se enxergão, como nuvemzinhas leves e raras na immensidade do céo azul e esplendido, na profusa e brilhantissima escripta do autor, que temos por mestre e por mestre propomos á mocidade.

—

Consequencia de tudo que deixamos considerado. A lição dos excerptos do padre Manoel Bernardes é recreativa e proveitosa. Os seus pequenos e raros defeitos não escurecem, antes realção as suas grandes e quasi contínuas excellencias : á conta d'ellas, e á conta d'elles tambem, deve ser estudado com attentissima diligencia. Quem, lendo-o e relendo-o, se acostumar com elle, poderá lucrar insensivelmente, clareza, concisão, elegancia, cópia de vocabulos e phrases muito para andarem no gyro litterario, uso e facilidade de um fallar figurado, sem affectação, muito vívido e muito energico.

N'aquillo mesmo em que a philosophia severa e o simples bom senso o renegão, como crendeiro (fabulador ninguem lhe chame; passa para diante, sem a conhecer, a moeda falsa que lhe derão), n'isso mesmo serve ainda a uma necessidade urgente da escola semiresurgida, que hoje prevalece, a qual tem, por elemento de poesia, o maravilhoso de certa especie, como de di-

versas especies o tiverão as anteriores escolas, a exceptuarmos a do seculo materialista. São ficções tradicionaes, com que a poesia harto se póde opulentar, do que citariamos para exemplo, se o ousassemos, a *lenda dos bailarins*, que para isso mesmo demos lyricamente paraphraseada na *Revista Universal Lisbonense*, tomo IV, pag. 28.

Perigo de que alguem hoje receba por historia aquelles piedosos contos, póde-se affirmar que o não ha; ao mesmo tempo que, tomados como parabolas, todos contêm mais ou menos documentos de sã moral, e regras facilmente applicaveis ao viver publico e domestico.

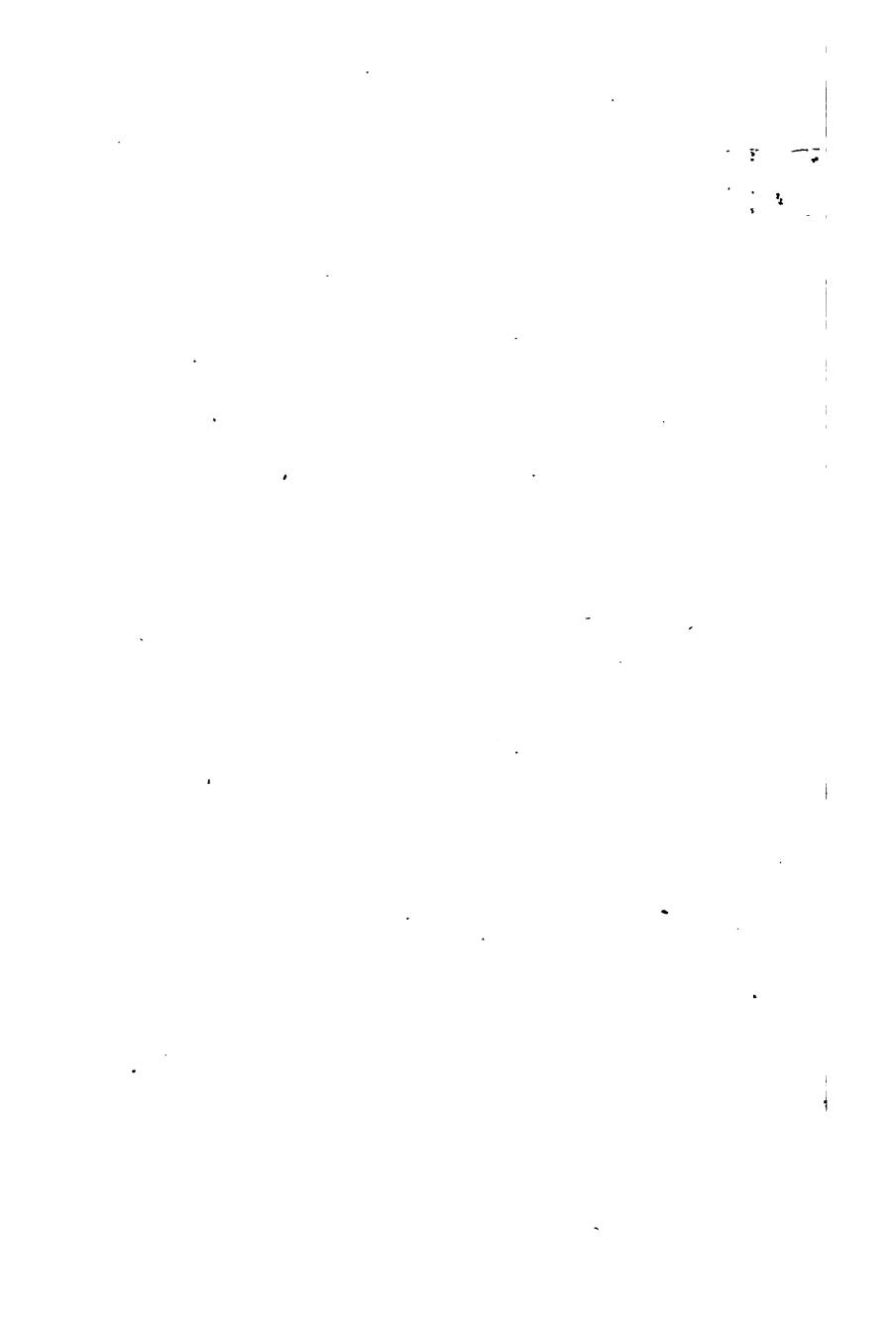
Em summa, da manuseação assidua d'estes livrinhos não se vos seguirá damno algum para o juizo, se o tendes; e, pelo contrario, colhereis, além do deleite, dictames de virtude e prudencia, se os quizerdes tomar, e, ainda sem o quererdes, nova força e graça não commum para os vossos escriptos.

Deixámos muito de industria para ultimo remate o que ácerca do padre Bernardes escreveu José Agostinho de Macedo, e que o Sr. Innocencio Francisco da Silva transcreveu no seu para nós muito honroso artigo a respeito do grande classico no *Diccionario Bibliographico*:

« É Bernardes o homem mais douto de Portugal, o mais eloquente de todos os Portuguezes, e o mais profundo e ameno dos philosophos moraes, que juntou á erudição sagrada o que ha de mais escolhido e mais delicado na erudição profana. Tudo isto eu encontro e tudo isto eu provo com os unicos cinco volumes das

Florestas. Quanto mais o leio mais o admiro. Eu não sei que haja melhor livro, nem escriptor mais eminentemente portuguez. Alli está a lingua portugueza na sua pureza, na sua harmonia, na sua magestade, na sua opulencia; e a ninguem devemos mais quando se trata da lingua portugueza. A cada pagina se achão phrases, se achão palavras não vistas, nem sabidas, pelos nossos mais laboriosos diccionaristas. »

FIM DO TOMO SEGUNDO.

PARIS. — TYP. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

CATALOGO

DA LIVRARIA

DE B. L. GARNIER

RIO DE JANEIRO

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, MESMA CASA, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6, E PALAIS-ROYAL, 215

Todos os livros mencionados neste catalogo poderão tambem ser mandados pelo correio mediante o augmento de 15 °/. sobre o preço dos mesmos

Nº 23

OBRAS PRINCIPAES

JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇAO MENSAL, ILLUSTRADA, LITTERARIA, ARTISTICA, RECREATIVA, ETC.

ORNADO DE FIGURINOS, VINHETAS, GRAVURAS SOBRE AÇO,
AQUARELLAS, SEPIAS, PEÇAS DE MUSICA, DESENHOS DE TRABALHOS SOBRE TALAGARSA,
DE CROCHET, DE PONTO DE MEIA, LÃA E BORDADOS,
MOLDES DE VESTIDOS, CAPAS, E EM GERAL DE TUDO O QUE É CONCERNENTE
A TRABALHOS DE SENHORAS.

A redacção d'esta linda publicação, unica no seu genero em portuguez, é a mesma que a da *Revista Popular*, já conhecida de ha quatro annos pelo seu talento e pela moralidade que preside aos seus escriptos, que serão sempre variados, instructivos e amenos. A confecção material tambem nada deixa a desejar; a impressão é feita com muito esmero, e das gravuras musicaes, etc., estão encarregados os melhores artistas de París.

AS ASSIGNATURAS SÃO ANNUAES :

Para a côrte e Nitherohy. . . . . 10 $\not{s}$ 000
Para as provincias . . . . 12 $\not{s}$ 000

LIVRO DE LEMBRANÇAS

u memento diario, dando por cada dia do anno meia folha de papel em branco
ı fazer qualquer assento ou lembrança, e contendo : Uma lista dos principaes ha-
ntes da côrte com suas moradas e profissões, um calendario, os ministerios, os
ı de gala e feriados, todos os detalhes relativos á partida dos correios, com a ta-
a do porte para fóra do imperio, segundo a convenção feita com o governo fran-
, a taxa dos preços dos carros publicos, as horas de sahida dos vapores tanto do
erior como da côrte, a taxa do sello das lettras, um quadro do anno civil para
lidade de calcular-se os dias entre duas datas, e um de reducção dos pesos e me-
ls, uma taboa do cambio da moeda ingleza em reis, um quadro de juros de qual-
r somma de 1 a 24 %, etc., etc.

'odos reconhecem a utilidade d'este livro. Como memorial, tem-se sempre á
a, *dia por dia*, qualquer assento ou lembrança de qualquer cousa que se tenha
azer ou que esteja feita; e assim é o unico meio de evitar esquecimentos muitas
s prejudiciaes, tornando-se por isso indispensavel a todos os particulares, casas de
mercio, escriptorios, administrações, etc., etc.

1 volume elegantemente encadernado. . . 2 $ 000

RELIGIÃO

STIGO DE DEOS. 1 vol. brochado. . . . . 5 $ 000

VERES DOS HOMENS, ou Moral do christianismo explicada por SILVIO PELLICO.
1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 500

IÇÕES SOBRE A INFALLIBILIDADE e o poder temporal dos papas, pelo
Dr. APRIGIO JUSTINIANO DA SILVA GUIMARÃES. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

NIA IMPROVISADA, recitada e offerecida a SS. MM. o Imperador e a Impe-
triz do Brasil por occasião de celebrar-se a missa pelo anniversario do passa-
mento da Senhora D. Maria II, pelo Dr. JOSÉ THOMAZ D'AQUINO. 1 vol. br. 2 $ 000

VISSIMAS ORAÇÕES SACRAS e panegyricas, por um Benedictino. 2 vol.
brochados. . . . . 2 $ 000
Encadernados . . . . 3 $ 000

RESPOSTA DE UM CHRISTÃO ÁS PALAVRAS D'UM CRENTE, pelo padre Bautain. 1 vol. brochado. 5 $ 000

SERMÕES DO PADRE JOAQUIM DA SOLEDADE PEREIRA. 2 vol. in-4 brochados. . . . . 5 $ 000

TENTATIVA DE PONTIFICIDIO, ou o attentado dos Jesuitas contra a vida do papa Pio IX, opusculo manuscripto expedido de Roma para todas as cidades catholicas, relatando todos os precedentes e circumstancias que attingírão a este doloroso e horrivel acontecimento. 1 vol. brochado. . . . . 4 $ 000

LIVROS DE EDUCAÇÃO, CLASSICOS DE INSTRUCÇÃO, ETC.

ADAPTAÇÃO DO NOVO CURSO PRATICO, ANALYTICO, THEORICO E SYNTHETICO DA LINGUA INGLEZA, de T. Robertson, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por Joaquim Russell. 3 vol. in-4. . . 10 $ 000
Cada volume contendo 20 lições vende-se separadamente ao preço de. 4 $ 000

ADAPTAÇAÕ do novo curso pratico, analytico, theorico e synthetico da lingua ingleza, de **T. ROBERTSON**, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por Joaquim Russell, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica para uso do Imperial Collegio de Pedro II, 3ª edição, 3 vol. in-4 encadernados. 15 $ 000
Cada volume vende-se em separado.. . . . . 5 $ 000

Inutil seria fazer a apologia do methodo de Robertson, hoje quasi que geralmente adoptado para o ensino das linguas vivas, e ainda para o das mortas; convinha porém que accommodado fosse elle á mocidade que falla o idioma portuguez, e para esse fim importava que houvesse quem, possuindo amplo conhecimento das duas linguas, mostrasse as relações que entre ellas existem, e quaes as suas differenças caracteristicas. D'esse trabalho incumbio-se o Sr. Dr. Joaquim Russell, a quem longa pratica do magisterio habilitára para introduzir entre nós um systema cuja proficuidade é reconhecida por todo o mundo civilisado. Desapparecêrão as difficuldades outr'ora quasi que insuperaveis, que se oppunhão ao estudo do inglez, e hoje qualquer pessoa, ainda sem o soccorro de mestre, poderá, graças a Robertson e ás judiciosas applicações que do seu methodo fez o Sr. Dr. Russell, aprender com perfeição e em muito pouco tempo uma das mais necessarias linguas que se fallão nas cinco partes do mundo.

A LINGUA FRANCEZA ENSINADA PELO SYSTEMA OLLENDORFF. Novo methodo pratico e theorico confeccionado para os Brasileiros pelos professores Carlos Jansen e Francisco Polly. 1 vol. in-4º encadernado.

Este Methodo, o mais seguido hoje na Europa, recommenda-se á primeira vista pela singeleza da forma, e pelo desenvolvimento facil, mas constante, de seu abundante material.
Diz o Sr. Ollendorff no prefacio de suas obras :
« Meu systema de ensinar uma lingua moderna tem por base o principio que quasi toda a

pergunta encerra o material da resposta que se deve ou póde dar. A pequena differença entre a pergunta e a resposta explica-se previamente de maneira que o alumno nenhuma difficuldade encontrará em responder ou mesmo em formar outras semelhantes phrases. Como pergunta e resposta são analogas, o alumno, ouvindo proferir a primeira, facilmente saberá pronunciar a segunda. Este principio é tão evidente, que salta á vista ao abrir este methodo. »

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ, traduzidas do original inglez por DE FOË. . . . . 5 $ 000

Robinson Crusoé é uma d'essasobras primas que chegárão ás extremidades do mundo conhecido e forão traduzidas em todas as linguas. A obra de Daniel de Foë é, na verdade, uma das mais interessantes e uteis que se possa offerecer á mocidade. « E' impossivel, disse um critico judicioso, achar uma ficção mais seguida, um interesse mais vivo, lições mais aproveitaveis. »

Uma boa traducção d'esta obra prima não póde portanto deixar de ser bemvinda. A que acabão de dar á luz os Srs. Garnier irmãos merece a todos os respeitos ser bem acolhida pelo publico. Consta de dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras.

AVILA (JOSÉ JOAQUIM DE). **Elementos de Algebra.** 1 vol. in-4. . . . . 2 $ 600

— **Elementos de Algebra** para uso dos collegios de instrucção secundaria. 1 vol. in-4. . . . . 3 $ 000

— **Elementos de Arithmetica.** Compendio approvado pelo conselho de Instrucção Publica, e adoptado pelo Imperial Collegio de Pedro II, pelas escolas publicas, e por muitos collegios da côrte e do interior. 1 vol. in-4.

— **Elementos de Arithmetica** (Resumo), Compendio adoptado pelo conselho director da Instrucção Publica, com approvação do governo, para uso dos collegios de instrucção primaria. 1 vol. in-4.

Sendo as sciencias mathematicas um dos ramos de conhecimentos mais necessarios para o uso da vida, indubitavel é que presta relevante serviço quem põe-nas ao alcance das juvenis intelligencias. E' por certo um d'esses felizes iniciadores o Sr. major do corpo d'engenheiros e lente jubilado da escola de marinha José Joaquim d'Avila, autor da obra supramencionada. Conforme o juizo de pessoas competentes, consultadas officialmente, as obras do Sr. major Avila que de preferencia deve consultar a juventude para a boa comprehensão d'estas materias, servindo de prova d'esta aperção o benigno acolhimento com que foi recebido, e a sua adopção não só para o Collegio de Pedro II e Escolas militares, como ainda para as classes d'instrucção primaria ao municipio da côrte e da provincia ao Rodizanino.

† **BARKER** (ANTONIO MARIA). **Compendio da doutrina christãa,** que, para se salvar, deve cada um saber, crer e entender. 1 vol. brochado . . . . . . 2 $ 000

— **Compendio de civilidade christãa,** para se ensinar praticamente aos meninos. 1 vol. brochado . . . . 2 $ 000

— **Rudimentos arithmeticos,** ou taboadas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir, para por ellas se ensinarem aos meninos pratica e especulativamente as quatro operações dos numeros inteiros, com as principaes regras dos quebrados e decimaes. 1 vol. brochado . . . . 2 $ 000

— **Syllabario portuguez,** ou Arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes. . . . . 4 $ 000
Cada parte vende-se em separado. . . . . 2 $ 000

— **Bibliotheca juvenil,** ou Fragmentos moraes, historicos, politicos, litterarios e dogmaticos extrahidos de diversos autores e offerecidos á mocidade brasileira. 1 vol. in-8 encadernado. 2 $ 000

CATECHISMO DE NOÇÕES GERAES explicadas á primeira infancia, publicado para uso das crianças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil, pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA, da primeira idade, por Cyrillo Dilermando da Silveira, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado . . . . 2 $ 000

D'entre as numerosas grammaticas que se tem escripto para o ensino da lingua portugueza nem uma póde competir em clareza, methodo e concisão com a que ora annunciamos. D'esta verdade convencêrão-se o Conselho director da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte e a Directoria geral da instrucção publica da provincia do Rio de Janeiro, adoptando-a para o uso das escolas primarias. Pondo em contribuição as doutrinas dos melhores grammaticos, soube o Sr. Cyrillo Dilermando extrahir d'ellas o que era absolutamente indispensavel e comprehensivel á primeira infancia, a quem particularmente consagra o seu livro. Enumerando com rara precisão as regras, colloca embaixo de cada pagina, com as respectivas referencias, um questionario; satisfeito o qual, fica o alumno por si mesmo convencido de saber a sua lição sem que necessite recorrer a outro. Numa palavra o *Compendio de Grammatica portugueza* do S. Cyrillo é uma das obras mais elementares que possuimos, e cujo merito abonão não só as approvações que acima citámos, como o favoravel acolhimento que tem recebido tanto nesta como nas demais provincias do imperio.

DICCIONARIO ITALIANO-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-ITALIANO, por Antonio Bordo. 2 fortes vol. in-8 grande, bem encadernados. . . . 14 $ 000

Ficou por muitos annos esquecido entre nós o estudo da lingua italiana, apezar de sua reconhecida utilidade, da sua nomeada belleza, e da facilidade com que, em razão da sua analogia com o idioma brasileiro, podia ser adoptada pelos litteratos de nossa terra: não faltárão recommendações de homens illustrados, que, compenetrados da necessidade de popularisar no Brasil a litteratura classica italiana, a mais rica talvez entre todas, para desenvolver no paiz o genio litterario e apurar o nosso gosto, conseguírão por fim que fosse ensinada em cadeiras publicas; hoje portanto tornou-se a lingua italiana de uso geral, e necessaria entre pessoas illustradas; nenhuma das senhoras brasileiras de delicada educação póde ignorar um idioma que adquire, fallado por ellas, ainda maior graça e suavidade. O Diccionario do Sr. Bordo, composto á vista dos mais distinctos escriptores da Italia, e em conformidade com o grande Diccionario *della Crusca*, offerece não sómente o mais rico thesouro de vocabulos exactamente traduzidos, como as regras de sua verdadeira pronuncia, e torna-se sufficiente para perfeita intelligencia de qualquer obra italiana. sendo, além d'isso, o primeiro e unico auxilio para a traducção da lingua italiana em portuguez ou da portugueza em italiano.

DICCIONARIO DAS PALAVRAS DE CORNELIO NEPOS, pelo Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, obra approvada pelo conselho de instrucção publica e adoptada no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-12 encadernado. 1 $ 500
A mesma obra com o Cornelio. 1 vol. encadernado. . . . . 2 $ 000

ELEMENTOS DE ARITHMETICA para instrucção primaria, por Joaquim Romão Lobato Pires. 1 vol. encadernado.. . . . . 1 $ 500

ELEMENTOS DE GEOMETRIA, Trigonometria rectilinea e espherica, por Bezout. 1 vol. in-8 com estampas, encadernado. . . . . 3 $ 000

ELEMENTOS DE PHILOSOPHIA, compendio apropriado á nova forma de exames da escola de medicina do Rio de Janeiro, por Moraes e Valle. 2 tomos encadernados em 1 vol, in-4 . . . . 6 $ 000

ENCYCLOPEDIA DA INFANCIA, ou primeiros conhecimentos para uso dos meninos. 1 v. in-12, illustrado com muitas lindas gravuras.

Esta pequena obra é uma d'aquellas cuja leitura póde ser de mais proveito para os meninos. E' illustrada com lindas gravuras, e contêm. sob uma forma agradavel, os elementos dos primeiros conhecimentos. Pelos titulos de alguns capitulos d'este livro poder-se-ha apreciar a sua utilidade : Aos meninos que começão a ler. — Deos creador de todas as cousas. — O universo. — O sol. — As estrellas. — Os planetas. — A terra. — A lua. — Eclipses da lua e do sol. — O homem. — Homens de differentes côres. — Os animaes. — Os quadrupedes. — As aves. — Principaes povos e cidades da Europa. — Principaes povos e cidades da Africa. — Principaes povos e cidades da America. — Principaes povos e cidades da Oceania. — Povos mais celebres da antiguidade. — Religião dos Gregos e dos Romanos ou a Mythologia. — Divisão do tempo. — Principaes linguas antigas.

ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMOS da lingua portugueza, por D. Fr. F. de S. Luiz, 2 tomos encadernados em 1 vol. . . . . 4 $ 000

† **ESTUDOS SOBRE O ENSINO PUBLICO**, pelo Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. 2 vol. brochados. . . . . 7 $ 000

GRAMMATICA DA LINGUA ITALIANA, seguida de algumas observações por ordem alphabetica, por Falletti. 1 vol. brochado . . . . 2 $ 000

LIÇÕES MORAES E RELIGIOSAS, para uso das escolas de instrucção primaria, com approvação do Ex^mo Bispo Capellão-Mór conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrucção da provincia do Rio de Janeiro, por José Rufino Rodrigues Vasconcellos, chefe de secção da 4ª directoria geral da secretaria de estado dos negocios da guerra, cavalleiro da ordem de Christo, membro fundador e ex 1º secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro. 1 vol. in-8. . . . . 2 $ 000

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA. Excerptos dos principaes autores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas; obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores actuaes da lingua portugueza, e dirigida por Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho; 2ª edição publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fernando, de Portugal.

MANUAL DA CONVERSAÇÃO E DO ESTYLO EPISTOLAR para o uso dos viajantes e da mocidade das escolas; **Portuguez-francez**; por Carolino Duarte. 1 vol. elegantemente cartonado. . . . . 1 $ 000

— **Portuguez-inglez**, por Carolino Duarte e Clifton. 1 vol. elegantemente cartonado. . . . . 1 $ 000

MANUEL DE LA CONVERSATION et du style épistolaire à l'usage des voyageurs et de la jeunesse des écoles; en six langues : **Français-Anglais-Allemand-Italien-Espagnol-Portugais**, por Clifton, Vitali, Ebeling, Bustamante e Duarte. 1 vol. relié . . . . 3 $ 000

† **METHODO FACIL PARA APRENDER A LER.** 1 vol. encadernado. . 500

NOÇÕES PRATICAS E THEORICAS DA LINGUA ALLEMÃA, compostas para servirem de compendio no Imperial Collegio de Pedro II, por BERTHOLD GOLDSCHMIDT, professor no mesmo collegio. 2 vol. in-8 brochados. . . . 7 $ 000

Encadernados . . . . 8 $ 000

Em duas partes divide-se esta interessante obra: na primeira busca o autor familiarisar o alumno com a lingua allemãa por meio de dia'ogos, exercicios e trechos litterarios. Buscando de preferencia para assumpto d'esses dialogos objectos triviaes, chama d'esta arte sobre elles a attenção, ao passo que fixa-os na memoria fazendo-os decorar e copiar repetidas vezes. Consagra a segunda parte ao estudo das regras, acompanhando-as logo da necessaria applicação. O emprego dos exames, ou questionarios, collocados no fim de cada regra, tem a summa vantagem d'adestrar os alumnos na conversação, obrigando-os a estudarem e repetirem essas mesmas regras. O methodo do Sr. professor Goldschmidt tem todas as vantagens do ensino pratico sem participar de nenhum dos seus vicios, habilitando o alumno desde a primeira lição a construir orações semelhantes ás que são dadas para modelo.

Importante é a segunda parte d'estas *Noções;* porquanto nellas encontrar-se-hão com a maior simplicidade as regras fundamentaes da grammatica, com a mais completa maneira de declinar os substantivos, assim como de conjugar os verbos regulares e irregulares, que, como é geralmente sabido, constituem a maxima difficuldade no estudo de qualquer lingua.

Reconhecida, como está, a vantagem de cultivar-se o idioma de Goëthe e de Schiller, nem um methodo nos parece para isso mais azado do que o do esclarecido professor do Imperial Collegio de Pedro II.

NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA-FRANCEZA, ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um Tratado dos verbos irregulares e de exercicios progressivos para as differentes forças dos discipulos, por EDOUARD DE MONTAIGU. 2 nitidos vol. in-8 encadernados. . . . . 4 $ 000

Esta grammatica, fructo de muitos annos de pratica e experiencia, foi acolhida com applauso á sua apparição, não só pela imprensa brasileira, como tambem pelos professores.

Muito longo seria enumerar tudo quanto se disse a seu respeito; limitar-nos-hemos pois a transcrever aqui a opinião do *Jornal do Commercio* do 21 de novembro de 1861.

« O Sr. Garnier acaba de prestar mais um serviço ao ensino publico, imprimindo um d'esses livros uteis que nunca serão de mais, por maior que possa ser o seu numero. E' uma *nova grammatica franceza* escripta em portuguez pelo Sr. Eduardo de Montaigu, cuja longa pratica do magisterio o habilitava a conhecer a fundo as necessidades d'esta especie de ensino. Já tinhamos, é verdade, alguns bons trabalhos nesta especialidade; mas como nunca será possivel attingir a perfeição, sempre ha de ser um verdadeiro serviço apresentar outros novos, que, aproveitando o que nos anteriores houver aproveitavel, lhes vão pouco a pouco corrigindo os defeitos.

« A obra que temos presente recommenda-se pela clareza da exposição, e sobretudo pelo desenvolvimento dado a todas as partes do discurso, e especialmente aos verbos, que, como diz o autor, são a chave da lingua. Encontramos tambem a conjugação completa de todos os verbos irregulares simplices, com a indicação dos compostos que por elles se conjugão, o que é sem duvida um grande auxilio para os principiantes, e mesmo para os que já sabem alguma cousa.

« O methodo seguido é o que tão geralmente vai sendo adoptado, e que consiste em logo em seguida ás regras offerecer exercicios, por meio dos quaes o discipulo, applicando-as, fique insensivelmente com ellas gravadas na memoria, sem o aborrecido e enfadonho trabalho de decora-las, que é o que tantas vezes faz esmorecer o alumno.

« A obra divide-se em dous volumes, dos quaes o primeiro contêm o que em rigor compõe uma grammatica, comprehendida a syntaxe, assaz minuciosamente explicada, afóra um vocabulario das palavras mais usadas nas duas linguas, emquanto o segundo é exclusivamente dedicado a progressivos exercicios praticos, que, ao passo que vão gradualmente iniciando os discipulos nas especialidades e finuras da lingua, o familiarisão com o estylo e os nomes dos mestres da litteratura, de cujas obras são tirados os differentes modelos que se apresentão.

« Obras como esta com prazer as registramos, abstendo-nos todavia de fazer comparações e estabelecer preferencias, que só podem ser dictadas pela pratica e exercicio do professorado. »

NOVA RHETORICA BRASILEIRA, pelo Dr. Antonio Marciano da Silva Pontes, obra approvada pelo conselho director e adoptada para o Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 5 $ 000
Encadernado. . . . . 6 $ 000

NOVO SYSTEMA PARA ESTUDAR A LINGUA LATINA, por Antonio de Castro Lopes. 2 edição melhorada. Autorisado pelo Conselho de Instrucção Publica, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, e em muitos outros da côrte e das provincias. 1 vol. in-8. . . . . 5 $ 000

PINHEIRO (Conego Dr. J. C. Fernandes). **Catechismo da Doutrina Christãa**, composto para o ensino dos alumnos do Instituto dos Meninos Cegos; obra adoptada pelo Conselho de Instrucção publica para as escolas primarias da côrte, pelo Imperial Collegio de Pedro II, e muitos outros da côrte e do interior, approvada pelo Exmo. e Revmo. Sr. Bispo do Rio de Janeiro. 1 vol. in-8 grande. . . . . 1 $ 000

Bem ardua é a missão do que tem d'explicar ás enfantis intelligencias os sublimes mysterios da religião do Christo; e por isso, apezar da grande abundancia de catechismos e cartilhas, poucos ha que preenchão o seu fim. Neste ultimo caso está incontestavelmente o que para o uso dos jovens cegos compoz o Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, quando foi pelo governo imperial incumbido de lecciona-los. Espargindo o perfume dà elegancia e das graças do estylo. plantou a fé nesses corações que só á descrença parecião condemnados, e por veredas semeadas de flores conduzio seus neophytos ao redil da Igreja. Numa mui lisongeira carta que lhe dirigio, e da qual por modestia apenas dá-nos um extracto, reconhece o sabio bispo do Rio de Janeiro a excellencia do methodo do douto ecclesiastico, e recommenda o seu catechismo, cuja orthodoxia solemnemente proclama. Accedendo ao convite do santo prelado fluminense, apressou-se o Conselho da instrucção publica do municipio da côrte, e a Directoria das aulas da provincia do Rio de Janeiro. d'adopta-lo para o uso das classes primarias, exemplo este seguido por grande numero de collegios e casas d'educação. A terceira edição, que ora annunciamos, foi consideravelmente melhorada pelo autor, refundindo o seu plano em ordem a torna-lo cada vez mais apropriado ao seu fim, e annexando ao catechismo um appendice com as orações mais necessarias á vida d'um verdadeiro christão.

— **Curso elementar de litteratura nacional.** 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris.. . . . . 7 $ 000

De ha muito que sentia-se a necessidade d'um livro destinado á analyse das obras que no rico idioma de Camoes e de Caldas se tem escripto.

Incompletos, e pela mór parte compostos em linguas estranhas, erão os trabalhos até agora entregues ao dominio publico, e vergonhoso era que, possuindo a mocidade brasileira e portugueza noções mais ou menos completas das litteraturas antigas e modernas, ignorasse quasi que completamente o que de bom possuia na sua. Para encher esse vazio, que por experiencia conheceo no magisterio exercido no Imperial Collegio de Pedro II, emprehendeo o Sr. Conego Dr. J.C. Fernandes Pinheiro a confecção d'um *Curso elementar de litteratura nacional*. Desejoso de comprehender em limitado espaço abundancia de materia, incluio o illustre professor no seu trabalho a historia litteraria portugueza e brasileira, a bibliographia e a analyse summaria das obras de maior vulto escriptas num ou noutro lado do Atlantico. A maior imparcialidade dicta os seus juizos, e nem uma animosidade, nem um falso patriotismo envenena suas apreciações. Composta para o uso dos alumnos do ultimo anno do Imperial Collegio de Pedro II, tem a obra o cunho didactico, reunindo em si todas as vantagens de semelhantes escriptos.

— **Episodios da historia patria** contados á infancia, obra adoptada pelo conselho director da instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . . 2 $ 000

Derramar os conhecimentos uteis por todas as classes da população é por certo tarefa digna d'encomios; muito maior porém é o serviço ao paiz prestado, quando, deixando a sua cadeira

academica, vem sentar-se um litterato no banco das escolas, ensinando aos meninos os primeiros rudimentos da historia patria. Neste ultimo caso acha-se o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, que, na phrase do S. Norberto. *ao passo que escreve para os sabios, com elles repartindo suas lucubrações, não se esquece da infancia, esboçando-lhe sem apparato d'erudição, ou alarde d'historiador, esses quadros da historia patria que tão facilmente se prestão á comprehensão infantil pelo seu colorido tão natural e tão cheio de novidade.*

Em trinta capitulos dividem-se a obrinha que annunciamos, e nelles se enumera o que ha de mais notavel nos annaes brasilicos, expostos com a maior simplicidade, e destinados a serem lidos com prazer, e, se possivel fôr, decorados pela infancia d'ambos os sexos. E' um admiravel diorama, que, variando sem cessar de vistas, recreia a imaginação e fortalece o espirito.

RECREAÇÃO BRASILEIRA, scientifica e moral, dedicada á mocidade de ambos os sexos, por SEBASTIÃO FABREGAS SURIGUÉ. 1 vol. brochado. 320

THESOURO JUVENIL, ou noções geraes de conhecimentos uteis para uso das escolas, por LUIZ FRANCISCO MIDOSI. 1 vol. brochado . . . . 6 $ 000

TRINOCQ (CAMILLO). **CURSO DE ESTUDOS ELEMENTARES**. Collecção de Tratadinhos separados, contendo as mais uteis noções ácerca dos principaes ramos de conhecimentos, comprehendendo :

— **Primeiro Livro de Leitura**, contendo : Syllabario, Orações, Historietas, Noções de Arithmetica, Modelos de Lettra manuscripta. 1 vol. in-8. . . . 1 $ 000

— **Resumo da Geographia Geral**, antiga e moderna, 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Mythologia**. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia Santa**, contendo o Antigo e o Novo Testamento. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa** Antiga. 1 vol. in-8. . . . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa**, durante a Idade Media. 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa** Moderna. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da America**. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Elementos de Algebra**. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

— **Elementos de Geometria**. 1 vol. in-8, comestampas. . . . . . . 1 $ 000

— **Elementos de Astronomia**, seguidos de uma noticia ácerca do Calendario. 1 vol. in-8, com um Planisphero celeste. . . . . 1 $ 000

Resumir em estreito quadro os factos que mais convem ao joven conhecer; coordenar o todo de maneira a ter entre suas partes relação e nexo; pôr estes conhecimentos ao alcance de todas as intelligencias pela simplicidade e concisão da redacção, eis o trabalho que o Sr. Camillo Trinocq emprehendeo. A experiencia do autor durante os muitos annos que se dedicou ao ensino tem-lhe provado que o melhor modo de apresentar á mocidade os elementos da sciencia era de tornar-lhe interessantes as noções, muitas vezes fastidiosas, por conterem desenvolvimentos fôra de seu alcance. Afim de exercer a memoria e a intelligencia dos alumnos sem cansaço, cada obra que compõe esta collecçao acha-se dividida em capitulos, os capitulos em secções ou paragraphos de poucas paginas, e cada uma das divisões é seguida de um questionario por onde o pai de familia. o mestre ou mestra, podem conhecer se o discipulo tem comprehendido o conteúdo de suas lições. Ora essa interrogação frequentemente repetida, e feita com desvelo, tem a vantagem de habituar cedo o alumno a exprimir-se com facilidade, de gravar sem esforço os factos em seu espirito, e, devendo elle dar conta da lição, de volve-lo mais attento, e por consequencia de abrir-lhe assim melhor as ideias : a reflexão é o ponto capital

de um bom methodo. Posto em pratica nas escolas, este modo de ensino, tão simples quão facil, ha de amenisar a tarefa do professor, ao mesmo tempo que ha de tornar mais proveitosos os estudos do alumno. Pois os Srs. directores de estabelecimentos de educação, e os pais de familia, não podem escolher obras mais apropriadas para um bom ensino elementar, porque na realidade não ha ainda um curso tão methodico e tão claro e que offereça num quadro tão limitado uma reunião de conhecimentos e de factos tão variados.

VOCABULARIO BRASILEIRO para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza, por BRAZ DA COSTA RUBIM. 1 vol. brochado. . . . 1 $ 000

HISTORIA, GEOGRAPHIA, ETC.

ATLAS DE GÉOGRAPHIE ANCIENNE ET MODERNE à l'usage des colléges et de toutes les maisons d'éducation, dressé par C. V. MONIN ET A. VUILLEMIN. 1 vol. in-fol. relié. . . . . 8 $ 000

BRASILEIRAS CELEBRES, pelo Sr. J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. encadernado. . . . . 2 $ 000

Forma esta galeria de quadros historicos consagrada ao sexo feminino a primeira parte d'uma monumental obra que com o accordo e collaboração do Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro vai ser publicada com o titulo de PANTHEON BRASILEIRO, na qual seraoi admittidos todos os que pelo seu saber, serviços e virtudes, tornárão-se credores da gratidão naco nal. O livro do Sr. Norberto, de que fazemos menção, forma o proscenio d'esse magestoso templo da gloria patria.

CASTRIOTO LUSITANO, ou Historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes : obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistárão a independencia nacional; por FR. RAPHAEL DE JESUS. 1 vol. in-4. ornado com o retrato de João Fernandes Vieira e duas estampas historicas. . . . . 5 $ 000

COMPENDIO DE GEOGRAPHIA offerecido ao governo de S. M. I., e por elle aceito, para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-8. encadernado . . . . 2 $ 500

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. JUSTINIANO JOSÉ DA ROCHA. 1 vol. in-4, encadernado. . . . 2 $ 400

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol in-4, encadernado. . . . . . . 2 $ 400

O pensamento que levou este distincto publicista a escrever um curso d'historia universal, cujas duas primeiras partes ora annunciamos, foi por certo mui louvavel e digno d'incitação. Quiz o Sr. Dr. Rocha subtrahir seus jovens compatriotas á exclusiva influencia dos livros francezes, que, além de corromperem a linguagem vernacula pela falta que tem a mocidade do necessario antidoto, apresentão desfigurados os factos historicos quando a gloria ou o interesse do seu paiz a isso os convida. Accresce que nos compendios francezes occupa a historia de França um lugar tão saliente, tão grande desenvolvimento se lhe dá, que quasi desapparece a dos outros povos. Para sanar este inconveniente, compoz o autor a que nos referimos um resumo historico dos tempos antigos e medios, abrangendo os factos de maior magnitude, e que por isso mais facilmente se guardão na memoria da mocidade. Realçando a lucida exposição do seu assumpto com graças do estylo conseguio fazer uma obra que não só se torna de absoluta necessidade nas aulas, como ainda deve ornar todas as livrarias.

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos, por J. B. Calogeras, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica, com approvação do Governo Imperial. 2 vol. in-8, encadernados. . . . . 6 $ 000
O mappa vende-se em separado, preço. . . . . 2 $ 000

É o periodo da idade media o mais importante da historia por ser nelle que apparecêrão os povos que podemos considerar como progenitores dos que hoje capitaneão a civilisação. Distinctos escriptores hão consagrado suas pennas em diffundir luzes sobre o chaos que occulta a embryologia da moderna civilisação, e obras verdadeiramente monumentaes hão apparecido, principalmente em nosso seculo, quando os estudos d'erudição historica começárão a ser cultivados com ardor. Difficil porém sendo a acquisição de semelhantes obras, escriptas todas em linguas estranhas, ficava a juventude privada do fio conductor para penetrar em tal labyrintho. Conhecendo essa deficiencia, incumbio-se o Sr. J. B. Calogeras de suppri-la, organisando um compendio, onde, a par de solida erudição espargida em paginas de brilhante colorido, depara-se com a clareza e ordem indispensaveis nos livros elementares. Para que melhor comprehendida fosse a exposição que fazia, enriqueceo o seu compendio com quadros synopticos que num relance d'olhos despertão as reminiscencias e fortificão a memoria. Recommendamos esta obra aos estudiosos da historia.

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, e particularmente da Historia Grega, seguido d'um compendio de Mythologia. 1 vol. in-8, encadernado. . 2 $ 000

COMPENDIO DA HISTORIA ROMANA. 1 vol. in-8, encadernado. 2 $ 000

COMPENDIO DA HISTORIA SAGRADA, com as provas da religião por perguntas e respostas, para o uso das escolas. 1 vol. in-12, encadernado. 1 $ 000

† **COMPENDIO DA HISTORIA UNIVERSAL**, por Victor Duruy, ministro da Instrucção Publica de França e ex-Professor de Historia no Lyceo Napoleão; traduzido pelo padre Francisco Bernardino de Souza, Professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in 8. . . . .

ECHO DA GUERRA (O) : **Baltico, Danubio, Mar Negro**, por Léouzon le Duc; traduzido por D. P. e Silva, ornado de 4 retratos. 1 vol. in-8 brochado. 2 $ 000
Encadernado. . . . . 2 $ 500

EPITOME CHRONOLOGICO DA HISTORIA DO BRASIL, para o uso da mocidade brasileira, composto pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, dedicado (com per-

missão especial) pelos editores a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, ornado do seu retrato e d'um mappa do Brasil. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . 3 $ 000

HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRASILEIRO, por J. M. Pereira da Silva. Esta obra formará de 4 a 5 volumes, ao preço cada um de 5 $ 000

HISTORIA DO BRASIL, traduzida do inglez de Roberto Southey pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris . . . . 36 $ 000

A obra de Southey sobre o Brasil é um monumento historico de que se deve ufanar a terra de Santa-Cruz. O autor é um dos escriptores mais distinctos da soberba Inglaterra, e gozou dos fôros de poeta laureado. A sua historia, escripta imparcialmente e á vista de numerosos documentos ineditos que seu tio obtivera em Portugal, além das melhores obras dos autores portuguezes e brasileiros, vem preencher uma falta sensivel, e que descuido fôra deixar existir por mais tempo.

A traducção, devida á penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, é digna de ser apreciada pelos puristas da lingua portugueza.

Apezar de ter bebido as suas informações em fontes puras, a obra de Roberto Southey resente-se de alguns erros devidos á falta de informações que forão reveladas posteriormente. Esses pequenos senões desapparecem ante as elucidações do Sr. J. C. Fernandes Pinheiro, abalisado archeologo brasileiro.

A imprensa da capital e das provincias do imperio recebeo com applauso a noticia da publicação d'esta obra, e a transmittio d'este modo a seus leitores:

« O livro que o Sr. Garnier vai publicar brevemente é uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« De tudo quanto se tem escripto sobre o Brasil, a obra de Southey é talvez a unica digna de attenção; dista tanto dos panegyricos de Reybaud como das petas aleivosas que á nossa custa o pintor Biard impinge aos Parisienses.

« Southey observou com criterio e escreveo quasi sempre com imparcialidade; apreciou justamente os factos, fallou com independencia. A edição ingleza da *Historia do Brasil*, hoje quasi esgotada, encontra-se difficilmente, e só póde adquirir-se por um preço fabuloso. Vertendo-a para o portuguez, não sei se o Sr. Garnier faz bom ou máo negocio, mas incontestavelmente presta um serviço aos Brasileiros.

« O Sr. conego Fernandes Pinheiro incumbio-se de rectificar em algumas notas uma ou outra apreciação menos exacta do escriptor inglez, corrigindo, em face de documentos posteriormente descobertos, pequenas faltas que se encontrão no livro de Southey. E' mais uma riqueza para a nova edição. Além de tudo isso, teremos a satisfação de ler a historia de Southey na lingua vernacula, que é para nós mais facil do que a ingleza. »

(*Correio Mercantil.*)

« Vamos finalmente ter uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« E' o melhor trabalho que tem sahido de uma penna estranha a respeito da nossa historia patria, e a falta que agora se repara constituia uma vergonha para nós.

« Roberto Southey prestou-nos um serviço, que nunca lhe agradecêrão.

« A traducção é feita pelo Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro.

« A edição, nitida e elegante, foi mandada fazer pelo Sr. B. L. Garnier. »

(*Diario do Rio de Janeiro.*)

« Brevemente será publicada pelo Sr. Garnier a excellente *Historia do Brasil* de Roberto Southey, traduzida em portuguez, e annotada pelo Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, cujo nome é tão vantajosamente conhecido na litteratura do paiz, cuja historia lhe é devedora de uteis e importantes trabalhos. » (*Correio da Tarde.*)

« Ninguem ha que deixe de ter conhecimento d'este magestoso monumento erguido á gloria nacional por mão estranha : poucos paizes são os que conhecem por propria leitura e que contêm esta excellente obra em suas estantes. Para isto concorria não só a sua carestia, por tornar-se cada vez mais rara, como por ella ser escripta em inglez, idioma infelizmente pouco cultivado entre nós.

« Graças, porém, á solicitude do Sr. B. L. Garnier pelo desenvolvimento litterario de nossa patria, vai ser dada ao prélo e proximamente será distribuida aos assignantes uma excellente versão da referida historia, devida á classica e elegante penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, vantajosamente conhecido pelas suas publicações na *Revista Popular*, assim como pelas versões das obras de Gilbert e Wilson a respeito dos bancos e do credito publico.

« Cremos que, depois d'esta transformação por que vai passar a historia de Southey, será ella mais lida pelos Brasileiros e Portuguezes, e ainda pelos povos que fallão a lingua castelhana, por isso que ahi depararáõ com muitos capitulos relativos aos annaes dos povos hispano-americanos. Ganhando d'esta arte mais um bom livro para a nossa litteratura pelo que diz respeito á linguagem, conseguiremos que lida e estudada seja a nossa historia em uma de suas mais puras fontes.

« Como complemento de tão util obra, incumbio-se das notas e esclarecimentos de que carece o texto o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. O nome de Sª. Sª., o ardente zelo que tem constantemente mostrado pelas cousas patrias, abonão sufficientemente a perfeição do trabalho que sobre si tomou, e fazem-nos esperar que rectificadas sejão as inexactidões que escapárão ao illustrado historiador inglez, já pela carencia de documentos, já pela sua manifesta antipathia contra a religião catholica, já finalmente pelo resentimento que vota contra as nações rivaes da sua, como a hespanhola, a hollandeza e a franceza.

« Dando aos leitores tão agradavel noticia, congratulamo-nos com o digno editor pelo pensamento que acaba de levar a effeito. » (*Correio Paulistano*.)

HISTORIA DO CONSULADO E DO IMPERIO, por A. THIERS. 11 vol. in-4 ornados de numerosas estampas, brochados. . . . . 33 $ 000
Encadernados . . . . 44 $ 000

HISTORIA SAGRADA ILLUSTRADA para o uso da infancia, seguida d'um appendice; contendo : 1° uma relação analytica dos livros do Antigo e Novo Testamento; — 2° uma tabella chronologica dos principaes acontecimentos; — 3° um vocabulario geographico explicativo dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia. — Composta pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. in-8. . . . . 2 $ 000

MAPPAS DO IMPERIO :

— **Pará e Alto Amazonas**. . . . . 2 $ 500
— **Maranhão**. . . . . 2 $ 500
— **Ceará**. . . . . 2 $ 500
— **Rio-Grande do Norte e Parahyba**. . . . . 2 $ 500
— **Pernambuco, Alagôas e Sergipe**. . . . . 2 $ 500
— **Bahia**. . . . . 2 $ 500
— **Espirito Santo**. . . . . 2 $ 500
— **Rio de Janeiro**. . . . . 2 $ 500
— **S. Paulo**. . . . . 2 $ 500
— **Santa Catharina**. . . . . 2 $ 500
— **S. Pedro do Sul**. . . . . 2 $ 500

— **Minas Geraes** (2 folhas) . . . . 5 $ 000

— **Goyaz** (2 folhas). . . . . 5 $ 000

— **Mato-Grosso** . . . . 5 $ 000

— **Piauhy** . . . . 2 $ 500

— **Imperio do Brasil** (2 folhas). . . . . 7 $ 000

— **Planta do Rio de Janeiro**, levantada pelo engenheiro inglez da Companhia do Gaz John Edgar Ker, por occasião de fazer as medições para o estabelecimento do gaz na côrte; 1 magnifica e grande folha impressa sobre excellente papel e collada sobre panno, envernisada, com páos, propria para ser dependurada em casas de commercio, escriptorios, gabinetes de estudo, salas, etc. . . 7 $ 000

PLANISPHERIO TERRESTRE, indicando as novas descobertas, as Colonias Europeas, e as linhas maritimas dos navios de vapor que fazem escala nos principaes portos de commercio, traçado por A. Vuillemin, geographo; traducção e correcção de Carolino Duarte. (1 folha de 1 metro 30 cent. de comprimento sobre 90 cent. de largo.). . . . . 6 $ 000

Este planispherio, executado com extremo cuidado por M. Vuillemin, facilita particularmente o estudo da geographia, e permitte encerrar o todo do mundo em todas as suas partes.
Além de todas as novas descobertas que nelle figurão, está completamente ao nivel do progresso da sciencia.
Os diversos estados, suas possessões e colonias estão indicados por uma mesma côr, que torna a procura commoda e facil. Está preparado de maneira a poder ser com vantagem collocado em uma sala de jantar, sala de espera, em um vestibulo, etc.

MEMORIAS PARA A HISTORIA DO EXTINCTO ESTADO DO MARANHÃO, cujo territorio comprehende hoje as provincias do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará e Amazonas; colligidas e annotadas por Candido Mendes de Almeida. Tomo 1°: **Historia da Companhia de Jesus** na extincta provincia do Maranhão e Pará, pelo padre José de Moraes, da mesma companhia. 1 vol. in-4 de 554 paginas, brochado 6 $, bem encadernado. . . . . 7 $ 000

Esta obra constará de quatro volumes de mais de 500 paginas cada um, de que só o primeiro se acha publicado Os outros sahiráõ brevemente á luz.
É de muito interesse para as pessoas que cultivão a historia nacional, visto como formará uma collecção de todas as obras ineditas ou raras, de merecimento, que tratão da historia d'aquella parte do imperio.
Todas as obras que fizerem parte d'esta collecção serão acompanhadas de notas, e, sendo preciso, de mappas e planos indispensaveis á elucidação do texto, de modo a remover as duvidas e obscuridades ácerca da data de algum feito memoravel, do lugar do nascimento de algum Brasileiro illustre, da situação precisa de estabelecimento colonial ou aldeia hoje não existente, mas de interesse historico; bem como sobre a exactidão de nomes de individuos notaveis, hordas selvagens e povoações antigas, etc.
O primeiro volume publicado, e que se acha á venda na livraria Garnier, contêm a primeira parte da obra do padre José de Moraes, da Companhia de Jesus, que trata da historia d'essa celebre corporação no Maranhão e no Pará. Esta parte foi a unica que escapou do confisco feito ha um seculo nos papeis e bens dos Jesuitas.
A par dos feitos notaveis dos filhos d'esta congregação, vem muitos outros sobre o descobrimento, povoação e progresso d'aquellas provincias do norte, de que não havia noticia nas obras que correm impressas; e bem assim sobre o estado dos indigenas que as habitavão, das missões

que se emprehendêrão para attrahi-los ao gremio do christianismo, e sobre as lutas que travárão os colonos já com as indigenas, já com os Jesuitas que defendião sua liberdade, sendo muitos factos comprovados com documentos ineditos e importantes.

As pessoas que não quizerem possuir toda a collecção podem comprar qualquer das obras que se colleccionarem, quando a materia comportar um volume ou exceder, tendo nesse caso a obra titulo peculiar que dispense o de *Memorias*, o que já acontece com o primeiro tomo, que póde ser encadernado sem numeração, com o titulo de *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia de Maranhão e Pará.*

TRATADO DE GEOGRAPHIA ELEMENTAR, physica, historica, ecclesiastica e politica do Imperio do Brasil; obra inteiramente nova, composta pelo Dr. Amedeo Moure e pelo lente V. A. Maltebrun, dedicado a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, imperador do Brasil, e ornado de seu retrato. 1 vol. in-8, encadernado. . . . . 3 $ 000

VARÕES ILLUSTRES (Os) **do Brasil** durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva. 2 vol. in-4, brochados, 8 $ 000, encadern.. . 10 $ 000

Esta obra, nitidamente impressa em París, mereceo elogios, pela sua materia e linguagem, de muitos jornaes francezes, portuguezes, italianos e allemães; é a historia politica, litteraria e scientifica do Brasil em quanto colonia.

DIREITO, ECONOMIA POLITICA, FINANÇAS COMMERCIO, ETC.

ANALYSE SOBRE A ESCRIPTURAÇÃO COMMERCIAL. 1 vol. in-4, brochado. . . . . 1 $ 000

ASSESSOR FORENSE (O), ou formulario de todas as acções commerciaes segundo o regulamento commercial de 25 de novembro de 1850, contendo : os modelos de todas as petições, despachos, termos, autos, allegações, embargos, sentenças, e finalmente todos os termos dos processos; seguido do processo das quebras, quer no juizo commercial, quer no juizo criminal, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4, encadernado. . . . . 8 $ 000

Esta obra, elaborada com muito cuidado e minuciosidade, é de incalculavel proveito, não só para todas as pessoas do fôro, como mesmo para as que se dão á vida do commercio. É um excellente guia para a propositura de qualquer acção, seu andamento e solução no fôro commercial.

CAPITAL, CIRCULAÇÃO E BANCOS, por James Wilson, traduzido pelo Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira Castro. 1 vol. in-4, impresso e encadernado em Paris. . . . . 6 $ 000

Tal é o titulo da obra (complemento quasi indispensavel do Tratado dos Bancos de Gilbart), formada da serie d'artigos que nos annos de 1844-1847 publicou no *Economista* o illustrado James Wilson. Ninguem desconhece a subida importancia dos objectos de que tratou, importancia tanto mais reconhecida no Brasil, onde as questões financeiras prendem-se ao futuro do paiz e constituem o principal embaraço para os estadistas. Assim pensando o Sr. Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira e Castro, verteo para a linguagem vulgar a obra do economista inglez, prestando d'esta arte verdadeiro serviço aos que não possuem cabal conhecimento da lingua de Adão Smith para poder comprehender e apreciar o original.

CODIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRASIL, contendo não só toda a legislação alterante ou modificante de suas disposições publicada até o fim do anno de 1860, como todas as penas de seus differentes artigos calculadas segundo os seus gráos e as diversas qualidades dos criminosos, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4, brochado 4 $ 000, encadernado. . 5 $ 000

Tendo muitas vezes notado que a maneira generica por que forão redigidas as disposições do Codigo Criminal Brasileiro, subordinadas apenas a regras geraes applicaveis ás suas differentes hypotheses, dava lugar a graves enganos na imposição das penas, importando elles nullidades nos processos com incalculavel prejuizo da justiça, por isso emprehendeo o Sr. Dr. Cordeiro a presente edição do mesmo Codigo, em que, sem alterar nem de leve o seu texto, designa no emtanto as penas em seus differentes gráos, e já proporcionadas á qualidade do criminoso, quer seja autor, quer complice, tentador, e ainda complice da tentativa.

Com elle qualquer pessoa póde de momento saber a pena correspondente ao crime na autoria, na tentativa e complicidade, seja qual fôr o seu gráo, e isto sem perda de tempo, sem fadiga de calculo, e sem receio de erro.

COLLECÇÃO DE ACORDÃOS que contêm materia legislativa proferida pelo supremo tribunal de justiça desde a epocha da sua installação, por A. X. de Barros Côrte Real e J. M. Castello Branco, bachareis em direito. 2 vol. in-4, brochados 8 $ 000, encadernados. . . . . 10 $ 000

COLLECÇÃO da Legislação Portugueza desde o anno de 1603 até o de 1826, isto é, desde as ordenações philippinas até á carta constitucional, compilada por José Justino de Andrade Silva. A collecção completa é dividida em seis series, e formará 24 a 25 volumes in-folio. A primeira e segunda serie, que comprehendem, aquella a legislação de 1603 a 1640 em 5 vol., e esta a de 1641 a 1683 em 3 vol., estão publicadas; as outras series publicar-se-hão successivamente. Preço da assignatura, cada vol. brochado . . . . 6 $ 000
Encadernação inteira. . . . . 8 $ 000

COMPENDIO DE ECONOMIA POLITICA, precedido de uma introducção historica, e seguido d'uma Biographia dos Economistas, Catalogo e Vocabulario analytico, por Blanqui. 1 vol. in-8, brochado 1 $ 000, encadernado. . 1 $ 500

† **CONSULTOR CRIMINAL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro criminal, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4 . . . . 8 $ 000

† **CONSULTOR COMMERCIAL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro commercial, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4. . . . . . . 8 $ 000

† **CONSULTOR CIVIL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro civil, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 grosso vol. in-4, encadernado. . . 8 $ 000

Este interessantissimo trabalho foi feito pelo systema adoptado por Corrêa Telles em sua obra intitulada *Manual do Processo Civil* com as suppressões, alterações e accrescimos exigidos pela legislação, estylos e pratica do fôro brasileiro.

Contendo toda a parte theorica e pratica do processo civil, e formulas de todos os seus incidentes, torna-se de summa vantagem para todas as pessoas da justiça, já por indicar os melhores meios de propôr-se e seguir qualquer acção, já por se encontrar os exemplos de todos os autos, termos e mais peças do processo.

Contendo, além d'isso, as attribuições de todos os juizes e tribunaes, suas incompatibilidades, e bem assim os deveres dos outros empregados do fôro, dispensa esta obra grande quantidade de praxistas e livros de legislação, por cita-la em todos os casos em que é mister.

CONSULTOR ORPHANOLOGICO ácerca de todas as acções seguidas no fôro orphanologico, pelo Dr. CARLOS ANTONIO CORDEIRO. 1 vol. in-4. . . . . 8 $ 000

CORTEZÃOS (Os) **e a Viagem do Imperador,** ensaio politico sobre a situação, por L. M. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

DICCIONARIO JURIDICO-COMMERCIAL, obra muito util aos que se dedicão ao fôro e ao commercio, por J. FERREIRA BORGES, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4, encadernado. . . . . 7 $ 000

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas, por FELICIANO ANTONIO MARQUES PEREIRA. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

ENSAIO SOBRE A ARTE DE SER FELIZ, por JOSEPH DROZ, da Academia Franceza. 1 vol. brochado 1 $ 000, encadernado. . . . . 1 $ 500

ESTUDO SOBRE O CREDITO RURAL E HYPOTHECARIO, pelo Dr. L. P. DE LACERDA WERNECK. 1 vol. in-4, bem encadernado. . . . . 6 $ 000

A importancia do credito territorial é conhecida hoje em todos os paizes onde elle tem sido posto em pratica. Ora, o autor d'este livro, reunindo em commodo volume toda a theoria dos bancos territoriaes exposta de uma maneira accessivel a todas as intelligencias, addicionou-lhe uma collecção de estatutos de bancos europeos, e outros documentos que tornão o livro de grande utilidade, não só aos profissionaes, como tambem aos lavradores, proprietarios urbanos, banqueiros, e em geral aos homens praticos.

ENSAIO sobre o direito administrativo, com referencia ao estado e instituições peculiares do Brasil, pelo visconde do Uruguay. 2 vol. in-4, brochados. 10 $ 000
Encadernados. . . . . 12 $ 000

Esta obra, fructo de muitos annos de experiencia, é sem duvida a mais importante que tenha sido publicada aqui sobre semelhante materia, como melhor se poderá julgar pelo indice de alguns capitulos :

Definições, divisões, distincções. — Influencia da divisão territorial, população e riqueza. — Divisão do poder executivo. — Do gracioso e do contencioso. — Da responsabilidade ministerial no contencioso. — Do nosso contencioso administrativo. — Dos tribunaes administrativos.

— Do processo e recursos administrativos. — Dos agentes administrativos. — Dos conselhos administrativos. — Do conselho de estado nos differentes paizes da Europa e no Brasil. — Do Poder moderador. — Da centralisação; suas vantagens e seus inconvenientes. — Applicação ao Brasil das instituições administrativas inglezas, americanas e francezas.

ESTUDOS SOBRE COLONISAÇÃO, ou considerações sobre a colonia do senador Vergueiro, por C. Perret Gentil. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

MANUAL DO EDIFICANTE, DO PROPRIETARIO E DO INQUILINO, ou novo tratado dos direitos e obrigações sobre a edificação de casas, e ácerca do arrendamento ou aluguel das mesmas, conforme o direito romano, patrio e uso das nações; seguido da exposição das acções judiciarias que competem ao edificante, ao proprietario e ao inquilino, accommodado ao fôro do Brasil, por Antonio Ribeiro de Moura. 1 vol. bem encadernado. . . . . 6 $ 000

MANUAL DOS JUIZES DE DIREITO, ou collecção dos actos, attribuições e deveres d'estas autoridades, por J. M. Pereira de Vasconcellos. 1 vol. in-4, encadernado. . . . . 4 $ 000

MANUAL DOS PROMOTORES PUBLICOS, pelo Dr. Joaquim Marcellino Pereira de Vasconcellos. 1 vol. in-4, brochado. . . . . 3 $ 000
encadernado. . . . . 4 $ 000

MANUAL THEORICO-PRATICO DO GUARDA-LIVROS, seguido do roteiro dos correios terrestres entre esta côrte e as provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, S. Paulo, Mato-Grosso e Goyaz, por João Francisco de Araujo Lessa. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 8 $ 000

O curso theorico-pratico de escripturação mercantil composto pelo Sr. Lessa é assaz conhecido para que necessitemos de preconisa-lo. Todos os que hão lido este importante trabalho são concordes em reconhecer nelle uma clareza e brevidade que muito abonão os conhecimentos de seu autor. Reunindo ao conhecimento profissional da materia longa pratica de suas diversas applicações, conseguio o Sr. Lessa escrever uma obra que será d'ora avante consultada por todos os que se entregão á contabilidade e escripturação dos livros de commercio.

METHODO FACIL DE ESCRIPTURAR OS LIVROS por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer a escripturação por meio de um só registro, por Edmond Degranges; traduzido em portuguez por Manoel Joaquim da Silva Porto, e offerecido aos Portuguezes e Brasileiros que se dedicão ao commercio. 1 vol. in-4, com mappas. . . . . 5 $ 000

PIMENTA BUENO (Dr. José Antonio). **Apontamentos sobre o processo civil brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 6 $ 000

— **Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 9 $ 000

— **Direito publico brasileiro** e analyse da constituição do Imperio, 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. . . . . 10 $ 000

PINHEIRO FERREIRA (SILVESTRE). **Indicações de utilidade publica,** offerecidas ás assembleias legislativas do imperio do Brasil e do reino de Portugal. 1 vol. in-8. 500

— **Projecto de um banco** de soccorro e seguro mutuo. 1 vol. in-4. . . . 500

— **Breves observações sobre a constituição politica da monarchia portugueza,** decretada pelas côrtes geraes extraordinarias e constituintes, reunidas em Lisboa no anno de 1821. 1 vol. in-4. 500

— **Manual do cidadão em um governo representativo,** ou principios de direito publico constitucional, administrativo e das gentes. 3 vol. in-4. 6 $ 000

— **Noções elementares d'ontologia.** 1 vol. in-4. 500

— **Projecto d'um systema de providencias** para a convocação das côrtes geraes e estabelecimento da carta constitucional. 1 vol. in-4. 500

— **Projecto de codigo geral** de leis fundamentaes e constitutivas d'uma monarchia representativa. 1 vol. in-4. . . . . 1 $ 000

— **Observações sobre a carta constitucional** do reino de Portugal e constituição do imperio do Brasil. 1 vol. in-4. . . . . 1 $ 000

— **Projecto de codigo politico** para a nação portugueza. 1 vol. in-4. 2 $ 000

— **Constituição politica do imperio do Brasil** e carta constitucional do reino de Portugal. 1 vol. in-4. . . . . 3 $ 000

— **Observations sur le guide diplomatique de M. le baron Ch. de Martens.** 1 vol. in-4. . . . . 1 $ 000

— **Essai sur la psychologie,** comprenant la théorie du raisonnement et du langage, l'ontologie, l'esthétique et la dicéosyne. 1 vol. in-4. . . . . 2 $ 000

— **Projet de code général** des lois fondamentales et constitutives d'une monarchie représentative. 1 vol. in-4. . . . . 1 $ 000

— **Précis d'un cours de droit public.** 2 vol. in-8, reliés. . . . . . 8 $ 000

— **Qu'est-ce que la pairie?** 1 vol. in-4, broché. 500

— **Essai sur les rudiments de la grammaire allemande.** 1 vol. in-4 broché. 500

— **Principles of political economy,** by M. CULLOCH, abridged for the use of schools, accompanied with notes, and preceded by a preliminary discourse by PINHEIRO FERREIRA. 1 vol. in-8. . . . . 1 $ 000

PRELECÇÕES DE ECONOMIA POLITICA, pelo Dr. PEDRO AUTRAN DA MATTA ALBUQUERQUE, lente da faculdade de direito do Recife, 2ª edição melhorada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e elegantemente encadernado em Paris. . 6 $ 000

« Facilitar o conhecimento da sciencia economica aos que o desejarem ter, e mórmente aos alumnos das faculdades de direito do Recife e de S. Paulo, que são obrigados a estudar este ramo da sciencia social, foi o que moveo-me a compôr e publicar estas prelecções. Compendiar o que

se tem escripto sobre a sciencia, ligar os pensamentos e exprimi-los com clareza e precisão, não é tão facil como talvez pareça a muitos que se não derão a este trabalho. Não é tambem plagio, porque o resumo das doutrinas dos outros, a ordem e ligação das ideias, a clareza e propriedade dos termos, e a construcção regular da phrase, são do compendiador. Nisto esmerei-me, a fim de dar a estas prelecções um *feitio* meu que lhes desse alguma apparencia de novidade. »

(*Do prefacio do autor.*)

RAMALHO (Dr. Joaquim Ignacio). **Elementos do processo criminal** para uso das faculdades de direito do imperio. 1 vol. in-4 brochado. . . . . . 4 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000

— **Pratica civil e commercial.** 1 nitido vol. in-4 brochado. . . . . 10 $ 000
Encadernado. . . . . 11 $ 000

Esta obra já é bastante recommendavel pelo nome bem conhecido de seu autor sem precisar de outro commentario. Diremos sómente que vem preencher uma grande lacuna na litteratura forense brasileira, pois que não havia para os estudantes um livro que de uma maneira clara e concisa determinasse os principios da competencia segundo a natureza de cada causa; prescrevesse o modo de instaurar o processo e a maneira de defender-se; expozesse as leis da discussão, as regras da prova; determinasse como se dão as sentenças, se reformão e se executão.

Diz o autor no seu prefacio :

« As alterações por que tem passado a legislação civil e commercial depois de nossa emancipação politica, mórmente quanto á organisação judiciaria, já requerem um trabalho methodico e systematico, onde os principiantes encontrem facilmente quaes as innovações do direito e das formas de que elle se reveste, dispensando-os do arduo trabalho de estudar, sem um guia, os escriptores de nosso fôro, que escrevêrão debaixo da influencia de uma legislação em parte abrogada por leis modernas.

« Foi pois nosso fim facilitar á mocidade estudiosa os meios de se habilitar para um dia servir melhor ao paiz. »

REGULAMENTO PARA A CASA DE DEPOSITO DOS CADAVERES que fôrem achados, approvado pelo aviso da secretaria da justiça de 4 de janeiro de 1854. 1 vol. brochado 200

REGULAMENTO PARA A COMPANHIA DE PEDESTRES DO MUNICIPIO DA CÔRTE, approvado por aviso de 15 de novembro de 1853, 1 vol. brochado. 200

SYSTEMA FINANCIAL DO BRASIL, por Candido Baptista de Oliveira. 1 vol. brochado. . . . . 3 $ 000

SYSTEMA METRICO DECIMAL considerado nas suas applicações, por Pedro d'Alcantara Lisboa. 1 vol. brochado.. . . . . 4 $ 000

THEORIA DO DIREITO PENAL applicada ao codigo penal portuguez comparado com o codigo do Brasil, leis patrias, codigos e leis criminaes dos povos antigos e modernos, offerecida a S. M. I. o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, por F. A. F. da Silva Ferrão, 8 vol. in-4 brochados. . . . . 20 $ 000
Encadernados. . . . . 28 $ 000

TRATADO PRATICO DOS BANCOS, por James William Gilbart, traduzido

pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro, 3 vol. in-4 impressos e encadernados em París. . . . . 16 $ 000

Tanto alcance tem nas modernas sociedades a organisação e theoria dos bancos, que pensamos que nem uma pessoa póde ser estranha a ellas. Acabando-se felizmente o tempo em que guardados erão os peculios em chapeados cofres, e depositando hoje todas as classes da população as suas economias nesses estabelecimentos, fóra é de duvida que legitima seja a curiosidade que a todos instiga de estudar os principios pelos quaes são elles regulados. Se este conhecimento é em todos mui honravel e necessario, torna-se um dever de consciencia para os que por alguma forma tem a gerencia da fortuna publica, os quaes não podem ignorar as regras por onde se dirigem as operações de credito, nem desconhecer a historia das causas e consequencias das crises commerciaes. Conscio d'estas verdades, e por outro lado sabendo de quão pouco vulgarisada seja entre nós a lingua ingleza o Sr. Dr. L. J. d'Oliveira e Castro, apressou-se em verter para a portugueza a melhor obra que sobre tal objecto existe em Inglaterra, quiçá em toda a Europa e America, cuja apparição não pouco contribuio para rectificar certos equivocos em que laboravão alguns dos nossos economistas e financeiros, contribuindo para que sob melhor aspecto se encarasse a questão bancaria, ainda ha pouco tão agitada, a qual em nada tem perdido d'interesse e gravidade.

MEDICINA, HOMŒOPATHIA

MAGNETISMO

AGENDA MEDICAL, ou Memorial do medico pratico, que contêm : 1° O emprego e dose dos medicamentos energicos e perigosos; 2° Os medicamentos novos e recem-descobertos, as suas propriedades, seu emprego, suas doses; 3° Algumas formulas officinaes e magistraes; 4° A tabella dos venenos e contra-venenos; 5° Conselhos medicos para uso de todos; 6° Indicação dos medicamentos assignalados no Agenda; 7° As molestias em que são empregados; pelo Dr. Chomet. 1 bonito vol. em forma de carteira, elegantemente encadernado. . . . . 2 $ 000

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CHOLERA-MORBUS, pelo Dr. M. C. Pereira de Sá. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

GUIA THEORICA E PRATICA DAS MOLESTIAS VENEREAS, pelo Dr. Chomet. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . 3 $ 000

Esta obra é o fructo de muitos annos de pratica e de experiencia. Com ella qualquer pessoa póde se curar a si mesma sem o auxilio do medico.

HISTORIA E DESCRIPÇÃO da febre amarella epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850, por José Pereira Rego. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

INSTRUCÇÕES CONTRA A CHOLERA EPIDEMICA, ou conselhos sobre as medidas geraes que se devem tomar para preveni-la, seguidos do modo de trata-la desde sua invasão, pelo Dr. A. J. Peixoto. 1 vol. brochado. . . . 1 $ 000

MAGNETISMO E MAGNETOTHERAPIA, ou a arte de curar pelo magnetismo segundo a escola moderna, por perguntas e respostas, pelo conde Francisco de Szapary, magnetisador e magnetopatha; traduzido do francez por J. H. T. C. de Miranda, magnetisador e magnetopatha. 1 vol. in-4 encadernado.. . 4 $ 000

MANUAL HOMŒOPATHICO, 3ª edição correcta e augmentada com um pequeno trabalho das molestias da pelle, e com a nova materia medica homœopathica; obra util aos medicos, boticarios, curas, pais de familia, chefes de estabelecimentos, fazendeiros, e a todos os praticos conscienciosos e esclarecidos, pelo Dr. Emilio Germon. 1 vol. in-4 brochado.. . . . . 3 $ 000
Encadernado. . . . . 4 $ 000

MEMORIA ÁCERCA DA LIGADURA da arteria aorta abdominal, precedida de algumas considerações geraes sobre a operação do aneurisma, e seguida de uma estampa lithographada que representa um novo porta-fio e sua posição durante a operação, pelo Dr. Candido Borges Monteiro. 1 vol. brochado. . . . 1 $ 000

† **MESMER. APHORISMOS SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL**, contendo a arte de magnetisar ensinada em 17 capitulos. 1 vol. in-4 brochado. . . 2 $ 000
Encadernado.. . . . . 2 $ 500

PECCADOS DOS ALLOPATHAS e sua cegueira, ou falso systema que elles seguem ha tantos seculos. 1 vol. brochado. 32

POESIAS, LITTERATURA

ASSUMPÇÃO (A), poema composto em honra da Santa Virgem, por Fr. Francisco de S. Carlos; nova edição precedida da biographia do autor e d'um juizo critico sobre a obra pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. in-8 encad. 3 $ 000

Cada vez mais raro tornando-se o mui celebre poema de Fr. Francisco de S. Carlos, entendêmos que prestariamos verdadeiro serviço ao publico se dessemos d'elle nova edição. Desejando porém que expurgada d'erros sahisse ella, e ao mesmo tempo fosse enriquecida d'algum trabalho previo congruente ao merito do autor e da sua obra, dirigimo-nos ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, que obsequiosamente prestou-se ao nosso anhelo, corrigindo o exemplar que lhe démos, e escrevendo, para serem collocados em frente da nova edição, um bellissimo estudo biographico sobre o seraphico poeta, assim como uma judiciosa e imparcial apreciação do poema. Assim melhorada, pensamos que mais digna do favor publico se tornará a obra,

CINZAS D'UM LIVRO, fragmentos d'um livro inedito, por BRUNO SEABRA. 1 vol. in-8. 500

DÔRES E FLORES, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. 1 vol. in-4, br. 2 $ 000
encadernado. . . . . 3 $ 000

FLORES E FRUCTOS, poesias de BRUNO SEABRA . . . . 2 $ 000

Esta linda e variada collecção de poesias confirmou plenamente o lisongeiro juizo que o publico já formava do talento poetico de Bruno Seabra. « Uma prova irresistivel do merecimento d'este volume de poesias (palavras de um juiz a toda a prova competente) é que ainda não houve quem encetasse a leitura d'elle e que a deixasse em meio. »

Todos tem lido as manifestações de apreço com que foi recebido o livro do joven e distincto Paraense; pois bem, junte o publico a essas manifestações a seguinte novidade : que no Rio de Janeiro, onde os livros geralmente envelhecem nas livrarias, tem tido as poesias de Bruno Seabra um grande successo.

FLORES ENTRE ESPINHOS. Contos poeticos por J. NORBERTO DE S. S. 1 vol. in-8. . . . .

FLORES SYLVESTRES, poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 vol. in-8 brochado 2 $ 000, encadernado.. . . . . 2 $ 500

Um dos mais aproveitados e esperançosos discipulos da nova escola brasilica, um dos que melhor sabe extrahir do alarido romantico melodiosos sons, um dos mais estrenuos campeões da nacionalidade da litteratura brasilica, é por certo o Sr. Dr. Bittencourt Sampaio. Seu livro, a que appellidou de *Flores Sylvestres*, é o primeiro tentame d'um grande poeta, a primeira estrophe d'um immortal hymno, o primeiro sorrir do mancebo que já vê radiar-lhe sobre a nobre fronte a aureola da gloria. Isto dizendo, não fazemos senão repetir o que o Brasil inteiro proclamou pela voz dos seus mais legitimos orgãos na imprensa, e que está na consciencia de todos os que lerão e admirárão este bello livro.

FOLHAS CAHIDAS apanhadas na lama, por um antigo juiz das almas de Campanhan, e socio actual da assembleia portuense com exercicio no Palheiro. 1 vol. brochado. 500

GONZAGA, poema por ***, com uma introducção por J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8. . . . . 3 $ 000

HARMONIAS BRASILEIRAS, cantos nacionaes, colligidos e publicados por ANTONIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES. 1 vol. in-4, br. 3 $ 000, encad.. 4 $ 000

LIVRO (O) DE MEUS AMORES, poesias eroticas de J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 vol. in-4, broc.. . . . .
Encadernado.. . . . .

Esta lindissima collecção de poesias, em que o Sr. Norberto inspira-se da musa d'Anacreonte e de Salomão, é dedicada a sua virtuosa esposa, bastando só esta circumstancia para tranquillisar os que se assustassem com a denominação d'*eroticas* que lhes dera. Nem um quadro ahi se encontra d'esse amor physico, d'esse instincto imperioso que confunde o homem com o bruto, nem uma pintura licenciosa, nem uma expressão menos casta. O illustre poeta pinta mais vezes a formosa alma da sua *Armia* do que a sua beldade corporea, e unge o seu amor com o balsamo da religião e da virtude. É este um excellente livro, cuja leitura afoutamente recommendamos.

MAGALHÃES (DR. J. G. DE). **Factos do espirito humano**, philosophia. 1 vol. in-4.. . . . . 6 $ 000

Não é só como poeta que se distingue o illustre diplomata, que longe da patria consagra-lhe

com tanta gloria os seus lazeres; tambem como philosopho cabe-lhe merecida reputação, e se d'isso alguem podesse duvidar, vi-lo-hia convencer a bella obra que ora annunciamos, á qual fez justiça á culta Europa, sendo logo vertida na mais diffundida de todas as linguas. Assaz louvavel foi o pensamento do Sr. Dr. Magalhães quando pretendeo fazer chegar ao alcance do homem estudioso, mas pouco versado em estranhos idiomas, a creme das doutrinas philosophicas antigas e modernas, estabelecendo a respeito uma esclarecida critica, e submettendo-as todas (á guisa da escola escoceza) ao crisol do bom senso. É este um livro verdadeiramente popular, apezar de escripto numa linguagem pomposa, senão poetica, e cuja acquisição deve ser feita por todos os pais de familias que desejarem fornecer a seus filhos e filhas uma leitura util e substancial.

— **Suspiros poeticos e Saudades**, segunda edição correcta e augmentada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em Paris. . . . 5 $ 000

O illustre reformador da poesia brasileira tem demonstrado que sabe fructuosamente empregar seus lazeres diplomaticos, já compondo novas obras, já aperfeiçoando as anteriormente publicadas. Neste caso achão-se os *Suspiros poeticos e Saudades*, que vírão pela primeira vez a luz em 1836, e que tão salutar influencia exercêrão sobre a nossa litteratura brasileira. Conheceo mais tarde o Sr. Magalhães que alguns retoques se poderião fazer nesta obra de sua juventude, e que mais bem acabados poderião ser certos trechos que pela impaciencia propria dos mancebos não tinha podido polir. Além d'estes melhoramentos (por si bem recommendaveis), introduzio outros de menor saliencia, addicionando outrosim ao seu primitivo trabalho algumas composições mais serodias, e que dignas se fazião d'ahi figurar. Inutil sendo recommendar este livro, que todos os Brasileiros conhecem e estimão, limitamo-nos a noticiar-lhes o apparecimento d'esta nova edição.

MARILIA DE DIRCEU, por Thomas Antonio Gonzaga, nova edição dada pelo Sr. J. Norberto de Souza Silva. 2 vol. in-8, com estampas.

Não ha talvez no Brasil livro mais popular do que o de Marilia de Dirceu; todos conhecem essas famosas lyras, e raras são as pessoas que de cór não saibão algumas. Infelizmente porém introduzírão algumas notaveis alterações no texto primitivo, passando como legitimas producções do engenho de Gonzaga espurias e indignas imitações, ou antes parodias. Quiz fazer cessar este sacrilegio o infatigavel litterato o Sr. J. Norberto, acuradamente colleccionando o que de genuino lhe parecia, enriquecendo a nova edição de notas e esclarecimentos, e fazendo-a preceder d'um minucioso estudo sobre Gonzaga, confeccionado em presença d'authenticos documentos. E para que mais completo fosse o seu trabalho, addicionou-lhe a lyria de Marilia a Dirceu, que compozera em resposta, attribuindo-a a D. Maria Dorothea de Seixas. Esta singela exposição basta para provar a excellencia e superioridade d'esta nova edição.

† **MEANDRO POETICO**, coordenado e enriquecido com esboços biographicos e numerosas notas historicas, mythologicas e geographicas, pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. 1 vol. . . . . 2 $ 000

Exhausta achando-se a edição das *Poesias selectas* do padre A. P. de Souza Caldas, adoptadas no Imperial Collegio de Pedro II, convidámos o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro para incumbir-se d'algum trabalho nesse genero. Em breve apresentou-nos S^a^. S^a^. o manuscripto cujo titulo acima exáramos, que, a nosso ver, melhor satisfaz os fins a que se destinárão as *Poesias selectas* de Caldas; porquanto, abrangendo o que de melhor existe na poesia brasileira, e dando assim maior variedade d'estylos e de metros, tem de mais a mais a vantagem de ser adaptada ao ensino da juventude pela excellente escolha dos assumptos, essencialmente moraes e patrioticos, e pelos esclarecimentos e notas biographicas, historicas, mythologicas e geographicas com que a illustrou, constituindo-o d'esta arte o melhor livro que nesta especialidade existe na lingua portugueza.

NOVAES (Faustino Xavier de). Poesias, segunda edição. 1 vol. in-4 encadernado.

— **Novas Poesias** acompanhadas de um juizo critico de Camillo Castello-Branco, 1 vol. in-4 encadernado.

A satyra espirituosa, benefica e inoffensiva do eximio Nicoláo Tolentino achou um digno successor na pessoa de Faustino Xavier de Novaes, vantajosamente conhecido pelo sal attico com

que sabe adubar todas as suas producções. Seus versos, cheios de graça e naturalidade, são a mais completa physiologia da sociedade, com todos os seus vicios, paixões e ridiculos, a mais perfeita escola de costumes, a mais fina e delicada lição que á juventude se possa offerecer para subtrahir-se aos escolhos submarinos que o oceano do mundo occulta. Com vigor são traçados alguns typos, com sombrias côres debuxados alguns paineis, e com a nemeses da indignação profligados vicios infelizmente hoje mui communs; nada ha porém de pessoal e directo, nada que pelos mais castos ouvidos deva deixar de ser ouvido. Esperamos com segurança que o juizo dos leitores seja consentaneo ao nosso.

OBRAS DO BACHAREL M. A. ALVARES DE AZEVEDO, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. Jacy Monteiro, terceira edição correcta e augmentada com as **Obras ineditas**, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor, 3 vol. in-8 primorosamente impressos e encadernados em Paris. . . . . 9 $ 000

É um dos mais populares nomes da litteratura brasileira o de M. A. Alvares de Azevedo. Dotado de uma ardente imaginação, empregava as mais ousadas imagens, e possuidor de um cabedal de conhecimentos muito além do que em tão verdes annos se poderia esperar, fundia-os no molde da sua poderosa individualidade. Bem caberia a Alvares de Azevedo o epitheto de *menino terrivel*, dado por Chateaubriand a Victor Hugo: era um gigante, cujos primeiros passos approximavão-o á meta. As obras de Alvares de Azevedo, tão bem aceitas no Brasil, não o forão menos em Portugal, como se póde ver nas *Memorias de litteratura contemporanea*, do illustre litterato Lopes de Mendonça.

Esgotadas se achando as duas primeiras edições, que mal poderão satisfazer a avidez do publico, pensamos prestar um serviço ao paiz dando novamente á estampa essas tão almejadas poesias. E é esta 3ª edição, além de correcta, de um preço mui diminuto e ao alcance de todos.

OBRAS POETICAS DE MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhada de documentos historicos, por J. Norberto de Souza Silva. 2 vol. in-8. . .

†**O OUTONO.** Collecção de poesias de Antonio Feliciano de Castilho. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 3 $ 000
Encadernado. . . . . 4 $ 000

PEREGRINAÇÃO PELA PROVINCIA DE S. PAULO — 1860-1861, — por Augusto Emilio Zaluar. 1 vol. in-4. . . . . 7 $ 000

POESIAS SELECTAS DOS AUTORES MAIS ILLUSTRADOS ANTIGOS E MODERNOS. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 2 $ 500

Esta obra recommenda-se aos pais de familia e directores de collegios pela boa escolha das poesias que a compõem; até hoje sentia-se a falta de uma boa obra neste genero, que preenchesse o fim desejado; podemos asseverar que a mãi a mais extremosa póde dar este livro a sua filha sem temer pela sua innocencia; os homens encarregados da educação da mocidade podem ter a certeza de encontrar nesta collecção as poesias mais proprias para formar o coração, ornar o espirito e apurar o gosto dos seus discipulos.

REVELAÇÕES. Poesias de Augusto Emilio Zaluar. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que tem apparecido entre nós. O preço de cada exemplar encadernado é. . . . . 5 $ 000

O nome do Sr. A. E. Zaluar é de ha muito tempo considerado como um dos mais sympathicos e conhecidos da nossa moderna litteratura.

Ha no emtanto muito tempo que os seus admiradores esperavão com anxiedade ver reunida em um tomo a preciosa collecção de seus versos escriptos depois do volume que publicou em 1851 com o titulo de DÔRES E FLORES.

Este desejo acaba de realisar o editor das REVELAÇÕES.

A obra que annunciamos, tendo apenas chegado da Europa, foi saudada unanime e lisongeiramente por toda a imprensa fluminense. E' esta uma das provas mais inequivocas do seu merecimento.

As REVELAÇÕES é um volume de escolhidas composições poeticas, dividido em quatro partes — O *Lar*, *Ephemeras*, *Musa Fraternal* e *Harpa Americana*. E' difficil escolher em tão rico e variado jardim quaes são as flores mais perfumadas e bellas.

ROMANCEIRO (O), por A. GARRETT. 3 vol. in-8 encadernados. . . . 9 $ 000

POESIAS TERNAS E AMOROSAS. 1 vol. in-8 brochado. 640

SOMBRAS E SONHOS, poesias de JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 4 $ 000

URANIA, canticos, 1 vol. nitidamente impresso e encadernado. . . 5 $ 000

URANIA. Collecção de cem poesias ineditas, por D. J. G. DE MAGALHÃES. 1 vol. in-8, nitidamente impresso sob a vista do autor e elegantemente encadernado . . . . 4 $ 000

ROMANCES, NOVELLAS, ETC.

A MORTE MORAL. Novella dividida em quatro partes : 1ª Cesar; 3ª Antonieta; 3ª Hannibal; 4ª Almerinda; Epilogo. Um livro preto, por A. D. DE PASCUAL. 1 vol. br. . . . . 8 $ 000
Encadernado. . . . . 12 $ 000

ANECDOTAS E HISTORIETAS, ou escolha de 650 tiradas de varios autores, que até ao presente muitas não sahirão á luz. 1 vol. brochado. 500

A QUANTO SE EXPÕE QUEM AMA, novella que em todo o seu contexto não admitte a lettra A, composta por JOSÉ JOAQUIM BORDALO. 1 vol. brochado. 320

ARMINDA E THEOTONIO, ou a consorte fiel, historia portugueza verdadeira. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

ARTE DE AMAR, dedicada ás damas. 1 vol. brochado. 200

BARBEIRO (O) GASCÃO e o toureador castelhano, facto historico, 1 volume brochado. 200

BRAVO (O), romance de Fenimore Cooper. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

CAMILLA, ou o subterraneo. 1 vol. brochado. 300

CARTAS DE ECHO E NARCISO, por ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 volume brochado. 500

CASTELLO-BRANCO (Camillo). Anathema, romance. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 2 $ 500

— **A filha do arcediago.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 2 $ 500

D. NARCISA DE VILLAR, legenda do tempo colonial, pela indigena do Ypiranga. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

DOTE (O) DE SUZANINHA, ou o poder de si-mesmo, por J. FIÉVÉE. 1 volume brochado. 500

DOUS (Os) MATRIMONIOS mallogrados, ou as duas victimas do crime, romance historico tirado da viagem do Cusco ao Pará, pelo Dr. JOSÉ MANOEL VALDEZ, da qual é um episodio. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

DRAMA NAS MONTANHAS (Um), por X. DE MONTÉPIN. 1 vol. in-8. 1 $ 000

DUMAS (Alex.). Aventuras de Lyderico. 1 vol. brochado. 500

— **A Casa Phenicia,** ou Memorias de um edificio. 1 vol. brochado. . . . 500

— **Os Estudantes.** 1 vol. brochado. 500

— **Historia de um morto.** 1 vol. brochado. 500

DUMAS (Alex., filho). Sophia Printemps. 2 vol. brochados. . . . 2 $ 000

Encadernados. . . . . 3 $ 000

ELISA, ou a virtuosa Castro, romance original portuguez. 1 vol. brochado. . . 500

FORÇA (A) de uma paixão, historia verdadeira de dous amantes, succedida em Lisboa. 1 vol. brochado. 300

GALATEA, egloga. 1 vol. brochado. 500

HISTORIA da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, traduzida do castelhano em portuguez por CARLOS FERREIRA LISBONENSE. 1 vol. brochado. 500

HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA, mulher do imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o imperador mandou matar a esta senhora por um testemunho que lhe levantou o irmão de Lodonio, como escapou da morte e dos muitos trabalhos e fortunas que passou, como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que de primeiro. 1 volume brochado. 300

HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO, traduzida do francez. 1 vol. brochado. 400

HISTORIA DE NAPOLEÃO, traduzida em portuguez sobre a 21ª edição de París. 1 vol. brochado. 400

INFORTUNIOS (Os) e os amores de Luiz de Camões. 1 vol. brochado. . . 400

ISABEL, ou os desterrados de Siberia, por Mme Cottin. 1 vol. encad. . 1 $ 600

KOCK (Paulo de). Carotin. 1 vol. in-8 brochado. . . . . 3 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000

— **Um Galucho.** 4 vol. in-8 brochados. . . . . 4 $ 000
Encadernados. . . . . 6 $ 000

LISARDA, ou a dama infeliz, novella portugueza, por Eliano Aonio. 1 volume brochado. 320

LIVRO (O) DAS PENSIONISTAS, ou escolha de historietas traduzidas do francez por meninas estudiosas, offerecidas a suas camaradinhas. 1 vol. brochado. 320

LIVRO DO INFANTE D. PEDRO de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por Gomes de Santo Estevão, um dos doze que forão em sua companhia. 1 vol. brochado. 500

MARQUEZ (O) de Pombal, por Clémence Robert. 1 vol. in-8 br. . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 500

MARTHA, romance, por Max Valrey. 3 vol. brochados. . . . . . 3 $ 000
Encadernados. . . . . 4 $ 500

METUSKO, ou os Polacos, por Pigault-Lebrun. 1 vol. in-4 brochado. . 1 $ 000

NOVAS CARTAS AMOROSAS, por uma apaixonada, edição mui augmentada. 1 vol. brochado. 200

† **O GUARANY.** Romance brasileiro por J. de Alencar. 2ª edição correcta. 2 vol. in-4 nitidamente impressos e encadernados. . . . . 10 $ 000

OITO DIAS NO CASTELLO. Romance por F. SOULIÉ. 1 grosso vol. in-4 brochado. . . . . 3 $ 000
Encadernado. . . . . 4 $ 000

OURIKA, ou historia de uma negra, historia verdadeira. 1 vol. brochado. . 320

PERIGO (O) DAS PAIXÕES, conto muito moral, seguido de uma analyse sobre as paixões. 1 vol. brochado. 300

RAPHAEL E A FORNARINA, linda novella, por MÉRY. 1 vol. in-4 brochado. 800
Encadernado. . . . . 1 $ 500

ROLDÃO AMOROSO, ou aventuras d'este famoso paladino. 2 vol. in-12 encadernados.. . . . . 3 $ 200

ROMANCES E NOVELLAS, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 vol. in-4 brochado. . . . .
Encadernado. . . . . [illegible]

O romance, disse Lamartine, é a poesia do povo; é por seu intermedio que póde-se diffundir pelas classes menos esclarecidas os grandes principios de religião, moral e amor da patria. É o vaso figurado por Tasso, cujas bordas são untadas de mel, é a realisação do preceito do velho Horacio quando mandava juntar o util ao doce. Entre os cultores d'este genero de composição cabe distincto lugar ao Sr. J. Norberto de Souza e Silva, que no volume supra-indicado escolhe assumptos brasileiros, derrama a instrucção religiosa e moral, e moldura seus quadros com descripções e pinturas tiradas da nossa natureza e inspiradas pelo nosso céo. Não prejudicão o erudito os arabescos da imaginação; assigna a cada cousa a sua parte, e, procurando deleitar, instrue.

SIMPLICIDADES DE BERTOLDINHO, filho do sublime e astuto Bertoldo, e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãi. 1 vol. brochado. 400

SUE (Eugenio). A Inveja. 1 vol. in-folio brochado. . . . . 4 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000

— **A Ira.** 1 vol. in-folio brochado. . . . . 2 $ 000
Encadernado. . . . . 3 $ 000

— **A Salamandra**, romance-maritimo. 3 vol. in-8 brochados. . . . . 3 $ 000
Encadernados. . . . . 5 $ 000

— **A Soberba.** 1 vol. in-folio brochado. . . . . 6 $ 000
Encadernado. . . . . [illegible]

TESTAMENTO que fez Manoel Braz, mestre sapateiro, morador em Malhorca, estando em seu perfeito juizo, approvado pelos senhores deputados da casa dos vinte e quatro, registrado pela casa do café da rua Nova, e visto por todos os curiosos. 1 vol. brochado. . . . . [illegible] 200

TRIPEIROS (Os), romance chronica do seculo XIV, por A. C. LOUSADA. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 600

ULTIMA (A) HORA d'uma sepultada. 1 vol. brochado. 320

ULTIMA MARQUEZA (A), par E. de Mirecourt. 1 vol. in-4 br. . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 600

VIDA E ACÇÕES do celebre Cosme Manhoso, com os logros em que cahio por causa da sua ambição, seus trabalhos e suas miserias. 1 vol. brochado. . 320

PEÇAS DE THEATRO

BRUTO, tragedia de Voltaire. 1 vol. brochado. 640

CASAL (O) DAS GIESTAS, drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo, por Frédéric Soulié, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. br. . 1 $ 000

CASTANHEIRA (A) ou a Brites papagaia, entremez. 1 vol. brochado. . . 320

CAVALLEIRO (O) DA CASA VERMELHA, episodio do tempo dos Girondinos, drama em 5 actos e 12 quadros, por A. Dumas e A. Maquet, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

CHICARA (Uma) DE CHÁ, comedia em 1 acto, livremente traduzida do francez por A. P. dos Santos Leal. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

CLARA HARLOWE, drama em 3 actos, entremeiado de canto, por Dumanoir, Clairville e Guillard, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. 1 $ 000

DOUS (Os) SERRALHEIROS, drama em 5 actos, por Félix Pyat, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. . . . . 1 $ 000

ENGAJAMENTO (O) na cidade do Porto, comedia em 1 acto. 500

ESTALAGEM (A) da Virgem, drama em 5 actos, por H. Hostein e Tavenet, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

FECHAMENTO (O) DAS PORTAS, farça dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro. 1 vol. brochado.. 500

GASPAR HAUSER, drama em 4 actos, por Anicet Bourgeois e d'Ennery, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

HEROISMO BRASILEIRO (O), ou o naufragio da corveta **D. Isabel**, drama maritimo em 3 actos, composto por D. José Joaquim Francioni, offerecido e dedicado aos Srs. officiaes da Marinha e Exercito do Brasil no anno de 1861. 1 vol. brochado. . . . . 2 $ 000

INGLEZES (Os) no Brasil, comedia em 2 actos, por D. José Lopes de la Vega. 1 vol. brochado. 500

MADEMOISELLE DE BELLE-ISLE, drama em 5 actos, por Alex. Dumas, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

MARIA DE CASTAGLI, ou o rancor de vinte annos, drama em 3 actos, composição original do Dr. José Manuel Valdez e Palacios. 1 vol. brochado. 1 $ 000

MARIDO (O) APOQUENTADO, comedia em 1 acto. 1 vol. 500

ORPHÃOS (Os) da ponte de Nossa Senhora, drama em 5 actos e 8 quadros, por Anicet Bourgeois e Masson, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. br. 1 $ 000

PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, por A. M. de Souza. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 1 $ 000

PHENOMENO (O), ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. 500

POR CAUSA DE MEIA PATACA, comedia em 1 acto, por José Alarico Ribeiro de Rezende. 1 vol. brochado. 500

QUEM PORFIA MATA CAÇA, comedia, por L. C. M. Penna. 1 vol. brochado. 600

SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos, por Laurencin, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. 1 $ 000

THEATRO DO DR. J. M. DE MACEDO. 3 vol. in-8 nitidamente impressos e encadernados. . . . . 9 $ 000

Vol. 1° : Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.—Vol. 2 : A torre em concurso, O Cego, Cobé, Abrahão. — Vol. 3 : Lusbela, Fantasma Branco, Novo Othello.

O 1° volume vende-se separadamente brochado. . . . . 2 $ 000

AS SEGUINTES PEÇAS TAMBEM VENDEM-SE SEPARADAMENTE :

A torre em concurso. . . . . 1 $ 500
Lusbela. . . . . 1 $ 500
Fantasma Branco. . . . . 1 $ 500
Novo Othello. 500

† **TIRADENTES** ou **AMOR E ODIO,** drama historico em 3 actos, origiual brasileiro, por José Ricardo Pires de Almeida. . . . . 1 $ 500

***VESTIDOS** (**Os**) **BRANCOS**, drama em 2 actos, ornado de canto, por L. Gozlan, traduzido por A. M. Leal. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

29, OU HONRA E GLORIA, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros, offerecida e dedicada a S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V, por José Romano. 1 vol. in-8 brochado. . . . . 1 $ 000

OBRAS DIVERSAS

AMAZONAS (**O**) e as costas atlanticas da America Meridional, pelo tenente F. Maury. 1 vol. brochado. 1 $ 000

† **ARTE DO ALFAIATE** (**A**), tratado completo do corte do vestuario, por Th. Compaing, director do *Jornal dos Alfaiates.* 1 vol. in-folio brochado. . 2 $ 000
Encadernado. . . . . 3 $ 000

ARTE DA COZINHA, dividida em 4 partes : 1° Modo de cozinhar varios guisados de todo o genero de carne, conservas, tortas, empadas e pasteis; 2° dos peixes, mariscos, frutas, hervas, ovos, lacticinios, doces, conservas do mesmo genero; 3° do pudim e das massas; 4° preparação das mesas para todo o anno, e para hospedar principes, embaixadores e qualquer pessoa; obra util e necessaria a todos os que regem e governão casa, corveta, etc. 1 vol. . . . . . 1 $ 000

ARTE DE GANHAR DINHEIRO, por Philogelus. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

CONFERENCIAS sobre a pluralidade dos mundos, por Fontenelle. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 600

† **CONTOS DE SCHMID.** Collecção de cem contos proprios para as crianças lerem. 1 vol.. . . . . 1 $ 000

DICCIONARIO DAS FLORES, folhas, frutas, hervas e objectos mais usuaes, com suas significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 vol. brochado. 320

DICCIONARIO MUSICAL, contendo: 1º Todos os vocabulos e phrases da escripturação musical; 2º Todos os termos technicos da musica desde a sua maior antiguidade; 3º Uma taboa com todas as abreviaturas usadas na escripturação musical, suas palavras correspondentes; 4º A etymologia dos termos menos vulgares e os synonymos em geral; por Raphael Coelho Machado, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4 brochado. . . . . 4 $ 000
Encadernado. . . . . 5 $ 000

ELOGIO ACADEMICO da Sra. D. Maria Iª, recitado por José Bonifacio de Andrada e Silva em sessão publica da Academia real des Sciencias de Lisboa aos 20 de março de 1817. 1 vol. in-8 encadernado. . . . . 1 $ 500

ELOGIO DO IMPERADOR MARCO AURELIO, por Thomas, da Academia Franceza. 1 vol. in-8, brochado. 500

FEDERAÇÃO IBERICA, ou ideias geraes sobre o que convem ao futuro da Peninsula, por um Portuguez. 1 vol. brochado. 500

ILLUSÃO, experiencia e desengano, maximas e pensamentos de um velho da terra de Santa Cruz. 1 vol. in-4, brochado. . . . . 1 $ 000

NOVA EXPLICAÇÃO dos sonhos e visões, traduzida sobre algumas obras francezas e italianas, arranjada por ordem alphabetica. 1 vol. brochado. 200

MAÇONARIA (Obras de). Regulador Maçonico do rito moderno, contendo os rituaes segundo o regimen do G... O... de França, bem como formalidades e disposições diversas concernentes á ordem. 1 vol. in-4 brochado. . . 4 $ 000

— **Collecção preciosa** da Maçonaria adonhiramita, contendo as instrucções, os treze gráos do rito, o caderno secreto e o resumo da historia. 1 vol. in-8 brochado. . . . . 4 $ 000

— **O orador maçon brasileiro**, ou collecção de alguns dos discursos pronunciados nas solemnidades da ordem. 1 vol. in-4 brochado. . . . . . . 1 $ 000

— **Collecção dos catechismos maçonicos**: Catechismo do companheiro maçon; catechismo do aprendiz maçon; cada um. 500

— **Ritual funebre maçonico**, adoptado para os enterros e exequias dos maçons brasileiros. 1 vol. brochado. 400

— **A Maçonaria antiga de adopção**, recopilada por um cavalleiro de todas as ordens maçonicas. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

— **EXPOSIÇÃO da historia da maçonaria no Brasil**, particularmente na provincia do Rio de Janeiro, em relação com á independencia e integridade do imperio, por Manoel Joaquim de Menezes. 1 vol. brochado. . . . . . 1 $ 000

MANIFESTO DO G.·. O.·. B.·. a todos os GG.·. OO.·. GG.·. LL.·. LL.·. RR.·. e MM.·. de todo o mundo. 1 vol. in-8 brochado. 320

MANUAL DO PAROCHO, pelo conego doutor J. C. FERNANDES PINHEIRO. 1 vol. . . . . 2 $ 000

Esta importante obra contêm as materias seguintes : Da origem dos parochos, e de sua instituição e inamovibilidade. — Da erecção, divisão e suppressão das parochias. — Do provimento das parochias. — Dos coadjutores dos parochos. — Do direito de baptisar, de confessar, d'administrar a Eucharistia, e os sacramentos do Matrimonio e da Extrema Unção. — Dos direitos funerarios. — Das funcções parochiaes. — Da obrigação da residencia. — Da celebração da missa *pro populo*. — Da obrigação de prégar, etc. — Dos direitos e deveres civis dos parochos.

PEQUENO PANORAMA, ou Descripção dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro, por MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vol. . . . . 4 $ 000

RETRATO de S. M. o imperador Napoleão III. 500
- **de S. M. a imperatriz Eugenia.** 500
- **de S. M. a rainha Estephania.** 500
- **de Camões.** 500
- **do conde de Cavour.** 500
- **de Garibaldi.** 500
- **de Béranger.** 500
- **de De Lamartine.** 500
- **de Chateaubriand.** 500
- **de frei Francisco de Mont'Alverne.** 500
- **de frei Francisco de S. Carlos.** 500
- **de Antonio Carlos de Andrade.** 500
- **de Humboldt.** 500
- **do barão de Ayuruoca.** 500
- **de Maria Antonieta.** 500
- **de Mme de Sévigné.** 500
- **de Maria Stuart.** 500

OBRAS NO PRÉLO

DIREITO CIVIL ECCLESIASTICO BRASILEIRO, antigo e moderno, em suas relações com o direito canonico e legislação actual, ou collecção completa chronologicamente disposta desde a primeira dynastia portugueza até o presente comprehendendo, além do sacrosanto Concilio de Trento, Concordatas, Bullas, Breves, Leis, Alvarás e Decretos, Provisões, Assentos e Decisões, tanto do Governo como da antiga Mesa da Consciencia e Ordens, e da Relação Metropolitana do Imperio, relativas ao direito publico da Igreja, á sua jurisdicção e disciplina, á administração temporal das Cathedraes e Parochias, ás Corporações religiosas, aos Seminarios, Confrarias, Cabidos, Missões, etc., etc.; a que se addicionão notas historicas e explicativas indicando a legislação actualmente em vigor, e que hoje constitue a jurisprudencia civil ecclesiastica do Brasil, por CANDIDO MENDES DE ALMEIDA. 2 vol. in-4 encadernados.

A simples lectura do titulo d'esta obra demonstra logo a sua utilidade, e a falta que já se fazia sentir entre nós de um trabalho nestas condições.

A presente obra é não sómente util ao clero, mas a todos os que se dedicão ao estudo da jurisprudencia, com particularidade á juventude academica, que tem de frequentar o curso de direito ecclesiastico, em suas relações com a administração temporal do paiz.

Ninguem desconhece que grande parte d'essa legislação, se não se acha inedita, não está convenientemente colleccionada, dando insano trabalho a investigação de qualquer lei ou aviso ácerca de taes materias em obras que difficilmente se encontrão, e que nem todos podem possuir.

Reunir estes documentos com outros provenientes da autoridade espiritual no corpo de uma obra de facil acquisição e consulta, é um beneficio real feito ás classes a que é privativamente destinada, maxime com as annotações com que será enriquecida.

RECOPILAÇÃO DOS SUCCESSOS PRINCIPAES DA HISTORIA SAGRADA, em verso, pelo Beneficiado DOMINGOS CALDAS BARBOSA, nova edição correcta, e augmentada com a biographia do autor pelo conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO, e illustrada de finissimas gravuras. 1 vol.

Incontestavel é a vantagem da poesia para gravar na memoria o que desejamos saber; e é por isso que erão antigamente escriptas em verso as leis. Partindo d'este principio, pensamos que approvada pela animação publica será a ideia que tivemos de rogar ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro que se dignasse de rever o opusculo outr'ora publicado por um douto ecclesiastico fluminense, que com amena linguagem, e com o soccorro da rima, buscou burilar na tenra memoria da infancia os principaes successos da historia sagrada. Para complemento do nosso projecto, illustrámos a presente edição com finissimas gravuras, feitas em França, que fallão aos olhos, ajudando a boa comprehensão do objecto o emprego das imagens sensiveis.

LENDAS PENINSULARES, por JOSÉ DE TORRES. 2 vol. in-8 encadern. 5 $ 000

PARIS. — TYP. DE SIMON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.